MINISTERIO DOS NOGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR

A CAMPANHA CONTRA OS NAMARRA

RELATORIOS

ENVIADOS AO

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR

PELO

COMMISSARIO REGIO DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1897

Ill.mo e ex.mo sr. — Como tive a honra de communicar a v. ex.ª, no dia 19 iniciei as operações contra os namarraes, Marave, xeque da Matibane, ou antes o chefe Ahula, principaes rebeldes do continente fronteiro á ilha de Moçambique, nunca sujeitos, embora por diversas vezes se houvesse tentado chamal-os á obediencia com presentes, transigencias de varias especies e outros meios tão brandos como impotentes e sempre contraproducentes tratando com pretos. Em 1888 tentára-se uma expedição armada, mas fôra batida e retirára em destroço para Natule, deixando duas bôcas de fogo nas mãos do inimigo e perdendo muita gente. Em 1854, segundo creio (não ha documentos escriptos a tal respeito), tambem fôra mal succedida uma expedição militar a Matibane.

Como v. ex.ª sabe, o meu plano era bater os namarraes indo depois á Matibane e em seguida descer até Angoche, e, podendo ser, até Môma. Duas grandes difficuldades se antepunham porém a esta empreza: a insufficiencia de meios de transporte para viveres e munições e o completo desconhecimento do territorio.

Ter-se-ía obviado ao primeiro, mandando vir cerca de 100 burros para carregar a dorso e umas 35 parelhas de muares com 26 carros do Alemtejo dos mais pequenos que ali se usam.

Não lancei mão d'esse recurso por tres rasões que passo a expor:

1.º Despeza a fazer. Seria consideravel por força. As muares, que os francezes compraram na Abyssinia, custaram ali 1:000 francos por cabeça. O melhor meio seria pois comprar muares de carga em Portugal e Hespanha, que em boas condições e judiciosamente escolhidas não saíriam a menos de 100$000 réis cada uma. Quanto ás parelhas não se poderiam obter a menos de 350$000 réis. Representaria isso portanto uma despeza immediata de 24:000$000 réis alem do custo dos carros e do transporte.

2.º As demoras na satisfação d'esta requisição fariam com que se ultrapassasse a epocha, já bastante tardia, em que encetei as operações. Este anno não seria possivel fazer nada se esperasse por esses meios de transporte.

3.º Confesso que me prendeu tambem o receio do modo como fosse satisfeita esta requisição. Naturalmente seria por intermedio do ministerio da guerra e este entregaria á commissão de remonta o cuidado de adquirir as muares, sendo natural que viessem magnificas mas sem habito de carregar nem ensino algum, de onde resultaria uma grande perda de tempo.

No Natal e Free State ha poucas muares e o serviço de transportes na Machona e Matabelleland têem-n'as tornado tão raras que a Chartered Company mandou-as vir de Hespanha e Montevideu.

Poderia ter encommendado burros da Syria ou do Egypto, onde são magnificos; tambem a Chartered Company de lá os mandára vir, mas em resultado de ser contraria a monção, morreram a bordo duas levas d'estes burros. Não me quiz expor a tamanha perda (cada burro saía a 20 libras).

Mandei comprar burros a Zanzibar e obtive 36 a muito custo, porque a Chartered Company comprava tudo que lhe apparecia. Os que comprei saíram a 39$000 réis incluindo frete e todas as despezas de remonta. Lancei mão dos carros do paiz, maus, pequenos e tirados por gado de Madagascar, muito inferior

aos nossos bois. Ainda assim, esperava que elles fizessem muito melhor serviço do que fizeram. Foi esta uma das maiores difficuldades com que tivemos que luctar.

A segunda, o desconhecimento do territorio em que iamos operar, dá-se a um ponto inacreditavel. A instabilidade, a falta de zêlo e aptidão, e muito especialmente a completa indifferença dos governadores geraes, fizeram com que a grande maioria dos commandantes militares não fizessem idéa nenhuma do terreno a 1 kilometro de distancia das sédes dos commandos. Quanto ás informações dos negociantes mouros e indigenas eram tão vagas, tão contradictorias, que nada esclareciam.

Não havia outro remedio senão marchar á aventura fiados nos guias.

Ora esta expedição ía contrariar os desejos e interesses de muita gente de Moçambique.

Em primeiro logar os proprietarios. Muitas das terras que possuem são confinantes ou mesmo fazem parte de terras occupadas pelo Marave e xeque de Matibane. Não ha muitos annos (trago este facto para exemplo), por morte de um tal João Carrão, que tinha umas propriedades perto de Mochilia, povoação do Marave, este não quiz permittir que os donos das propriedades ou os seus rendeiros colhessem o cajú sob pretexto de que, morto o João Carrão, o senhor da propriedade ficára sendo elle. O genro de João Carrão, um tal Paixão Dias, canarim, conseguiu que o Marave o deixasse colher os cajús de umas terras a troco de promessas de sagoates. Mas seria o canarim, mesquinho e avarento como todos os da sua raça, que lh'os havia de dar? É claro que não; o governo pagaria tudo. E assim foi.

O Marave offereceu-se para bater os namarraes e com esse pretexto deram-se-lhe as Snyder com que nos dias 19 e 20 a sua gente nos fez fogo. Fugiu ao Marave uma rapariga, que não queria seguir para bordo de um pangaio que levou uma carregação de escravos para Madagascar, e refugiou-se junto a um commandante militar; pois os maravistas de Moçambique conseguiram que um governador geral désse ordem (verbal é claro) para ella ser restituida ao seu senhor.

Este bandido, bem como o xeque de Quivolane, Mollid Vollay, tratam de potencia a potencia com o nosso governo, foram por vezes recebidos no palacio, vieram governadores, secretarios, etc., fazer com elles tratados que é claro foram sempre letra morta, salvo no que respeitava o tributo que sob o nome de vencimento o governo pagou áquella canalha de rebeldes, ladrões e negreiros. E elles, conscios da sua fraqueza real, attribuiam tanto beneficio á fraqueza do governo, em parte, mas tambem á influencia dos seus protectores. Por isso as fazendas d'estes eram exceptuadas nas razias frequentes do Marave, e por influencia d'este nas dos namarraes.

Creio que logo que eu fui nomeado governador geral, pelo menos logo que aqui cheguei, esta gente percebeu que tinha que acabar toda e qualquer protecção aos bandidos do continente; juntou-se isto a alguns outros factos que levaram essa gente a juntar-se com o fim principal de me embaraçar o governo por todas as fórmas; a que lhes pareceu mais simples e efficaz foi auxiliar os rebeldes dando-lhes armas, munições e trazendo-os sempre bem informados. Mandei metter na praça, já em virtude dos poderes que me dá o estado de sitio proclamado em todo o districto, os cinco mais suspeitos, que são 1 europeu, 2 canarins e 2 mouros.

Os negociantes mouros — O principal negocio d'esta gente é feito em lojas no matto onde o genero melhor para commercio é a polvora. Muitos são negreiros e os seus fornecedores de gado humano são os xeques e regulos do continente. É claro que nada convem a estes mercadores que se estabeleça a soberania portugueza n'estas paragens.

Acresce a isto a obrigação de pagar imposto, que a todos desagrada e que só agora se levou a effeito. Sendo eu demittido do governo, confiavam que voltaria isto aos antigos tempos. Se eu fosse morto melhor ainda.

Ainda para que todas as difficuldades se levantassem, de 200 auxiliares que

o Itoculo (regulo macúa a oeste dos namarraes) promettêra, e que eu tencionava empregar na abertura da estrada e como auxiliares da exploração, só appareceram em Natule 30.

Não obstante todas estas circumstancias desfavoraveis, alem de muitas outras bem conhecidas de v. ex.ª, no dia 17 achava-se a columna concentrada em Natule. No dia 18 houve missa campal e revista e no dia 19 marchou a columna com a força seguinte:

Unidades	Officiaes	Praças européas	Praças indigenas	Cavallos	Burros	Carros
Quartel general	6	3	1	10	–	2
Artilheria de montanha	1	28	–	1	10	1
Cavallaria n.º 1	4	51	–	51	–	2
Caçadores n.º 4	4	136	–	1	–	3
1.ª companhia de guerra	5	13	215	1	–	1
Serviço de saude	2	3	–	2	–	3
Comboio	1	3	–	1	–	18
Auxiliares	1	–	–	1	–	–
	24	237	216	68	10	30

A respeito das marchas e combates dos dias 19 e 20, limito-me a transcrever a narração feita pelo chefe do estado maior, tenente Ayres de Ornellas, no seu *Diario de campanha*:

Dia 19. — Ás cinco horas da manhã chegaram os auxiliares macúas em numero de cerca de 30, a quem foram distribuidas camisolas encarnadas; juntos a 52 landins da 1.ª companhia de guerra, armados de machados, pás e picaretas, formaram os auxiliares da columna.

A columna saiu de Natule ás seis horas e tres quartos da manhã, e logo no principio da marcha o comboio retardou-se, manifestando a sua completa incapacidade como meio de transporte, ficando dois carros de viveres logo á saída do acampamento de Natule e outro a 1 kilometro de distancia, mandando o governador geral ordem ao commandante militar de Natule para recolher todos estes generos a deposito e fazer seguir para Mossuril e d'aqui para Matibane quatro dias de viveres.

A marcha das tropas effectuou-se com regularidade, seguindo uma estrada aberta ha tempo na direcção geral nor-noroeste, de bom piso, matto facil, alternado com bosques de palmeiras.

Comtudo, o gado de tracção (bois) e o estado dos carros era tal, que o comboio em 8 kilometros de marcha, distanciava-se 3 a 4 kilometros.

Pelas nove horas e meia da manhã os guias, depois de algumas hesitações, abandonaram a estrada, tomando na direcção oeste o caminho que elles diziam ser o da povoação do Ibrahimo, antigo chefe dos namarraes, hoje succedido pelo seu sobrinho Nampepa. O matto tornou-se muitissimo difficil e tomando-se o contacto com o inimigo pelas dez horas da manhã. O receio dos auxiliares, as hesitações dos guias e a pouca vontade de avançar dos landins armados de machados, tornaram necessario para dar ar á columna, que o commandante mandasse o chefe do estado maior com a extrema avançada de cavallaria commandada pelo capitão Vianna para a frente dos auxiliares, repellindo os atiradores inimigos da orla de uma povoação, que foi queimada, na qual se mataram 2 indigenas e se prendeu outro. Como o matto se tornasse mais difficil e o tiroteio do inimigo augmentasse, o chefe do estado maior veiu buscar o pelotão de caçadores (guarda avançada da columna) commandado pelo alferes Viegas, e estendendo-o em linha for-

mou um colchete offensivo, cujo flanco direito era formado pela extrema avançada de cavallaria, e esquerdo pela infanteria, ao abrigo de cujo fogo a columna poude desembocar na machamba de *Mojenga*, ás onze horas e dez minutos, formando o quadrado face da frente a noroeste. N'esta occasião chegava tambem o alferes Rocha que fôra mandado pelo governador geral logo em seguida aos primeiros tiros, alargar a estrada pora facilitar a marcha do comboio.

Mal estava formado o quadrado rompeu violento o fogo do inimigo em toda a volta d'elle, dirigindo-se sobretudo para o angulo da face da frente com a face direita, onde matára o sargento Aboim, de caçadores n.º 4 e 1 indigena e punha fóra de combate 19 homens. N'esse angulo entrára immediatamente em bateria uma peça Gruson; mas o fogo da columna não era sufficiente para calar o inimigo completamente escondido no matto. Para o repellir, o commandante da columna mandou sair o chefe do estado maior com a cavallaria (guarda avançada e flanqueadores da columna).

Formado em linha o pelotão, avançou ao trote na direcção da face da frente, aguentando uma descarga á queima roupa, que não causou mal algum, e atirando-se á carga conseguiu, apesar das difficuldades do matto, matar alguns indigenas á lançada, apanhando-lhes as armas, não sem que um dos cavallos tivesse a barriga aberta por uma punhalada de um namarral, que conseguira agarrar a lança que um soldado não podéra desenvencilhar do matto, ferindo-o com ella no peito, sendo depois prostrado á lançada.

Ao recolher a cavallaria ao quadrado, como continuasse intenso o fogo inimigo na direcção da face direita, tendo sido ferido o governador geral duas vezes e tocados o capitão Cansado e o chefe do estado maior, foi mandado sair da face direita o alferes Rocha com uma secção de landins, commandada pelo tenente Pinto, e a esquadra de caçadores n.º 4, que flanqueava essa face, e pela face da frente o tenente Vellez acompanhando um pelotão de caçadores n.º 4, commandado pela tenente Gomes Paulo.

Em linha avançaram, o primeiro na direcção oeste, entrando pela face sul, emquanto os segundos cruzando-se com elles, seguiram na direcção norte, entrando pela face da esquerda.

Estas batidas abrindo o campo em volta da columna permittiram o estabelecimento de uma linha de atiradores em torno d'ella, a 60 ou 70 metros, occupando-se quatro morros de muchem, verdadeiros outeiros, um em cada face do quadrado.

Quando o alferes Rocha recolheu, foi mandado ao encontro do comboio, que se ouvia estar atacado, sem que apparecesse carro algum.

O comboio fôra effectivamente atacado e o capitão Vianna, de cavallaria, foi mandado com o pelotão do tenente Sá facilitar a sua marcha, e pouco depois (duas horas e meia da tarde) começára a entrar no quadrado, chegando o ultimo carro uma hora depois. Tinham sido feridas algumas praças durante o ataque.

N'essa occasião estava quasi concluida uma trincheira-abrigo mandada estabelecer com a disposição indicada no *croquis* junto e sempre debaixo do fogo inimigo, que continuava a incommodar os atiradores, sem porém causar baixa nenhuma. Dirigiu a construcção da trincheira o capitão Gomes da Costa.

Não tinha sido possivel obter dos guias a informação precisa e exacta, com respeito á agua bebida na povoação do Ibrahimo. Tinham-se encontrado a uns 300 metros da machamba e para oeste do caminho seguido uns pequenos poços, que uns diziam serem os unicos d'onde se abastecia a povoação, affirmando outros que havia mais agua.

A esses poços foi mandada, escoltada por uma força de caçadores n.º 4, uma fachina de landins, que recolhiam pouco depois tendo esgotado os poços, e tendo tido que repellir a tiro os inimigos, que lhe defendiam a approximação.

Um macúa de Moçambique, chamado Mussá, que viera como interprete do commando, participou então que o namarral prisioneiro lhe dera conhecimento da existencia de outros poços, sendo mandado com o referido prisioneiro e uma escolta de praças europeas voluntarias.

Atacada a pequena força na sua marcha o interprete deixou fugir o prisioneiro, não sendo, portanto, possivel descobrir os novos poços.

Não havendo assim meios para se poder cozinhar o rancho, distribuiu-se uma ração de chouriço, vinho e bolacha.

Dictaram-se as ordens de marcha e estacionamento, que seguem transcriptas:

Ordem de marcha n.º 3

Bivaque na Mojenga, 19 de outubro de 1896.

1.º A columna continúa a marcha para Naguema;

2.º Hora da partida seis horas da manhã;

3.º Um pelotão de cavallaria escoltará para Natule o comboio de feridos e doentes, devendo regressar no dia immediato com dois dias de viveres e dez cunhetes Kropatcheck e cinco Snyder;

4.º O comboio segue ámanhã com a columna e o restante pelotão de cavallaria fará o serviço de exploração;

5.º Meio pelotão de caçadores n.º 4 constituirá a escolta especial do comboio.=*Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Dictada debaixo de fogo aos ajudantes das unidades.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas.*

Ordem de estacionamento

Bivaque na Mojenga, 19 de outubro de 1896.

1.º O serviço de vigilancia nocturna será modificado da seguinte fórma:

a) Conservam-se as esquadras em atiradores nos pontos occupados, sendo igualmente occupado o morro de muchen no angulo leste do quadrado pela cavallaria.

b) A terça parte da força que, em virtude da ordem anterior, tem que estar sempre vigilante, é dividida pela face e pela esquadra em atiradores. A 1.ª companhia de guerra não fornece atiradores.

c) O sr. official de inspecção regulará o serviço de ronda por fórma que haja sempre um official vigilante em cada face, desde o toque de retreta ás quatro horas da manhã. Havendo 11 subalternos para esse serviço, o sr. official de inspecção agrupará n'uma face por fórma que haja 3 officiaes de ronda em cada face.

d) Haverá sempre um official do quartel general vigilante do toque da retreta ás quatro horas da manhã.

2.º É expressamente prohibido accender qualquer lanterna ou fogueira no campo exterior.

3.º Ao toque da retreta são carregados os depositos das armas e vestir-se-hão os capotes. Os srs. commandantes das unidades aproveitarão a occasião para mais uma vez insistir com as suas praças na necessidade de evitar um despropositado consumo de munições.

4.º Recommenda-se expressamente aos soldados da linha de atiradores que nenhum indigena passe essa linha a partir do toque da retreta, ainda que vistam camisola encarnada, fallem portuguez ou tragam qualquer signal de reconhecimento.=O governador geral, *Mousinho de Albuquerque.*

Dictada debaixo de fogo aos ajudantes das unidades.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas.*

Em quanto era dictada a ordem, uma bala bateu no livro onde o chefe do estado maior escrevia, sendo este official pouco depois tocado por outra na mão direita.

O governador geral com os officiaes que se não achavam de serviço acompanhou á sepultura o segundo sargento Aboim de caçadores n.º 4, sendo-lhe feitas as orações da igreja pelo padre José da Cruz, que voluntariamente se offerecêra para acompanhar a columna e sendo as descargas funebres feitas contra o inimigo que continuava no seu incessante tiroteio.

O serviço nocturno foi estabelecido segundo as prescripções da ordem de es-

tacionamento, ficando na linha de atiradores, 4 esquadras de caçadores n.º 4 e em cada uma 4 landins, cobrindo 3 faces do quadrado, não se collocando nenhuma na face da rectaguarda, cuja defeza estava entregue á cavallaria, por isso que o matto impenetravel, que apenas houvera tempo para limpar n'um espaço de 50 a 60 metros, a tornava dispensavel. Os atiradores eram rendidos de 3 em 3 horas sendo sempre feita a rendição pelos officiaes da ronda no quartel general — capitão Gomes da Costa, tenente Andrade Vellez, alferes Vieira da Rocha e tenente graduado Tocha.

Durante a noite o inimigo conservou o seu fogo, pronunciando o ultimo ataque, que foi rigoroso, ás 9 horas da noite. Durante toda a noite ouviu-se repetido bambaré e vozearia dos pretos, que diziam: «Entraram mas não tornam a sair; não beberão agua nem a tornam a beber».

Dia 20 — A absoluta falta de agua, o excessivo cansaço das tropas em fogo desde as 10 horas da manhã de hontem, o grande consumo de munições (Kropatcheck 15:370 tiros, Snyder 7:110, Manulicher 2:120 e Gruson 30 tiros) [1] levaram o governador geral a ordenar a retirada, transmittindo o chefe do estado maior a seguinte ordem verbal aos commandantes das unidades: A columna retira para Natule; o comboio segue na frente precedido e flanqueado pelo 1.º pelotão de cavallaria (tenente Sá). Os atiradores recolhem; a marcha começa logo que o comboio tenha saido do quadrado e começado a marcha internando-se no matto.

O recolher dos atiradores (cinco horas e meia da manhã) foi o signal para romper de novo o fogo violento do inimigo, que, quando a columna se internou no matto, estourava em toda a volta d'ella, desde a frente do comboio á guarda da rectaguarda. A marcha, já de si vagarosa, do comboio, ainda retardada pelo estado de fraqueza dos bois e pela má vontade dos carreiros indigenas que de proposito os levaram de encontro ás arvores, poz a uma dura prova a constancia das tropas, que uma vez ainda se mostraram dignas da sua gloriosa historia. Debaixo da incessante fuzilaria inimiga desobstruiu-se o caminho já cortado por um abatiz, desencravaram-se os carros mudando as cargas de alguns para os burros e largando-se só na ultima extremidade aquelles, que de fórma alguma podiam continuar a marcha por estar morto o gado que os puxava. A guarda da retaguarda, commandada pelo tenente Gomes Paulo e onde se achava tambem o tenente Vellez, tinha frequentes vezes de fazer frente á retaguarda, mettendo em linha para aguentar com as suas descargas o inimigo audacioso, que a cada volta do caminho lhe surgia a 100 ou 150 metros. Duas praças d'este pelotão foram ainda feridas, sendo-o igualmente o alferes Rocha no pulso direito e fortemente contundido o chefe do estado maior, na coxa direita.

Ao desembocar a columna na estrada foi rendida a guarda da retaguarda pelo pelotão do commando do alferes Passos Ribeiro, que por seu turno foi ainda rendido pelo alferes Viegas. N'estes 2 pelotões houve 2 baixas. O capitão Gomes da Costa foi para a retaguarda com o pelotão do alferes Viegas.

O fogo do inimigo só cessou a 4 kilometros de Natule, onde a columna entrava ás dez horas e meia da manhã. Ás quatro horas da tarde foi distribuido o rancho quente a toda a columna, e a ordem geral determinára que as forças recolhessem a quarteis no dia 22, ficando em Natule a 1.ª companhia de guerra e indo a secção de artilheria de montanha para o quartel de S. José do Mossuril.

Morreu n'este dia em Natule 1 soldado de caçadores n.º 4 de insolação, e installou-se a ambulancia de Natule sob a direcção do facultativo de 1.ª classe Braz de Sá.

S. ex.ª o governador geral seguiu para o palacio da Cabaceira.

Dia 21 — O mouro Moamade Charamadane, chefe dos guias, prostrára-se durante o combate de 19, aos pés do governador geral, affirmando ser homem de rei, gente dos brancos, e que ensinára o caminho direito. Esta declaração expontanea, as circumstancias em que foi feita, as hesitações dos guias, as discussões entre elles e os auxiliares indigenas do regulo Itoculo, notadas desde o principio

[1] Este é o consumo total incluindo o do dia 20.

da marcha pelo commandante dos auxiliares alferes Barros, levaram o chefe do estado maior a mandal-os prender todos, ordenando a sua conducção para a capitania mór com a força de caçadores 4.

Ao mouro Charamadane foi apprehendido um saquinho com papeis, que um mouro na occasião traduziu como sendo feitiço para os brancos serem vencidos pelos namarraes. Estes factos foram participados na Cabaceira ao governador geral pelo chefe do estado maior, que para ali seguira com o capitão Gomes da Costa, por ordem de s. ex.ª o governador geral.

Dia 22 — A cavallaria saíu de Natule ás 6 horas da manhã seguindo pela estrada Ampoense Natule, para o seu quartel. Acompanhava a cavallaria o subchefe do estado maior e o padre Cruz. Ás 6 horas e meia da manhã saíu de Natule caçadores n.º 4, seguindo para o seu quartel no Mossuril por Inhacone.

A secção de artilheria retirou pela estrada Ampoense Natule com a ambulancia.

Foram evacuados para o hospital militar e civil de Moçambique todos os doentes e feridos.

O capitão mór Julio Gonçalves entregou no quartel general da columna uma carta do xeque da Matibane, Mamude Bini Boanamada, pedindo uma conferencia com o mesmo capitão e fazendo protesto de obediencia ao governo. O capitão mór de Fernão Velloso Abacay Bin Sady fazia iguaes protestos em seu nome e no dos regulos Mechula-Muno e Cabula-Muno.

Dia 23 — Pelo paquete *General*, chegado no dia 21, communicára o commandante militar de Angoche, tenente graduado Luiz Alves de Aguiar, que o regulo Farelay atacára no dia 7 do corrente uma linha de defeza estabelecida pelo referido commandante militar, em vista das ameaças do mesmo regulo. Repetiu uns ataques nos dias 8, 11 e 13 havendo baixas de parte a parte e parecendo-lhe ser o mesmo regulo auxiliado pelo sultão de Angoche.

O de Sangage e o regulo Moquiva-Muno fizeram protestos de submissão ao governo.

A canhoneira *Zaire* seguiu n'esta data para Angoche, devendo o commandante d'ella, o capitão tenente Xavier de Mattos, tomar o commando superior de todas as forças ali estacionadas procedendo em tudo conforme entender conveniente.

O commando militar de Infusse foi atacado no dia 21 de outubro por gente do Marave, desde as seis ás onze e meia da manhã.

Por ordem de s. ex.ª, o chefe do estado maior e o capitão Gomes da Costa foram proceder a um reconhecimento das paragens de Sana-Sana Nandôa até ao Uiia na margem direita da bahia da Conducia, voltando por Ampoense a Natule.

Do que fica exposto verá v. ex.ª que houve traição manifesta dos guias, traição encommendada de Moçambique, motivo porque mandei logo metter na praça de S. Sebastião os mais suspeitos de entre os principaes habitantes que mantinham relações com o Marave.

Estou procedendo a cuidadosas averiguações e logo que apure provar da culpabilidade d'aquelles individuos serão trazidos perante o conselho de guerra junto ao commando da columna.

Por informações subsequentes tem-se sabido o seguinte:

Que as perdas do inimigo foram enormes. Só da gente do Marave, que não mandou lá mais de 100 ou 150 homens (tendo quasi todos armados com armas Snyder dadas n'outros tempos pelo governo), morreram 12 e estão feridos uns 40.

Que foi o Marave que forneceu a polvora aos namarraes que tinham falta de munições.

Que entraram no combate, além da guerrilha do Marave, composta de desertores indigenas, sentenciados angolenses evadidos do presidio, as forças dos regulos Namarraes Nampepa, successor do Ibraimo, Muhamad, Naguema e do xeque da Matibane.

Que o inimigo estava prevenido de todos os nossos movimentos e fomos conduzidos de proposito á Machamba de Mojenga na esperança de que a columna ali fosse aniquilada ou pelo menos derrotada como succedeu em 1888.

Que havia uma combinação entre os namarraes, Marave, Abula de Matibane, Forelay e Ibraimo, sultão de Angoche para resistir ao governo. Esta gente recebeu ordens e informações de Moçambique.

Que parece que o facto do fogo ser dirigido sempre mais intenso para onde estavam officiaes, e especialmente para mim, resultou de ordens ou conselhos vindos de Moçambique.

Este facto tornou-se tão saliente que o fogo em frente de cada face na manhã de 19 enfraquecia ou reforçava conforme eu me approximava de uma ou de outra.

O chefe do estado maior tambem foi muito visado.

Tudo isto mostra bem que estava no inimigo quem nos conhecia e soubesse aconselhar os pretos.

Foi vista uma maxilla retirando muito depressa pelo matto no meio dos namarraes no dia 20 de manhã.

No inimigo havia um corneteiro (supponho que desertor indigena) fazendo toques de requinta.

O effeito moral do combate foi muito favoravel, como não podia deixar de ser.

Juntaram todas as suas forças n'um ponto propositadamente escolhido por elles e apesar da intensidade do fogo que nos faziam, não abalaram um momento só a firmeza dos nossos soldados. Se houvesse agua teria a columna seguido para Naguema.

A retirada não resultou pois de havermos sido vencidos, mas sim de que tantas horas sem beber agua prostrára homens e gado, a ponto de ser necessario dar-lhes alguns dias de descanso para se retemperarem.

Foi por isso e só por isso que retirámos, e as condições em que a marcha se fez tornou essa retirada um dos feitos de armas mais brilhantes que se tem visto em guerra de Africa.

Tem-se abusado tanto entre nós da palavra *heroica,* que me custa realmente a applical-a á maneira como as tropas se houveram n'essa retirada, não que o epitheto não fosse merecido, mas porque não quero que alguem possa suppôr que confundo a firmeza, bravura, dedicação e disciplina dos nossos soldados com tanta cousa que por convenção ou espirito de reclame se tem alcunhado de *heroica.*

Os officiaes cumpriram todos o seu dever. V. ex.ª comprehende entretanto que, por igual que seja em todos a boa vontade, não é nem nunca podiam ser iguaes ás aptidões, havendo além d'isso occasiões que só a um ou outro permittem evidenciar as suas qualidades militares; d'ahi provém que, entendendo, como já disse, que todos cumpriram o seu dever, e não tendo motivos para o minimo reparo ou censura ao procedimento de qualquer d'elles, tenho por dever de imparcialidade e para em tudo informar v. ex.ª com a maxima exactidão e veracidade, de levar ao conhecimento de v. ex.ª quaes os officiaes que se tornaram dignos de menção especial e por que motivos.

Em primeiro logar devo citar o meu chefe de estado maior o tenente Ayres de Ornellas. Dizendo a v. ex.ª que se mostrou sempre digno do appellido que herdou de seus avós e que em tudo correspondeu á confiança que n'elle tinha quando o propuz, nada mais precisaria accrescentar. A maneira como trabalhou na organisação da columna, o modo brilhante como atirou uma parte do 1.º pelotão de cavallaria pelo matto densissimo, carregando sobre o inimigo, a impassibilidade que conservou nos mais apertados lances do combate e da retirada, tudo revela n'elle as qualidades de um official de primeira ordem. E não creio que classificando-o assim lhe avolume os meritos reaes de que tem já dado tantas provas.

O capitão Gomes da Costa, capitão mór de Mossuril, que a seu pedido ficou

adjunto ao commando, prestou magnificos serviços principalmente na maneira como collocou e dispoz de noite os postos avançados, e como se houve no commando da retaguarda na ultima parte da retirada.

Parece-me um official conhecedor da sua arte e com muita aptidão; da sua muita coragem deu provas innumeraveis.

O primeiro tenente de artilheria Andrade Vellez, comquanto fosse a primeira vez que visse fogo, conservou-se sempre inalteravel e impassivel. A sua grande actividade em muito me auxiliou.

Commandou a retaguarda na retirada até para lá ir o capitão Gomes da Costa, sempre com a maxima coragem e acerto.

Os meus ajudantes alferes Rocha e tenente graduado Tocha desempenharam o arriscado serviço de transmissão de ordens, etc., o melhor possivel.

Os dois alferes Ribeiro e Viegas, de caçadores n.º 4, muito se distinguiram no commando dos seus pelotões respectivos. São dois officiaes que logo no primeiro combate deram provas de uma aptidão pouco vulgar junto ao maior sangue frio.

O alferes J. F. de Barros, que commandou os auxiliares já na campanha de 1895, mostrára a sua magnifica tempera de militar. Nos dias 19 e 20 não desmereceu, antes subiu no já muito bom conceito em que o tinha.

Não tiveram os restantes officiaes ensejo de se distinguir como os que ficam citados.

Espero porém, que outras occasiões apparecerão que lhes sejam mais propicias, pois do esforço de todos elles a ninguem que presenciasse o combate de Mojenga é licito duvidar por um momento.

É este o motivo porque não proponho recompensas para official nenhum, o que só farei depois de finda a campanha.

Não procedo da mesma fórma com as praças, por motivos tão obvios que julgo escusado expôl-os.

E por isso proponho para que sejam condecorados com a medalha de valor militar as praças seguintes:

Artilheria de montanha, segundo sargento José Joaquim, n.º $^{86}/_{854}$ da 4.ª bateria, porque, depois de ferido e pensado, voltou para o seu posto de combate animadissimo e dando assim um magnifico exemplo á guarnição da sua bôca de fogo.

Cavallaria n.º 4, soldado José Lino, n.º $^{51}/_{2:081}$ da 1.ª companhia e clarim Francisco Joaquim, n.º $^{56}/_{2:514}$ da mesma, pela maneira brilhante e sobremaneira ousada como na carga em forrageadores pelo matto, atiraram com os cavallos para onde estavam mais inimigos que fugiram, tendo sido um morto á lança pelo referido soldado n.º 51.

Caçadores n.º 4, segundo cabo José Pisco, n.º $^{15}/_{1:731}$ da 1.ª companhia, que, ferido e sem ter sido pensado permaneceu na trincheira fazendo fogo e o soldado Antonio Barbosa, n.º $^{201}/_{1:837}$, que gravemente ferido na cara, com perda completa de todos os incisivos e caninos, só em vista de ordem positiva e repetida não voltou para a linha de fogo, o que com instancia pediu que o deixassem fazer.

1.ª companhia de guerra, primeiro sargento n.º 16, José Abilio Pinto Nogueira pela maneira como se portou na linha de atiradores, pedindo sempre para não ser rendido e mantendo rigorosamente a disciplina do fogo na sua esquadra.

Soldado indigena n.º 304, João Francisco Muhongo, pelo sangue frio com que debaixo do fogo intenso levava munições do quadrado á linha de atiradores.

As conclusões que entendo se podem tirar do que relatei são as seguintes:

Os rebeldes do norte da provincia são muito mais fortes e aguerridos do que eu suppunha. Sobretudo estavam animadissimos pela cumplicidade de todos os indigenas e mouros avassalados e pelos conselhos e auxilio prestados pelos *maravistas* de Moçambique.

É lamentavel ou antes vergonhoso que se houvesse deixado chegar isto a si-

milhante estado, que a politica de diversos governadores, pretendendo, não dominar nem aproveitar as riquezas do districto, mas poder dizer para Portugal que havia paz, houvesse dado tanta importancia a meia duzia de canarins ignobeis que estes se julgassem intangiveis.

Ora contra tudo eu tenho hoje que luctar e tudo espero vencer se o governo não me regatear por demais os meios de acção.

A chamada *politica*, o pretendido *tacto* e *prudencia* tem-nos feito chegar ao estado actual. Hoje é preciso a ausencia de tacto e apenas a prudencia indispensavel; do que carecemos é de força e energia para dar cabo por uma vez d'estes rebeldes do continente e dos seus cumplices da cidade.

Sob o ponto de vista militar propriamente dito, as conclusões a que chego são as seguintes

Enganei-me, não me envergonho de o dizer, com as forças dos rebeldes: são mais e melhores do que suppunha e usam de um systema de guerra muito incommodo e fatigante para nós. Para os bater careço dos reforços que em telegramma de 29 pedi a v. ex.ª

É necessario um esquadrão de policia no continente. Estas forças são muito superiores ás destacadas do exercito de Portugal, não no combate, mas por não terem a idéa fixa do regresso ao reino, que em officiaes e praças destacadas produz um effeito deprimente.

Soldados e officiaes que vem voluntariamente de peito feito a permanecer aqui alguns annos servem de muito mais, adoecem menos, em summa são muito melhores.

Cada vez, por isso, insto mais com v. ex.ª para que sejam acceitas as bases da organisação que propuz.

As companhias indigenas com quadros europeus podem vir a prestar muito serviço — a 1.ª companhia, posto os soldados tivessem pouquissimo tempo de instrucção, portou-se bem. Mas são precisos quadros, sem isso nada se fará dos indigenas.

A capitania mór precisa de uma policia a pé, auxiliar da policia a cavallo — tem que ser indigena ou asiatica, porque o europeu a pé não anda quasi nada n'este clima deprimente e adoece logo ás primeiras marchas e ás privações inseparaveis da vida no sertão. O capitão mór Gomes da Costa espera arranjar pela sua influencia pessoal na India, 50 ou 60 *marathas verdadeiros*, gente de confiança. Os outros sipaes de policia da capitania, gente d'aqui, nenhuma confiança merecem, são medrosos e todos mais affeitos aos mouros do que a nós; póde-se bem dizer que de nada servem.

Com respeito aos comboios mais uma vez se demonstrou a absoluta necessidade de ter muares e carros bons para os formar. Os bois andam muito devagar e soffrem muito com a falta de agua. Os carros do paiz não prestam.

Os macambuzes (boieiros indigenas) fogem, empacham os carros de proposito para não avançar mais, roubam as cargas, etc. Empregar carregadores é perigoso porque aos primeiros tiros fogem. O unico meio é ter carros e muares de Portugal, mas carros pequenos e muares ensinados. Em 1895 requisitei 4 carros ao ministerio da guerra, instando para que fossem dos mais pequenos usados no Alemtejo para burros — mandaram 4 carros dos maiores e mais pesados que ha!

Resta-me agora dizer o que penso do armamento, equipamento e fardamento das tropas, bem como do seu estado de instrucção.

O armamento das praças de artilheria e infanteria é muito bom. Na cavallaria os officiaes queixam-se muito da lança, que se quebra com muita facilidade, o que eu attribuo principalmente á pouca instrucção da lança que têem os soldados. Em toda a campanha de Gaza quebraram-se sete lanças; em Mojenga doze. Quanto á carabina Mannlicher já expuz a v. ex.ª a minha opinião desfavoravel.

O armamento Snyder da 1.ª companhia é pessimo. Está todo incapaz, bem como grande parte do cartuchame. Urge armar estas praças com a carabina M. Henry armada com sabre-bayoneta.

O fardamento é o peior possivel, o mais inadequado que se póde imaginar. O fato de panno é muito quente, o de brim anti-hygienico e quasi indecente, principalmente pelo muito mal feito que é. Qualquer soldado fardado de brim é uma caricatura de homem deprimente do brio e espirito militar. Contra isto não ha, quanto a mim, argumentos de ordem economica que valham; podem commissões de sabios em arte militar elaborar os melhores regulamentos, delinear os uniformes que melhor satisfaçam a todas as theorias; se o fardamento não é de tal feitio que lisonjeie o amor proprio do soldado, o exercito não póde ser bom, não será nunca o que deve ser. O calçado, tanto de artilheria como da infanteria, não é bom, o de cavallaria com a polaina é pessimo.

Das praças que entraram em combate pareceu-me que a artilheria e infanteria tinham, senão toda a instrucção que seria para desejar, pelo menos a sufficiente para guerras de Africa. Na cavallaria notei pouca instrucção no manejo da lança, pouco desembaraço a cavallo e, talvez, em consequencia d'isso, uma demasiada tendencia de officiaes e praças para recorrer muito ao fogo das carabinas de preferencia a carregar á lança, a que os pretos não resistem.

De resto em todas as forças, repito, officiaes e praças mostraram sempre a melhor vontade

Na reserva de fardamento das diversas unidades, muitos artigos não servem ás praças; consequencia de reserva collectiva em vez das reservas individuaes que a despeito de todas as ordens, o 1.º esquadrão de lanceiros n.º 1 trouxe em 1895.

Envio, junto com este relatorio, os documentos seguintes:

I. Portaria n.º 409, organisando a columna de operações (12 de outubro de 1896).

II. Ordem geral de concentração (12 de outubro de 1896).

III. Ordem de marcha e de estacionamento (1- de outubro de 1896).

IV. Relação dos mortos e feridos no combate de 19 e 20 de outubro.

V. Boletim do chefe do serviço de saude da columna.

VI. Nota das praças mandadas regressar ao reino por opinião da junta de saude.

VII. Mappas dos doentes e feridos, referidos ao dia 31 de outubro de 1896.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general na Cabaceira, 31 de outubro de 1896.— Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. = O governador geral, *J. Mousinho de Albuquerque,* major.

DOCUMENTO N.º 1

N.º 409. — Sendo indispensavel affirmar a soberania portugueza no continente fronteiro, coagindo á obediencia os regulos e chefes insubmissos:

Hei por conveniente determinar que se organise uma columna de operações no continente de Moçambique, da qual assumirei o commando directo e com a seguinte composição:

Chefe do estado maior — O chefe do estado maior d'este governo geral, tenente do corpo do estado maior, Ayres de Ornellas.

Sub-chefe do estado maior — O sub-chefe da secretaria militar d'este governo geral, primeiro tenente de artilheria, Antonio Martins de Andrade Vellez.

Ajudantes de campo — O alferes de cavallaria Ernesto Vieira da Rocha e o tenente graduado de cavallaria, Henrique de Almeida Tocha, commandante do quartel general.

Chefe do serviço de saude — O cirurgião ajudante de cavallaria n.º 4, Manuel Justino Ferraz de Azevedo.

Commandante dos auxiliares — O commandante militar de Lunga, alferes de caçadores do exercito do reino, José Xavier Teixeira de Barros.

Commandante do comboio — O alferes da guarnição, João de Mendonça Perry da Camara.

Tropas

A 1.ª secção da 4.ª bateria da brigada de artilheria de montanha, sob o commando do primeiro tenente de artilheria Luiz Pinto de Almeida.

A 1.ª companhia do regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador de Allemanha Guilherme II, sob o commando do capitão Leopoldo da Silva Vianna.

A 1.ª companhia de guerra do 1.º batalhão do regimento de caçadores n.º 4, sob o commando do capitão José Vicente Cansado.

A 1.ª companhia de guerra da guarnição da provincia, sob o commando do capitão Francisco dos Santos Callado.

Comboio

Ambulancia — 1 carro de material, 2 carros para doentes, 4 macas.

Munições — 10 burros com cartuchame Kropatschek e Snyder.

Bagagens — 1 carro de bagagens do quartel general; 1 carro de bagagens da cavallaria; 3 carros de bagagem de caçadores n.º 4; e 1 carro de bagagens da companhia de guerra e da secção de artilheria. — Carros de viveres e forragens.

Esta columna deverá estar concentrada em Natule no proximo dia 17 do corrente, de tarde.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. — Palacio de S. Paulo em Moçambique, 12 de outubro de 1896. = O governador geral, *J. Mousinho de Albuquerque.*

DOCUMENTO N.º 2

Ordem geral para a concentração da columna. — Devendo concentrar-se no proximo dia 17 em Natule a columna de operações mandada organisar por portaria de hoje, s. ex.ª o governador geral determina o seguinte:

1.º A secção de artilheria embarcará para Mossuril no proximo dia 15 de madrugada, com todo o pessoal disponivel, gado, material. As praças que não fazem parte da guarnição das peças vão armadas com carabina (K) e municiadas com 80 cartuchos. A secção levará o rancho frio para almoço, seguirá de Mossuril pela estrada Ampoense-Natule, onde se lhe preparará o rancho da tarde. No Mossuril o sr. commandante da secção receberá o cavallo sua montada e 1 carro para a conducção de bagagens e material de bivaque.

2.º Na mesma occasião seguirão para o Mossuril e Natule o sr. sub-chefe do estado maior, commandante do comboio, e pessoal da administração militar. No Mossuril serão fornecidas aos srs. officiaes as suas montadas.

3.º A 1.ª companhia de guerra embarcará para o Mossuril com todo o seu pessoal e material no dia 16 de madrugada, levando o rancho da manhã frio e indo comer o rancho da tarde em Natule, que alcançará pela estrada Ampoense-Natule. O sr. commandante da companhia receberá no Mossuril a sua montada e o carro de bagagens da sua companhia.

4.º A companhia de caçadores 4 seguirá pela estrada Ampoense-Natule na manhã do dia 16, levará o rancho frio da manhã e irá comer o rancho da tarde a Natule. As montadas do sr. commandante da companhia e cirurgião ajudante e 3 carros de bagagens ser-lhe-hão fornecidos em Mossuril. O sr. commandante de caçadores 4 providenciará para que a diligencia de Mochilia se reuna á sua companhia em Natule n'esse dia 16.

5.º O sr. chefe do serviço de saude seguirá com a cavallaria, mas fará seguir uma ambulancia com a força de caçadores 4.

6.º O sr. commandante de cavallaria providenciará para a execução do que lhe compete no disposto nos artigos antecedentes e seguirá com a sua força e bagagem no dia 17 com s. ex.ª o governador geral. As praças vão armadas de lança, sem bandeirola, carabina e levarão 40 cartuchos.

7.º O sr. capitão mór requisitará 30 carros aos proprietarios do continente, a 2 rupias diarias de aluguer. O governo pagará os bois e carros que se inutilisarem, conforme o termo da avaliação lavrado n'essa capitania mór no acto do aluguer e assignado pelo proprietario e pelo capitão mór, e garante o sustento de bois e carreiros durante a duração das operações. Deverá fazer comprehender aos proprietarios que em vista da declaração do estado de sitio no districto o governo podia requisitar os carros sem nada pagar por elles. Depois de fornecer os carros precisos ás unidades, fará seguir os restantes para Natule, onde deverão estar no dia 17.

8.º O sr. capitão mór requisitará igualmente 30 bois para abater, pagos conforme a avaliação feita como a anterior, devendo pelo menos estarem em Natule 2 no dia 15, 5 no dia 6 e os restantes no dia 17.

9.º O sr. capitão mór ordenará ao sr. commandante militar de Lunga que se apresente em Natule no dia 17 com a força de caçadores 4 do destacamento d'esse posto, entregando o commando ao official inferior que lhe mereça mais confiança.

10.º Os srs. commandantes de caçadores n.º 4 e cavallaria n.º 4 deixarão nos seus aquartelamentos um primeiro cabo ou um segundo sargento caserneiro encarregue de cuidar nos artigos de mobilia, utensilios e armamento, que não segue com a respectiva unidade.

11.º O sr. capitão dos postos providenciará de accordo com os srs. commandantes da secção de artilheria e 1.ª companhia de guerra com respeito ao embarque das respectivas forças nas datas ordenadas.

12.º Os srs. commandantes de secção de artilheria e 1.ª companhia de guerra requisitarão ao sr. commandante da praça de S. Sebastião as munições e armamento necessarios.

13.º O sr. commandante da praça mandará apresentar á 1.ª companhia de guerra o sargento que responde pelo contingente, pelo qual ficará respondendo o da companhia de addidos. = Pelo chefe do estado maior, *Andrade Vellez*, primeiro tenente.

Está conforme. Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

DOCUMENTO N.º 3

Columna de operações em Moçambique. — Ordem de marcha n.º 1. — Acampamento em Natule, 18 de outubro de 1896:

1.º A columna marcha ámanhã para o Namarral.

2.º Hora de partida, 6 horas da manhã.

3.º A columna segue na formação seguinte:

a) Os auxiliares na frente e flancos da columna em pequenos grupos fazem a exploração a curta distancia e abrem caminho quando for preciso.

b) A cavallaria dividida em dois pelotões flanqueia a columna e o comboio. Um pelotão fornece a extrema avançada e os flanqueadores da columna a 100 metros em media de distancia.

Outro fornece a extrema retaguarda e os flanqueadores do comboio.

O commandante da cavallaria segue sempre com a extrema avançada.

Os srs. commandantes de pelotão seguem n'um dos flancos, dirigindo o serviço no outro flanco um sargento.

Os pelotões são alternados diariamente n'este serviço.

c) A infanteria marcha na disposição seguinte:

Um pelotão da 1.ª companhia de caçadores n.º 4 em columna de secções, forma a guarda avançada.

Segue a 20 metros o corpo principal formado pela 1.ª companhia de guerra em duas columnas parallelas com intervallo de pelotão e enquadrados entre as 4 esquadras de outro pelotão de caçadores n.º 4.

O ultimo pelotão de caçadores n.º 4 forma a guarda da retaguarda na mesma disposição e á mesma distancia da guarda avançada.

Os pelotões de caçadores n.º 4 alternam-se n'este serviço: ámanhã o 1.º dá a guarda avançada, o 2.º enquadra o corpo principal e o 3.º dá a guarda da retaguarda.

d) A artilheria leva uma das suas peças á altura da fracção testa do corpo principal e a outra á altura da fracção da cauda do mesmo corpo.

e) Sigo com o estado maior á altura da fracção testa do corpo principal.

f) A ambulancia e maqueiros seguem na minha retaguarda.

O comboio segue a 200 metros da columna e a 2 carros de frente na seguinte composição:

a) Carros de ambulancia e dos doentes.

b) Burros com munições.

c) Carro do quartel general, bagagens da cavallaria, da artilheria e 1.ª companhia de guerra e de caçadores n.º 4.

d) Carros de viveres e gado de abater.

e) Carros de forragens

Disposições em caso de ataque:

5.º Em caso de ataque e só á minha ordem, a columna forma o quadrado com a seguinte disposição:

a) A guarda avançada formando immediatamente a linha, faz alto.

O corpo principal tendo ganho a distancia de 20 metros forma a linha para os flancos.

A guarda da retaguarda cessa tambem a 20 metros de distancia e forma a linha volvendo a frente á retaguarda.

b) A artilheria colloca uma peça no angulo mais directamente ameaçado e outra no que lhe ficar diametralmente opposto.

c) Os auxiliares retiram, desembaraçando a frente mais rapidamente possivel e deitam-se em volta das faces do quadrado.

d) O comboio faz alto, e forma a quatro sendo possivel cerrando as distancias.

e) A cavallaria, desembaraçando a frente o mais rapido possivel, vae formar um pelotão ao longo de cada face do comboio de cuja defeza toma o commando o commandante da cavallaria.

f) As praças apeadas que seguem com o comboio entram em linha com a cavallaria e obedecem ás ordens do commandante da cavallaria.

6.º Os altos serão dados á minha ordem.

Nos pequenos altos todos conservam os seus logares e só é permittido saír da fórma por fracções muito pequenas de cada unidade e com ordem especial do commandante da mesma.

No grande alto comer-se-ha o rancho frio e abate-se o gado para o rancho da tarde.

Forma-se o quadrado e a cavallaria póde apear deixando vedetas.

Os auxiliares conservam sempre os seus logares.

O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Dictado aos ajudantes das unidades no acampamento de Natule, em 18 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ornellas*, tenente.

Está conforme. Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

Columna de operações em Moçambique.—Ordem de estacionamento n.º 2.—Acampamento em Natule, 18 de outubro de 1896:

1.º Chegando ao local de estacionamento, depois da exploração ter communicado não haver inimigo á vista, a columna toma a disposição de bivaque da seguinte fórma:

a) A infanteria forma o quadrado como ficou indicado na ordem de marcha, deixando 1 metro de intervallo entre cada homem e 10 metros ao centro de cada face grande. A guarda da retaguarda forma em linha para os flancos, deixando a retaguarda aberta para entrar o comboio a 2 carros de frente, uma fila por cada flanco. Os carros voltam o jogo para o interior e desengatam, mettendo o gado de abater no curral construido no meio da face esquerda e o gado de tracção no da face da direita. Os burros serão tambem mettidos nos curraes.

b) A cavallaria lança duas cordas de piquete parallelamente ás faces maiores e uma em cada angulo que não estiver occupado pela artilheria, por fórma que as caudas dos cavallos tenham pelo menos 3 metros de distancia dos eixos dos carros. Os cavallos do quartel general bivacam com o 1.º pelotão e as restantes montadas com o 2.º

c) As barracas do quartel general armam-se no centro do quadrado e a do serviço de saude na retaguarda d'ellas.

2.º As praças de infanteria bivacam nas suas posições de combate; as de cavallaria junto aos seus cavallos. As praças apeadas do comboio na retaguarda da ambulancia. As de artilheria bivacam junto ás peças.

Serviço de segurança. — 3.º De dia. Os auxiliares estabelecem pequenos postos em volta do quadrado a 200 metros ou 300 metros uns dos outros, conforme o terreno, e ligados por vedetas de cavallaria.

4.º De noite. Ao toque de retreta, recolhem os pequenos postos e as vedetas

da cavallaria, e o serviço constitue-se ficando nas faces um quarto da força em armas. A cavallaria conserva apenas uma sentinella a cada pelotão. Haverá uma sentinella a cada face pequena e duas a cada face grande, uma de cada lado do curral. Cada face terá sempre um piquete da quarta parte da força de prevenção.

5.º A artilheria tem de dia uma sentinella a cada peça, e de noite parte da guarnição sempre vigilante.

6.º As peças são carregadas com lanternetas ao toque de retreta e as armas ficam tambem com os depositos carregados.

Disposição em caso de ataque.— 7.º De dia. Tudo entra em fórma: os auxiliares deitam-se em volta das faces e as vedetas de cavallaria recolhem. Só se faz fogo á minha ordem. De noite. Tudo entra em fórma sem ruido nem precipitação e espera a voz de fogo. Só em caso de perigo imminente e como tal reconhecido pelo commandante da face poderá este mandar fazer fogo.

8.º Qualquer indicio da approximação do inimigo é-me immediatamente communicado.

9.º Observar-se-hão rigorosamente, tanto as instrucções publicadas em 10 do corrente, como as provisorias para o serviço de campanha em Africa. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral. Dictado aos ajudantes das unidades no acampamento de Natule. Em 18 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ornellas*, tenente.

Está conforme. Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

DOCUMENTOS N.os 4 E 5

Relatorio de saude.— Combate de Mojenga nos dias 19 e 20 de outubro de 1896.

Ás seis horas da manhã de 19 marchámos de Natule sobre Mojenga; fomos atacados pela primeira vez ás dez horas da manhã, seguindo a marcha debaixo de fogo inimigo sem soffrermos baixas.

Foram apenas ligeiramente feridos os soldados da 1.ª companhia de cavallaria n.º 4, n.os 19 e 64.

O primeiro apresentando ferida incisa junto da commissura externa do olho esquerdo; o segundo uma pequena ferida perfurante no terço inferior do torax.

Convenientemente pensados seguiram no serviço de exploração.

Ás onze horas da manhã, mais violentamente atacados, formámos quadrado nas proximidades de Mojenga.

Estabeleci immediatamente o posto de soccorros, no local que me pareceu mais adequado; era constituido por 3 mochillas de ambulancia e 1 caixa de primeiros pensos.

Deixei no posto o sr. cirurgião ajudante de caçadores n.º 4, João José Marques, acompanhado dos segundos sargentos enfermeiros, João Lucio de Deus Rego e Francisco Carlos de Oliveira, ambos do quadro de saude da provincia.

Reservei para mim a direcção do transporte dos feridos para o posto de soccorros, o qual devia ser feito pelas praças das differentes unidades impedidas na ambulancia.

Passados, porém, alguns minutos, tive que modificar estas disposições, attenta a grande percentagem de baixas que estavamos soffrendo (7 ½ por cento).

Sendo já insufficiente o pessoal do posto para prestar soccorros immediatos, recolhi ahi com os impedidos da ambulancia, sendo os feridos das differentes fracções mandados evacuar para o posto dos srs. commandantes das mesmas.

Depois de vinte minutos de combate tinhamos soffrido 31 baixas, sendo 2 mortos e 29 feridos.

Estabelecida em volta do quadrado uma linha de atiradores, deixou de haver

baixas durante o resto do dia e noite, sendo em 20, pela manhã, feridos 5 europeus.

Tendo chegado com o comboio todo o material de ambulancia, transformei os pensos provisorios em pensos definitivos, que permittissem a evacuação dos feridos para o hospital provisorio de Natule, o que se fez em 20.

Convenientemente pensados, foram os doentes deitados nos carros feitos com lençoes impermeaveis e mantas de lã.

Todos os feridos foram conveniente soccorridos, tornando-se-lhe só sensivel a falta de agua e a difficuldade do transporte para Natule. Falta esta, unicamente devida ao seu grande numero, em relação com pessoal habilitado de que dispunhamos, o que sómente se deve attribuir ao *facto de na metropole não se fazerem acompanhar as forças expedicionarias do pessoal sanitario necessario a cada unidade*.

Os pensos provisorios foram constituidos com agua alcoolisada e agua sublimada a $^1/_2$ por cento para os de maior gravidade, depois de sustada a hemorrhagia.

Os pensos definitivos, na sua maioria seccos, foram constituidos pelo salol e iodol, lint borico e algodão borico e salycilado.

Os pensos definitivos humidos foram formados por compressas de algodão hydrophilo embebidas em soluto de sublimado a $^1/_2$ por cento e cobertos com téla impermeavel.

Dos feridos de 19 só 10 ficaram em condições de voltar á linha de fogo; dos feridos de 20 ficaram impossibilitados de continuar a combater.

Consumiram-se cincoenta ligaduras, dez maços de algodão lint borico, cinco pacotes de gaze borico e 2 metros de téla impermeavel.

Inutilisaram-se alguns instrumentos cirurgicos e grande numero de medicamentos, cuja relação apresentarei.

Todo o pessoal a meu cargo desempenhou o serviço conscienciosamente e com zêlo.

Distinguiram-se, porém, não só pelos seus conhecimentos, mas ainda pela dedicação com que procederam, em primeiro logar o sr. cirurgião ajudante de caçadores n.º 4, João José Marques e o segundo sargento enfermeiro do quadro da provincia, Francisco Carlos de Oliveira, e em segundo logar o segundo sargento enfermeiro, tambem do quadro da provincia, João Lucio de Deus Rego.

S. José de Mossuril, 25 de outubro de 1896. = *Manuel Justino Ferraz de Azevedo,* chefe do serviço de saude da columna.

Está conforme. Quartel general na Cabaceira Grande, aos 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Relação dos mortos. — Foram mortos durante o combate de 19, 1 europeu e 1 indigena:

O primeiro, o segundo sargento n.º 3 da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, João Alvaro de Faria Aboim. Foi ferido com arma de fogo entrando o projectil na fossa illiaca esquerda, não se notando orificio de saída. Logo que chegou ao posto de soccorros caiu em estado comatoso; falleceu dez minutos depois, apesar de todos os esforços empregados para o reanimar. A causa da morte foi, a meu ver, hemorrhagia interna intensa determinada pelo projectil ter tocado ou a aorta abdominal ou a veia porta.

O segundo, o soldado n.º 187 da 1.ª companhia de guerra, indigena Joaquim Francisco, foi morto por arma de fogo. A morte foi instantanea, tendo penetrado o projectil na região precordial e tocado, sem duvida, o coração.

Em 21 falleceu o soldado da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, n.º 208, José Henriques de Oliveira. A causa da morte foi insolação.

S. José de Mossuril, 26 de outubro de 1896. = *Manuel Justino Ferraz de Azevedo,* chefe do serviço de saude da columna.

Está conforme. Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Additamento ao relatorio de saude referente ao combate de Mojenga

Relação dos feridos.—O numero total dos feridos foi de 37:

Officiaes, 4; officiaes inferiores, 5; cabos, 2; soldados, 25; sendo 11 europeus e 15 indigenas.

Officiaes:

1.º S. ex.ª o governador geral, major Joaquim Mousinho de Albuquerque: ferida por arma de fogo acompanhada de contusão no dorso do pé direito. Escoriação e echymoses na face anterior do terço medio da coxa esquerda. Ambos os ferimentos são de prognostico favoravel, salvo complicação. Só o primeiro ferimento foi pensado: primeiro com penso provisorio humido, que ás seis horas da tarde foi substituido por penso definitivo secco.

2.º Sr. chefe do estado maior, tenente Ayres de Ornellas de Vasconcellos: contusão e echymose extensa na face anterior da coxa, ferimento de prognostico favoravel e causado por arma de fogo.

3.º Sr. capitão, commandante da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, José Vicente Cansado: contusão ligeira na cabeça, de prognostico muito favoravel e feita por arma de fogo.

4.º Sr. alferes de cavallaria, Ernesto Vieira da Rocha, ajudante de campo de s. ex.ª o sr. governador geral: ferida contusa por arma de fogo junto da articulação radio-carpia direita, de prognostico favoravel; foi pensado com penso definitivo secco.

Officiaes inferiores:

1.º Segundo sargento da brigada de montanha n.º 86/874, José Joaquim: ligeiras escoriações no braço direito, feitas por arma de fogo e sem gravidade.

2.º Segundo sargento da 1.ª companhia de cavallaria n.º 4, José Augusto da Silva Bunheirão, n.º 3: contusão por arma de fogo no ante-braço sem gravidade.

3.º Segundo sargento-selleiro, n.º 22 da 1.ª companhia de cavallaria n.º 4, Antonio Gonçalves da Silva: ferido por arma de fogo na parte superior da parte lateral esquerda da região frontal. O seu prognostico é favoravel.

4.º O segundo sargento da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, Antonio Soares Gusmão, n.º 8: ligeiras escoriações na face sem importancia.

5.º Segundo sargento da administração militar, José Maria Rascão: ferida por arma de fogo no dedo minimo da mão direita sem importancia.

Cabos:

1.º Segundo cabo n.º 67 da 1.ª companhia de cavallaria n.º 4, José Manuel: ligeira escoriação na região occipital sem gravidade.

2.º Segundo cabo n.º 15 da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, José Pisco: ferida por arma de fogo na coxa direita de 3 centimetros de profundidade de prognostico reservado.

Soldados:

1.º Soldado n.º 222 da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, José Costa: ferida por arma de fogo no terço medio do ante-braço esquerdo. O projectil penetrou na face anterior, indo alojar-se na face posterior, offendendo bastante os radios. Este ferimento é de prognostico muito reservado, exigindo talvez amputação no braço; tanto mais que foi impossivel extrahir o projectil.

2.º Soldado da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, Antonio Barbosa, n.º 201: ferida por arma de fogo. O projectil, cujo orificio de entrada não se nota, destruiu todos os incisivos e caninos direitos, feriu o terço anterior da lingua, perfurou o labio superior junto da commissura labial esquerda, determinou a hemorrhagia interna e difficil de sustar. Salvo complicação deve restabelecer-se em curto espaço de tempo, porém a praça fica incapaz de serviço por deformação da bôca.

3.º Soldado da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, Francisco Romão, n.º 179: ferida por arma de fogo no dorso do pé esquerdo. O projectil foi

alojar-se na planta do pé. Este ferimento é de prognostico muito reservado, não só pela séde, mas ainda por se acharem interessadas algumas das articulações do metatarso.

4.º Soldado da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4: ferida por arma de fogo no escroto, não offendendo orgão importante. É de prognostico favoravel.

5.º Soldado da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, Joaquim Martins, n.º 159: ferida por arma de fogo no braço esquerdo, entrando o projectil na face anterior. Este ferimento é grave, tanto mais que o projectil ainda não pôde ser extrahido.

6.º Soldado da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4, José Duarte, n.º 86: ferida por arma de fogo, atravessando o projectil a coxa direita. Penetrou pela face anterior saíndo pela face posterior, sem offender a arteria, veia ou nervo importante. Salvo complicação é prognostico favoravel.

7.º Soldado n.º 61 da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4: ligeira contusão no sulco-balano prepucial. Sem gravidade.

8.º Soldado n.º 10 da 1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4: ligeira contusão no hombro esquerdo. Sem gravidade.

9.º Soldado n.º 108 da mesma companhia: ligeira escoriação e contusão. Sem importancia.

10.º Soldado n.º 76 da mesma companhia: ligeira contusão no braço esquerdo. Sem gravidade.

Clarins:

1.º O clarim n.º 156, Francisco Joaquim, da 1.ª companhia de cavallaria n.º 4: ligeira escoriação na mão esquerda. Sem gravidade.

1.ª companhia de guerra. Foram feridos sem gravidade, com ligeiras escoriações e contusões, os soldados n.os 65, 169, 185, 274, 351, 348, 187, 353, 43, 179, 344, 64, 95.

O soldado n.º 236, cujo nome ignoro, foi ferido na coxa direita por arma de fogo. O projectil entrou na face anterior da coxa, indo alojar-se na face posterior sem offender orgão importante, e foi extrahido. O seu prognostico é favoravel.

O soldado Aidaine, cujo numero ignoro: ferida por arma de fogo junto da articulação do joelho. O projectil alojou-se na face posterior da coxa e interessou a articulação do joelho. Este ferimento é de prognostico muito grave.

S. José de Mossuril, 26 de outubro de 1896. = *Manuel Justino Ferraz de Azevedo,* chefe de serviço da columna.

Está conforme. Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

DOCUMENTO N.º 6

Relação das praças expedicionarias que por opinião da junta militar de saude da provincia de Moçambique, seguiram para o reino, a fim de serem presentes á junta de saude do ultramar

Corporação	Postos	Nomes	Data em que foram presentes á junta
Brigada de artilheria de montanha	Soldado	José Custodio	2 outubro 1896.
		Domingos Simões	9 outubro 1896.
Regimento de cavallaria n.º 4	Segundo cabo	Manuel da Silva	17 outubro 1896.
Regimento de caçadores n.º 4	Soldado	José Henrique	27 julho 1896.
		José Ferreira	1 agosto 1896.
		Dionysio Moreira	17 agosto 1896.
		José Dias Pereira	28 agosto 1896.
	Primeiro cabo	Belchior Torres	14 setembro 1896
	Segundo cabo	Jorge Ferreira	
	Soldado	Izaias Ferro	
		Alvaro Lopes	
		Januario da Luz	
	Segundo cabo	Antonio Figueiredo	25 setembro 1896
	Soldado	Francisco Antonio	
		José dos Reis	2 outubro 1896.
		Joaquim Antonio Ribeiro	
		João dos Santos	
		Francisco Mestre	
	Primeiro cabo	José dos Santos	
	Soldado	Joaquim Rodrigues	17 outubro 1896.
		Manuel da Silva	22 outubro 1896.
	Corneteiro	Manuel dos Santos	26 outubro 1896.
	Soldado	Custodio Gonçalves	
		Francisco Luiz	
		Martinho Maria	
		Zeferino José Diniz	
		Antonio Pinto	
		José Netto	
		Joaquim José da Rocha	
	Primeiro cabo	Alfredo Maria Ventura	
	Soldado	José Luiz	
	Primeiro cabo	José Correia	
	Soldado	João do Sul	
		Manuel Gomes	
		Silvano Alves	
		Joaquim Nunes Pinto	
		Antonio Nunes	
		João Ventura	
		Cazimiro Antonio	
		Antonio Aveiro	
		Manuel Monteiro Carlos	
		Adelino Gonçalves	
		José Joaquim	
		José Machado Tuntão	
		Manuel Ribeiro	
	Corneteiro	Marcellino Ramos	
	Soldado	João Filippe	
		Antonio Gomes Teixeira	
Administração militar	Segundo sargento	João Maria Rascão	

Repartição de saude em Moçambique, 26 de outubro de 1896. = *José de Oliveira Serrão de Azevedo*, chefe do serviço de saude.

Está conforme. — Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, tenente.

DOCUMEN

Commando da colum

Mappa da força das differentes unidades que compõem o effectivo

Unidades	Effectivos das unidades quando desembarcaram n'esta provincia			Seguiram para o reino por opinião da junta de saude			Mortos por doença			Mortos em combate			Mortos em consequencia de ferimentos		
	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados
Artilheria de montanha	1	2	24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.ª companhia de cavallaria n.º 4	4	5	61	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4	5	10	212	-	-	47	-	-	7	-	1	-	-	-	-
Somma	10	17	297	-	-	49	-	-	7	-	1	-	-	-	-

Quartel general na Cabaceira Grande, 31 de outubro de 1896. = Pelo chefe do es

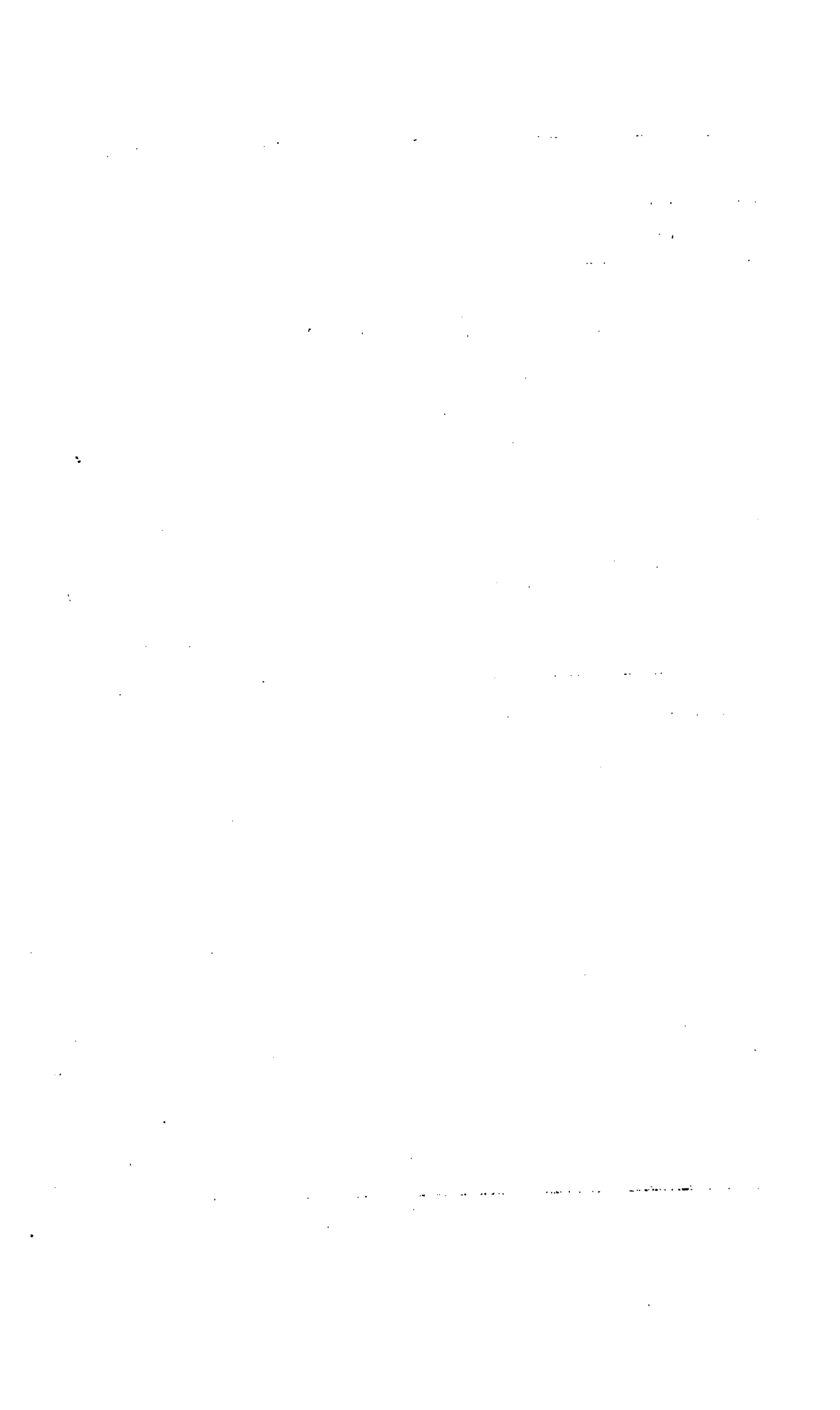
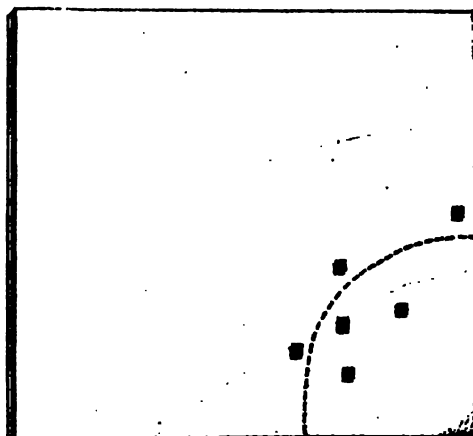
TO N.º 7

na de operações

da columna de operações referido ao dia 31 de outubro de 1896

Feridos inutilisados em combate			Doentes nos hospitaes			Doentes no quartel			Em Lourenço Marques			Em Magude e Macasene			Diligencia em Moçambique			Diligencia na Cabaceira Grande			Promptos para todo o serviço			Obervações
Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Oabos e soldados	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos e soldados	
–	–	–	–	–	–	–	1	10	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	18	Em 1 de outubro foi augmentado ao effectivo com 3 soldados e em 13, com o ferrador.
–	–	–	–	–	2	–	–	16	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	4	5	41	Na casa dos cabos e soldados, ficam incluidos os clarins e ferradores.
–	–	8	–	–	37	–	–	29	–	1	1	–	2	28	1	1	21	–	–	15	4	5	19	Na casa dos cabos e soldados, ficam incluidos os corneteiros.
–	–	8	–	–	39	–	1	55	–	1	1	–	2	28	1	1	21	–	–	15	9	11	78	

tado maior, *Antonio Martins de Andrade Vellez,* primeiro tenente de artilheria.

Co

RELATORIO

ÁCERCA DAS

OPERAÇÕES EXECUTADAS

DESDE

22 DE OUTUBRO DE 1896 A 6 DE ABRIL DE 1897

E

COMBATES DE NAGUEMA, IBRAHIMO E MUCUTU-MUNO

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Cumpre-me apresentar a v. ex.ª o relatorio das operações, que sob o meu commando foram levadas a effeito no continente fronteiro á ilha de Moçambique, desde 22 de outubro de 1896 até 6 de abril de 1897. Das operações anteriores tem v. ex.ª conhecimento pelo relatorio enviado em 31 de outubro com o meu officio n.º 19 de 31 de outubro de 1896.

Pelo telegramma que em 27 de outubro tive a honra de dirigir a Sua Magestade El-Rei, vê-se que julgava possivel e tencionava recomeçar as operações, logo que o estado do meu ferimento me permittisse commandar a columna. No dia 29, porém, o chefe do estado maior deu-me conta do estado sanitario das tropas aquarteladas no Mossuril, que tornava impossivel tentar operações immediatas. A 1.ª companhia de caçadores n.º 4 só apresentava 46 praças promptas; a cavallaria só podia montar 31 praças; a artilheria conservou o seu effectivo.

Não attribuo esta enorme quebra no effectivo de caçadores n.º 4 unicamente ás privações soffridas no combate da Mujenga e retirada, que se lhe seguiu, nem tambem sómente ao effeito do clima. Tenho tido curta experiencia de guerras em Africa, mas ainda assim o bastante para ter observado que, mais do commandante e do moral das tropas, depende a sua saude do que de qualquer outro factor. Foi patente a quantos estiveram no acampamento do Chicomo em 1895, que, nos primeiros tempos, ao passo que na infanteria e artilheria as baixas eram numerosas, poucos doentes dava o esquadrão de cavallaria n.º 1; esse mesmo esquadrão, depois que os cavallos começaram a morrer com *horse-sickness* aos 2 e 3 por dia e, portanto, os soldados a perder a força moral, por se verem privados da sua melhor arma, chegou a ter uma percentagem de doentes superior a qualquer das outras unidades. Andei mez e meio no Maputo, na epocha peior (fevereiro e primeira quinzena de março de 1896) com 17 praças de policia a cavallo, de Lourenço Marques, e posso assegurar a v. ex.ª que, de todas as praças que tenho visto engajadas em operações em Africa, nenhuma fez marchas maiores e mais violentas, nenhuma bivacou tanta vez debaixo de chuva, nenhuma se viu, como aquella, por vezes reduzida sómente aos recursos do paiz para se alimentar; pois nunca tive mais de 3 ou 4 doentes, o que attribuo não só á muita superior resistencia do soldado de policia voluntario, mais velho que o recruta, que vem do reino nas forças destacadas e muito menos impressionavel do que este, mas tambem, permitta-me v. ex.ª dizel-o, ao bom effeito moral que n'elles produzia o exemplo que recebiam. De 25 a 29 de dezembro de 1895 fiz marchas, que se não comparam com a de Mujenga e os soldados que levava estavam arrazados por seis mezes de campanha e trabalhos em pessimas condições; adoeceram 5 de entre 48.

Quanto á cavallaria, a quebra no effectivo que podia apresentar a cavallo provinha principalmente das assentaduras. Attribuo este facto á muito deficiente instrucção de equitação e pouca trenagem dos soldados. Estes factos todos reunidos determinaram a ordem geral n.º 8 do dia 2 de novembro, que transcrevo em seguida:

Ordem geral n.º 8

Quartel general na Cabaceira Grande, 2 de novembro de 1897. — S. ex.ª o governador geral, commandante da columna, determina e manda publicar o seguinte:

1.º Que é a primeira obrigação dos srs. commandantes das unidades o conservarem, não só a moral das suas tropas, como cuidar da sua saude e instrucção.

A sua iniciativa deve chegar para lançar mão dos meios precisos para conseguir esse fim; não é preciso esperar que do quartel general se indique inclusivamente onde deve ser tirada a agua, nem o sr. commandante da cavallaria, que se lhe mande o carvão necessario para o funccionamento da forja, visto ser da sua unica responsabilidade o facto dos cavallos não poderem entrar em serviço á primeira ordem por falta de cuidado seu.

2.° Que não devem os srs. commandantes das unidades, nem os srs. officiaes, fallar perante os seus soldados por fórma que estes julguem, que nenhum esforço mais lhes póde ser exigido depois dos combates de 19 e 20 do mez findo, sendo certo que ainda no anno passado as tropas supportaram durante seis mezes o serviço agora desempenhado apenas durante alguns dias.

3.° Que teve occasião de notar durante as marchas de 19 e 20 uma condemnavel tendencia da parte das praças de cavallaria a fazerem uso da arma de fogo, até mesmo a cavallo, o que é expressamente prohibido a um cavalleiro excepto para dar signal da approximação do inimigo. Só póde attribuir tão prejudicial costume á pouca instrucção de lança que tinham, o que tambem não tem desculpa, attentas as facilidades de instrucção que tiveram durante tanto tempo.

4.° Que deverá ser tambem especialmente cuidada a instrucção a cavallo. Visto os mappas accusarem sufficiente força de cavallaria prompta, deverá esta ter instrucção diaria, chamando para os pontos que ficam tocados, a especial attenção dos srs. officiaes de cavallaria, cujo zêlo espera só ter occasião de apreciar devidamente.

5.° Que a tendencia das praças de cavallaria para o uso da arma de fogo era auxiliada pelos srs. officiaes, que, contra a sua obrigação de cavalleiros, pareciam commandar infanteria montada. Nem outra rasão ha para se ter inutilisado tanta lança, quando no esquadrão do commando de s. ex.ª em toda a campanha do anno passado só 7 se inutilisaram.

6.° Emfim, confia, espera e insiste para que os srs. officiaes usem de todos os meios ao seu alcance para pôr as suas tropas em estado de poder de novo bem servir o paiz, cuja honra e bom nome está confiado á guarda de nós todos. = O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas*.

É possivel, é mesmo provavel, que a v. ex.ª se afigure que ha contradicção entre esta ordem e a do dia 20 de outubro de 1896.

Ordem geral n.° 4

Acampamento em Natule, 20 de outubro de 1896. — S. ex.ª o governador geral, commandante da columna, determina e manda publicar o seguinte:

1.° Que embora a columna do seu commando não tivesse podido cumprir até ao fim o designio, que tinha em vista, quando marchou, a maneira como os srs. officiaes, officiaes inferiores, e praças européas procederam, mantendo-se com a maxima firmeza nas posições occupadas, a despeito do fogo de um inimigo occulto no matto durante vinte horas, e das privações, que soffreram por causa da irregularidade da marcha do comboio e da falta absoluta de agua, é sobremaneira honrosa para as differentes unidades e quadros a que estes mesmos srs. officiaes, officiaes inferiores e praças européas pertenciam. O mesmo ex.mo sr. governador geral tem muito prazer em fazer notar, que de entre os individuos mencionados não houve um unico a que se não podesse applicar o que fica dito; é o que o mesmo ex.mo sr. participará a s. ex.ª o ministro da marinha e ultramar, acrescentando que ter similhantes officiaes sob as suas ordens é uma garantia de segurança e socego de espirito para todo e qualquer chefe, sob cujas ordens estejam, e commandar officiaes, officiaes inferiores e praças como as acima referidas foi para elle a maior honra e o melhor premio, que lhe podia ser attribuido. O mesmo ex.mo sr. não os manda louvar em ordem á força armada por isso não caber nas suas attribuições de governador geral. = O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas*.

Essa contradicção, porém, é apenas apparente e facil de explicar. Podendo, porém, não ser bem interpretado este facto, obriga-me isso a alongar um pouco esta explanação.

Entendo, que as ordens, bem como as recompensas, os castigos e todos os actos da vida official de um militar, e muito especialmente do commandante de uma força, devem ter por unico fim obter que o serviço a prestar se faça o melhor possivel. Sem alterar a verdade dos factos, porque na realidade o comportamento da grande maioria dos officiaes e praças no combate da Mujenga foi muito digno de louvor, entendi dever elogiar o procedimento da columna sem mencionar excepções nem frisar as deficiencias, que notára, e a rasão porque procedi d'esta fórma foi porque, tencionando entrar logo outra vez em operações, mais que tudo carecia de animar as tropas e conservar-lhes o bom espirito de que estavam possuidos. Quando depois vi que tinha que pedir reforços e portanto que era obrigado a protrahir a nossa entrada em campanha, entendi ser opportuna a occasião para, fazendo notar os defeitos que víra, dar logar a que fosse bem aproveitado, corrigindo-os, o periodo de menor actividade até chegarem os reforços.

E, no que respeita á força de cavallaria, consegui-o por completo, como v. ex.ª terá occasião de ver no decurso do presente relatorio, facto este que tambem attribuo muito á substituição no commando d'essa força do capitão Vianna pelo tenente Sá.

Durante todo este periodo os factos de guerra dignos de menção foram os seguintes:

Angoche

Soube no dia 23 de outubro, que o Farelay, auxiliado pelo sultão de Angoche, Ibrahimo, atacára o Parapato sem resultado algum, nos dias 7, 8, 11 e 13. Houve poucas baixas de parte a parte.

Como a guarnição de Parapato (secção de policia e fiscalisação e sipaes) fosse muito pequena e não merecesse confiança, mandei para lá a canhoneira *Zaire*, ordenando ao seu commandante, o capitão tenente Xavier de Mattos, que assumisse o commando superior de todas as forças. A canhoneira demorou-se em Angoche até 26 de novembro.

O capitão tenente Mattos mandou proceder á construcção de um reducto no alto do posto semaphorico, bombardeou algumas povoações da ilha do Buzio, e mandou guardar por embarcações armadas os passes entre a ilha de Angoche e o continente, a fim de evitar que a gente do sultão se fosse reunir á do Farelay. Desde 17 não houve ataque algum do Farelay.

O reducto ficou completo. O sultão de Angoche mandou ao commandante da *Zaire* repetidos protestos de fidelidade, resultado evidente do medo que lhe inspirava a presença da canhoneira, o que depressa se provou.

Tambem foi a Angoche o vapor *Neves Ferreira* reconhecendo a ilha e o rio, tendo a gente do sultão Ibrahimo feito muito fogo sobre elle.

Do inquerito a que procedeu o primeiro tenente Santos por ordem do commandante da *Zaire*, conclue-se que o estado de revolta dos indigenas foi devido em parte a rivalidades e intrigas constantes que ha entre o commandante militar e outras auctoridades. É sempre a velha historia dos brancos ou muzengos influentes da terra a guerrearem as auctoridades e, da parte d'estas, muita tibieza e falta de tacto.

Não tornou a haver mais ataques ao Parapato.

Alguns regulos do interior instaram para fazer guerra ao Farelay, o que não consenti por tencionar ir lá com a columna, terminada que fosse a guerra dos namarraes e do Marave, estabelecer postos fortificados em Môma, Kinga e Sangage e na ilha de Angoche.

Acontecimentos subsequentes e de todo inesperados, obrigando-me a vir para o sul com o grosso das forças européas, não permittiram realisar esta idéa, que, desde que haja forças organisadas em Moçambique, póde ser levada a effeito pelo governador do districto, coadjuvado pela armada real.

Infussi

Foi atacado no dia 26 de outubro por gente do cabo Mustapha, subordinado ao Molid-Valai, mas obedecendo só ao Marave. Houve fogo durante cinco horas e trinta minutos. Nos dias seguintes continuou a gente do Mustapha atacando o posto.

No dia 29 de outubro uma lancha que levava munições de guerra para aquelle posto foi atacada na barra, estando encalhada e ficou em poder dos rebeldes. Entretanto o posto sustentou-se sempre até que os rebeldes desistiram de o hostilisar. Por esse motivo o segundo sargento Lucio Monteiro Ribeiro, commandante do posto, foi promovido a primeiro sargento.

Môma

Havia em Môma um posto que, segundo era costume, não estava fortificado. Quando começaram as hostilidades em Angoche, o segundo sargento Gregorio Nunes de Mascarenhas entendeu que não podia sustentar-se ali, abandonando-o, bem como uma bôca de fogo. O sultão de Môma, como prova de que não queria guerra, mandou entregar essa bôca de fogo á capitania mór do Mossuril.

Moginquale

Nunca foi atacado.

Fernão Velloso

No dia 4 de novembro foram a Fernão Velloso o chefe do estado maior e o capitão mór do Mossuril fallar com o chefe Abacay Bin-Sadi (chamado capitão mór de Fernão Velloso). Escolheram o sitio para um posto militar. Esse posto foi começado a construir com madeiras das florestas proximas, pedra e cal fabricada no proprio local, sob a direcção do engenheiro florestal Luiz Gaivão, o qual tambem mandou d'ali muitas madeiras para as obras publicas de Moçambique. Mandei estabelecer ali uma das colonias militares vindas de Portugal pela *Zaire* a qual está completando o posto e já iniciou plantações em volta.

Matibane

O xeque de Matibane, embora sempre se declarasse fiel ao governo, affectava uma attitude duvidosa e o Allua, nas terras do xecado, era hostil, embora com muitos disfarces.

Logo que fui a Matibane (dia 7 de dezembro) mandei pôr em estado de defeza e transformar n'uma obra de fortificação regular a aringa que ahi existia e que só por si constituia uma vergonha e um testemunho da incuria do governo e da mais completa ignorancia dos commandantes militares.

O capitão mór Gomes da Costa fôra ali e conseguíra fallar ao Allua, no dia 5 de dezembro proximo, á povoação de Chavalla, a uns 5 kilometros da séde do commando militar. O Allua mostrou-se com intenções muito pacificas e comprometteu-se, depois de ter fallado com o xeque, a abrir estrada de Chavalla até á Meza. Realmente abriu-a até ao Mino, allegando, para não proseguir, o terem-se os namarraes opposto pela força á continuação dos trabalhos.

Lunga

Este commando militar situado ao fundo da bahia do Mocambo, em terras do xecado de Quivolane e nas peiores condições de defeza, foi muito hostilisado por gente de Marave.

Pelas condições em que estava, pelo pessimo local escolhido para a sua con-

strucção, considerei sempre o commando d'aquelle posto como a mais arriscada de todas as commissões de serviço, que podia aqui desempenhar um official e por isso colloquei ahi o alferes Teixeira de Barros, cujo esforço, persistencia e serenidade no perigo já estavam provados. Este official é excepcionalmente apto para o serviço em Africa; ao contrario do que succede com a maior parte, nunca põe difficuldades a cousa alguma, requisita o menor numero de cousas que póde, lança mão dos recursos do paiz em que se acha, aproveitando-os quanto possivel, e cousa alguma o atrapalha ou intimida. Devido ao procedimento energico e ao mesmo tempo prudente d'este official, o posto conservou-se sempre illeso e não houve uma baixa a lamentar na guarnição.

Esta, ao principio, composta apenas de soldados indigenas da segunda companhia de guerra, foi em janeiro reforçada com uma diligencia de praças de caçadores n.º 4. No dia 6 de fevereiro foi o commando de Lunga atacado por grande numero de indigenas (gente do Marave e Mollid-Vollai) durando o fogo nove horas e meia (das seis horas e meia a. m. ás quatro horas p. m.), soffrendo o inimigo muitas baixas e a guarnição do posto nenhuma, resultado este que attribuo, não só ao muito superior alcance das nossas armas, o que n'um bom campo de tiro, como ali ha, dá uma superioridade evidente, mas á boa direcção que deu á defeza o alferes Barros.

Não só este official se soube manter no posto, embora atacado por forças muito superiores em numero, mas obstou a que fossem saqueadas e queimadas as lojas de mouros e baneanes, que se haviam estabelecido proximo do commando. Igualmente soube sempre precaver-se contra todos os embustes que Mollid-Vollai, fingindo-se fiel ao governo, mas influenciado pelo seu vasir, o monhé Abdalla, lhe armou.

Quando fui ao Mocambo (7 de dezembro) determinei que o posto e commando militar fosse estabelecido na Muchelia, capital (se assim se lhe póde chamar) do Marave e onde elle asseverava que nunca os brancos se haviam de estabelecer, e que o quartel de Lunga, reduzido á casa do commando, posta em estado de defeza, fosse um posto secundario dependente d'aquelle.

Construiu-se aquelle posto sob a protecção da corveta *Duque da Terceira*, e no dia 13 de abril foi atacado, sendo os inimigos, que eram cerca de 3:000, repellidos com grandes perdas. Os nossos não tiveram uma baixa.

Terras firmes

Designando por este nome a peninsula que fica fronteira a Moçambique, passarei agora a dar conta a v. ex.ª do que ahi se deu desde novembro de 1896.

As operações pela sua ordem chronologica foram as seguintes:

16 de novembro. — Razzia sobre Jutete, povoação do Marave, onde se suppunha estarem o cabo Aly (Marave) e Sadine, filho do Mollid-Vollai.

A povoação, que estava abandonada, foi incendiada. Tomaram parte n'esta razzia o capitão mór, o chefe do estado maior, o sub-chefe do estado maior, 30 cavallos de cavallaria n.º 4, 30 landins da primeira companhia de guerra e auxiliares de Ampapa.

21, 22 e 23 de novembro. — Os maraves atacaram Ampapa. Foram repellidos pelos auxiliares e perderam entre outros mortos o chefe Bramino Combota.

22 de novembro. — A *Neves Ferreira* fez um desembarque na Muchelia, matando gente do Marave e queimando algumas palhotas.

23 de novembro. — Os namarraes foram a Nandoa, queimando algumas palhotas e levando algumas mulheres.

27 de novembro. — Os namarraes atacaram Ndhala matando 7 homens e dispersando uma caravana vinda do interior.

3 de dezembro. — Reconhecimento a Namancava, Muengali e Navevenha. Não foi encontrado o inimigo, seguindo a força até Jutete e Monapo (terras do Marave) queimando palhotas. Ia o capitão de artilheria Guimarães, o capitão mór, o sub-

chefe do estado maior, com uma força da segunda companhia sob o commando do alferes Azinhaes, e 100 auxiliares de Ampapa.

7 de dezembro. — Na madrugada d'este dia, achando-me a bordo da *Liberal*, na bahia do Mocambo, para onde fôra na vespera n'esta canhoneira, desembarquei com o chefe do estado maior, o commandante da Lunga alferes Barros, o meu ajudante Rocha e uma escolta de praças de marinha, a fim de escolher na Muchelia o ponto para collocar o commando militar e posto fortificado. Cerca de meia hora depois de estarmos em terra começou a romper *bamburé* de varios lados, que denunciava estar muita gente escondida no matto, a qual se approximava gritando, que era a guerra de Ampapa, que íamos ser mortos, etc. Como não podesse, sem me metter á agua atravessar um pantano que mediava entre a praia e o local que escolhêra para o posto, dei ordem á escolta para embarcar n'uma das embarcações, entrando na outra eu e os officiaes que me acompanhavam.

Houve então alguns tiros isolados sem resultado.

Pelas doze horas do dia umas praças da *Liberal* pediram para ir buscar o peixe que estava n'umas gamboas, que havia na praia, e como lhes fizessem de terra alguns tiros, mandei uma força de 20 praças, sob o commando do guarda-marinha, Manuel Ferrão Castello Branco. Esta força internou-se, queimou muitas palhotas, entre as quaes uma mesquita, sempre debaixo do fogo do inimigo, salvo curtissimos intervallos. Eu ficára a bordo e os 3 officiaes do exercito, que me acompanhavam, mas vendo já o fumo de palhotas a arder a muita distancia da praia mandei a terra o meu ajudante, alferes Rocha, com ordem para a força retirar, o que fez até á pressa debaixo do fogo do inimigo mettido no matto. Da praia algumas descargas calaram esse fogo e voltou a força para bordo, tendo tido hora e meia de fogo e trazendo tres praças feridas.

De bordo, quando a força de marinha avançou da praia para a povoação, vimos uma linha de atiradores, que parecia pretender tomar-lhe a retaguarda, fazendo fogo avançando com a regularidade com que o poderia fazer uma força europêa, com a differença que quando avançavam não se punham de pé, mas corriam por tal fórma de rastos, que pareciam coser-se com o chão; só estava e corria em pé um, que parecia commandal-os.

Da canhoneira fizeram-se-lhes alguns tiros com uma bôca de fogo Armstrong A $\frac{10}{28}$ com granada ordinaria, não sendo, porém, possivel regular as pontarias pelas tabellas por estar a polvora mal encartuchada. Entretanto os atiradores dispersaram fugindo para o matto.

Não desembarquei, nem permitti que acompanhassem a força de desembarque o chefe do estado maior, nem o alferes Barros, para, deixando-o completamente livre, melhor aproveitar a boa vontade e enthusiasmo do guarda-marinha Ferrão, sentimentos estes bens naturaes, visto ser a primeira vez que entrava em fogo. E a este respeito seja-me licito dizer aqui, que na minha opinião vale bem a pena, na maioria dos casos, arriscar um pouco deixando muita iniciativa aos officiaes novos no commando de pequenas forças empenhadas em combates parciaes, mostrando elles o que valem, e incitando-lhes d'esta fórma os brios e o louvavel desejo de se distinguirem, parecendo-me esta maneira de proceder mais conforme aos mais sãos principios militares, do que a dos commandantes que, por desconfiança dos seus subordinados ou por um mal entendido zêlo, não permittem que nenhum official, dos que estão ás suas ordens, commande e dirija qualquer acção, intervindo elles mesmos directamente em todos os detalhes das operações. É este o caso de se dever applicar sempre que possivel for o *«laisser l'enfant gagner les éperons»*, de Eduardo III de Inglaterra, em Poitiers.

No final d'este relatorio poderá v. ex.ª ver que, no meu entender, o guarda-marinha Ferrão comportou-se como era de esperar, desempenhando-se muito satisfactoriamente do que lhe fôra commettido.

Por informações colhidas posteriormente pelo commandante militar da Lunga, soube-se que dos inimigos tinham em combate morrido 15, entre os quaes o irmão

mais novo do Marave, sendo provavel que muitos dos feridos morressem mais tarde por falta de tratamento.

9 de dezembro. — O capitão mór com 210 auxiliares de Ampoense (96 com espingardas), metteu-se pelas terras do inimigo até 5 kilometros alem de Namancava; não encontrou ninguem.

12 de dezembro. — O capitão mór e o chefe e sub-chefe do estado maior, uma escolta de 12 cavallos e 1:200 auxiliares (500 espingardas) das Cabaceiras, Mossuril, Ampapa e Ampoense, passaram o Monapo, fazendo uma razzia em terras do Marave. Os auxiliares queimaram e saquearam centos de palhotas, mataram cerca de 40 inimigos, e alem de um deposito de polvora, que se fez explodir, trouxeram muitos pannos, latas de petroleo, chumbo, latão, etc. A importancia capital d'esta pequena operação foi mostrar quanto estavam submissas as gentes das povoações acima mencionadas, que até ha pouco, vendo a pouca força do governo, estavam sempre mais feitas com o inimigo (principalmente com o Marave), do que comnosco. Este resultado é devido aos esforços e são criterio do capitão mór Gomes da Costa. Durante essa razzia um troço da gente do Marave veiu atacar Ampapa, sendo repellida por um destacamento de 20 praças da 2.ª companhia de guerra sob o commando de um sargento.

Durante a noite o inimigo foi incommodar Natule com tiros sem resultado.

15 de dezembro. — Obrigado a ir a Lourenço Marques entreguei o commando da columna, durante a minha ausencia, ao capitão de artilheria, Arthur Cesar Monteiro Guimarães.

24 de dezembro. — O capitão mór e o chefe de éstado maior com 300 auxiliares de Ampapa fizerem uma razzia nas terras do Marave na margem esquerda do Monapo. Este rio, em consequencia das chuvas, já não dá vau. As povoações do Marave, na margem esquerda, podem dizer-se abandonadas; entretanto foram mortos uns 6 inimigos e queimadas cerca de 100 palhotas.

26 de dezembro. — Teve logar a primeira audiencia do conselho de guerra, junto ao commando da columna, para julgar os réus, Candido Soares, Joaquim Ignacio de Sousa, Francisco Maria Paixão Dias, os dois irmãos Santos e o monhé Abude. No dia 29 leu-se a sentença, absolvendo o primeiro e condemnando os restantes: a degredo por doze annos Joaquim Ignacio de Sousa, por dez annos Paixão Dias e Ballá Saunto, por oito annos Dagy Saunto e por tres annos o monhé Abude.

18 de janeiro. — Voltei de Lourenço Marques, reassumindo o commando da columna.

19 de janeiro. — A força que protegia a abertura da estrada de Matibane a Meza teve fogo com os namarraes do N., ficando levemente ferido o sargento commandante da força. Por esse motivo foi reforçada a guarnição de Matibane com 12 praças de caçadores n.º 4, commandadas por um sargento.

21 de janeiro. — Ataque da gente de Quivolane á Lunga, repellido perdendo o inimigo 10 mortos. Da nossa parte não houve baixas.

23 de janeiro. — A gente da Dipane (Marave) atacou Sancul, matando o regedor, que era canarim.

24 de janeiro. — Chegaram no *Zaire* os reforços pedidos. Infanteria n.º 4 (uma companhia) foi aquartelada em Moçambique. Cavallaria, artilheria e as muares no Mossuril.

28 de janeiro. — Chegaram mais 16 praças e 22 muares no vapor *General.*

29 de janeiro. — O alferes Azinhaes, com 50 praças da 2.ª companhia de guerra, desalojou os maraves da Chocota, onde tinham acampado. Fugiram sem fazer resistencia.

30 de janeiro. — Foram dadas ao commandante da corveta *Duque da Terceira* as instrucções seguintes:

«S. ex.ª o commissario regio encarrega-me de remetter a v. ex.ª as inclusas instrucções respeitantes aos serviços a desempenhar pelo navio do seu mui digno commando durante o primeiro periodo das operações que o mesmo ex.^{mo} sr. vae emprehender no continente fronteiro.

«1.° Ao receber ordem d'este quartel general v. ex.ª seguirá para a bahia do Mocambo. Essa ordem não será dada antes da 2.ª semana do proximo mez de fevereiro.

«2.° Devendo na columna, do commando directo de s. ex.ª, seguir cerca de 150 praças de marinhagem, v. ex.ª tem ao seu dispor toda a força de desembarque do navio do seu commando.

«3.° As operações que v. ex.ª é destinado a emprehender têem por fim occupar a gente de Marave, por fórma a impedil-o de ír auxiliar os namarraes, contra os quaes em primeiro logar vae operar a columna do commando directo de s. ex.ª

«4.° Para este fim, v. ex.ª, logo que chegar á bahia do Mocambo, entender-se-ha com o commandante militar de Lunga, o alferes do exercito do reino José Teixeira de Barros, official da absoluta confiança de s. ex.ª o commissario regio, para saber do mesmo official, quaes os pontos especialmente na margem N. da mesma bahia, onde seja mais conveniente operar os desembarques.

«5.° O commandante militar de Lunga poderá acompanhar esses desembarques, se v. ex.ª o entender conveniente, por ser muito conhecedor, não só das localidades, como do systema de guerra dos indigenas da região.

«6.° V. ex.ª porém, desde que fundeie na bahia do Mocambo, é o commandante em chefe das operações militares, que executará quando, onde e conforme entender, sendo o já citado commandante militar apenas o seu informador ácerca de tudo o que v. ex.ª julgar conveniente interrogal-o.

«7.° O commandante militar de Lunga recebe como instrucções unicas a copia dos sete primeiros artigos d'estas, para em tudo se collocar ás ordens de v. ex.ª

«8.° V. ex.ª receberá opportunamente novas instrucções ácerca da sua demora ou do seu regresso da bahia do Mocambo.

«9.° Em todo o caso v. ex.ª irá prevenido com generos para um mez de demora.

«10.° S. ex.ª o commissario regio deseja por todas as fórmas deixar a v. ex.ª, como commandante das operações, a mais ampla liberdade de acção. Apenas como lembrança me encarrega de dizer a v. ex.ª, que em geral não convem deixar internar muito no matto as forças de desembarque, ao que poderiam ser levados os officiaes commandantes d'essas forças, geralmente muito novos, pelo muito louvavel, mas ás vezes exagerado desejo de prestar um serviço brilhante engajando um combate renhido. Ao mesmo ex.^{mo} sr. afigura-se que não convirá geralmente empenhar em desembarque forças superiores a 50 ou 60 praças, pois n'estas é muito mais facil e proficua a acção directa do seu commandante. Casos haverá porém em que convenha desembarcar forças maiores e o sr. commissario regio tem a mais completa confiança, ou antes certeza, no criterio com que v. ex.ª, como commandante, saberá escolher essas occasiões e proceder conforme for mais conveniente.

«11.° Espera o sr. commissario regio, que v. ex.ª se digne communicar a este quartel general se entende que a lancha a vapor *Conducia,* com uma guarnição destacada da corveta do seu mui digno commando, e armada com uma bôca de fogo de tiro rapido ou metralhadora da mesma corveta, póde prestar auxilio valioso, apoiando e protegendo os desembarques, por se poder chegar muito a terra em vista do seu pequeno callado de agua. V. ex.ª tambem dignar-se-ha communicar se entende, que esta lancha póde ír para a bahia do Mocambo sem grave risco de se perder, o que seria de um transtorno irreparavel na presente occasião.

«12.° O mesmo ex.^{mo} sr. me encarrega de dizer a v. ex.ª, que tem por certo que a guarnição do mui digno commando de v. ex.ª, mais uma vez mostrará qual a maneira brilhante como a armada real costuma servir no ultramar, e de assegurar a v. ex.ª que não menos grato lhe será participar a Sua Magestade quaesquer feitos de armas dos seus camaradas da armada real, como lhe tem sido as occasiões em que o tem feito referindo-se a officiaes e praças do exercito de terra. = O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

1 de fevereiro. — Dei ordem para reunir no Matibane dez dias de viveres e seis de sopa militar, bem como 60 cartuchos por praça. Menciono este facto para demonstrar que a mudança da base de operações para a Matibane era cousa prevista e planeada com antecedencia, ao contrario do que ahi se pensa.

4 de fevereiro. — Tive que mandar a Inhambane a *Liberal* buscar mais cartuchos por causa do augmento da força proveniente da chegada da companhia de marinha.

21 de fevereiro. — Foi publicada no *Boletim official* n.º 8 a portaria n.º 77, que modificou a organisação da columna de operações. É do teor seguinte:

«Tendo chegado os reforços pedidos para o reino e tendo sido enviada uma força de desembarque de marinha para tomar parte nas operações militares;

«Não permittindo as circumstancias que sáiam dos seus respectivos commandos os alferes José Xavier Teixeira de Barros e João de Mendonça Perry da Camara:

«Hei por conveniente modificar da seguinte fórma a columna de operações organisada por portaria de 12 de outubro do anno findo e da qual conservo o commando directo:

«Chefe de estado maior, o capitão do corpo de estado maior Ayres de Ornellas.

«Sub-chefe de estado maior, o primeiro tenente de artilheria Antonio Martins de Andrade Vellez.

«Ajudante de campo, o alferes de cavallaria, Ernesto Maria Vieira da Rocha, commandante do quartel general.

«Ajudante de campo interino, o primeiro tenente de artilheria, José Carlos Plantier Martins.

«Commandante dos auxiliares, o capitão mór das terras firmes, capitão Manuel de Oliveira Gomes da Costa.

«Commandante do comboio, o primeiro tenente de artilheria, Alfredo Baptista Coelho.

«Adjunto do comboio, o tenente graduado, em commissão, Salustiano de Sousa Correia.

«Chefe do serviço de saude, o cirurgião ajudante, Manuel Justino Ferraz de Azevedo.

«Chefe dos serviços administrativos, o commissario da armada, Ernesto Ribeiro da Fonseca.

«Encarregado da abertura das estradas, o engenheiro florestal, Luiz Gaivão.

Tropas

«Força da marinha, sob o commando do primeiro tenente da armada, João de Azevedo Coutinho.

«Artilheria uma bateria, com uma secção de montanha e uma secção Gruson, sob o commando do capitão Arthur Cesar Monteiro Guimarães.

«A 1.ª companhia do regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador da Allemanha, Guilherme II, sob o commando do tenente Antonio Augusto da Rocha e Sá.

«A 1.ª companhia de guerra do regimento de infanteria n.º 4, sob o commando do capitão Rodolpho Passos e Sousa.

«A 1.ª companhia de guerra da provincia, sob o commando do capitão Francisco dos Santos Callado.

Comboio

«Ambulancia — 1 carro de ambulancia e 2 carros para doentes.

«Munições — 6 carros e 8 muares de carga.

«Viveres e forragens — 11 carros.

«Bagagens — 3 carros, 1 carro de bagagem do quartel general.

«Esta columna começa a concentrar-se em Natule no proximo dia 22.

«As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

«Palacio de S. Paulo em Moçambique, 18 de fevereiro de 1897. = O governador geral, *J. Mousinho de Albuquerque*, major.»

22 de fevereiro. — Foram enviadas novas instrucções ao commandante da corveta *Duque da Terceira* nos termos seguintes:

«S. ex.ª o commissario regio encarrega-me de dizer a v. ex.ª o seguinte:

«1.º Attenta a pequena resistencia que os indigenas têem offerecido aos desembarques da força do navio do mui digno commando de v. ex.ª, e para aproveitar a direcção operada pela columna do commando do mesmo ex.^mo^ sr., foi determinado ao governador do districto de Moçambique, que seguisse para este posto para ordenar a construcção do posto na Muchelia.

«2.º Os trabalhos da construcção do posto deverão ser protegidos pelas forças do navio do mui digno commando de v. ex.ª, que coadjuvarão esses trabalhos em tudo o que lhe for possivel.

«3.º Sendo o official encarregado da construcção do posto o commandante militar da Lunga, v. ex.ª fará tomar o commando d'esse posto a um dos seus officiaes, reforçando a guarnição do mesmo posto, caso seja requisitado pelo governador do districto.

«4.º A protecção dos trabalhos da construcção, entende s. ex.ª o commissario regio que poderá ser tanto directa como indirecta, por meio de desembarques e bombardeamentos em diversos pontos da bahia. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.»

Ao governador do districto de Moçambique dei as seguintes instrucções:

«S. ex.ª o commissario regio encarrega-me de dizer a v. ex.ª o seguinte:

«1.º Que attenta a pouca resistencia que os indigenas têem offerecido no Mocambo, se dê começo, logo que seja possivel, á construcção do posto de Muchelia.

«2.º S. ex.ª pareceu-lhe, que o melhor local para esse posto era no pequeno dorso entre a povoação da Muchelia e o rio Monapo. V. ex.ª, porém, tem completa liberdade para o collocar onde julgar mais conveniente.

«3.º V. ex.ª, tendo preparado os materiaes necessarios, seguirá para a bahia do Mocambo onde dará as suas ordens ao commandante militar de Lunga para começar a construcção.

«4.º O desembarque e os trabalhos serão protegidos pela corveta *Duque da Terceira*, cujo commandante recebe instrucções a tal respeito.

«5.º Os trabalhadores terão naturalmente que ser, pelo menos a principio, as praças do destacamento da segunda companhia de guerra.

«6.º Durante os trabalhos o posto de Lunga será reforçado com uma força de marinhagem, se v. ex.ª o entender necessario, ficando o mesmo posto sob o commando de um official da guarnição da *Duque da Terceira*.

«7.º V. ex.ª regressará a Moçambique quando o entender.

«8.º Remettem-se juntas as instrucções ao commandante da *Duque da Terceira*, para v. ex.ª d'ellas tomar conhecimento, fazendo-lh'as em seguida chegar ás mãos. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.»

Ácerca da maneira como se fez a concentração em Natule, transcrevo aqui o *Diario de campanha* do estado maior, de 22, 23, 24 e 25 de fevereiro:

«22. — A força de marinha e a primeira companhia de guerra da provincia, o sub-chefe do estado maior, adjunto do comboio e o encarregado dos serviços administrativos, saíram de Moçambique ás seis horas e tres quartos da manhã. Chegaram á capitania-mór do Mossuril ás onze horas e meia da manhã, onde as forças comeram o rancho frio e descansaram.

«Ás duas horas da tarde principiou a marcha para Natule, passando a langua de Inhacone ás duas horas e meia da tarde, hora da maré baixa.

«O sub-chefe do estado maior e o pessoal dos serviços administrativos chegaram a Natule ás quatro horas da tarde e deu-se começo á manufactura do rancho da tarde, que se distribuiu a todas as unidades ás dez horas e meia da noite.

«A artilheria saíu do seu quartel em S. José do Mossuril ás duas horas e um quarto da tarde, chegou a Natule ás quatro horas da tarde. A força de marinha e a 1.ª companhia de guerra chegaram ás cinco horas da tarde.

«O material de cozinha e o seu pessoal só chegou a Natule ás cinco horas e meia da tarde, devido ao estado da estrada, tendo por isso o rancho da tarde de ser distribuido ás dez horas e meia da noite.

«Tomou o commando do acampamento de Natule o primeiro tenente da armada, commandante da força de marinha, João de Azevedo Coutinho, a quem o sub-chefe do estado maior entregou as instrucções seguintes:

«1.º O commandante do acampamento é o official mais antigo, fazendo parte da columna de operações.

«2.º Tem sob as suas ordens, alem das forças da columna, a segunda companhia de guerra, que tem o seu quartel em Natule.

«3.º O commandante do acampamento entender-se-ha com o sub-chefe do estado maior ácerca da disposição das forças no acampamento; quanto possivel, cada unidade occupará uma face. Os soldados indigenas serão collocados da parte exterior do acampamento, quando não haja logar no interior do mesmo.

«O serviço de vigilancia nocturna será constituido por meio de uma sentinella ao parapeito por unidade, que terá um piquete de prevenção. A segunda companhia de guerra dá uma sentinella á porta das armas e outra á porta da face O.

«5.º O commandante do acampamento determinará o horario conforme entender.

«6.º As cozinhas serão construidas junto á agua. A primeira companhia de guerra fornecerá uma sentinella á agua para evitar que os poços sejam sujos.

«7.º É escusado lembrar o especial cuidado em evitar alarmes nocturnos.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.»

«E fez-se a distribuição das forças pelo acampamento e estabeleceu-se o serviço de vigilancia em harmonia com as mesmas instrucções.

«*23.*—O sub-chefe do estado maior, acompanhado pelos srs. primeiro tenente João de Azevedo Coutinho, tenente Luiz Augusto de Pimentel, e tenente graduado Trindade dos Santos, saíram do acampamento ás sete horas da manhã para fazer o reconhecimento da estrada Natule-Namancava-Naguema.

«1.º Alvorada amanhã ás tres horas e meia da manhã. Café em seguida.

«2.º Com o rancho da tarde de hoje é distribuido o rancho frio de ámanhã e a ração de vinho e bolacha. É da exclusiva responsabilidade dos srs. commandantes das unidades, que o consumo d'estes generos não seja feito antecipadamente.

«3.º A composição do comboio é a seguinte:

«Secção de munições—8 carros.
«Secção de viveres—9 carros e 9 muares.
«Bagagens—2 carros.
«Quartel general—1 carro.
«Saude—3 carros.

«As praças de marinha, infanteria, e todas as apeadas transportam comsigo o capote e o encerado, não levam roupa alguma de reserva. O sr. commandante do comboio vigiará, que nos carros de bagagens, além das que estão determinadas aos officiaes, apenas entre o material de cozinha.

«4.º Os carros ficam carregados hoje, começando este serviço depois do rancho da tarde, de modo que apenas haja a carregar amanhã o material em que se confecciona o café.

«5.º Sempre que se fizer o signal de *brigada,* seguido do de *distribuição,* os srs. commandantes das unidades mandarão apresentar ao sr. chefe dos serviços

administrativos os corneteiros de serviço que farão os toques de *avançar*, ás respectivas unidades.

«6.º Que o soldado 53 da 2.ª companhia de guerra fica impedido no quartel general da columna até nova ordem. Esta praça vae armada e municiada com 60 cartuchos.

«7.º Os signaes dos auxiliares são os seguintes:

«Camisolas encarnadas, tendo a gente de guerra barrete encarnado, e a gente de machado, barrete verde e a de ambulancia barrete amarello. A gente do comboio leva apenas barrete azul e os carregadores dos auxiliares barretes carmezins.

«8.º Inspecção ámanhã o sr. capitão Passos e Sousa.

«9.º Os srs. commandantes das unidades entregarão a roupa de reserva das suas praças, convenientemente empacotada ao sr. commandante da 2.ª companhia, que providenciará para a sua armazenagem sem que se deteriore.

«Das praças convalescentes, que fiquem em Natule, poderão os srs. commandantes das unidades nomear os seus bagageiros para cuidar d'esse deposito.

«10.º O sr. commandante da 2.ª companhia de guerra, mandará apresentar no quartel general da columna o sr. tenente Trindade dos Santos, que faz parte da columna desde hoje como adjunto ao commando dos auxiliares, em substituição do tenente Baptista de Carvalho, que fica fazendo serviço na 2.ª companhia por se achar impossibilitado de marchar.

«O tenente Trindade dos Santos montará o cavallo que estava destinado ao sr. adjunto do comboio, que irá a pé com os carros.

«11.º Ao chegar ao local de estacionamento cada unidade mandará apresentar ao quartel general uma ordenança e infanteria 4 um corneteiro de ordens.

«12.º O sr. commandante da 2.ª companhia de guerra mandará apresentar ao sr. commandante de infanteria 4 o soldado n.º 127, que ficará em diligencia n'essa unidade até nova ordem. Esta praça vae armada e municiada com 60 cartuchos.

«13.º Que sejam evacuadas para o hospital de Moçambique as seguintes praças:

«Marinha — o 1.º cabo n.º 54 da 1.ª

«Artilheria — os soldados n.ºs 60 e 106.

«Infanteria 4 — os s. s. n.ºs 27, 91, 12, 96, 28, 184 e 129.

«1.ª companhia de guerra — o segundo sargento n.º 19.

«14.º O pessoal de rancho das unidades marcha com o comboio.

«Encontraram a estrada n'alguns pontos bastante difficil, onde os cavallos se enterravam até aos peitos. Recolheram ao acampamento ás dez horas da manhã e de accordo com o commandante do acampamento o sub-chefe do estado maior determinou, que no dia seguinte saísse a primeira companhia de guerra logo de manhã para a estrada, acompanhada pelo primeiro pelotão de marinha, que a devia proteger e procedesse ao concerto da estrada, de modo a poderem passar os carros. Deviam dirigir este serviço o tenente Pimentel e o tenente graduado Trindade dos Santos.

«A primeira companhia de infanteria 4 saíu de Moçambique ás sete horas da manhã e chegou á capitania mór ás dez horas e meia da manhã, onde deram o descanso e onde a companhia comeu o rancho frio. Esta força passou no Inhacone ás tres horas da tarde e chegou ao acampamento de Natule ás cinco horas da tarde. Distribuiu-se o rancho á primeira companhia de guerra mais cedo e aproveitaram-se os seus caldeiros para a manufactura do rancho de infanteria 4, de modo que quando chegou ao acampamento, esta força tinha o rancho da tarde prompto. Tomou o commando do acampamento o capitão de infanteria 4, Rodolpho de Passos e Sousa.

«*24.* — Ás seis horas da manhã saíram o primeiro pelotão da força de marinha e a primeira companhia de guerra para a estrada Natule, Namancara e Naguema, onde estiveram até ás quatro horas da tarde.

«O sub-chefe do estado maior, acompanhado pelos srs. capitão Passos e Sousa, primeiro tenente Azevedo Coutinho, capitão de artilheria Guimarães e alferes

Costa e Silva, saiu do acampamento ás oito horas da manhã e foi ver os trabalhos da estrada, recolhendo ás onze horas da manhã ao acampamento. Não sendo possivel que a primeira companhia de guerra concluisse os trabalhos n'esse dia, o sub-chefe do estado maior mandou então saír uma força da segunda companhia, commandada pelo alferes Azinhaes para ajudar os trabalhos da primeira companhia de guerra. Estas forças recolheram ao acampamento ás quatro horas da tarde, não tendo podido concluir todo o trabalho, apesar dos esforços dos officiaes que dirigiam o serviço.

«Ás quatro horas e meia da tarde chegaram ao acampamento s. ex.ª o governador geral, o chefe do estado maior, o commandante do comboio e o seu ajudante alferes Rocha.

«Publicou-se a ordem geral n.º 25, contendo o horario para o dia seguinte e prescrevendo umas instrucções do serviço de saude.

«*25.*—Chegou ao acampamento o commandante dos auxiliares, capitão mór das terras firmes, capitão Gomes da Costa, e o encarregado da abertura do mato, engenheiro florestal Luiz Gaivão.

«Acompanharam-nos 431 auxiliares, gente das terras de Ampapa, Ampoense e Cabaceira.

«Saíram para a estrada Natule, Namancava e Naguema ás oito horas da manhã para completar o arranjo da mesma, regressando ás doze horas da manhã.

«Teve logar ás oito horas da manhã a missa campal, resada pelo sr. conego Couto e em seguida houve a marcha em continencia. Ás onze horas da manhã houve revista geral das forças da columna, passada pelo chefe do serviço de saude.»

Publicaram-se as seguintes ordens:

Ordem geral n.º 26

Acampamento em Natule, 25 de fevereiro de 1897.

S. ex.ª o governador geral, commandante da columna, determina e manda publicar o seguinte:

15.º Que o sr. commandante da cavallaria mandará apresentar ao sr commandante da artilheria, 7 praças das apeadas, para fazerem serviço de conductores.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Ordem de marcha n.º 5

Acampamento em Natule, 25 de fevereiro de 1897.

1.º A columna marcha ámanhã para Naguema.

2.º Hora da partida, cinco horas da manhã.

3.º A columna segue na seguinte formação:

a) Os auxiliares, precedendo e rodeando a columna, em pequenos grupos, a 200 ou 300 metros, executam a exploração.

b) Seguem-se os gastadores, abrindo caminho onde for preciso.

c) A cavallaria dá um pelotão para constituir a extrema avançada e os flanqueadores, dispondo-se em volta da columna, a 100 metros em media. O outro pelotão fornece os flanqueadores do comboio e a sua extrema retaguarda. O sr. commandante da cavallaria segue sempre na extrema avançada. Os srs. commandantes de pelotão seguem n'um dos flancos, dirigindo o serviço no outro um sargento. Os pelotões são alternados diariamente n'esse serviço.

d) A infanteria marcha na seguinte disposição:

Na *guarda avançada* um pelotão em columna de secções, marchando de costado;

Segue-se a 50 metros o *corpo principal;* é constituido pela primeira companhia de guerra, em duas columnas parallelas com intervallo de pelotão, marchando tambem de costado, e enquadrada cada uma entre as duas secções de um pelotão de infanteria;

Segue-se a 50 metros a *guarda da retaguarda*, na mesma disposição da guarda avançada.

A marinha e infanteria n.° 4 alternam-se n'este serviço. Amanhã a marinha dá a guarda avançada e a da retaguarda, e a infanteria enquadra a companhia de guerra.

e) A artilheria marcha em columna de secções, cada secção formada por uma peça de montanha e uma Gruson; a secção da frente á altura da testa do corpo principal, e a da retaguarda á altura da cauda do mesmo.

f) Os srs. cirurgiões, mochilas de ambulancia e duas macas, marcham ao centro do corpo principal.

g) Marcha tambem ao centro do corpo principal o sr. chefe dos serviços administrativos.

4.° O comboio segue a 200 metros da guarda da retaguarda, a 2 carros de frente, sempre que seja possivel, e o mais cerrado que possa ser. A sua ordem é a seguinte:

a) Saude.

b) Munições.

c) Bagagens.

d) Viveres e forragens.

5.° Quando, por doença, qualquer praça não possa continuar a marcha, o sr. commandante da unidade a que ella pertencer previne-me immediatamente. O mesmo praticará o commandante do comboio, havendo qualquer avaria ou demora na marcha do mesmo.

6.° Os *altos* são determinados por mim na occasião. A cavallaria e os auxiliares fazem tambem *alto*.

a) Nos pequenos *altos* tudo fica no seu logar; as praças só sáem da fórma em pequeno numero, e só com licença expressa dos seus commandantes.

b) Nos grandes *altos* fórma-se o quadrado; ensarilham-se as armas, a cavallaria póde apear, conservando-se junto aos cavallos e mantendo vedetas.

7.° Marcho com o estado maior á altura da testa do corpo principal.

A bandeira e ordenanças seguem-me sempre.

8.° As disposições do combate são tomadas na occasião e á minha ordem.

Até então, o fogo do inimigo não motiva alteração alguma na marcha. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Ordem de estacionamento n.° 6

Acampamento em Natule, 25 de fevereiro de 1897.

1.° Chegando ao local de estacionamento, a columna pára e forma quadrado, a cavallaria e auxiliares conservam as suas posições.

2.° Logo que se reconheça não haver ataque imminente, as praças alargam, deixando 1 metro de intervallo entre cada homem, a face da retaguarda abre uma secção para cada lado, prolongando-se com os flancos, e o comboio entra em duas columnas, dirigindo-se para a direita e esquerda, e ficando com 8 carros atrás de cada face grande e 4 atrás de cada face pequena.

Entrado todo o comboio, a face da retaguarda fecha o quadrado. Os carros alinham-se a 3 metros das faces, voltam os jogos para o interior do quadrado e desengatam.

3.° A artilheria colloca uma peça a cada angulo do quadrado, na mesma disposição da marcha.

4.° A infanteria e as guarnições das peças bivacam no seu local de combate.

5.° A cavallaria estende a sua corda de piquete parallelamente á face da direita, por fórma que haja 3 metros de intervallo entre as caudas dos cavallos e as pontas das lanças dos carros. Os homens bivacam com 3 metros de intervallo dos cavallos para o interior do quadrado. Com a cavallaria bivacam os cavallos do commando e as montadas dos officiaes.

6.° O gado da artilheria e dos carros, os conductores da artilheria, os do

comboio e dos serviços administrativos, estabelecem o seu bivaque parallelamente á face da esquerda e na mesma disposição.

7.° O commando estabelece-se ao centro do bivaque.

8.° O serviço de saude á retaguarda do commando.

9.° As cozinhas serão estabelecidas fóra do bivaque, no local determinado pelo commando.

10.° Os serviços de segurança e vigilancia nocturna são regulados depois da entrada no bivaque. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Como v. ex.ª poderá concluir da leitura das ordens transcriptas, esforçára-me quanto possivel por me precaver contra as duas eventualidades, que reputo mais perigosas na guerra contra os indigenas do norte da provincia: o ir dar a columna n'uma emboscada similhante á de Mujenga, e falhar o comboio, postando os viveres a distancia da base de operações.

Sei, por ver nos jornaes, que em Portugal, as opiniões que por lá se reputam mais auctorisadas, condemnaram o iniciar novas operações de guerra em fins de fevereiro, isto é, ainda na estação chuvosa. Esquecem-se esses *africanistas de gabinete*, esses *estrategicos de secretaria*, que no continente de Moçambique ha pouca agua, que os rios seccam no inverno, que sendo o matto muito cerrado, pessimo de abrir, as marchas têem que ser muito pequenas e não ha estacionamento possivel sem agua.

No tempo chuvoso tinha a certeza de encontrar agua potavel com frequencia, por isso escolhi esta estação, e os resultados foram muito alem do que esperava, porque fui felicissimo a respeito de tempo.

Choveu pouco durante a campanha, tivemos agua abundante em todos os bivaques e se por vezes pantanos lodosos e linhas de agua profundas, entre ravinas, nos demoraram a marcha, nunca esses obstaculos foram de natureza a não se haverem vencido, com algum trabalho, é certo, mas sem difficuldades grandes.

O caracteristico e a maior difficuldade d'esta campanha era o desconhecimento do terreno. De Moçambique avistam-se os dois montes o *Pão* e a *Meza*, e sabia-se que para cá d'esses montes era a terra dos namarraes onde havia muito matto. De positivo nada mais.

Á *Meza* fôra o reverendo bispo de Hymeria com um ecclesiastico e dois individuos civis, os srs. Candido da Costa Soares e Henrique Carlos de Lima; s. ex.ª rev.^{ma} não estava em Moçambique, e tanto do ecclesiastico que o acompanhára como do sr. Lima não poude colher informações, que de alguma cousa me podessem servir.

Ao *Pão* tinha ido o coronel Machado, quando director das obras publicas, ha muitos annos. O unico individuo dos que o acompanhára tambem não deu informações que me podessem orientar.

Note v. ex.ª, que no que fica dito não pretendo censurar ninguem; fizeram a viagem por mera curiosidade, deitados em maxilas, meio adormecidos, como se vae sempre que se faz uso de aquelle meio de transporte, e quando olharam para o terreno em volta lembrar-se-iam porventura de tudo menos de aproveitar os dados, que poderiam colher, sob o ponto de vista militar, o que de resto não saberiam fazer, ainda que d'isso se lembrassem.

É curioso e muito caracteristico nosso um facto que então se deu.

Eu e o meu estado maior que estavamos em Moçambique havia muitos mezes que tinhamos ido á *Mujenga*, acção que a final não foi mais que um reconhecimento em força, o capitão mór Gomes da Costa, que não se poupára a esforços de toda a especie para colher esclarecimentos, este e os outros officiaes que haviam tomado parte nas razzias que se fizeram, ninguem tinha conhecimento do theatro de operações, salvo o pouco que se podia concluir das informações vagas e contradictorias dos indigenas.

Assim, é claro, de um plano de campanha só se podiam antever traços muito geraes, um esboço muito imperfeito.

Marchei em direcção ao *Pão* porque n'essa direcção sabia que encontrava as principaes povoações dos namarraes, e mandei aprovisionar o commando militar da Matibane, porque desde que mudasse para o N. a direcção geral da marcha, quer fosse pelo interior, quer sendo, como fiz, passar do Mossuril por Sau-a-Sau á Matibane, era esta a nova base de operações indicada, imposta mesmo pela força das circumstancias.

Onde collocaria postos e que caminhos seguiria não era possivel a ninguem prever com os poucos dados que eu tinha. E entretanto tenho a certeza que ninguem estava mais informado, nem mesmo tanto.

Em Lisboa, porém, fizeram-se planos de campanha, determinou-se o que eu tinha a fazer com uma segurança, uma convicção, e uma ousadia deveras de espantar.

Os postos deviam ser dois: um no *Pão* outro na *Meza,* e realmente quem assim pensava, ou pelo menos escrevia, ver-se-ia embaraçado para apontar outros locaes para postos fortificados, porque... só o *Pão* e a *Meza* se avistam do mar.

Chegou-se mesmo a escrever, que antes de principiar a campanha devia estabelecer esses dois postos; como, ninguem explicava, mas cheguei a crer que fosse dando eu ordem aos namarraes para que os construissem.

De resto a campanha prenunciara-se mal, a epocha era impropria e as forças muito inferiores numericamente ao que deveriam ser! muito ousada é a *ignorancia* quando é bem completa!

Vieram depois os commentarios ás noticias telegraphicas da campanha. A mudança para a Matibane da base de operações foi considerada como resultado de uma especie de revez resultante da minha imprevidencia e teimosia; se eu marchára na estação chuvosa, sem querer ouvir as *auctorisadas opiniões* de parte da imprensa de Lisboa!

Apontei estes factos, não para me defender das criticas dos *estrategicos* de Lisboa, com que pouco me importo, mas para, baseado n'elles, pedir a v. ex.ª que de futuro, sendo possivel, não se permitta á imprensa fazer commentarios ás operações de guerra antes d'ellas terminarem, nem espalhar boatos infundados e em geral terroristas emquanto dura uma campanha.

Alem de ser uma crueldade para as familias dos officiaes e praças engajadas nas operações, têem, embora desmentidas mais tarde, um effeito dissolvente para o moral das tropas, visto que, censurando sempre o commando e dando como provaveis toda a especie de desastre ou revez, abala-lhes a confiança nos superiores, a condição *sine qua non,* a base de toda a prestabilidade de um exercito.

E basta que para isso os nossos jornaes sigam o exemplo que lhes dão os inglezes. Estes interessam-se tanto, que mandam correspondentes especiaes acompanhar as forças engajadas, mas ainda ha pouco tempo vi que nos jornaes inglezes, cheios de noticias ácerca das guerras por elles sustentadas em Africa, não havia uma critica unica á direcção das operações, ao commando. E entretanto ha em Londres mais individuos que conhecem o alto Egypto e mesmo a Matabelleland do que os ha em Lisboa que tenham percorrido, já não digo o paiz dos namarraes, mas o Alemtejo.

O que fazem é reservar a critica para depois de concluidas e bem conhecidas as operações executadas.

A columna, tendo marchado no dia 26 ás seis horas e trinta minutos a. m., seguiu de Natule pela estrada da Muchelia até á altura de Namancava, cortando ahi para oeste um quarto de sul na direcção da Naguema. Ás dez horas a. m. encontrou-se a columna em frente de mato muito denso, difficil de passar mesmo a um individuo isolado. Era claro que levaria muito tempo a abrir uma estrada n'esse mato, motivo pelo qual bivaquei em Namancava.

Ficou a columna ahi bivacada nos dias 26, 27 e 28, emquanto os auxiliares e gastadores seguiam com o capitão Gomes da Costa e o engenheiro Gaivão, sempre escoltados por forças alternadamente de marinha e infanteria n.º 4, um pelotão da 1.ª companhia de guerra e 4 ou 5 cavalleiros. Entre o sitio onde se estava abrindo o matto e o bivaque havia um bocado de estrada orlada por um matto

quasi impenetravel, d'onde por duas vezes partiram tiros contra as ordenanças de cavallaria, que passavam, ferindo um auxiliar. Estabeleceu-se ahi um dos postos de communicação de auxiliares, depois do que não tornou a haver fogo.

Passando o matto encontrou-se uma clareira com mangal secco e depois o rio *Micati*, bastante largo e profundo, para atravessar o qual foi preciso construir um pontão com troncos de arvore, ramagem, terra e capim. Este trabalho todo feito pelos gastadores auxiliares sob a direcção do engenheiro Gaivão, demorou a columna até que no dia 28 de fevereiro ás cinco horas p. m., tendo recebido participação de que estava prompto o pontão e aberta a estrada até 1 kilometro alem do rio, dei ordem para marchar no dia seguinte.

Transcrevo a ordem geral n.° 27, as ordens de estacionamento n.os 8 e 9 e a ordem de marcha n.° 10 e a ordem geral n.° 28, que dão uma idéa precisa de todas as disposições tomadas.

Ordem geral n.° 27

Bivaque em Namancava, 26 de fevereiro de 1897.

S. ex.ª o governador geral, commandante da columna, determina e manda publicar o seguinte:

1.° Que sejam evacuadas para Natule, immediatamente, as seguintes praças:

Marinha, 10.ª–35.

Cavallaria, n.os 88, 40 e 119.

Infanteria 4, n.° 36.

Primeira companhia de guerra, cabo n.° 28.

2.° Estas praças são mandadas já apresentar ao sr. facultativo de serviço, que providenciará pelo seu transporte em macas.

3.° O sr. commandante da cavallaria fará escoltar este comboio por 1 cabo e 3 praças, que deverão fazer regressar hoje o mais breve possivel os maqueiros com as macas.

4.° O sr. commandante da cavallaria mandará apresentar ao sr. adjunto do comboio uma montada das que pertenciam a uma das praças hoje evacuadas.

5.° Inspecção ámanhã o primeiro tenente João Coutinho. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

Ordem de estacionamento n.° 8

Bivaque em Namancava, 26 de fevereiro de 1897.

1.° A columna bivaca em Namancava.

2.° O comboio fórma o *laager* em circulo a leste da estrada, e logo passada a linha de agua.

3.° A columna bivaca na seguinte disposição:

a) Na face da frente um pelotão de marinha com a esquerda na estrada Namancava-Naguema.

b) Segue na face da direita a companhia de guerra e uma secção de infanteria n.° 4.

c) Na face da retaguarda a marinha com a direita na estrada Namancava-Naguema.

d) Na face da esquerda a primeira companhia de guerra enquadrada por infanteria n.° 4; em frente d'esta face as cozinhas.

4.° A artilheria colloca duas bôcas de fogo nos angulos da face da frente e a terceira no angulo leste da face da retaguarda junto á arvore.

5.° O quartel general installa-se sob a arvore no cruzamento da estrada Namancava-Naguema, com o desvio.

6.° A ambulancia á retaguarda do mesmo.

7.° A cavallaria e o gado da artilheria parallelamente á face direita.

8.° O serviço de segurança nocturna é constituido da seguinte fórma:

a) Os auxiliares collocam pequenos postos em volta do bivaque. Os srs. officiaes das faces tomarão conhecimento exacto da posição dos mesmos.

b) Os dois montes de muchem nos dois extremos da face da esquerda serão guarnecidos cada um por uma sentinella branca e duas da companhia de guerra.

c) Estas sentinellas são destacadas da quinta parte das forças que fica em armas em cada face.

d) Este serviço é montado depois do toque de retreta, que será feito ás seis horas da tarde.

e) Em cada peça fica sempre vigilante um homem.

9.° Ao toque da retreta carregam-se as armas e as peças com lanternetas.

10.° O serviço de ronda dos srs. officiaes começa ás oito horas da tarde e é organisado da seguinte fórma:

1.° quarto — Tenentes Côrte Real e Birne; alferes Andrade, da primeira companhia de guerra e guarda marinha Guimarães.

2.° quarto — Tenentes João Francisco e Pimentel; alferes Andrade, de infanteria n.° 4 e guarda marinha Fernando Magalhães.

3.° quarto — Tenentes Sá e Sequeira; alferes Costa e Silva e guarda marinha Manuel Ferrão.

4.° quarto — Tenentes Rebello e Pinto de Almeida; alferes Reis e guarda marinha Roby.

11.° O sr. tenente Trindade dos Santos agrupa com os srs. officiaes do comboio para o serviço no *laager*, que será regulado pelo sr. tenente Coelho, que collocará todos os seus deitados em volta dos carros.

12.° A cavallaria conserva apenas uma sentinella aos cavallos e retira as vedetas ao toque de retreta.

13.° O sr. capitão mór agrupa com os officiaes do quartel general.

14.° Os srs. officiaes do quartel general fazem os mesmos quartos seguintes:

1.° Alferes Rocha, das oito ás dez horas p. m.

2.° Primeiro tenente Plantier Martins, das dez ás doze horas p. m.

3.° Primeiro tenente Andrade Vellez, das doze ás duas horas a. m.

4.° Capitão Gomes da Costa, das duas ás quatro horas a. m.

15.° Alvorada ás quatro horas sem toque; café em seguida; não se começa a preparar para a marcha sem ordem. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Ordem de estacionamento n.° 9

Bivaque em Namancava, 27 de fevereiro de 1897.

1.° Não tendo sido possivel romper hoja o matto até á Naguema, a columna volta a occupar o seu bivaque de hontem.

2.° Como ficaram com os auxiliares protegendo a abertura da estrada um pelotão de marinha e um da 1.ª companhia de guerra, as faces do bivaque são guarnecidas só pela restante força da columna, visto as unidades referidas serem dispensadas do serviço nocturno e formarem a reserva do bivaque.

3.° As disposições de segurança nocturna são as mesmas de hontem, formando porém as faces em duas fileiras com as filas intervalladas de 1 metro.

4.° O toque de retreta é feito ás cinco horas da tarde para as praças tomarem conhecimento das suas posições durante a noite.

5.° O serviço de ronda dos srs. officiaes é regulado da seguinte fórma:

1.° quarto — Primeiros tenentes Rebello e Pinto de Almeida; alferes Reis e guarda marinha Roby.

2.° quarto — Tenentes Sá e Sequeira; alferes Costa e Silva e guarda marinha Fernando Magalhães.

3.° quarto — Tenentes João Francisco e Pimentel; alferes Andrade, de infanteria n.° 4 e guarda marinha Casqueiro.

O 1.° quarto é das oito ás onze horas; o 2.°, das onze ás duas e o 3.° até ás quatro horas a. m.

6.° O serviço no comboio é o mesmo que hontem.

7.° Entrou hoje de inspecção o sr. capitão Guimarães.

8.º Os srs. officiaes do quartel general entram pela ordem seguinte:
1.º Primeiro tenente Andrade Vellez;
2.º Alferes Rocha;
3.º Primeiro tenente Plantier Martins.
9.º Alvorada ámanhã ás quatro horas sem toque, café em seguida. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Ordem de marcha n.º 10

1.º A columna avança ámanhã sem carros, com um dia de viveres, a dorso.
2.º O comboio fórma o *laager* no sitio occupado pelo bivaque da columna entre as arvores do quartel general, ambulancia e cavallaria.
3.º Seis carros seguem logo para Natule a buscar tres dias de viveres; o sr. adjunto do comboio acompanha este comboio.
4.º A marinha segue com 120 praças, deixando as restantes no *laager* sob o commando de um guarda marinha.
5.º Infanteria n.º 4 segue tambem com 120 praças, deixando as restantes no *laager*.
6.º A cavallaria segue com todas as praças montadas, deixando as restantes no *laager*, isto é, as apeadas.
7.º A artilheria segue com a secção de montanha e as munições a dorso, fica no *laager* a peça Gruson com o sr. primeiro tenente Pinto de Almeida, que toma o commando do mesmo.
8.º O sr. chefe dos serviços administrativos fica no *laager* com o pessoal da administração. De accordo com o sr. commandante do comboio regulará a distribuição d'este pessoal.
9.º O sr. commandante do comboio segue com a columna e fica igualmente encarregado do serviço administrativo da mesma.
10.º O sr. chefe do serviço de saude segue com a columna, deixando um facultativo no *laager* com o carro de ambulancia. Com a columna seguem apenas as mochilas de ambulancia e todas as macas.
11.º Com os carros, que vão ámanha buscar os viveres são evacuadas para a enfermaria de Natule as seguintes praças: artilheria n.º 4 e cavallaria n.º 131.
12.º A 1.ª companhia de guerra segue toda com a columna.
13.º As disposições de marcha serão opportunamente indicadas.
14.º Os srs. commandantes e adjunto dos auxiliares seguem com a columna. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Ordem geral n.º 28

Bivaque em Namancava, 28 de fevereiro de 1897.
S. ex.ª o governador geral, commandante da columna, determina e manda publicar o seguinte:
1.º Que vigora ámanhã a ordem de marcha n.º 10.
2.º A hora de partida e a disposição de marcha serão opportunamente indicadas.
3.º O serviço dos quartos de noite é regulado da seguinte fórma:
1.º quarto — Tenentes Sequeira e João Francisco; alferes Andrade de infanteria n.º 4 e guarda marinha Casqueiro.
2.º quarto — Tenentes Rebello e Pinto de Almeida; alferes Reis e guarda marinha Fernando Magalhães.
3.º quarto — Tenente Côrte Real; alferes Andrade da 1.ª companhia de guerra; guardas marinhas Manuel Ferrão e Guimarães.
4.º O serviço do quartel general é regulado pela seguinte ordem:
1.º Primeiro tenente Plantier Martins;
2.º Primeiro tenente Andrade Vellez;
3.º Alferes Rocha.

5.º Alvorada ás quatro horas sem toque, café em seguida.
6.º Que será rigorosamente punida toda a praça que disparar a arma.
7.º Que se recommenda a mais exacta observancia da prescripção, regulando a entrega das minutas do rancho, que não tem sido feita como deve ser. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

O bivaque de Namancava nunca foi atacado, nem mesmo incommodado pelo inimigo. Proximo do rio, quando se construia o pontão, o inimigo rompeu fogo sobre os auxiliares e postos avançados da 1.ª companhia de guerra, que foi respondido por aquelles (dia 27) sem casualidade alguma dos nossos.

No dia 1 ás oito horas da manhã saíu a columna de Namancava. A 1 kilometro ou pouco mais da linha de agua transposta novamente se encontrou matto cerradissimo de acacias espinhosas, o que tornava a marcha tão perigosa quanto demorada. Chegados ao ponto onde os gastadores abriam matto não se encontrou a principio saída, que não fosse dar a um lodaçal intransitavel, mesmo para infanteria. Aproveitei então uma pequena clareira mais aberta, onde a columna fez alto, e segui com o estado maior e o capitão mór, dando uma volta pelo matto, até que desembarcámos na povoação de Naguema, que estava abandonada, tendo sido queimada a palhota da rainha que era muito grande, toda maticada, com um corredor ao centro e tres divisões de cada lado. Quando chegámos as paredes ainda estavam quentes. Escolhi o local para o bivaque e mandei avançar a columna, que chegou ás onze horas a. m. Para garantir as faces dos tiros mais proximos que o inimigo poderia fazer occulto no matto em frente de cada face, estabeleci seis esquadras de landins, aproveitando para os abrigar os morros de muchem. A 100 metros alem d'estes estava um cordão de vedetas de cavallaria e auxiliares (vide *croquis* n.º 1).

Ás tres horas p. m. voltou para Namancava o primeiro tenente Coelho com quatro ordenanças de cavallaria para fazer reunir á columna o posto de Namancava e o comboio com seis dias de viveres.

Ás cinco horas p. m. o inimigo fez alguns tiros na direcção do angulo de oeste um quarto noroeste sem resultado algum.

De noite não houve novidade. Toda a noite, porém, se ouviu na direcção do Ibrahimo tocar *parapatas* (corno) grandes e pequenas e batuque de guerra.

No dia 2 á sete horas a. m. fui com o capitão Gomes da Costa, o engenheiro florestal Gaivão, os meus dois ajudantes e uma escolta de 12 cavallos reconhecer o terreno até uns 5 ou 6 kilometros na direcção do Ibrahimo. Tornou-se notavel n'esta occasião a maneira arrojada, conscienciosa e intelligente porque as praças de cavallaria faziam o flaqueamento e serviço de flecha, mettendo os cavallos pelo matto mais espesso, e, sem que se lhes fizesse a minima recommendação, estabeleciam em volta de mim um verdadeiro cordão protector contra quaesquer tiros, que fizesse alguma gente inimiga, embuscada no matto. Este facto só por si abona muito em favor do desvello com que o tenente Sá cuidára da instrucção das praças..

Ás onze horas a. m. começou-se a construcção de um pontão sobre o Micati. N'esse dia já houve a abater ao effectivo de cavallaria, 3 cavallos atacados de doença suspeita, que supponho ser laparões, trazida por um dos cavallos que viera da India.

Não houve novidade durante o dia. Toda a noite se ouviu a parapata e batuque.

Como na madrugada parecesse que elle se approximava em grande numero, mandei fazer dois tiros de granada ordinaria, que reduziram tudo ao mais profundo silencio. A cavallaria saíu logo n'um reconhecimento em volta do quadrado, a uma distancia de cerca de 2 kilometros, não encontrando ninguem.

A 1.ª companhia de guerra, alem dos postos avançados, forneceu uma escolta para os auxiliares abrirem o caminho para o Hualumo. Construiram-se, alem do pontão sobre o Micati, mais duas passagens em duas linhas de agua que havia a passar.

Ás dez horas e trinta minutos a. m. rompeu fogo vivo contra os postos de auxiliares, no flanco esquerdo da face da frente. Mandei saír o capitão Rodolpho de Passos e Sousa com o 1.º pelotão de marinha (primeiro tenente Alberto Costa e guardas marinhas Roby, Magalhães e Casqueiro) e o 1.º pelotão de infanteria n.º 4 (tenente João Francisco e alferes Andrade). A 300 metros da face os dois pelotões romperam o fogo, fazendo retirar o inimigo, que lhes respondia sempre com tiroteio muito irregular, até se metter no matto mais denso. Depois de uma hora de fogo, e calado o do inimigo, a força voltou para o bivaque.

Ás duas horas e trinta minutos p. m. as vedetas de cavallaria deram noticia de nova approximação do inimigo. Mandei saír o primeiro tenente da armada João Coutinho com o 2.º pelotão de marinha (segundo tenente Birne e guardas marinhas Ferrão e Guimarães) e o 2.º pelotão de infanteria n.º 4 (alferes Costa e Silva). Em menos de uma hora de fogo o inimigo cedeu o campo.

Em ambos os combates, supponho que o fogo, por descargas muito razantes, devia ter produzido muitas baixas no inimigo.

Se assim não tivesse sido, elle teria prolongado muito o combate, mas o matto muito espesso não deixava ver a maior parte dos que caíam.

Da nossa parte houve 1 morto, o primeiro grumete Vicente da Silva Godinho, n.º $\frac{150}{1941}$ da 2.ª companhia de marinha, e ferido o primeiro grumete Alberto Luiz, n.º $\frac{108}{4498}$ da mesma companhia, ambos no primeiro combate, e no segundo foi levemente tocado um soldado de infanteria n.º 4.

O consumo de munições foi, no primeiro combate: marinha, 1:000 cartuchos, infanteria n.º 4, 888; no segundo combate: marinha, 600 cartuchos, infanteria n.º 4, 275.

Á tarde, como se ouvisse parapata, mandei fazer tiros de granada nas direcções em que se ouvia, e a 1:600 metros n'uma direcção, a 2:800 metros na outra. Foram as duas bôcas de fogo dos angulos da face esquerda com a da retaguarda, e a da face da frente com a da direita (primeiros tenentes Sequeira e Rebello), que fizeram fogo, 2 tiros uma e 3 a outra.

Calaram-se logo as parapatas.

Ás cinco horas p. m. enterrou-se a praça fallecida, assistindo eu e todos os officiaes que não estavam de serviço, e pegando em armas a força toda.

Na ordem geral n.º 30 mandei inserir o seguinte:

«6.º Que o mesmo ex.mo sr. commandante (da columna) tem o maior prazer em manifestar a sua satisfação pela maneira por que procedeu a força hoje engajada em combate contra o inimigo; aos srs. commandantes das unidades que a forneceram e aos srs. officiaes e praças que entraram em fogo. Esta acção, e a maneira como n'ella procederam as forças engajadas, vae ser immediatamente participada a Sua Magestade El-Rei.»

A ordem de marcha n.º 11 foi a seguinte:

Ordem de marcha n.º 11

Bivaque em Naguema, 3 de março de 1897.

1.º A columna avança ámanhã para o Ibrahimo.

2.º Os auxiliares, sob o commando do tenente Trindade dos Santos, com o engenheiro Gaivão, e protegidos pela 1.ª companhia de guerra, saírão ás sete horas da manhã para proseguir na abertura da estrada.

3.º A columna segue uma hora depois; infanteria n.º 4 na guarda avançada e da retaguarda, e a marinha no corpo principal. Artilheria com duas peças á altura da testa do corpo principal e a outra á altura da cauda.

4.º A cavallaria executa o serviço de exploração, como se acha preceituado, em volta da columna e do comboio, que segue a 200 metros, na retaguarda da columna.

5.º O sr. capitão Gomes da Costa, com os sipaes e parte dos auxiliares, executará a exploração a distancia e na frente da columna.

6.º Sigo com o estado maior na testa do corpo principal.
7.º O serviço de saude marcha ao meio do corpo principal. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

Ás nove horas p. m. fogo vivo nos postos avançados sem consequencias.
No dia seguinte ás oito horas e quinze minutos marchou a columna.
Transcrevo aqui o que diz ácerca d'essa marcha e do estacionamento, no dia 5, o *Diario de campanha do estado maior*.
«4 — Ás sete horas da manhã saíram do bivaque os auxiliares e trabalhadores, protegidos pela 1.ª companhia de guerra, que deixou em volta do quadrado os postos avançados. Ás oito horas e quinze minutos levantou-se o bivaque da Naguema, formando-se a columna com a infanteria n.º 4 na guarda avançada e da retaguarda e a marinha no corpo principal. A cavallaria precedia e flanqueava a columna e os landins dos postos avançados formavam a extrema retaguarda do comboio. A columna avançou na direcção geral NO–N. e nordeste durante cerca de 6 kilometros; a passagem do pontão do Micati fez-se sem difficuldade, mas a da segunda linha de agua, a cerca de 1:500 metros do Mutumundo, atrazou o comboio de uma hora e cinco minutos.
«Como ao chegar a Mutumundo, ás nove horas e quarenta e cinco minutos da manhã, se achassem ainda apenas a 700 ou 800 metros para a frente, direcção N., os auxiliares e trabalhadores abrindo caminho, o commandante da columna decidiu estabelecer o bivaque na planicie de Mutumundo, *face da frente* ao N., 2.º pelotão de infanteria n.º 4; *face da direita*, 2.º pelotão de marinha; *face da esquerda*, 1.º pelotão de marinha, tendo uma secção em reserva e as duas esquadras da outra flanqueando o comboio, que em *laager* triangular formou redente em frente d'esta face.
«As duas peças de montanha flanquearam a face da frente e a Gruson, no angulo da face da direita com a retaguarda, protegia as cozinhas.
«A 1.ª companhia de guerra estabeleceu as quatro secções dos seus dois pelotões em quatro pequenos postos, cada um sensivelmente ao meio de cada face, dando um cordão continuo de vedetas em volta do quadrado. Ás tres horas da tarde o inimigo fez dois tiros contra a gente que ia á agua, a cerca de 800 metros, na direcção leste do quadrado. Não houve occorrencia alguma.
«Ás seis horas e cinco minutos o inimigo fez tiroteio contra os postos avançados, na direcção do angulo da face da frente com a face da direita, sendo ferido um auxiliar com um zagalote.
Á tarde a peça de 7^c do angulo da face da frente com a face da direita fez um tiro na direcção de umas palhotas, que se viam de uma arvore a 1:500 metros. A cavallaria abandonou outro cavallo em Naguema.
Alem do serviço durante a marcha, estão sempre de dia estabelecidas vedetas em volta do quadrado e são sempre fornecidas ordenanças ás forças, que vão proteger os auxiliares nos seus trabalhos.
Foi dada ás duas horas e trinta minutos a seguinte ordem:

Ordem de estacionamento n.º 12

Bivaque no Mutumundo, 4 de março de 1897.
1.º A columna bivaca na seguinte disposição:
a) *Face da frente* ao N. infanteria n.º 4 com uma peça de montanha em cada angulo.
b) *Face da direita*, marinha e na frente as cozinhas.
c) *Face da retaguarda*, infanteria n.º 4; na arvore proximo ao angulo com a direita a ambulancia; no angulo a peça Gruson.
d) *Face da esquerda*, uma secção de marinha flanqueando cada face do comboio em *laager* triangular ao meio da face; a outra secção de marinha reserva geral á retaguarda do comboio.

e) A corda de piquete da artilheria parallelamente á face esquerda e a da cavallaria á da direita.

f) O quartel general sob a arvore proximo do centro do bivaque.

2.º O serviço de dia fica regulado como se acha prescripto.

3.º A 1.ª companhia de guerra estabelece postos avançados em volta do bivaque, fechando á volta do mesmo. Ao centro de cada face o posto principal com 1 official e o sargento ajudante. De noite estes postos não recolhem e cada official fica no seu posto. O sr. commandante d'esta companhia vigia o serviço da mesma.

4.º O serviço dos quartos é regulado esta noite da seguinte fórma:

1.º quarto — Tenentes Birne e Trindade dos Santos, alferes Reis e guarda marinha Roby, das seis ás oito e meia horas da tarde.

2.º quarto — Primeiros tenentes Rebello e Pinto de Almeida e tenente Saturliano e guarda marinha Casqueiro, das oito e meia ás onze horas da noite.

3.º quarto — Tenente Sá, alferes Costa e Silva, guardas marinhas Magalhães e Ferrão, das onze á uma e meia hora da manhã.

4.º quarto — Tenente João Francisco e primeiro tenente Sequeira, alferes Andrade, de infanteria 4 e guarda marinha Guimarães, da uma e meia ás quatro horas da manhã.

5.º O serviço no quartel general segue a seguinte ordem:

1.º quarto — Primeiro tenente Andrade Vellez.

2.º quarto — Primeiro tenente Plantier.

3.º quarto — Capitão Gomes da Costa.

4.º quarto — Alferes Rocha.

5.º quarto — Primeiro tenente Coelho.

6.º quarto — A 1.ª companhia de guerra conserva durante a noite as suas posições; em caso de ataque conservam-nas ainda, sendo reforçadas pelas faces que em caso algum fazem fogo nas suas posições.

7.º — Retreta ás cinco horas da tarde. Alvorada ás quatro horas da manhã, sem toque, café em seguida.

8.º Em caso de ataque as faces occupam as suas posições de combate, sem disparar um tiro.

9.º Inspecção hoje o primeiro tenente João Coutinho, ámanhã o capitão Guimarães. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque,* governador geral.

Durante a marcha o comboio foi incommodado por alguns tiros, sendo a sua escolta reforçada pela 2.ª secção do 2.º pelotão da 1.ª companhia de guerra (primeiro sargento ajudante Campos).

5.º De madrugada o inimigo fez alguns tiros contra os postos avançados da face da retaguarda, sendo ferido ligeiramente n'uma coxa o soldado n.º 136, Jamine, da 1.ª companhia de guerra.

Ás sete horas da manhã saíu o chefe do estado maior com o capitão mór para reconhecer a estrada para o Ibrahimo, escoltados por 1 sargento e 9 homens de cavallaria. A 1:800 metros do bivaque, na direcção nordeste, encontra-se uma linha de agua dando má passagem aos carros em cerca de 56 a 60 metros. O capim é muito alto entre clareira de arvoredo, e o matto cerrado começa a cerca de 3 kilometros, n'um pequeno dorso separando duas linhas de agua, a segunda das quaes é muito pronunciada.

Ás sete e meia horas da manhã seguiu a companhia de infanteria n.º 4, para proteger os auxiliares na abertura da estrada.

Ás onze e tres quartos da manhã recebia o chefe do estado maior communicação do commandante da companhia de que não encontrára terreno proprio para o bivaque da columna, perguntando se devia continuar a fazer abrir o caminho ou se devia regressar. O commandante da columna e o estado maior escoltados por toda a cavallaria seguiram pelo caminho aberto, encontrando a cerca de 3 kilometros a companhia de infanteria n.º 4 e os gastadores já de regresso.

O commandante da columna mandou regressar os auxiliares a abrir caminho quanto possivel até á povoação e voltando immediatamente ao bivaque fez sair ás duas e meia horas da tarde o 2.º pelotão da companhia de marinha. Este pelotão era commandado pelo primeiro tenente João Coutinho e segundo tenente Birne e guardas marinhas Ferrão e Guimarães.

Esta força desembocára ás quatro horas e quinze minutos nas primeiras machambas do Ibrahimo, empenhando o inimigo um tiroteio a que o pelotão respondeu com fogo por descargas, retirando ás quatro horas e cincoenta minutos para o bivaque, conforme tivera ordem, chegando aqui uma hora depois, tendo sido ferido 1 auxiliar.

Ás onze horas da manhã houve alguns tiros sobre as cozinhas, saindo uma secção de marinha do tenente Birne e guarda marinha Manuel Ferrão, que regressava pouco depois sem ter encontrado inimigo algum.

Morreu 1 muar e foi abandonado 1 cavallo.

A ordem geral regulava apenas o serviço.

Como v. ex.ª vê, ia descrevendo na marcha para o Ibrahimo quasi um arco de circulo cujo centro era Natule. Este facto resultante da situação das duas principaes povoações Naguema e Ibrahimo, trazia-nos uma vantagem grande para as communicações, e vinha ella a ser, o poder aproveitar os raios d'esse arco de circulo como linhas de operações.

As primeiras communicações para a Naguema faziam-se pelo caminho Natule-Namancava-Naguema.

Nos dias 5 e 6, passando no Mutumundo o chamado *caminho grande do sertão* para Natule, aproveitou-se esse para as communicações. Adiante verá v. ex.ª que logo no Ibrahimo, mudei a linha de operações aproveitando parte da estrada aberta em outubro de Natule á Mugenga e ligando-a com o Ibrahimo, mudando assim por tres vezes a linha de operações, o que foi de vantagem tão evidente que não perderei tempo em demonstral-a.

No dia 6 marchou a columna do Mutumundo até ao Ibrahimo. Ácerca da marcha e combate d'esse dia transcrevo o diario de campanha do estado maior.

«6 — Ás sete horas da manhã saíram os auxiliares e trabalhadores para a estrada, acompanhando estas forças o primeiro tenente Baptista Coelho, que ia verificar se os pontões davam passagem aos carros. Regressado este, saiu ás oito horas da manhã o 1.º pelotão de marinha para proteger a abertura da estrada e quarenta minutos depois a columna; 2.º pelotão de marinha na *guarda avançada,* infanteria 4 no *corpo principal,* 2.º pelotão da 1.ª companhia de guerra na *guarda da retaguarda,* logo atrás o comboio a um carro de frente, e fechando a extrema retaguarda o 1.º pelotão da 1.ª companhia de guerra. A marcha effectuou-se durante 5 a 6 kilometros, direcção geral NO-N., desembocando ás nove horas e tres quartos da manhã nas primeiras machambas do Ibrahimo, n'uma vasta encosta na margem direita de uma linha de agua importante.

Desde as nove e meia horas da manhã que o pelotão de marinha que protegia os trabalhadores, empenhára o fogo contra o inimigo emboscado no mato que corta a linha de agua e quando a columna desembocou, formou rapidamente o quadrado, desenfiado do 1.º pelotão de marinha, que estendido em atiradores guarnecia a orla sul da machamba. O comboio cerrou immediatamente sobre a columna a 6 carros de frente, protegido no flanco direito por uma secção do seu pelotão escolta, formando redente, guarnecendo a segunda o matto na orla oeste da machamba.

Para alem d'este matto e na direcção da face esquerda do quadrado entrára o pelotão de landins, guarda da retaguarda da columna, que avançava até á linha de agua.

Os auxiliares animados com a presença da columna internaram-se então pelo mato, atravessando a linha de agua e subindo rapidamente a vertente esquerda do vau, seguidos pelo chefe do estado maior e capitão mór, que ao desembocar na povoação no alto da encosta eram saudados por um vivo tiroteio. Regressando o chefe do estado maior com estas informações ao quadrado o commandante da

columna fez avançar o pelotão de marinha de protecção e o 2.º pelotão de landins; apesar da densidade do mato, nas duas primeiras centenas de metros a percorrer, a marinha chegára á orla da povoação dez minutos antes dos landins e ás primeiras descargas o inimigo cedia o campo avançando então toda a nossa linha, marinha na direita e landins na esquerda, até á orla N. da primeira espessura de matto que divide os dois grandes grupos da povoação do Ibrahimo.

N'essa occasião chegava o commandante da columna com o estado maior, e reconhecendo o local para o bivaque, a columna estabelecia-o ás onze horas e quarenta minutos, 2.º pelotão de marinha *face da retaguarda* (crista militar da encosta) flanqueada á esquerda pela peça Gruson, *face da frente* 1.º pelotão de marinha flanqueada pelas 2 peças de montanha, *faces lateraes* infanteria n.º 4.

Quando o commandante da columna fez avançar o pelotão de marinha de protecção deu ordem para a construcção immediata de um pontão sobre a linha de agua, que no ponto de passagem do caminho era juncção de duas outras linhas inferiores apresentando 2^{m},5 a 3 metros de largo por 0^{m},50 a 1 metro de profundidade. Ás doze horas e trinta minutos reunia o comboio e a artilheria formando este em *laager* triangular em frente do flanco esquerdo da face da retaguarda, estabelecendo-se as cozinhas em frente do seu lado direito. O consumo de munições da marinha foi de 360 cartuchos.

Por varias vezes durante o dia o inimigo incommodou com tiros as vedetas e os postos avançados que a 1.ª companhia de guerra estabelecêra em volta e a 100 ou 150 metros do quadrado. Na entrada da povoação fôra ferido n'uma perna o soldado n.º 369 da 1.ª companhia de guerra Inbane, e pelas duas horas da tarde foi ferido, com duas balas, um cavallo que montava o primeiro cabo n.º 60, de cavallaria, que não saía do seu posto senão quando o cavallo caiu, falto de forças.

Pelas quatro horas da tarde o inimigo rompeu fogo vivo contra uns auxiliares, que se tinham internado na direcção da face da frente mais algumas centenas de metros. O commandante da columna mandou saír o 1.º pelotão de infanteria n.º 4 (tenente João Francisco e alferes Andrade), seguindo elle mesmo com o estado maior escoltado pelo pelotão do alferes Reis, encontrando a força na occasião em que se incendiava um grupo de palhotas (10 ou 12) maticadas e muito vastas, não tendo a maior, nada menos de 40 metros de comprido.

O inimigo tentava impedir a entrada n'este local fazendo fogo vivo detraz das palhotas e dentro d'ellas, sendo porém repellidos pelas descargas da infanteria, que recolhia ao quadrado pela volta das cinco horas da tarde, trazendo levemente 3 homens feridos, os soldados n.ºs $^{88}/_{1839}$ Manuel de Albuquerque, $^{59}/_{1965}$ Antonio do Carmo e $^{173}/_{1905}$ Manuel Amandio.

Durante o dia foram tambem feridos dois auxiliares. O consumo de munições foi 995 cartuchos.

Ao toque de retreta chegava ao acampamento o sub-chefe do estado maior, que com o commandante do comboio, e o engenheiro Gaivão, escoltados por 5 homens de cavallaria, tinham saído do acampamento ás duas horas e quarenta e cinco minutos da tarde para reconhecer o caminho para Natule, verificando se ámanhã os carros lá podem ir buscar seis dias de viveres. Saíndo do bivaque tomaram a direcção E-S-E. voltando depois a L. até Natule onde chegaram depois de uma hora e meia de marcha a passo.

O sub-chefe do estado maior pôde reconhecer como fôra propositadamente desviada em 19 de outubro da sua verdadeira direcção a columna que saíndo de Natule, foi n'esse dia atacada na Mujenga. O caminho de Natule ao Ibrahimo é sempre facil (canniço e capim) encontrando apenas duas linhas de agua que facilmente se transpõem, uma a dez minutos de caminho do Ibrahimo, outra a meio do caminho do Ibrahimo a Natule.

Pôde tambem reconhecer que em grande parte fôra já aberta a estrada entre estes dois pontos.

Durante a noite não occorreu novidade alguma no bivaque.

Peço a attenção de v. ex.ª para os seguintes pontos:

Pela descripção da tomada da povoação se vê que formada como era por grupos de palhotas distanciados uns dos outros cada um d'esses grupos, e ante a orla do mato junto ao rio, foi defendida com quanta tenacidade se póde esperar de pretos e, segundo o costume d'aquella gente, com descargas quasi á queima roupa e muito espaçadas. O effeito relativamente pequeno d'este fogo provém da má qualidade das armas, de as carregarem com muita polvora, sendo esta tambem muito ordinaria e de fazerem fogo deitados com as coronhas apoiadas no chão.

A não ser estes factos, carregadas como as armas estavam com 5 ou 6 projecteis cada uma e rompendo o fogo a 20, 15 e ás vezes 10 metros de distancia, teria este sido muito mortifero para as nossas forças.

A firmeza e serenidade com que as forças avançaram para os agrupamentos de palhotas ou orla do mato de onde sabiam que havia de romper fogo, faz honra aos officiaes, que os commandavam e aos corpos a que pertencem. Devido a isso levou a povoação tão pouco tempo a tomar. A 1.ª companhia de guerra não se deixou supplantar em firmeza e serenidade pelas forças européas, mostrando assim por uma fórma evidente a grande differença que ha entre uma força de pretos regularmente recrutada, instruida e enquadrada em europeus, das agglomerações de pretos a que aqui se dava o nome de batalhões e companhias.

O serviço das vedetas de cavallaria tambem foi notavel pela firmeza e presença de espirito e consciencia do que tinham a fazer, que as praças revelaram.

No dia 7 travaram-se os dois ultimos combates que houve n'esta campanha, ambos na povoação do Mucutu-Muno, chamada a aringa grande dos namarraes. Acerca das operações executadas n'esse dia e nos seguintes, até 11, transcrevo o *Diario de campanha* do estado maior:

«7. — Desde as oito horas da manhã que o acampamento foi incommodado com tiroteio do inimigo dirigido sobre os postos avançados da face esquerda, indo n'uma das occasiões um zagalote contundir o segundo cabo da bateria de montanha n.º $^{95}/_{763}$, Antonio Manuel, que se achava junto á peça na direita da face da frente.

«A peça da esquerda da mesma face (primeiro tenente Sequeira) fez tres tiros com granada ordinaria na direcção do fogo e a cavallaria saiu na mesma direcção, queimando duas povoações e carregando n'um grupo de namarraes, que se achavam n'uma machamba de mandioca, apprehendendo uma arma de fogo de pederneira, carregada, e, não podendo alcançar os indigenas, por um dos soldados ter gritado quando os avistou, afugentando-os.

«O alferes Rocha acompanhou a cavallaria. Como a direcção de onde provinham os ataques inimigos era a que os guias diziam ser a da povoação do Mucutu-Muno, ultimo reducto dos namarraes, o commandante da columna mandou sair o 2.º pelotão de marinha sob o commando do primeiro tenente João Coutinho (segundo tenente Birne e guardas marinhas Manuel Ferrão e Guimarães). Acompanharam tambem os auxiliares o capitão mór e o tenente Trindade dos Santos.

«Como o guia só conhecia o caminho para o Mucutu, indo tomar o caminho directo de Natule para Ibrahimo, a força teve que dar um desvio de 3 a 4 kilometros e por isso, tendo saído ás dez horas e meia da manhã, só perto das doze horas e meia da manhã desembocava a força n'uma vasta machamba quadrangular, cultivada de milho e mandioca, subindo em rampa na direcção N. Já com grande difficuldade avançavam os auxiliares, dizendo que íam morrer todos por se ouvir muito perto o *bambaré* dos namarraes.

«A machamba estende-se até ao lado direito de um triangulo isosceles com 40 a 50 metros de altura, o qual todo orlado nos outros lados de matto, muito denso no lado N. (base), constitue a povoação do Mucutu, conhecida na região pela aringa do Mucutu, visto a densidade do matto que a rodeia.

«Ao atravessar em linha a machamba do milho, a força de marinha foi recebida a fogo vivo, partindo da base do triangulo, sobre tudo junto da cabana maticada do chefe, arrumada á orla do matto.

«Atravessando a clareira com um vigoroso impulso, a marinha veiu estender

junto a um grupo de arvores na frente e parallelo ao lado direito do triangulo, onde sustentou fogo vivo até o inimigo se calar completamente.

«Tendo esperado por meia hora alguma nova manifestação hostil dos namarraes, que não appareceu, o commandante da marinha retirou, trazendo de um effectivo de 52 homens 7 feridos, que foram: segundo sargento Antonio Rodrigues, n.º $^{3}/_{973}$ da 4.ª e os grumetes Manuel de Sousa, n.º $^{154}/_{6145}$ da 2.ª, Ignacio Martins, n.º $^{99}/_{2500}$ da 9.ª, José Augusto Pereira, n.º $^{180}/_{6162}$ da 9.ª, Eduardo Martins Pereira, n.º $^{35}/_{4534}$ da 11.ª, e Ramiro Barbosa, n.º $^{187}/_{5908}$ da 9.ª

«Foram estaladas por balas as coronhas das armas do cabo n.º 55 da 5.ª e do grumete n.º 187 da 9.ª, tendo o chapéu furado o grumete n.º 241 da 1.ª A força voltava ao quadrado ás duas horas e meia da tarde, tendo o fogo durado setenta minutos e consumido 1:000 cartuchos.

«Á hora em que a força voltava fez a bateria seis tiros, sendo cinco de granada ordinaria e um de granada com balas, na direcção da povoação, sendo a distancia calculada por informações de 1:800 a 2:000 metros.

«Querendo o commandante da columna repellir definitiva e completamente da povoação do Mucutu, mandou saír ás tres horas e meia da tarde sob o commando do capitão Guimarães, de artilheria, o 2.º pelotão de infanteria n.º 4 (alferes Costa e Silva) e uma peça de montanha (primeiro tenente Rebello). Chegada esta força á clareira, onde se achavam as palhotas incendiadas pela marinha, a columna foi logo recebida por uma descarga, que poz logo fóra do combate um soldado de infanteria n.º 4, Pedro Pinheiro, n.º $^{164}/_{1896}$. Mettendo em bateria a peça fez 2 tiros de lanterneta para o macisso N., onde se achava o inimigo, rompendo ao mesmo tempo o fogo da infanteria em atiradores á direita e esquerda da peça; calando completamente o inimigo durante bastante tempo sem responder ao nosso fogo. O commandante da força, deixando uma esquadra para proteger a peça, fez avançar a linha de atiradores que a 6 metros do matto, foi recebida por uma descarga, ferindo na coxa esquerda o alferes Costa e Silva, que continuou commandando o fogo com a coragem e serenidade de que já dera provas na campanha de 1895; foi tambem ferido n'esta occasião o soldado José Marques, n.º $^{58}/_{1825}$ de infanteria n.º 4.

«O nosso fogo continuou, fazendo-se ainda seis descargas, já de dentro do mato, retirando o inimigo sem incommodar a columna, no seu regresso, para o bivaque onde chegava ás cinco horas e meia da tarde. Consumo de munições foi de 902 cartuchos.

«De manhã saíu ás oito horas do bivaque com quatorze carros, para ír buscar seis dias de viveres e conduzindo 3 praças e 2 cavallos, o commandante do comboio (primeiro tenente Coelho) para Natule.

«Acompanhou tambem o comboio o engenheiro Gaivão com alguns auxiliares para facilitar a passagem dos carros. Escoltou o comboio uma força de vinte landins da 1.ª companhia de guerra sob o commando de um sargento. De noite não houve novidade alguma.

«*8.*—Ás sete horas da manhã saíu o 1.º pelotão de marinha para proteger os auxiliares na abertura do mato do Mucutu na direcção do Pão, que nenhum dos guias declara saber onde é, nem se avista das arvores mais altas que rodeiam o campo e onde têem subido não só praças de marinhagem, mas alguns guardas marinhas.

«Acompanhou tambem esta força o 1.º pelotão da 1.ª companhia de guerra (tenente Côrte Real) que foi substituido no seu sector de postos avançados por uma secção de infanteria n.º 4.

«A saida d'esta força fôra protegida pelas 3 peças da bateria, as quaes mettidas em combate na frente da face esquerda do bivaque fizeram 15 tiros de granada ordinaria na direcção do Mucutu. Esta força regressava ás duas horas da tarde tendo encontrado um mato de tal densidade e de tão difficil abertura que o commandante da força (primeiro tenente João Coutinho) entendeu não dever continuar no trabalho na direcção que não podia calcular fosse a exacta.

«O commandante da columna ordenou então ao chefe do estado maior que procurasse verificar se havia alguma direcção para o interior, alem do trilho que os gastadores tinham começado a alargar.

«Este official, acompanhado por uma ordenança de cavallaria, saíu do campo ás duas e meia horas da tarde, seguiu na direcção do trilho aberto, avançando ainda alem d'elle bastante tempo, apesar da difficuldade de entrar por elle a cavallo.

«O terreno descia na direcção NO.-N., e o mato era formado por arvores altas e direitas e de pequeno diametro, muito cerradas e entrelaçadas por liame muitas vezes da grossura de um braço.

«Voltando para trás até á povoação de Mucutu, reconheceu que só d'ahi partiam alguns caminhos transversaes, os quaes tanto para sul como para norte do caminho aberto, e n'uma area de 2 a 3 kilometros para cada um d'estes lados, ou íam acabar n'um ou n'outro pequeno grupo de palhotas, ou eram caminho de machamba.

«Adquirindo a convicção de que a unica direcção para o interior era aquella que se começára a abrir, voltára ao acampamento ás quatro horas da tarde, dando conta da sua missão ao commandante da columna, e communicando-lhe que todo o terreno se achava completamente abandonado.

«O commandante da columna resolveu então estabelecer o posto no Ibrahimo e fazer passar a columna para a Matibane em San-a-San.

«O governador do districto de Moçambique communicava em nota recebida hontem, que a canhoneira *Liberal* podia entrar no Ui-Uia até Nandoa, 2 milhas da foz, e que este rio era navegavel para pequenas embarcações, 5 milhas pelo menos a montante d'este ponto, recebe ordem para mandar proceder á abertura de uma estrada, desde Nandoa, ou de um ponto que lhe fique fronteiro na margem esquerda do rio, até entroncar com a que de Chavalla vae ao Muio.

«Recebe igualmente ordem para fazer passar para a Conducia a lancha a vapor *Chaimite*, o batelão grande de ferro e a lancha á véla da capitania.

«Ás tres e meia horas da tarde regressava a cavallaria que saíra ás sete e tres quartos horas da manhã, escoltando um carro que conduzia o alferes Costa e Silva e os outros feridos, indo mais algumas praças doentes.

«Esta força, que levava ordem de ir reconhecer o sitio onde se travára a acção de Mujenga, não encontrára proximo povoação nem indicio algum d'ella, e apenas um cemiterio onde parecia ter sido enterrada muita gente, entre a qual um que parecia ter sido chefe, por ter coval separado e parte da haste e ponta de uma lança cravada ao pé.

«Ás dez e tres quartos horas da manhã regressava o primeiro tenente Coelho com os 14 carros que levára na vespera, trazendo seis dias de viveres completos. Acompanhava-o o engenheiro Gaivão.

«Durante a noite não houve occorrencia alguma no bivaque.

«A ordem geral de hoje publicava os seguintes telegrammas:

«1.º Telegramma de Sua Magestade El-Rei. — Lisboa, 5 de março de 1897, ás onze horas e cincoenta e cinco minutos da manhã. — Mousinho de Albuquerque, Moçambique. — Agradeço telegramma, em meu nome louva officiaes e praças sob teu commando, que continuam honrando Patria. = EL-REI.

2.º Telegramma do ministro. — Lisboa, 5 de março de 1897, ás seis horas e trinta e cinco minutos da tarde. — Commissario regio. — Governo felicita v. ex.ª e tropas seu commando, e aguarda impaciente noticias progresso e exito final expedição. = *Ministro.*

«*9.* — Ás seis e meia horas da manhã seguiu para Natule, com destino ao Mossuril, o alferes Reis, de cavallaria, levando sob o seu commando 12 praças montadas nos cavallos mais improprios para o serviço, e 24 apeados. Foi evacuado para Moçambique o guarda marinha Fernando Magalhães e 4 praças doentes. Começou a construcção do posto militar de Ibrahimo, destinado a receber uma guarnição de 30 landins e uma bôca de fogo Gruson com a competente guarnição (croquis n.º 2).

Os trabalhos são feitos pelos auxiliares, sob a direcção do capitão Gomes da

Costa. A ordem geral n.º 34 altera o serviço de vigilancia e segurança da seguinte fórma: nos pontos avançados haverá durante o dia um quarto da força, vigilante e um meio, durante a noite.

A cavallaria reduz as suas vedetas a 2, na face esquerda do quadrado. Em cada face do quadrado haverá durante o dia 1 sentinella e durante a noite um sexto da força vigilante. Haverá 2 officiaes de ronda em cada quarto, em vez de 4. No quartel general haverá 1 official de ronda até ás doze horas e outro até á alvorada. Morreram 2 cavallos. O engenheiro Gaivão seguiu esta manhã com o alferes Reis para ir a Moçambique arranjar os materiaes necessarios para a construcção do posto do Ibrahimo, das casernas para a guarnição, casa para o official e arrecadação.

«*10.* — Concluiu-se a construcção do parapeito do posto.

«A ordem geral n.º 35 diz o seguinte:

«1.º Que por portaria datada de hoje foi nomeado commandante militar do Ibrahimo, o adjunto dos auxiliares, o tenente graduado da guarnição da provincia, Antonio Trindade dos Santos.

«2.º Que o sr. commandante da bateria de artilheria mande apresentar ao mesmo official, ámanhã depois do toque de destroçar a guarnição completa de uma peça Gruson, que com o seu armão ficará a cargo do mesmo commando.

«3.º Que na mesma occasião o sr. commandante da 1.ª companhia de guerra, mande apresentar 30 landins sob o commando de 1 sargento com 2 cabos europeus, que constituirão com a guarnição da peça, a guarnição do posto.

«4.º O sr. commandante do comboio deixará a cargo do commando militar quinze dias de viveres completos para 35 landins e 10 europeus, assim como 2:000 cartuchos (K), 6:000 Martini-Henry, com 20 machados, 6 pás e 6 enxadas.

«5.º Que o sr. chefe do serviço de saude entregue ao commandante militar os medicamentos indispensaveis para um primeiro penso dos incommodos mais vulgares n'este clima, calculados para um mez para a guarnição do posto.

«6.º Ámanhã ao ser içada a bandeira no commando militar, as faces do quadrado, volvendo ao interior, apresentarão armas, tocando-se a marcha de estandartes, e a artilheria salvará com 21 tiros.

«Publicou-se a ordem de marcha n.º 14.

«Bivaque no Ibrahimo, 10 de março de 1897.

«1.º — A columna regressa ámanhã a Natule. A cavallaria e artilheria seguem d'esse posto para os seus quarteis no Mossuril.

«2.º — Hora de partida, sete horas da manhã.

«3.º — A disposição de marcha é a seguinte:

«*a*) A cavallaria dá uma patrulha para a extrema avançada e quatro patrulhas de flanqueadores, sendo duas para a columna e duas para o comboio.

«*b*) Infanteria n.º 4 dá a *guarda avançada* e a da *retaguarda*.

«*c*) A marinha e um pelotão da 1.ª companhia de guerra formam cada unidade uma das faces do *corpo principal*.

«*d*) A artilheria no meio do corpo principal e a saude.

«4.º — O comboio segue logo atrás da columna formando a extrema retaguarda um pelotão da 1.ª companhia de guerra.

5.º — Sigo com o estado maior na testa do corpo principal. = O commandante da columna, *J. Mousinho de Albuquerque*, governador geral.

«*11.* — Depois de cumprido o disposto na ordem com respeito á saudação da bandeira, a columna saíu do Ibrahimo ás sete horas e vinte cinco minutos da manhã, chegando a Natule ás nove horas e dez minutos sem novidade alguma na marcha além da de se ter partido duas vezes a lança do carro da ambulancia, o que atrazou o comboio cerca de uma e meia hora.

«O commandante da columna seguiu ás doze e meia horas para Moçambique, para onde foram evacuadas 17 praças doentes.

«A ordem geral n.º 36 publicava o seguinte:

«Telegramma de Sua Magestade El-Rei:

«Obrigado pelas boas noticias; faço sinceros votos para que os feridos melho-

rem e para que todos continuem a cobrir-se de gloria, para bem da nossa querida patria. Peço-te que da minha parte o digas aos nossos camaradas.=EL-REI.

«S. ex.ª tem a maior satisfação em communicar aos srs. officiaes e praças da columna do seu commando a fórma como por Sua Magestade El-Rei foi apreciada a maneira como se comportaram em combate. Nada tem a acrescentar a este elogio, pois qualquer louvor seria descabido da sua parte depois do de Sua Magestade. Entretanto entende do seu dever, e não se quer esquivar á satisfação de communicar aos mesmos srs. officiaes, quanto louva e aprecia a boa ordem e disciplina com que as tropas souberam supportar as privações e fadigas d'esta curta mas trabalhosa campanha. O mesmo ex.^{mo} sr. entende dever mencionar muito especialmente:

«O sr. capitão de infanteria n.º 4, Rodolpho Augusto de Passos e Sousa, o primeiro tenente João de Azevedo Coutinho e o capitão de artilheria Arthur Cesar Monteiro Guimarães, pela maneira como se houveram no commando das forças que se empenharam em combate na Naguema, Ibrahimo e Mucutu-Muno.

«O sr. capitão Francisco dos Santos Callado, pela maneira como soube instruir, disciplinar e commandar no combate do Ibrahimo a 1.ª companhia de guerra; e n'este louvor estão incluidos srs. tenentes Augusto Cesar Côrte Real, Luiz Augusto Pimentel e o alferes José Carrazedo de Sousa Caldas Vianna e Andrade, bem como as praças do quadro europeu da mesma companhia.

«O sr. capitão mór de Mossuril, Manuel de Oliveira Gomes da Costa, pela fórma como em poucos mezes soube organisar e disciplinar cypaes e auxiliares, e bem assim pela maneira como dirigiu o serviço da abertura das estradas e os serviços de segurança em marcha e estação das forças irregulares.

O sr. tenente Antonio Augusto da Rocha e Sá, commandante da 1.ª companhia de cavallaria 4, pela maneira como exercitou as praças do seu commando no manejo de lança e no serviço de segurança em marcha e estação, incutindo-lhes por tal fórma a nitida consciencia dos seus deveres, que todos se tornaram dignos do maior louvor pela fórma como desempenharam os seus serviços.

«Igualmente louva o engenheiro Gaivão, o qual, ainda que não tendo a honra de ser militar, se expoz a perigos e sujeitou a trabalhos como se o fosse.»

Cumpre-me agora justificar e explicar a mudança da base de operações para a Matibane.

Estava cumprida a principal missão da columna na região dos *namarraes* entre a Conducia e o Monagro. As tres povoações principaes *Naguema, Ibrahimo, Mucutu-Muno* destruidas; o seu reducto de mais confiança, onde, no dizer d'elles, e, valha a verdade, na persuasão dos auxiliares e gente das terras, nunca o branco havia de entrar, fôra tomado á viva força e incendiado; ficaram devastadas as grandes machambas da Naguema e Ibrahimo, d'onde os namarraes tiravam a sua principal alimentação, e finalmente de todo destruida a lenda de inexpugnabilidade que se tinha formado em volta d'esta tribu.

Para fazer um telegramma de effeito, quando publicado nos jornaes da metropole, talvez conviesse chegar ao Pão, porque, como já atrás disse, é este um dos dois unicos pontos do continente, conhecido de muita gente, mas não era para fazer reclame á minha personalidade ou ás tropas do meu commando, que eu emprehendêra a campanha, e para o alcançar nunca arriscaria um soldado a ter uma febre nem sequer cansaria um cavallo.

Ora, o Pão não estava a menos de 5 ou 6 kilometros e o avançamento da estrada, pelo meio do mato cerrado, onde abundavam as arvores de ebano roxo em que por vezes os machados chispavam sem abrir golpe, e as immensas liames emmaranhadas, que tanto tempo levam a abrir, nunca poderia, nas circumstancias mais favoraveis, ser superior a 200 ou 300 metros por dia, o que representava um estacionamento de quinze ou vinte dias em bivaque, sendo provavel que houvesse alguns dias de chuva. Representaria isto um enorme enfraquecimento da columna, a sua inutilisação para operações subsequentes, a ruina para toda a vida de não poucas praças e, por certo, a morte de algumas, pois sei por expe-

riencia que nada é tão enfraquecedor em Africa como os estacionamentos prolongados em bivaques ou mesmo em acampamentos.

Eu tinha a certeza que occupava o Pão ou as suas proximidades (se como a Meza, o Pão fosse um kopjie quasi inaccessivel) sem mais combates, sem talvez ouvir assobiar uma bala sequer, mas tinha tambem a certeza, que dez vezes mais mortifero e perigoso que os tiros dos namarraes seria o estacionamento prolongado.

A assobiada de uma duzia de balas inimigas excita os soldados, dá-lhes alma, faz levantar os doentes e correr para a fórma os mais estropiados. O estacionamento demorado abate-os physica e moralmente, começa-se a sentir a falta de toda a especie de conforto, de noite o frio humido, que penetra até aos ossos, de dia o sol abrasador, que estonteia as cabeças, e tudo se relaxa, tudo esmorece. Além d'isso, por mais cuidados que se tomem, um bivaque ao cabo de quatro ou cinco dias tem dentro em si innumeros focos de infecção: é o solo infiltrado da urina dos cavallos e muares junto ás cordas de piquete, são as palhas, incombustiveis no verão, muito pisadas em torno do bivaque, que começam a apodrecer e a apodrecer tambem escondidos no meio do mato cadaveres de inimigos, que empestam o ar.

Vê, pois, v. ex.ª que não mudei a base de operações para a Matibane porque encontrasse *«lagoas e pantanos intransitaveis na pessima occasião que eu escolhera para encetar as operações»*, nem porque no norte *«houvesse rebentado alguma revolta inesperada entre os maraves»* (que confusão!!!), mas sim porque era a unica cousa sensata que podia fazer.

Mais ainda; tendo ficado por abrir a estrada e sendo tão difficil o mato entre o Ibrahimo e o Pão, convinha levar as tribus macuas do interior a fazer esse serviço acabando ao mesmo tempo, na guerra feita á moda indigena, por aniquilar o já tão abatido poderio dos namarraes.

Ora para os convencer e animar a isto, era preciso mostrar-lhes força, apparecer-lhes a columna.

Ainda peço a v. ex.ª para se dignar attender a que da narração dos diversos combates se conclue que nunca precisei engajar em combate, isto é, fazer entrar em fogo simultaneamente a columna toda e que portanto, ao contrario, do que em Lisboa se disse, e até se escreveu, ficou demonstrado á saciedade que o effectivo da columna *era mais que sufficiente* para levar a cabo as operações, que emprehendi.

No mesmo *Diario* do dia 13 ha alguns periodos que merecem excepcional attenção por se referirem a factos de summa importancia para o estudo e preparação de qualquer campanha no districto de Moçambique.

São os que passo a transcrever:

«*a*) Estado sanitario das tropas. — 13. — «Houve revista geral de saude á columna passada no Mossuril, apurando-se 87 doentes, dos quaes 68 foram evacuados para Moçambique, o que perfaz um total de 125 praças evacuadas da columna durante o primeiro periodo das operações, das quaes abatendo 15 que reuniram á columna novamente em diversos dias, restam 110, que representa cerca de $^1/_6$ do effectivo total da mesma columna.

«O estado sanitario d'ella, que se conservou bom até ao fim de fevereiro (bivaque em Namancava) dando uma media de 8 doentes por dia, melhorou consideravelmente durante o periodo propriamente activo das operações (Naguema, Ibrahimo, Mucutu-Muno) dando uma media de 6 doentes diarios. Nos dois primeiros dias de bivaque no Ibrahimo ainda o estado sanitario se conservou bom, 11 doentes em media por dia, peiorando porém sensivelmente nos tres dias seguintes, em que passou a 33 em media por dia.

«As doenças predominantes não foram porém as febres proprias da região, mas principalmente doenças gastro-intestinaes por vezes rebeldes ao tratamento. Estas doenças provinham principalmente da reluctancia das praças em se abrigarem de noite com os capotes e mantas, e o mau habito em conservarem a carne destinada ao rancho frio do dia seguinte nas marmitas humidas e mal limpas.

«A ausencia absoluta de manifestações graves de febres palustres, e o diminuto numero d'estas é attribuido pelo chefe do serviço de saude no seu relatorio de hoje, ao uso constante do quinino como preventivo.»

As conclusões que me parece dever-se tirar d'estes factos são as seguintes:

1.ª Que vale a pena sacrificar um pouco a velocidade da marcha e a duração das operações afim de se fazerem etapes curtos (15 kilometros o maximo) salvo quando se dêem circumstancias excepcionaes como a necessidade de forçar a marcha para surprehender o inimigo (caso muito raro em guerra contra pretos) como se deu quando fui prender o Gungunhana.

As marchas de 20 a 30 kilometros cansando muito, n'este clima debilitante, as praças apeadas, têem como consequencia numerosas baixas. Muitas vezes porém as circumstancias do terreno, a falta de agua, etc., obrigam a alongar muito os etapes.

2.ª Que se verifica aqui a verdade do que deixei dito quando justifiquei o não ter ficado no Ibrahimo até se ter aberto a estrada para o Pão. Durante o periodo propriamente activo tivemos 6 doentes por dia em media, nos dois primeiros dias de bivaque 11, nos tres dias seguintes 33! O que succederia aocabo de quinze dias de bivaque?

3.ª Não sei se é bom ou mau o uso do quinino como preventivo, porque tenho ouvido a esse respeito opiniões diametralmente oppostas, expostas e defendidas por medicos, que reputo muito auctorisados.

«b) Cavallos. — O boletim do commandante da companhia de cavallaria resume da seguinte fórma o estado dos cavallos, hoje.

«Dos 72 que formavam o total da cavallaria no dia 24 em Natule, morreram ou foram abatidos por doença suspeita 26. Estão doentes com assentaduras, manqueiras, etc., 11, atacados de doença suspeita 12. Restam promptos para todo o serviço 23 cavallos.

«Este decrescimento espantoso no effectivo dos cavallos é devido á manifestação intensa de uma doença com muitos symptomas de laparões e que foi trazida da India pelos cavallos da ultima remonta.

«A peste bubonica difficultando muito as communicações com Bombaim, têem impedido que os cavallos aqui possamter a alimentação a que estão habituados, não tendo ainda chegado remessa alguma do grão que n'esse paiz constitue a base do seu sustento (bageri).

«Aqui mal pegam no milho, de modo que o excesso de alimentação de verde, que têem tido têem-nos enfraquecido sensivelmente, tornando-se portanto muito mais nocivo para elles o excesso de trabalho, que soffreram durante os dezeseis dias de operações, durante os quaes mesmo quando a columna estacionava e descansava, o serviço era incessante e constante.»

A este respeito seja-me licito alargar-me um pouco em considerações que julgo elucidativas.

Eu não comprehendo como se possa fazer guerra na provincia de Moçambique, tanto ao sul do Save como no districto de Moçambique prescindindo de gente a cavallo.

É certo que ao N. d'esta provincia, nas suas colonias da Africa oriental, os allemães não empregam cavallaria mas, a querer-nos regular por exemplos de estranhos, e sem por fórma alguma deixar de reconhecer a auctoridade incontestavel sobre o assumpto do major Wissmann e dos officiaes que serviram ás suas ordens, é certo que os inglezes preferem a todas para a guerra de Africa as tropas montadas.

Na guerra dos matabelles empregaram elles cavalleiros tanto da Chartered Mounted Police como de voluntarios e para suffocar a recente revolta dos matabelles e mashonas marcharam do Natal o 7.º regimento de hussares e o esquadrão de infanteria montada do West Riding Regiment, sendo para notar, que alem das tropas imperiaes todos os voluntarios e policia eram montados em principio pelo menos, porque dentro em pouco havia muitos apeados.

Para a guerra de Zululand (1879) vieram de Inglaterra 2 regimentos de cavallaria (o 17 de lanceiros e o 3.° de dragões) alem dos corpos de policia e voluntarios, que tanto serviço fizeram, principalmente na columna de sir Evelyn Wood sob as ordens de Barrow, Weatherley, etc.

Portanto exemplos proximos temos muitos mais a favor do emprego da cavallaria do que contra.

Recorrendo agora ao que pessoalmente tenho tido occasião de observar, o emprego de gente a cavallo cada dia se me evidenceia mais necessario. Em 7 de novembro de 1895, se o estado de fraqueza e o pequeno numero de cavallos do esquadrão de lanceiros n.° 1 (31 na fileira) não tivesse inhibido o commandante da columna de ordenar a perseguição (supponho foram estes os unicos motivos, porque se não fez) o aprisionamento do Gungunhana teria tido logar poucas horas depois do combate e o mesmo teria succedido no dia 11 depois da entrada em Majancaze.

N'esses dois dias, para nós sempre memoraveis, não desempenhou a cavallaria o papel, que lhe competia mas, no dia 8, vindo ao Chicomo buscar um comboio de viveres com que regressou a 10, prestou á columna um serviço que embora não brilhante, não poderia ter sido executado por tropas brancas apeadas, e não se podia confiar dos auxiliares indigenas.

O aprisionamento do Gungunhana por uma pequena força apeada foi uma quasi temeridade, que por fortuna teve bom resultado, mas que, emprehendida por metade d'essa força a cavallo, teria sido uma empreza arriscada é claro mas com muito maior probabilidade de exito feliz, e a pacificação do Maputo teria levado mezes, talvez annos se emprehendida só com forças apeadas.

Como arma de combate propriamente dita vi bem patente a sua efficacia contra indigenas na Mujenga a despeito do terreno lhe ser muito desfavoravel e no serviço de segurança em marcha ou no estacionamento, para escoltar comboios, fazer reconhecimentos, etc., durante a campanha que estou relatando prestou relevantes serviços nos quaes seria impossivel substituil-a por infanteria.

Entretanto tem o emprego da cavallaria em Africa um inconveniente muito attendivel.

É carissimo.

Não attendem a isto os inglezes, seja o governo, seja a *Chartered company*, e comprehende-se bem que o possam fazer, e entretanto, segundo o testemunho insuspeito de um official da *Chartered*, ao cabo de um anno só se póde contar com 5 a 3 por cento dos cavallos de uma remonta. Calculando que uns 5 por cento ficam salgados servindo mais sete annos, e em £ 25 o preço medio da remonta sobre cada cavallo, a despeza annual em remonta approximadamente 60 £ por cavallo ou, para a força completa da *Chartered* (400 cavallos), a 24:000 £ no primeiro anno.

Claro está que no oitavo anno, ainda quando a mortalidade se conservasse, esta despeza reduzir-se-ía de 1:200 £. Não é isto, porém, a verdadeira expressão da verdade. Em primeiro logar a mortandade de 95 por cento n'um anno refere-se a cavallos engajados em operações activas, isto é, muito fatigados e muito irregularmente alimentados. Nas condições normaes de serviço essa mortalidade reduz-se seguramente a metade. Em segundo logar á medida que augmenta a população cavallar e que se desenvolve a colonisação n'um paiz a *horse sickness*, sem nunca desapparecer, diminue de intensidade, sendo portanto provavel que dentro em alguns annos na Mashona ou Matabelleland vivam os cavallos como no Natal, Orange e Transvaal.

O mesmo succederia n'esta provincia se nós persistissemos em ter cavallos aqui. Mas, repito, sáe carissima nos primeiros annos essa lucta com a *horse-sickness*, e por isso dei ordem para que a policia do Mossuril fosse montada em muares, salvo os graduados europeus, e vou experimentar o mesmo na policia de Gaza.

Em todo o caso nenhuma conclusão definitiva se póde tirar das experiencias adquiridas, por não haver aqui veterinarios. Exactamente quando era maior o numero de cavallos e muares (quasi 200 cabeças) accumuladas em Moçambique, dispensou-se o governo de mandar um veterinario, *porque nenhum dos da guarnição de Lisboa se offerecêra para vir* (officio n.º 577 da repartição de saude, datado de 15 de dezembro de 1896).

A segunda parte da campanha iniciada no dia 19 de março com a concentração das forças na Matibane, consistiu apenas na marcha, na abertura de estradas e construcção de um posto.

Nas zonas povoadas a gente mostrava-se muito pacifica e submissa e na zona em que as incursões dos namarraes e as razzias dos negreiros arabes tornaram deserta ninguem appareceu. Se houvessemos marchado na epocha da estiagem ter-nos-ía sido difficil chegar ao Itoculo, por estar secca a maior parte dos rios e ribeiras que encontrámos, difficuldade esta que não tivemos por ter marchado ainda na estação chuvosa. A *Meza*, o tal ponto estrategico tão preconisado, reconheceu-se ser um enorme *kopjie* no meio de uma região deserta, e em que o estabelecimento de um posto teria sido inutil.

Desde 19 até 6 de abril o estado sanitario foi regular. Morreram 35 cavallos. Para que v. ex.ª possa ver os detalhes das marchas e estacionamentos transcrevo aqui o *Diario* de campanha do estado maior desde 20 de março até 6 de abril.

«20. — O chefe de estado maior e o capitão mór foram a Chavalla, d'onde mandaram recado ao cheque da Matibane, que viesse fallar ao governador geral. O chefe da povoação apresentou 18 homens para guias e auxiliares, mostrando em tudo as disposições mais pacificas.

Ás quatro e meia horas da tarde chegou o governador geral, a bordo da *Liberal*, vindo de Moçambique.

Deu-se a seguinte ordem de marcha:

1.º A columna marcha ámanhã para o Muio.

2.º Hora de partida, seis e meia horas da tarde.

3.º A disposição da marcha é a seguinte:

a) Auxiliares que precedem a columna e fazem o serviço de flanqueadores.

b) Segue-se a cavallaria que deixa uma patrulha de 2 homens com o sr. commandante do comboio.

c) Segue-se a columna na formação de marcha ordinaria, formando a guarda avançada e a guarda da retaguarda a marinha; o corpo principal é formado por infanteria n.º 4 e 1.ª companhia de guerra, formando infanteria n.º 4 a face direita.

d) O comboio segue logo na cauda da columna.

4.º Sigo com o estado maior na testa do corpo principal.

5.º A bateria e o serviço de saude seguem nos logares habituaes.

No dia em que infanteria n.º 4 saíu do Mossuril para a Matibane, foi mandado fazer serviço n'essa unidade o alferes Francisco Feria Tenorio, de caçadores n.º 4, vindo do reino para render o alferes Viegas, promovido a tenente.

«21 — A columna saíu de Matibane ás seis e meia horas da manhã, seguindo na direcção de Chavalla (nor-nordeste) durante uma hora e quinze minutos. De Chavalla o caminho toma a direcção oeste um quarto noroeste, subindo o terreno regularmente até ao Muio (uma hora de marcha).

Do Muio estende-se na direcção oeste um planalto, que tem n'esse sentido cerca de de 2 kilometros de extensão e termina por uma ravina abrupta muito arborisada, no fundo da qual ha duas fontes de rocha.

O bivaque estabeleceu-se no planalto face da frente a oeste, ficando installado pelas dez horas da manhã.

Os auxiliares continuaram a abrir a estrada na direcção da Nacucha, recolhendo ao bivaque ao sol posto.

A ordem de estacionamento dizia o seguinte:

1.º A columna bivaca hoje no Muio e na seguinte disposição:

a) Face da frente a oeste atravessando o caminho, formada pelo 1.º pelotão de marinha; flanqueiam a face da frente uma peça de montanha á direita e a Gruson á esquerda. Faces da direita e esquerda infanteria n.º 4 e retaguarda 2.º pelotão de marinha flanqueado á direita pela segunda peça de montanha.

b) A 1.ª companhia de guerra estabelece tres postos em frente das faces da frente, esquerda e retaguarda.

c) O quartel general estabelece-se na arvore proxima do angulo da peça Gruson.

d) A ambulancia ao centro do bivaque, construindo um sombreiro para os doentes.

e) A cavallaria, de dia, estabelece-se junto a duas arvores em frente da face da esquerda, recolhendo ao toque de retreta para dentro do quadrado.

2.º O comboio forma o *laager* circular a leste do morro de muchem defronte da face da retaguarda

a) As cozinhas entre o *laager* e a columna.

3.º O serviço é regulado pela fórma seguinte: de dia uma sentinella a cada face e de noite quatro. Esta ordem tinha mais tres artigos em que se estabelecia o serviço do bivaque.

Morreu 1 cavallo e ficaram 4 na Matibane.

A quantidade de formigas no terreno do bivaque tornou absolutamente impossivel que ninguem podesse dormir durante a noite.

«22 — A columna saíu do Muio ás seis horas e quarenta minutos da manhã, cortando a noroeste, seguindo cerca de 1:800 metros no planalto, começando depois a descer até á Nacucha, onde o bivaque se installára cerca das nove e meia horas da manhã frente a noroeste.

Chavalla. Muio e Nacucha constituem, para assim dizer, uma povoação que não terá menos de 1:500 palhotas, ou melhor, cabanas a maior parte com paredes maticadas.

Os indigenas usam todos cabaia, são mouros e muitos fallam portuguez, e as immensas machambas de mandioca e milho bem tratadas e cultivadas, as bananeiras, o tabaco, etc., indicam um grau de riqueza bastante desenvolvida.

Por todo o caminho a attitude da população tem sido o mais pacifica possivel, vindo ao caminho ver a passagem da columna mulheres e creanças, e vindo aos bivaques vender gallinhas, ovos, etc., grande numero de indigenas.

O chefe do estado maior e o capitão mór saíram do bivaque á uma hora da tarde, recolhendo tres horas depois, avançando cerca de 9 kilometros na direcção da Meza, até um ponto chamado Cavaca, que os guias dizem marcar metade do caminho entre a Nacucha e a Meza.

Publicou-se a ordem de estacionamento, que dizia o seguinte:

1.º A columna bivaca hoje na Nacucha na seguinte disposição:

a) Face da frente a noroeste formada pelo 1.º pelotão de infanteria n.º 4; flanqueiam esta face uma peça de montanha á direita e a peça Gruson á esquerda.

Faces da esquerda e direita um pelotão de marinha seguido de um pelotão de landins: face da retaguarda 2.º pelotão de infanteria n.º 4, flanqueado á esquerda por uma peça de montanha.

b) Cada pelotão dá uma sentinella de dia ás faces e duas durante a noite.

c) A 1.ª companhia de guerra estabelece de noite quatro sentinellas em cada face do quadrado de 50 a 80 metros á frente de cada face.

d) O quartel general estabelece-se na arvore esquerda do grupo de arvores junto ao angulo da peça Gruson.

e) A ambulancia na arvore ao centro e á retaguarda da face da frente, e no mesmo alinhamento da do quartel general, construindo um sombreiro para os doentes.

f) A cavallaria estabelece-se de dia no grupo de arvores em frente da face da frente, recolhendo ao toque de retreta ao quadrado.

2.º O comboio forma em *laager* triangular em frente da face da direita.

a) As cozinhas á esquerda do *laager*.

Esta ordem tinha mais tres artigos em que se marcava o serviço do bivaque.

«23.— A columna saiu do bivaque ás nove horas e tres quartos da manhã, seguindo até á Cavaca, onde chegára duas horas depois, encontrando o caminho aberto até ahi pelos auxiliares que a tinham precedido com tres horas de avanço.

Depois de contornada a povoação da Nacucha, o caminho inflecte-se a oeste um quarto noroeste, atravessando alguns bocados de mato espesso até á lagôa de Namiopa (3 a 4 kilometros).

D'ahi em diante o matto torna-se mais facil (arvores altas e capim) atravessando-se tres linhas de agua, a segunda das quaes é quasi uma ravina.

Na Cavaca o bivaque installára-se frente a noroeste a cerca de 150 metros do rio que dá nome ao sitio.

As sete horas da manhã saíra de Nacucha para a Matibane o commandante do comboio, com 7 carros destinados a irem buscar seis dias de viveres completos para a columna. O resto do comboio chegava ao bivaque ás doze horas e meia da tarde.

Foi abandonado no bivaque da Nacucha um cavallo, outro e 2 praças foram evacuadas para a Matibane.

Publicou-se a seguinte ordem de estacionamento:

1.º A columna bivaca hoje na Cavaca, na disposição seguinte:

a) Face da frente a noroeste formada pelo 2.º pelotão de marinha, flanqueiam esta face uma peça de montanha á direita e a peça Gruson á esquerda.

Faces da direita e esquerda formadas cada uma por um pelotão de infanteria n.º 4 e um pelotão da 1.ª companhia de guerra. Face da retaguarda formada pelo 1.º pelotão de marinha flanqueado por uma peça de montanha á esquerda.

b) Cada pelotão dá de dia 1 sentinella ás faces e de noite 2.

c) A 1ª companhia de guerra estabelece de noite alem das sentinellas nas faces, 4 sentinellas em frente de cada face, distantes d'ella 50 a 80 metros.

d) O quartel general estabelece-se na arvore ao centro do quadrado.

e) A ambulancia na arvore ao meio da face da direita, construindo um sombreiro para os doentes.

f) A cavallaria e artilheria lançam a corda de piquete parallelamente á face esquerda.

2.º O comboio forma o *laager* circular na frente e entre esta e o morro de muchem.

a) As cozinhas um pouco á direita e em frente.

Tendo havido de manhã, antes de saír a columna de Nacucha, um caso de suicidio de um soldado de infanteria n.º 4, que se declarára incapaz de marchar, o que não foi confirmado pelo facultativo de serviço, não marcando o thermometro febre alguma, nem revelando a autopsia lesão alguma, tambem a ordem geral n.º 40 publicava os seguintes artigos:

1.º Que espera dos srs. commandantes das unidades o maior cuidado em conservar os seus effectivos.

Deverão lembrar ás praças sob o seu commando que não é só debaixo de fogo que se affirma o valor de cada um, mas tambem na fórma como supportam as privações e fadigas inevitaveis em guerra de Africa.

2.º Chama especialmente a attenção de todos os srs. officiaes para o facto de os homens se deixarem ficar á retaguarda indo pejar os carros e difficultar a marcha do comboio, em numero ás vezes sem explicação em marchas tão curtas. Não quer s. ex.ª ver n'estes factos symptomas de desfallecimento moral tão improprio e indigno de quem veste uma farda.

3.º Amanhã o chefe do estado maior irá reconhecer os diversos caminhos para a Meza. O sr. commandante da cavallaria irá reconhecer o caminho para o Ibrahimo e o sr. alferes Reis o do Pão.

Cada um d'estes officiaes será acompanhado por uma ordenança e levarão um grupo de auxiliares.

Receberão instrucções do chefe do estado maior.

Não occorreu novidade alguma durante a noite.

«24. — Ás sete horas e meia da manhã saíram, o tenente Sá a reconhecer o caminho para o Ibrahimo, o alferes Reis o da Conducia, o chefe do estado maior e o capitão mór o da Meza e a possibilidade da ascensão d'esse monte e que condições poderia offerecer para o estabelecimento de um posto.

Passado o rio Cavaca encontra-se apenas uma linha de agua no caminho da Meza, que alcança depois de quarenta minutos de marcha a cavallo o matto aberto sem declive sensivel.

A Meza é o que em linguagem africanada se chama kopjie, isto é, uma saliencia abrupta de pedra. Esta apresenta na sua maior extensão (sueste-noroeste) cerca de 2 kilometros, e é talvez de 200 a 250 metros a sua maior altitude. Na parte superior a sua maior largura não passa de 200 a 250 metros, havendo pontos de onde se vêem as quebradas n'uma ou n'outra vertente.

Esta montanha póde considerar-se inaccessivel a tropas mesmo de infanteria, por isso que só de gatas é possivel a ascensão nos dois pontos onde os indigenas a fazem, isto é, nas extremidades do seu maior diametro.

A Meza é coberta de arbustos e liame entrelaçados que difficultam muito a marcha.

Estas informações combinadas com as do alferes Reis ácerca das difficuldades de abrir caminho para a Conducia, da impossibilidade reconhecida pelo tenente Sá de communicar com o Ibrahimo, levaram o commandante da columna a resolver seguir para a frente com uma columna ligeira, a estabelecer um posto no Itaculo, regressando o resto da columna pela Matibane aos seus quarteis em Moçambique e Mossuril.

O additamento á ordem geral n.º 41 dizia o seguinte:

1.º A columna subdivide-se em duas partes:

A 1.ª sob o commando directo de s. ex.ª, compõe-se de 50 praças de infanteria n.º 4 e 30 de marinha, com a peça Grusou e a 1.ª companhia de guerra.

A 2.ª sob o commando do sr. capitão Passos e Sousa, compõe-se da restante força de marinha e infanteria n.º 4, da artilheria e cavallaria.

2.º O sr. capitão de artilheria nomeará o subalterno que fica com a peça Gruson; os restantes e s. s.ª fazem parte da 2.ª columna.

3.º O sr. commandante da força de marinha segue com a 1.ª columna e nomeará 1 official e 1 guarda marinha, que farão parte da mesma força; os restantes fazem parte da 2.ª columna.

4.º O sr. commandante de infanteria n.º 4 nomeia 2 officiaes para fazerem parte da 1.ª columna, indo o outro com elle na 2.ª

5.º O commandante do comboio e o sr. chefe dos serviços administrativos seguem com a 1.ª columna, e o sr. adjunto do comboio faz parte da 2.ª

6.º O sr. sub-chefe do estado maior e o sr. ajudante Plantier seguem com a 2.ª columna.

7.º O sr. chefe do serviço de saude e 1 facultativo seguem com a 1.ª columna.

8.º Os srs. chefes do serviço de saude e administrativos distribuirão o seu pessoal conforme as necessidades do serviço indicadas nos artigos seguintes d'esta ordem.

9.º A 2.ª columna regressa ámanhã a Matibane pelo seguinte itinerario: Dia 25, Nacucha. Dia 26, Matibane.

10.º Da Matibane e de accordo com o sr. commandante da canhoneira *Liberal*, as forças passarão: artilheria e cavallaria e a parte do comboio para os seus quarteis no Mossuril; marinha e infanteria n.º 4 regressam directamente a Moçambique, devendo os srs. commandantes das unidades apresentarem-se á chegada na secretaria militar.

11.º Igualmente se apresentará na secretaria militar logo que tenha entregue a sua força no Mossuril o sr. adjunto do comboio.

12.º O sr. commandante dos auxiliares e o sr. engenheiro Gaivão seguem com a 1.ª columna.

13.º A 2.ª columna segue ao seu destino ámanhã ás sete horas da manhã.

14.° O comboio da 1.ª columna levará seis dias de viveres, 4:000 cartuchos (K) e 2:000 Martiny Henry; os capotes e encerados das praças da 1.ª columna vão tambem nos carros.

15.ª A 1.ª columna avança ámanhã ás sete horas e trinta minutos da manhã.= O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Ás nove horas da manhã chegou o commandante do comboio, trazendo seis dias de viveres para a columna. Chegára ás dez horas da manhã de 23, saíndo n'esse mesmo dia ás cinco horas da tarde, indo ficar ao Muio, de onde saíu hoje ás quatro horas da tarde.

Das muares que vieram com a columna morreu uma á entrada no bivaque.

«25. — A columna de regresso saíu do bivaque ás sete horas e trinta minutos da manhã.

A columna de avanço saíu ás oito horas da manhã. O comboio seguíra á frente para vencer a passagem do Cavaca e a difficil rampa que lhe forma a margem direita. Mas o pontão lançado hontem sobre o rio não ficára consolidado por fórma a consentir a passagem do gado, que mettendo as patas entre os intervallos dos troncos, não se aguentava de pé.

Isso tornou necessario desengatar os carros, passal-os á mão, engatando de novo na margem direita, subindo então a rampa. Occasionou-se assim uma demora de uma hora e trinta minutos. Começando só então a columna a marcha, direcção ONO., até atravessar o rio Tavaninga, 2:500 metros, tomando depois a SO., percorrendo mais 6 kilometros de terreno facil, ligeiro declive na direcção da marcha; mato pouco espesso.

Ás onze horas da manhã alcançava a margem esquerda do Namionpe onde o bivaque se estabelecia na seguinte disposição prescripta na ordem de estacionamento n.° 19:

Face da frente a oeste, 1.° pelotão da 1.ª companhia de guerra flanqueado á direita pela peça Gruson; marinha na direita; infanteria n.° 4 na esquerda; 2.° pelotão da 1.ª companhia de guerra, retaguarda.

Ambulancia entre as duas arvores ao meio da face da frente; corda de piquete parallelamente á face da direita; quartel general na arvore proximo da corda de piquete.

O comboio forma o *laager* em duas fileiras parallelas: a direita á altura da face da frente; as lanças viradas para o caminho.

As cozinhas entre o *laager* e o rio.

O serviço de vigilancia de dia resumia-se n'uma sentinella a cada face branca e de duas em cada face da 1.ª companhia de guerra; de noite duas em cada face branca, estabelecendo a 1.ª companhia de guerra seis vedetas, cobrindo as faces da frente, direita e retaguarda.

Os auxiliares occuparam a margem direita do Namionpe, da mesma fórma que hontem guardavam a margem direita do Cavaca.

Morreram 2 muares do comboio. Tanto n'estas como na que morreu hontem se reconheceu os caracteristicos da *horse-sickness,* tal como se apresentou na campanha de Gaza em 1895. Mandou-se ordem ao commandante da columna de regresso para fazer reunir todo o gado do comboio que levára com o tenente adjunto do comboio Salustiano Correia.

Esse gado deveria vir com o menor numero de conductores possivel, e trazer parte do material para o posto, que uma nota do commandante militar da Matibane, chegada hoje com alguns carregadores, dizia ser difficil de transportar por essa fórma.

Ás tres horas da tarde apresentou-se uma embaixada do regulo Márua-Muno do Itocutto, vinda do Mossuril onde fôra procurar o capitão mór pedindo ordens. Parte d'elles ficaram para acompanhar a columna, indo os restantes avisar o regulo da approximação da columna e das intenções pacificas d'ella.

«26. — Os auxiliares saíram do bivaque ás seis horas e trinta minutos da manhã.

Ás dez horas da manhã recebia-se aviso do capitão mór de que não encontrára grandes difficuldades na abertura do matto, saíndo a columna do bivaque ás dez horas e quarenta e cinco minutos da manhã.

Depois de trinta e cinco minutos de marcha na direcção oeste, o caminho enencontra o chamado caminho grande do sertão, caminho de todas as caravanas que do interior vem commerciar com a Ampoense.

Virando bruscamente ao N., seguiu-se este trilho muito pisado e denotando passagem, subindo o terreno ligeiramente na direcção da marcha.

O caminho inflecte-se passados 2 kilometros na direcção geral NO., que é a seguida até ao rio Munouco, em cuja margem esquerda a columna assentava o bivaque junto ás nascentes pelas duas horas da tarde, tendo percorrido 11 a 12 kilometros.

O comboio chegou ás tres horas e quinze minutos da tarde, formando o *laager* circular em frente da face da retaguarda.

A ordem de estacionamento n.º 20 prescrevia a disposição do bivaque: o serviço de vigilancia e segurança continuou organisado pela mesma fórma.

Pouco antes da chegada ao bivaque, o chefe do estado maior seguira para a frente até ao Sanhuti, que alcançára depois de uma hora e quinze minutos de marcha, quasi sempre por mato difficil. O commandante da columna resolve, pois, ámanhã permanecer n'este bivaque, esperando a abertura do caminho e o gado dos carros.

Durante a tarde e quasi toda a noite choveu torrencialmente, trovejando bastante.

Morreu uma muar do comboio durante a marcha e outra durante a noite.

«27. — Passaram durante o dia pelo bivaque tres caravanas de macuas do M'Chlipo no numero total de cerca de 300 indigenas, duas d'ellas indo para Ampoense e outra regressando. Alguns eram curiosamente tatuados, não apenas com a tatuagem da testa e cantos da bôca que todos usam. Um d'elles foi photographado pelo segundo tenente Birne.

Ás seis horas da tarde chegou ao bivaque o adjunto do comboio, conduzindo 3 conductores e 9 muares, trazendo quatro dias de viveres incompletos que o sub-chefe do estado maior mandava da Matibane. Este official communicava que a columna de regresso fizera toda a marcha até á Matibane no dia 25, chegando ao commando ás seis horas e quarenta e cinco minutos da tarde. Acrescentava que os homens não pareciam os mesmos, que na vespera em 9 kilometros da Nacucha á Cavaca deixaram mais de trinta á retaguarda. No dia 26 de manhã nenhum fôra a doentes. Infanteria n.º 4 tem-se mostrado desde o principio das operações má marchadora.

Na columna o estado sanitario, apesar do dia e da noite de hontem, conserva-se bom; não tem havido um só doente. São todos voluntarios, que, ainda depois de se offereceram para seguir para a frente, foram submettidos a exame medico.

«28. — Os auxiliares precederam a columna que saia do bivaque ás oito horas da manhã. A passagem do Sanhuti custou ao comboio uma hora e trinta minutos de atrazo, devido principalmente á rampa muito aspera que forma a margem direita d'esse rio, que no vau tem cerca de 5 metros de largo com $0^m,60$ de profundidade, fundo de areia e corrente veloz.

O caminho que do Munouco vem na direcção O., inflecte a NO. com ligeiras oscillações até ao rio M'tavarene, que a columna alcançava pelas doze horas do dia, tendo percorrido 12 a 13 kilometros. O piso bom, o matto facil e assombreado; o facto dos homens não trazerem senão o armamento e equipamento, faz com que as velocidades de marcha sejam muito fortes para Africa.

A ordem de estacionamento n.º 21 prescrevia a seguinte disposição para o bivaque:

Face da frente a noroeste: marinha flanqueada á esquerda pela peça Gruson;

Face da esquerda, frente na margem esquerda do M'Taverene, e face da direita, frente ao caminho: 1.ª companhia de guerra;

Face da retaguarda: direita no rio, esquerda no caminho, infanteria n.° 4.
O quartel general estabelece-se no grupo de arvores ao centro do quadrado; ambulancia á retaguarda.
O comboio forma o *laager* circular em frente da face da retaguarda; na frente e entre elle e o rio, á direita a corda de piquete, as cozinhas á esquerda. O gado todo bebe a jusante do grupo de arvores no flanco esquerdo das cozinhas.
O capitão mór, hontem avançára duas horas alem do sitio do bivaque; no regresso encontrára a trinta minutos d'aqui o chefe do estado maior que viera reconhecer o terreno. As informações do guia diziam distar ainda o Itoculo sete horas de marcha do M'tavarene. Antes de hontem tinham feito a distancia de quatro horas do Sanhuti.
Era indispensavel resolver estas incertezas e reconhecer tambem qual a importancia d'este regulo. Ambos estes officiaes tinham notado que o caminho seguido pela columna afastava-se a cerca de 1:500 metros do Sanhuti do caminho grande da Macuâna, e era desde então muito menos pisado que esse. Ao chefe do estado maior fôra por vezes difficil seguil-o no matto; não levava guia e o trilho perdia-se entre o capim com muita facilidade.
Por todos estes motivos o commandante da columna auctorisou o capitão mór a seguir hoje para a frente até alcançar o Itoculo. Este official não regressou durante a noite.
«29. — Chegou á tarde o commandante militar da Matibane com o comboio de viveres que fôra mandado vir d'esse commando, constando de bolacha (seis dias) e ração para o gado.
Os auxiliares continuaram a abrir caminho para a frente.
Receberam-se noticias do capitão mór das quatro horas da tarde de hontem e de Xiunda, primeira povoação do Itoculo que alcançára depois de seis horas de marcha de M'taverene. Tenciona avançar hoje até á povoação do Itoculo d'onde distava ainda quatro horas de caminho. O capitão mór enviava um esboço rapido do caminho percorrido.
«30. — A columna saíu ás sete horas da manhã do bivaque, encontrando os auxiliares abrindo caminho ainda a uma hora e vinte minutos do bivaque. Era á entrada de um bocado de mato muito espesso e o chefe do estado maior avançou para a frente para escolher local de bivaque, que marcou proximo ás nascentes do M'taverene cuja margem esquerda o caminho segue durante os primeiros tres quartos de hora passando em seguida á margem direita que segue até uma grande lagôa que forma o centro de uma vasta depressão de terreno onde nasce o rio 7 a 8 kilometros.
Depois de uma hora e vinte minutos de demora a columna avançou formando-se em bivaque proximo á lagôa pelas onze horas da manhã na seguinte disposição prescripta na ordem de estacionamento n.° 22:
a) Face da frente ao N. — 2.° pelotão da 1.ª companhia de guerra, flanqueado á esquerda pela peça Gruson.
Face da retaguarda — 1.° pelotão da 1.ª companhia de guerra.
Face da direita — infanteria n.° 4 tendo uma secção na face e outra de reserva á retaguarda e parallela a ella.
Face da esquerda — marinha.
b) Quartel general junto ás arvores da face da direita.
Ambulancia sob a arvore da face da retaguarda.
O comboio forma o *laager* circular fóra do angulo das faces da frente e direita.
O gado todo bivaca com o do comboio.
As cozinhas estabelecem-se entre o quadrado e a lagôa.
Ás cinco horas da tarde chegou o capitão mór que saíra da povoação do Itoculo ás seis horas da manhã. Tinha saído hontem da Xiunda ás seis horas e trinta minutos chegando á povoação principal do regulo Marua-Muno do Itoculo ás dez horas da manhã, e ao cercado do chefe duas horas e trinta minutos depois.

As povoações são ricas, populosas, espalhadas em pequenos grupos de palhotas circulares por uma grande area.

A recepção do regulo fôra muito cordial, mostrando-se satisfeito pelo Rei ir pôr bandeira na sua terra. Prometteu gente para a abertura da estrada e o chefe da povoação da Xiunda ficou de a fazer começar a trabalhar, indo ao encontro da columna.

Chegára hontem uma embaixada dos regulos Mutera, Mutuchera e Careca-Muno, aos quaes se mandára ordem, ao iniciar as operações contra os namarraes para darem gente para auxiliares. A noticia da derrota d'esses indigenas levou-os com certeza a virem agora declarar-se promptos ao que se ordenasse. Receberam ordem de se reunir para abrir caminho desde o commando militar do Ibrahimo até ao caminho seguido agora pela columna, passando pela povoação de Matula, junto ao Pão.

Noticias de 26 do commandante militar do Ibrahimo dão o posto em socego completo.

Desde 15 não tornou a haver ataque nem a ser incommodado correio algum entre Natule e o posto.

Noticias da mesma data do governador de Moçambique dão, como devendo principiar hoje, a construcção do posto da Muchelia, estando já limpo o terreno e aberto caminho para a praia e para a agua.

O Marave parece estar para os lados de Kinja, mas os trabalhadores do posto não têem sido incommodados.

Os trabalhos têem sido protegidos pela *Duquê da Terceira.*

Ás seis horas da tarde chegaram os seis dias de carne viva mandados vir da Matibane. Tambem tem começado a chegar o material destinado á construcção do posto.

31.—Ás sete horas da manhã saíram os auxiliares do bivaque com um pelotão de landins armados de machados para apressar a abertura do caminho que o reconhecimento do capitão mór indicáva ser difficil, havendo muitas linhas de agua a atravessar.

Ás dez horas da manhã a columna saíu do bivaque chegando á uma hora da tarde á margem esquerda do Muero, onde bivacára na seguinte disposição indicada na ordem de estacionamento n.º 23:

a) Face da frente a oeste, infanteria n.º 4 flanqueada á esquerda pela peça Gruson;

Face da direita, marinha;

Faces da esquerda e retaguarda, 1.ª companhia de guerra.

b) O quartel general sob a arvore grande ao meio do quadrado; ambulancia no grupo de arvores á esquerda d'esta; a corda de piquete parallela á face da frente.

O comboio forma o *laager* circular em frente da face da esquerda; as cozinhas estabelecem-se entre a face da frente e o rio.

O Muero é o principal affluente do Sanhuti ou Muecati, que se tem encontrado; apresenta-se aqui com 5 a 6 metros de largo, margens altas e vertentes pronunciadas. Tambem desde o Mucunha as linhas de agua são mais pronunciadas e não só simples depressões de terreno alagadas ou alagadiças; na sua maioria são ravinadas e têem alguma agua corrente.

Esta estructura do solo difficultou sobremaneira a marcha do comboio que chegou ao bivaque com tres horas de atrazo, tendo tambem chegado com 1 hora de atraso a peça Gruson, que desde o Munouco segue na retaguarda da columna dupla, formada pela infanteria.

Durante toda a tarde choveu muitissimo.

O estado sanitario conserva-se bom.

«1.—A gente da povoação de Xiunda que é a primeira do regulo Itoculo, promettêra hontem ao capitão mór começar a abrir o caminho desde a sua povoação ao encontro dos auxiliares da columna.

Ás sete horas da manhã o chefe do estado maior saíu com o capitão mór a

reconhecer o caminho e o local destinado á construcção de um posto. Em vista das informações do capitão mór o commandante da columna resolvêra terminar a marcha d'ella no Muécate, estabelecendo ahi um posto que ficaria a meio das principaes povoações da região.

Este rio era alcançado ás nove horas e trinta minutos da manhã pelos dois officiaes, que apenas se tinham demorado na sua marcha para ascenderem a um dorso rochoso que se eleva a cerca de trinta minutos das primeiras palhotas da Xiunda com a altitude de 20 a 25 metros e a extensão de 300 a 400. Tem apenas a curiosidade de dominar uma grande porção de terreno, avistando-se a noroeste até á bahia de Fernão Velloso.

Do Muécati, o chefe do estado maior communicou ao commandante da columna que lhe parecia ser o melhor sitio para o posto, a pequena elevação na margem esquerda do rio e a leste do caminho seguido, junto ao vau. Communicava igualmente que seguia até ao Itoculo para fallar com o regulo e reconhecer a região.

Do Muecati ao recinto habitado pelo regulo Marua-Muno do Itoculo (Tugulo) são 16 kilometros em terreno plano, primeiro bambual, depois immensos machambas de milho, mandioca e batata. A povoação tem o nome de Moçambique e tanto ella como a Xiunda são mais regiões povoadas do que povoações no sentido estricto da palavra. São constituidas por agrupamentos de tres, quatro ou cinco palhotas circulares nas quaes vive uma familia cercada pelas suas machambas, que separam esse recinto do de outra; e seguem-se durante horas n'essa disposição.

Os habitantes são ma-lomuês; o regulo principal é o da tribu Tegulo, sendo os outros o Mutera, Mutipa-Muno e Cavaca-Muno.

São inimigos dos macuas (M'Chlipo e outros), e a sua gente é mais agricola, cultivadora, e portanto mais pacifica.

Os homens usam tatuagem mais simples que os macuas e são mais fortes e esbeltos.

Tambem têem essa superioridade as mulheres, que usam todas o *pellete* caracteristico da mulher *malomué*.

Pellété, é um pequeno pedaço de madeira cavada que introduzem n'um buraco entre o nariz e o labio superior.

As mulheres do regulo usam manilhas de cobre desde o pulso ao cotovello e desde o artelho ao joelho. Este é homem idoso mas bem conservado; na cabeça tem apenas um quadrilatero de carapinha, assim como os filhos, tendo todo o resto da cabeça cuidadosamente rapada. É tatuado na testa, entre as sobrancelhas e nos cantos dos olhos e bôca.

Pediu auctorisação para com os seus parentes e obedientes Mutera, Mutepa e Cavaca-Muno, fazer guerra aos namarraes, o que prova pelo menos que consideram facil a victoria depois das operações da columna. Mostrou-se satisfeito pelo estabelecimento do posto nas suas terras, pela importancia que isso lhe daria aos olhos dos seus vizinhos.

A gente da povoação vinha ao caminho com grande pasmo e ruidosas demonstrações ver os cavallos, a que dão o mesmo nome que os vatuas, *maache;* e que para elles eram, para *muitos* e *muitas* pelo menos, completa novidade. Poucas azagaias e estas muito ordinarias e nenhuma espingarda traziam.

Eram sete horas da tarde quando o chefe do estado maior e o capitão mór chegaram, sob uma fortissima batega de agua, ao bivaque, que encontraram formado na margem esquerda do Muecati: marinha na face da frente, margem do rio; infanteria n.º 4 na esquerda; 1.ª companhia de guerra na retaguarda e direita; o comboio separado do quadrado pelo caminho, com as cozinhas na frente.

O Muecati tem aqui 8 a 10 metros de largo com corrente pronunciada e margens de pouco declive. O vau é entre largas pedras que dão apenas passagem a um estreito veio de agua, havendo, porém, a algumas dezenas de metros a leste do caminho outro vau de areia de mais facil passagem a carros.

A columna saíra do Muero ás dez horas e trinta minutos, alcançando o Muecati á uma hora da tarde.

A difficil passagem das machambas de Xiunda, cujo terreno cedia á menor pressão, atrazou o comboio cerca de quatro horas. Por isso o rancho só foi dado cerca das oito horas e trinta minutos da tarde. Até agora este serviço tem corrido com tanta regularidade, como n'um quartel permanente, dando-se os ranchos á hora precisa, havendo rancho quente sempre que se estaciona. Isso é o que leva a mencionar um facto que nada tem em si de extraordinario e que só prova a regularidade com que os serviços todos têem corrido.

«2.— Começou a construcção do posto. É o mesmo typo e com as mesmas dimensões do do Ibrahimo, tendo um abatiz na face da frente (para o rio) em vez do ferro que tem nas outras.

O chefe da povoação da Xiunda veiu comprimentar o governador geral, e o Itoculo mandou uma embaixada para o mesmo fim.

A este foi enviada auctorisação para começar a guerra aos namarraes immediatamente, dando parte do que occoresse ao commandante militar do posto que aqui ficar. O regulo dissera hontem que levava quatro dias a reunir a sua gente e dos seus parentes e alliados.

O posto fica collocado entre as povoações de Xiunda a sueste, Maroamo a noroeste e Perera a sudoeste; alem da povoação principal do regulo, chamada Moçambique, ha duas de Mocuco e Cumaramo. Assim, no centro da tribu mais poderosa e conhecida do *Ma-lomué*, representa o primeiro passo da auctoridade portugueza, caminho do Nyassa.

Outro posto na Macuana, talvez junto ao regulo M'Chlipo, e ficaria occupado o interior do districto entre o Mocambo e Fernão Velloso, por postos a 100 ou 120 kilometros da costa, o que já representa uma area de acção importante adquirida como resultado d'estas operações.

«3 — A ordem geral n.º 45 prescreve a nomeação de um destacamento da 1.ª companhia de guerra, de força igual ao que ficou guarnecendo o posto militar do Ibrahimo, para a guarnição do posto do Muecati desde ámanhã; igualmente fica uma peça Gruson, armão com munições e a competente guarnição.

São tambem prescriptas disposições quasi identicas ás que foram tomadas com respeito ao abastecimento, municiamento e organisação de serviços d'esse commando.

Não é nomeado commandante militar por não haver na columna official que se possa dispensar, ficando commandante militar interino o commandante do destacamento o tenente Luiz Augusto Pimentel.

Durante todo o dia a affluencia de indigenas que vem negociar em gallinhas, ovos, fructas, tabacos, milho, etc., tem sido immensa.

O estado sanitario da columna tem peiorado ligeiramente: hontem houve 11 e hoje 9 doentes.

Hontem morreu uma muar e no Muero ficou outra abandonada. Os symptomas de *horse sickness*, que se tinham reconhecido nos bivaques da Cavaca e do Namioupe, desappareceram por completo.

«4 — Saída do Muecati ás sete horas da manhã. Vinte minutos antes a columna formou em linha de columna de pelotão, frente á face esquerda do posto, o commando frente á face da frente, ao centro da qual se hasteára a bandeira nacional, cujo primeiro desfraldar foi saudado com vinte e um tiros da peça Gruson.

Ás nove horas e quinze minutos a columna passava o Muero, dando-se o descanso na margem direita do rio e comendo-se o rancho frio. Durante o alto foi recebido correio de Moçambique com um telegramma do ministro da marinha, annunciando grave tensão de relações entre a Inglaterra e o Transvaal, e ordenando ao governador geral que terminasse quanto antes a *campanha dos namarraes*, concentrando em Lourenço Marques todas as forças de que podesse dispor sem prejuizo do resto da provincia.

O governador geral resolveu seguir immediatamente para Moçambique com o seu ajudante de campo alferes Rocha e duas ordenanças, tomando o commando da columna até á sua chegada a Moçambique o primeiro tenente João Coutinho, com quem ficava o chefe do estado maior.

A columna recomeçou a marcha ás onze horas e quinze minutos, entrando em bivaque á uma hora e trinta minutos da tarde na margem norte da lagôa do M'taverene, chegando o comboio quarenta e cinco minutos mais tarde.

A marcha de 25 kilometros percorridos em quatro horas e quinze minutos, sem alteração no estado sanitario da columna, é uma prova da efficacia d'esta e da sua trenagem.

«5 — Saida do bivaque ás sete horas, chegada á margem direita do Sanhuti ás nove horas e trinta minutos, percorrendo 15 kilometros. O comboio chegou ao mesmo tempo que a columna.

Só o carro da ambulancia teve, sobretudo hontem e hoje, demonstrado mais uma vez as suas más qualidades de tracção.

O estado sanitario conserva-se bom; ha 7 doentes, entre os quaes a primeira febre biliosa-hematurica que apparece desde o principio das operações em fevereiro.

O serviço foi hontem reduzido, havendo um só official de ronda em cada quarto, e reduzindo as vedetas dos landins a um por face.

«6 — Durante a noite morreram 3 cavallos.

Ás seis horas e trinta minutos saíu do bivaque com destino ao posto do Muecati o alferes Perry da Camara, que hontem á tarde chegára com um comboio de viveres, com um mez para o posto e tres dias para a columna; d'estes ficou apenas um dia, seguindo o resto, assim como o material de construcção para o posto.

Ás sete horas da manhã a columna saíu do bivaque, alcançando em duas horas e quinze minutos o Sanhuti, que corre já muito grosso e veloz, pois já ahi se reuniu ao Muecati.

Depois de duas horas de descanso, em que se comeu o rancho frio, a columna seguiu a marcha, alcançando ás doze horas e trinta minutos a langua da Conducia e chegando ás quatro horas da tarde ao Mossuril, onde o rancho se achava preparado, pois ao chegar á langua o chefe do estado maior mandára prevenir da chegada da columna tanto cavallaria n.º 4 como caçadores n.º 4.

Percurso approximado 32 a 35 kilometros em seis horas e trinta e cinco minutos.»

Simultaneas com a marcha da columna foram as operações da corveta *Duque da Terceira*, na bahia de Mocambo. Melhor do que eu o poderia fazer, relata essas operações o capitão de fragata José de Almeida d'Avila, commandante da mesma corveta e sob cujo commando ficára tambem a guarnição de Lunda. (Documento n.º 1)

O posto do Ibrahimo fôra atacado sem resultado algum no dia 15 de março.

Foi pessimo o systema de defeza empregado pelo commandante militar d'esse posto, que fazia saír as praças landins do reducto para com gritos, saltos e esgares variados fazerem *guerra a macua*.

Este posto não tornou a ser atacado.

No dia 13 de abril o posto da Muchelia foi atacado por cerca de 3:000 homens do Marave, que foram repellidos perdendo muita gente.

Remetto a v. ex.ª a copia da nota do commandante militar respectivo em que dá conta d'esta acção (Documento n.º 2).

Remetto tambem a v. ex.ª a narração das operações de pequena guerra, que por ordem minha o governador do districto de Moçambique, capitão do corpo de estado maior, Eduardo Ferreira da Costa, executou no continente contra a gente do Marave. (Documento n.º 3).

Terminada aqui a narrativa de todas as operações executadas, permitta-me v. ex.ª que agora faça algumas considerações geraes ácerca d'esta curta e pouco sangrenta, mas muito fatigante campanha.

Os resultados obtidos parecem-me compensar bem os sacrificios feitos. Acabou, como já disse, a lenda dos namarraes, ficou livre o caminho ás caravanas do interior, onde só em tempos fôra um portuguez, o fallecido negociante Borges. O que resta ali fazer é questão de mera policia. Póde haver um ou outro roubo

á mão armada feito por namarraes isolados, e ainda mesmo algum combate de emboscada em grupos; mas, organisada a policia a cavallo, conservando-se guarnecidos os postos de Lunga, Muchelia, Ibrahimo e Itoculo, reduzido a um posto secundario a enorme aringa de Natule, estará em breve nas condições normaes de existencia aquella parte do continente de Moçambique, que durante tantos annos representou uma affronta á nossa bandeira, um descredito para a nossa administração, um verdadeiro pesadello para todos os governadores geraes e um obstaculo insuperavel a que se estabelecesse o commercio com o interior.

A penetração não póde nem deve parar, é claro, e dos primeiros passos a dar é ir a noroeste estabelecer um posto no centro da Macuana propriamente dita, e a oeste no Irati, mas isso é trabalho não superior ás forças proprias do districto, quando estas estejam completas em officiaes, praças e instrucção, como por agora só está a 1.ª companhia de guerra.

O alcance financeiro d'esta campanha ha de ser importante, e muito maior seria se não fosse a inercia e delongas que tem havido em dar a esta provincia os meios de força de que ella carece, pelos quaes tanto tenho instado, desde que sou governador geral.

Com o posto do Itoculo e os dois que se devem estabelecer no Irati e Macuana, não serão mettidas no arrolamento do imposto menos de 25:000 palhotas, o que representa uma receita de mais de 60:000$000 réis annuaes, alem da qual ha a contar com a receita das licenças para lojas junto aos postos, a contribuição industrial e o augmento de receitas aduaneiras proveniente do alargamento do commercio. Só com os postos do Ibrahimo e Itoculo o augmento annual do imposto de palhotas já não ficará inferior a 10:000$000 ou 12:000$000 réis.

O estabelecimento pacifico da colonia militar em Nacalla, a creação de postos fiscaes no Luzio e Samouco, que ordenei ha pouco, são tambem consequencias indirectas da ultima campanha.

As vantagens que resultam para o thesouro e para o commercio d'estas occupações successivas são tão evidentes que me dispensam de as expor aqui.

Cumpre-me agora entrar n'uma parte importante do relatorio de todo o commandante de forças: a apreciação do comportamento e procedimento dos seus subordinados, e do merito relativo que cada um revelou e, como consequencia, a proposta das recompensas.

Ha quatro maneiras legaes de recompensar os serviços em campanha, e vem a ser: o posto por distincção, os diversos graus da ordem da Torre e Espada, as medalhas militares e os louvores em ordem do exercito.

Da primeira, de que se faz largo uso no estrangeiro como recompensa a quem revela merito excepcional e como incentivo aos officiaes do exercito, ha hoje um unico exemplo no exercito de Portugal, outro na guarnição de Angola e dois na armada real. Dos officiaes, que serviram ás minhas ordens n'esta guerra dos namarraes e Marave, ha um que, não tanto por um qualquer facto brilhante e excepcional isolado, mas pela tenacidade, constancia, desprezo dos perigos de toda a especie e são criterio que mostrou, obteria por certo um posto por distincção em qualquer exercito que não fosse tão contrario a isso, como infelizmente é o nosso.

É este official o alferes em commissão José Teixeira de Barros, ex-commandante militar da Lunga e hoje capitão mór do Mossuril. Não conheço ninguem, que em Africa tenha mostrado tantas vezes e em tão subido grau, reunir em si o conjuncto de qualidades que concorrem n'este official: uma subordinação absoluta, a mais intemerata coragem, o mais inalteravel sangue frio, uma observação continua e sempre vigilante de tudo quanto podia interessar o bom andamento das operações, a maxima promptidão nas suas decisões, a mais completa indifferença pelo seu conforto e segurança pessoal e uma excepcional resistencia physica.

Limitar-me-hei, porém, por saber como no paiz e no exercito se pensa a respeito de postos por distincção, a propor que seja agraciado com o grau de cavalleiro da ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito.

E proponho-o apenas para o grau de cavalleiro, porque tendo lido o alvará de 1832, que reorganisa esta ordem e a maneira como o proprio reformador da ordem o Senhor D. Pedro IV a conferiu a diversos officiaes, regulo por ahi o meu criterio, e por isso entendo que os graus na ordem da Torre e Espada devem ser dados successivamente um por um, salvo casos excepcionalissimos, e esses mesmos quando se dão com officiaes de patentes muito altas.

Igualmente proponho para o grau de cavalleiro da ordem da Torre e Espada o capitão de infanteria em commissão n'esta provincia, Manuel de Oliveira Gomes da Costa, ex-capitão mór do Mossuril e hoje governador do districto militar de Gaza.

Este official não só se portou de uma maneira brilhante no combate da Mujenga, onde revelou verdadeiro criterio na disposição com que collocou os postos avançados de atiradores, e muita firmeza e sangue frio na fórma como procedeu na guarda da retaguarda durante a retirada, mas pela maneira como soube incutir respeito e submissão nos povos de Mossuril, Ampapa, Ampoense e Cabaceiras, no curto praso de cinco mezes, pela fórma como organisou e commandou os auxiliares durante as operações, na execução e direcção de diversas operações de pequena guerra (razias, etc.) desde dezembro de 1896 até março de 1897, revelou qualidades de militar a um ponto que não é vulgar attingir e difficilimo exceder.

Tambem proponho que seja agraciado com o grau de cavalleiro da ordem da Torre e Espada o primeiro cabo n.º $^{60}/_{2752}$ da 1.ª companhia do regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador da Allemanha, Guilherme II, porque, como relata o commandante da mesma companhia e eu tive occasião de presenciar, «estava de vedeta em frente da face esquerda do quadrado de Ibrahimo, quando foi atacado mais de uma vez por fogo partindo do matto. Respondeu com fogo auxiliado pelo primeiro cabo n.º 89, não desanimou apesar do cavallo em que montava caír ferido por duas balas, continuando a bater-se a pé até que os segundos sargentos Macieira, Bunheirão e Almeida os soccorreram, retirando para o quadrado com o cavallo á mão, quando entrou em fogo a força ali mandada».

Se houvesse sido praticado por um official não era esta uma acção que lhe devesse trazer tão grande recompensa, porque no meu entender para um official ser tão premiado não bastam a coragem e persistencia no cumprimento de um dever. N'uma praça de pret de tão inferior graduação este facto, porém, é tanto mais louvavel, quanto o cabo n.º $^{60}/_{2752}$ quando viu que o cavallo fôra ferido, mandou o seu camarada de vedeta, primeiro cabo n.º $^{89}/_{2755}$, ao bivaque prevenir do apparecimento do inimigo, e tendo-lhe este ferido novamente o cavallo, apeou-se, continuando a responder ao fogo sem nunca abandonar a sua montada.

Uma praça que assim procede faz honra ao regimento a que pertence.

Para serem condecorados com a medalha de prata de valor militar:

O capitão do corpo do estado maior Ayres de Ornellas e Vasconcellos, alem de em alguns reconhecimentos a que procedeu se haver arriscado muito com a melhor boa vontade e absoluta indifferença pelo perigo evidente que ía correr no combate da Mujenga, quando tomou a direcção da carga de cavallaria, que da primeira vez não fôra a fundo, procedeu por fórma a achar-se incluido no caso previsto no artigo 3.º do regulamento approvado por decreto de 21 de dezembro de 1886.

A respeito d'este official nada tenho a alterar ao que disse a v. ex.ª no meu officio n.º 19 de 31 de outubro de 1896, «dizendo a v. ex.ª que se mostrou sempre digno do appellido que herdou de seus avós, e que em tudo correspondeu á confiança que n'elle tinha quando o propuz, nada mais precisaria acrescentar. A maneira como trabalhou na organisação da columna, o modo brilhante como atirou uma parte do 1.º pelotão de cavallaria pelo mato densissimo, carregando sobre o inimigo, a impassibilidade que conservou nos mais apertados lances do combate e da retirada, tudo revela n'elle as qualidades de um official de primeira ordem. E não creio que classificando-o assim lhe avolume os meritos reaes de que tem já dado tantas provas».

O alferes José da Conceição Costa e Silva, porque no combate do Mucutu-Muno, em 7 de março, tendo sido ferido gravemente n'uma coxa por uma descarga feita do matto quasi á queima roupa, conservou-se na frente do seu pelotão, avançando para o matto e commandando-o sempre sem se alterar.

Peço a v. ex.ª que note que não proponho que este official seja recompensado pelo simples facto de ter soffrido um ferimento grave (pois tanto póde ser ferido ou morto em combate o mais valente como o mais timorato), mas sim porque, tendo varias vezes tido occasião de observar quanto um ferimento abate o moral de alguns, entendo que este official, não largando o commando do pelotão e expondo-se depois de ferido e quasi incapacitado de andar, a aggravar o ferimento e a apanhar outra descarga á queima roupa, acha-se no caso previsto no já citado artigo 3.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

Igualmente proponho para a medalha de prata de valor militar:

O segundo sargento Antonio Rodrigues, n.º 3/973 da 4.ª companhia de marinheiros, porque continuou, depois de ferido, commandando a sua esquadra no combate de Mucutu-Muno.

O segundo sargento n.º 2/1193 da 1.ª companhia do regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador da Allemanha, Guilherme II, Julio Baptista Gonçalves Macieira, pela promptidão, decisão e coragem com que carregou sobre o inimigo, apenas com 2 soldados, quando na marcha de Naguena para o Mutumundo o comboio foi atacado. Esta carga afugentou o inimigo n'essa occasião; representou, portanto, alem de um acto de audacia, um serviço de certa importancia que merece ser recompensado.

O soldado Manuel de Albuquerque, n.º 88/1839 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de infanteria n.º 4, porque tendo tido um braço atravessado por uma bala no combate do Ibrahimo, não saíu da linha de atiradores, continuando a fazer fogo emquanto pôde.

Para a medalha de prata de bons serviços, proponho o capitão de fragata da armada real, José de Almeida d'Avila, pela maneira como, a despeito do seu mau estado de saude, commandou as operações na bahia do Mocambo; acha-se no caso previsto na ultima parte do artigo 4.º do regulamento approvado por decreto de 21 de dezembro de 1886, em que diz que a medalha de prata de bons serviços deve ser conferida «áquelle que tenha praticado alguma acção muito notavel, de que resultasse honra e bom nome para a collectividade do exercito ou da armada».

O capitão de infanteria n.º 4, Rodolpho Augusto de Passos e Sousa, pela maneira como commandou as forças engajadas no primeiro combate na Naguema, e pela boa ordem e disciplina que manteve na sua companhia.

O primeiro tenente da armada real, João Coutinho, por motivos identicos quanto ao combate de Naguema (segundo engajamento), Ibrahimo e Mucutu-Muno (primeiro engajamento.)

O capitão Francisco dos Santos Callado, não só pela fórma como em pouco tempo instruiu e disciplinou a 1.ª companhia de guerra da guarnição, mas pela fórma como sempre a commandou, especialmente na tomada da povoação do Ibrahimo.

Estes tres officiaes, pela boa ordem e disciplina que mantiveram nas suas companhias e pela fórma como commandaram as forças engajadas em combate, acham-se nos casos previstos na já citada ultima parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

O primeiro tenente de artilheria, Antonio Martins de Andrade Vellez, subchefe do estado maior, pela maneira como coadjuvou o chefe do estado maior no seu serviço e como o substituiu nas suas ausencias ou impedimentos, acha-se no caso previsto na primeira parte do citado artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1896, onde diz: «a medalha de prata é concedida ao militar que tenha desempenhado, de modo que merecesse louvor, uma commissão extraordinaria e importante do serviço militar»; e pela maneira como se comportou no combate da Mujenga, especialmente na occasião em que saíu com atiradores a limpar

o campo de inimigos e na retirada, onde veiu sempre na guarda da retaguarda, acha-se no caso previsto na já citada ultima parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

O primeiro tenente de artilheria, Alfredo Baptista Coelho, pela fórma como organisou, commandou e dirigiu o comboio, acha-se no caso previsto na já citada primeira parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

O alferes de caçadores n.º 4, João dos Santos Pires Viegas, pela fórma como occupou e defendeu o Infusi em maio de 1896, e pela maneira verdadeiramente distincta como se comportou no combate de Mujenga e especialmente quando na retirada o seu pelotão formou a guarda da retaguarda, acha-se no caso previsto na segunda parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

O alferes de caçadores n.º 4, Manuel José Passos Ribeiro, pela maneira como se comportou no combate de Mujenga, onde esteve na linha de atiradores sem ser rendido durante oito horas, e pela aptidão e serenidade que revelou quando o pelotão do seu commando formou a guarda da retaguarda na retirada do dia 20 de outubro, acha-se tambem no caso previsto na ultima parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

O guarda marinha Manuel Ferrão Castello Branco, pela aptidão e decisão que mostrou quando em 7 de dezembro commandou a força de praças que, desembarcando da canhoneira *Liberal*, atacou e incendiou a Muchelia debaixo de fogo quasi continuo, que durou hora e meia, acha-se tambem no caso previsto na ultima parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

O cirurgião ajudante Manuel Justino Ferraz de Azevedo, pela fórma como na sua qualidade de chefe do serviço de saude da columna organisou e dirigiu os serviços a seu cargo, e pela serenidade e promptidão com que desempenhou o seu mister sempre debaixo de fogo nos dias 19 e 20 de outubro, acha-se no caso previsto na primeira parte do artigo 4.º do regulamento de 21 de dezembro de 1886.

Por se acharem no caso previsto na ultima parte do mesmo artigo proponho que sejam recompensados com a medalha de prata de bons serviços:

O primeiro cabo n.º $^{29}/_{4062}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão do regimento de infanteria n.º 4, José Roballo, porque na occasião do pelotão saír do campo do bivaque e achando-se doente, pedir para acompanhar o seu pelotão e só no fim do serviço terminado e já exhausto de forças caíu para o chão, sendo transportado para o campo por 2 soldados.

O primeiro sargento Antonio José Camacho, chefe da secção de viveres do comboio, porque, como relata o commandante do comboio, foi infatigavel e exemplar no cumprimento dos seus deveres, e que pela sua dedicação e zêlo pelo serviço mais se fez notar e melhor auxilio lhe prestou.

Proponho para que sejam elogiados individualmente:

O capitão tenente da armada real Joaquim Gomes Xavier de Mattos, pelo bom serviço que desempenhou na commissão que com a canhoneira *Zaire* do seu commando foi a Angoche, quando o Parapato estava ameaçado pelo Farelay e sultão Ibrahimo, pondo a villa em estado de defeza e facilitando as communicações com aquelle posto pelo levantamento da barra.

O capitão de artilheria Arthur Cesar Monteiro Guimarães, pelo modo correcto como commandou o segundo combate do Mucutu-Muno, e pelo bem dirigido fogo de artilheria que no dia 7 fez sobre aquella povoação.

O tenente de cavallaria Antonio Augusto da Rocha e Sá, pelo muito que cuidou da instrucção da força do seu commando desde 3 de dezembro de 1896, incutindo nas praças o sentimento e comprehensão nitida dos seus deveres como praças de cavallaria, corrigindo as deficiencias evidentes, que tanto na instrucção de equitação como no manejo da lança se revelaram no combate da Majenga. Principalmente aos bem succedidos esforços e zêlo d'este official se deve, no meu entender, a maneira tão distincta como, na primeira parte da campanha, em marcha, no estacionamento e em combate se comportaram e serviram as praças de cavallaria.

O meu ajudante de campo o alferes de cavallaria Ernesto Maria Vieira da Rocha, pelo sangue frio, bom senso e promptidão com que desempenhou sempre o serviço de transmissão de ordens, etc., mesmo nas occasiões em que muito exposto ao fogo do inimigo corria maior perigo.

O commissario da armada Ernesto Ribeiro da Fonseca, pelo zêlo e dedicação com que dirigiu os serviços administrativos da columna desde 22 de fevereiro até 5 de abril de 1897 e pelo modo como se comportou quando o comboio foi atacado durante a marcha da Naguema para o Mutumundo.

O alferes em commissão João de Mendonça Perry da Camara, pela coragem, sangue frio e dedicação com que conduziu e defendeu o comboio nas marchas dos dias 19 e 20 de outubro.

O segundo sargento José Joaquim, n.º $^{86}/_{854}$ da 4.ª bateria da brigada de artilheria de montanha, pelo zêlo e actividade que mostrou no serviço do comboio.

O primeiro sargento da 1.ª companhia de cavallaria n.º 4, n.º $^{18}/_{2688}$, Antonio Mendes Serra, pelo seu comportamento e pelo zêlo e dedicação que revelou em toda a campanha.

Por identico motivo proponho que sejam louvados os segundos sargentos da mesma companhia n.º $^{3}/_{2685}$, José Augusto da Silva Bunheirão, e n.º $^{72}/_{2050}$, Manuel de Almeida, e o soldado n.º $^{36}/_{2675}$, Adriano da Cruz Nordeste.

As seguintes praças de marinhagem que o commandante da companhia de desembarque, João Coutinho, mencionou como tendo-se distinguido:

Segundo marinheiro — 11.ª — $^{135}/_{4534}$, Eduardo Martins Pereira.
Primeiro grumete — 9.ª — $^{180}/_{6162}$, José Augusto Pereira.
Primeiro grumete — 9.ª — $^{154}/_{6115}$, Manuel.
Primeiro grumete — 9.ª — $^{187}/_{5908}$, Ramiro Maria Barbosa.
Primeiro grumete — 9.ª — $^{99}/_{2530}$, Ignacio da Mota.
Segundo marinheiro — 11.ª — $^{109}/_{5052}$, Alfredo da Fonseca.

Devem ser elogiados por terem sempre cumprido o seu dever, embora não tivessem occasião de se distinguir, os seguintes officiaes:

Da armada real

Força de desembarque:
Primeiro tenente, Alberto Coriolano Ferreira da Costa.
Segundo tenente, Joaquim de Sousa Birne.
Guarda marinha, João de Faria Machado Pinto Roby.
Guarda marinha, Fernando Magalhães.
Guarda marinha, Alberto Vaz Guimarães.
Guarda marinha, Sebastião de Barbosa Casqueiro.
Facultativo naval de 2.ª classe, Carlos Barroso da Silveira.

Corveta *Duque da Terceira:*
Segundo tenente (immediato), Alberto Carlos Aprá.
Segundo tenente, Ladislau Mario Durão de Sá.
Guarda marinha, Emilio Gagean.
Guarda marinha, Joaquim de Almeida Henriques.
Guarda marinha, Manuel Paulo de Sousa Gentil.
Guarda marinha, João Bello.
Guarda marinha, Francisco da Maia e Costa.
Machinista naval de 2.ª classe, Antonio Augusto de Sousa.
Machinista conductor, Carlos Augusto Fernandes Serra.
Machinista conductor, Frederico Augusto Tavares.
Commissario de 2.ª classe, Joaquim Marques de Figueiredo.
Aspirante de 2.ª classe a machinista, Domingos Igreja.

Canhoneira *Liberal:*
Capitão de fragata, Antonio Maria Cardoso.
Capitão tenente, Henrique de Castro Carvalhosa e Athayde.
Primeiro tenente, Benjamim Paiva Curado.

Segundo tenente, João de Oliveira Muzanty.
Segundo tenente, Miguel de Mello Vaz de Sampaio.
Segundo tenente, Flavio Moreira da Fonseca.
Guarda marinha, Jorge Parry Pereira.
Guarda marinha, Francisco Freitas da Silva.
Guarda marinha, Fernando Augusto de Carvalho.
Medico naval de 1.ª classe, Balthazar Castiço Loureiro.
Machinista de 3.ª classe, José Maria Lopes.
Machinista de 3.ª classe, Antonio Santos e Silva.
Aspirante de 2.ª classe a machinista, Alberto de Carvalho.
Aspirante de 2.ª classe a machinista, Adolpho Arthur Alcobia.
Aspirante de 2.ª classe a machinista, Alfredo Gomes Nunes.

Canhoneira *Zaire:*

Primeiro tenente, Francisco Eduardo dos Santos.
Guarda marinha, Alberto de Senna Cunha.
Guarda marinha, Antonio Julio de Brito.
Machinista-conductor, Domingos Filippe.
Aspirante de 1.ª classe a machinista, Carlos Antonio de Carvalho.
Aspirante de 2.ª classe a machinista, Henrique Guilherme Fernandes.
Commissario de 3.ª classe, Francisco Maria Ribeiro.

Neves Ferreira:

Segundo tenente, Arthur de Campos (commandante).
Guarda marinha, Eduardo de Couto Lupi.
Aspirante de 2.ª classe a machinista, Abrahão Augusto Gamboa Leitão.

Commandantes da flotilha de operações:

Capitão tenente, D. Miguel Antonio de Mello.
Primeiro tenente, Alfredo Guilherme Howell.
Segundo tenente, Jorge Augusto Alves Dias.

4.ª bateria da brigada de artilheria de montanha

Primeiro tenente, Luiz Joaquim Dias Rebello.
Primeiro tenente, Luiz Pinto de Almeida.
Primeiro tenente, Luiz Guilherme Borges Sequeira.
Primeiro tenente, José Carlos Plantier Martins.

1.ª companhia do regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador da Allemanha, Guilherme II

Alferes, José Augusto dos Reis.
Veterinario de 2.ª classe, José Alves Simões.

1.ª companhia de caçadores n.º 4 (2.º batalhão)

Alferes, Francisco Feria Tenorio.

1.ª companhia de infanteria n.º 4 (2.º batalhão)

Tenente, João Francisco.
Alferes, Antonio Nunes de Andrade.
Cirurgião ajudante, Humberto da Costa Araujo.

1.ª companhia de guerra da provincia

Tenente, José Rodrigues Lage.
Tenente, Sebastião Pereira Pinto.
Tenente, Augusto Cesar Côrte Real.

Tenente, Luiz Augusto Pimentel.
Alferes, Jayme Thesauro de Mendonça.
Alferes, José Carrazede de Caldas Vianna e Andrade.

2.ª companhia de guerra da provincia

Tenente, D. Miguel de Menezes e Alarcão.
Tenente graduado, Antonio Trindade dos Santos.
Alferes da provincia, Diogo Fortunato de Azinhaes.
Comboio:
Tenente graduado, Salustiano de Sousa Correia.

Tambem devem ser elogiados todos os officiaes inferiores e mais praças que tomaram parte nas operações de guerra no continente de Moçambique, desde 12 de outubro de 1896 até 6 de abril de 1897.

Não proponho para recompensa nem louvor algum o engenheiro florestal Luiz Mascarenhas Gaivão, por não ser official ou praça do exercito ou da armada. Entretanto, pelo bom serviço que prestou, pela serenidade e indifferença ao perigo com que expoz a vida em diversas occasiões, e pela incansavel actividade que revelou, merece, tanto como qualquer dos officiaes que melhor serviço fizeram, ser recommendado á attenção e munificencia de Sua Magestade El-Rei. Quasi exclusivamente a elle se deve o regular andamento do serviço de abertura de estradas na frente da columna, serviço este da maxima importancia, por ser impossivel marchar com a columna por mato cerrado sem estrada aberta, e ao mesmo tempo muito arriscado por serem sempre contra os encarregados do córte do mato que se dirigiam os primeiros tiros do inimigo quando atacava as forças em marcha.

Não menciono n'este relatorio as modificações que entendo devem ser introduzidas na organisação, armamento, equipamento, fardamento, arreio de cavallo, das tropas destacadas para Africa por já o ter feito em o meu officio n.º 106 de 29 de maio de 1897.

Secretaria militar do governo geral em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O commissario regio, *J. Mousinho de Albuquerque,* major.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO N.º 1

Ministerio da marinha e ultramar. — N.º 93. — Lourenço Marques, 26 de abril de 1897. — Do commando da corveta *Duque da Terceira*. — Ao chefe de estado maior da columna de operações. — Ao terminar a commissão de serviço que s. ex.ª o commissario regio me ordenou que cumprisse na bahia do Mocambo, venho expor a v. ex.ª o modo como executei as ordens recebidas, nutrindo a esperança de que merecerá a approvação do mesmo ex.^mo sr.

Tendo partido d'esta capital e ancorado em frente do posto militar da Lunga no dia 14 de fevereiro, e só devendo começar operações no dia 16, passei todo o dia 15 a exercitar a guarnição no estudo da nova arma Maunlicher, que á ultima hora recebi em Moçambique, e fazendo fogo ao alvo, que se confeccionou e collocou convenientemente.

No dia 16, de madrugada, suspendi e segui para o norte da bahia, ancorando proximo da povoação Muasse, a maior e a mais importante d'aquelle ponto. Á medida que me approximava, avistavam-se de bordo numerosos grupos de pretos armados, estacionando junto das arvores mais copadas, e alguns mesmo passeando na praia, conscios, ao que parecia, da sua força, e mostrando assim o nenhum caso que faziam da chegada da corveta.

Concluindo que havia uma grande força de Maravi n'aquelle local, resolvi bombardear a povoação e litoral, e effectuar em seguida um desembarque, o que se fez com 60 praças commandadas por 1 tenente. Esta força avançou sem grande resistencia até á povoação, que incendiou, recolhendo depois a bordo sem novidade. Identicos desembarques foram effectuados alternadamente ao norte e ao sul da bahia até ao dia 26, sendo incendiadas e arrazadas o mais possivel as sementeiras das povoações de Umsulo-sulo, Mocango, Muanagome, Durane e Quivolane ao sul, e Muchelia, Muassi, Uajarva, Hiamuassi e Tocolamiconge ao norte.

No dia 26, em cumprimento das ordens na vespera recebidas do mesmo ex.^mo sr., internou-se a força de desembarque o mais que foi possivel, com os recursos de que dispunha a corveta, e n'esse, e em 27 e 28 percorreu todo o terreno comprehendido entre o rio Monabo e o norte da bahia, inflingindo o mais damno que podia fazer ao inimigo. No regresso da força no dia 26, e n'uma passagem difficil por entre matto cerrado, o inimigo emboscado no matagal rompeu fogo quasi á queima roupa; descargas successivas obrigaram-no a bater em retirada, ficando apenas ferido por esta occasião o segundo fogueiro Antonio Pina, n.º 53/3:053 da 8.ª companhia, por uma bala que lhe atravessou o musculo do pescoço junto á nuca, de que felizmente já se acha curado. Este foi o dia de mais serio ataque por parte da gente do Maravi, mas como foram rechassados não tornaram a apparecer.

Em todos os desembarques, tanto ao norte como ao sul, sempre mais ou menos houve fogo do inimigo de dentro das mattas e mangal junto á praia, especialmente em Quivolane, a maior e mais importante povoação do sul, onde residia o cheque Muli-de-Volai, mas alguns tiros de peça da lancha *Conducia* e algumas descargas da força bastou para os pôr em debandada.

Depois do dia 28, incumbi á minha guarnição a protecção dos trabalhadores que limparam o matto para a construcção do forte da Muchelia e abriramos ca-

minhos para a praia do sul e para a Namarimella ao norte e, comquanto fossem mais ou menos incommodados com tiros do inimigo, nenhum ferimento houve na nossa gente e apenas uma praça landim da guarnição do forte foi gravemente ferida por uma bala, que lhe atravessou a coxa direita, indo alojar se no musculo da da esquerda, de onde a bordo se não conseguiu extrahir a bala.

As forças de desembarque que diariamente se revezaram, abrangendo assim a guarnição toda, foram alternadamente commandadas pelos segundos tenentes Alberto Carlos Aprá, immediato, e Ladislau Mario Durão de Sá, levando sob suas ordens, como commandantes de esquadras os guardas-marinhas Emilio Gagean, Almeida Henriques, Sousa Gentil, João Bello e Maia e Costa, e sendo acompanhadas pelos officiaes dos ramos civis da guarnição que pediram e gostosamente acompanharam as expedições.

É com a maior satisfação que cumpro o grato dever de communicar a v. ex.ª que em toda esta campanha, por vezes bastante ardua e muito trabalhosa sempre pela difficuldade do desembarque e embarque, em que os officiaes e praças tinham de entrar na agua até á cintura e marchar em seguida sob um sol ardentissimo, não houve um unico murmurio, antes pelo contrario, as praças procuravam illudir os officiaes, entrando diariamente na fórma muitas mais das que tinham sido nomeadas para o serviço a desempenhar.

Debaixo do fogo do inimigo, officiaes e praças portaram-se com o maior denodo e sangue frio e creio não terem desmerecido as honrosas tradições da arma em que tenho a honra de servir.

Cumpro tambem um grato dever, informando v. ex.ª que, o commandante militar da Lunga, alferes do exercito, Barros, acompanhou sempre os desembarques, no que prestou um excellente serviço pela valiosissima informação que prestou aos commandantes, e tanto n'estes como no desempenho da commissão que lhe incumbia da construcção do forte da Muchelia, tornou-se digno do maior louvor pelo sangue frio e serenidade como se portou.

Á minha partida da bahia do Mocambo, ficou o forte da Muchelia acabado, faltando apenas uma parte do fosso a abrir e em condições de poder defender-se efficazmente.

Tenho a honra de juntar a relação nominal da guarnição da corveta. = *José de Almeida d'Avila*, capitão de fragata.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral em Lourenço Marques, ... de maio de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

CORVETA DUQUE DA TERCEIRA

Relação nominal dos officiaes e praças de pret que tomaram parte nas operações de guerra effectuadas por esta corveta na bahia do Mocambo

Officiaes

Classes	Nomes
Segundo tenente	Alberto Carlos Aprá (official immediato).
»	Ladislau Mario Durão de Sá.
Guarda marinha	Emilio Gagean.
»	Joaquim de Almeida Henriques.
»	Manuel Paulo de Sousa Gentil.
»	João Bello.
»	Francisco da Maia e Costa.

Praças de pret

Companhias	Numeros — De companhia	Numeros — De matriculas	Classes	Nomes
7.ª	4	171	Primeiro sargento	Guilherme Augusto Pereira.
5.ª	26	209	Segundo sargento	José Bernardo da Paz.
10.ª	24	3:246	»	Francisco Marques de Medeiros.
13.ª	22	2:460	»	Carlos Ayres.
2.ª	30	571	Primeiro cabo	José Joaquim da Conceição.
2.ª	70	841	»	José Esteves Carrilho Ferreira.
3.ª	15	2:605	»	Manuel João.
5.ª	52	1:611	»	João Lourenço Figueira.
5.ª	54	2:273	»	Francisco de Assis Mendes.
7.ª	13	1:195	»	José Antonio de Sousa.
9.ª	40	1:424	»	Adelino Moura dos Santos.
13.ª	58	1:870	»	Joaquim Pires.
13.ª	68	1:696	Cabo	Abel do Nascimento.
12.ª	21	400	»	Luiz Rodrigues Corvo.
14.ª	186	2:516	»	José Maria de Andrade.
16.ª	134	Addido	Fogueiro	Albino Pereira.
1.ª	74	741	Primeiro marinheiro	Antonio Pereira.
1.ª	151	2:489	»	Antonio Cardoso.
2.ª	49	1:817	»	Antonio Marques.
3.ª	81	1:671	»	José Augusto.
3.ª	241	3:783	»	José Henriques de Carvalho.
4.ª	116	4:199	Primeiro fogueiro	Joaquim Christina.
4.ª	48	1:465	»	Cazimiro Frasão.
6.ª	102	4:281	Primeiro marinheiro	José do Nascimento.
6.ª	119	3:079	»	Bernardino Antonio de Mattos.
6.ª	254	3:177	»	Theodoro Leocadio Caniço.
7.ª	43	1:205	»	Manuel de Jesus.
7.ª	253	4:129	»	Carlos de Lemos.
8.ª	96	3:879	Primeiro fogueiro	Vicente Gomes.
8.ª	108	2:985	»	Onofre da Costa Vargas.
9.ª	121	4:710	Primeiro marinheiro	Manuel Fulgencio.
11.ª	38	1:304	»	Antonio.
11.ª	162	1:608	»	Antonio Dias.
13.ª	176	2:004	»	Alfredo Augusto.

Companhia	Numeros De companhia	Numeros De matricula	Classes	Nomes
13.ª	155	1:980	Primeiro marinheiro ..	José Maria.
13.ª	314	4:182	»	Manuel José de Freitas.
13.ª	199	2:028	»	Ernesto dos Santos André.
13.ª	251	3:020	»	Polycarpo dos Santos.
14.ª	107	3:606	»	José Luiz.
14.ª	52	5:042	»	José Francisco.
16.ª	81	4:196	Primeiro fogueiro	Antonio Abrantes da Cunha.
1.ª	207	5:237	Segundo marinheiro...	Antonio Henriques.
2.ª	253	5:225	»	Manuel Evaristo.
2.ª	158	5:207	»	João Ferreira.
3.ª	47	5:029	»	Alfredo Antonio da Silva.
3.ª	57	5:927	»	José Joaquim Lopes.
3.ª	162	4:515	»	Augusto Duarte Francisco.
4.ª	141	4:423	Segundo fogueiro	José Antunes Gabado.
4.ª	128	4:081	»	Antonio Machado.
3.ª	237	4:047	Segundo marinheiro...	Joaquim Saraiva.
5.ª	135	4:589	»	José Francisco.
5.ª	42	5:195	»	Joaquim Ferreira Junior.
6.ª	309	4:201	»	Manuel Gonçalo Martins.
6.ª	260	3:253	»	Bento.
8.ª	53	3:053	Segundo fogueiro......	Antonio Pina (a).
8.ª	37	3:029	»	Luiz Rodrigues.
9.ª	105	1:256	Segundo marinheiro...	Antonio Tavares.
10.ª	175	1:852	»	Henrique Ernesto Ferreira Baldino.
10.ª	298	3:990	»	Manuel Rodrigues.
11.ª	223	2:886	»	Manuel Antonio Garrido.
11.ª	121	4:716	»	Antonio Rodrigues Faria.
13.ª	293	4:908	»	José Escorcio.
14.ª	89	5:026	»	José Augusto Rodrigues.
14.ª	143	5:030	»	Luiz Augusto Ramos.
15.ª	76	5:218	»	José Gabriel de Freitas Costa.
16.ª	43	3:588	Segundo fogueiro......	João Simões.
16.ª	135	3:262	»	Polycarpo Nunes.
1.ª	309	4:191	Primeiro grumete.....	José Rodrigues.
1.ª	233	4:577	»	José Francisco.
1.ª	257	5:143	»	Manuel Aleixo.
1.ª	273	5:155	»	José.
1.ª	281	3:813	»	Francisco Marques.
1.ª	181	4:825	»	José da Costa.
1.ª	289	3:925	»	Francisco Mendes.
1.ª	131	5:561	»	João Dias Valente.
2.ª	109	5:041	»	José dos Santos.
2.ª	252	3:721	»	Thomaz de Brito.
2.ª	206	5:971	»	Arthur dos Santos.
2.ª	306	3:025	»	Francisco Alberto da Cruz.
2.ª	96	5:035	»	Joaquim Luiz do Amaral.
2.ª	262	1:773	»	João Rodrigues.
2.ª	205	5:393	»	João de Oliveira.
3.ª	203	1:533	»	Tristão dos Santos.
3.ª	240	4:623	»	Manuel Carvalho.
3.ª	267	5:987	»	Luiz Lopes.
4.ª	77	4:451	Chegador.............	Antonio Cardoso.
4.ª	33	4:193	»	Antonio da Costa.
5.ª	131	4:583	Primeiro grumete.....	Francisco Balthazar.
5.ª	305	4:199	»	José Francisco.
5.ª	79	5:951	»	Samuel de Jesus Bento de Almeida.
5.ª	112	5:323	»	Francisco Gonçalves Tostes.
5.ª	153	5:591	»	Alfredo Lopes Ramos.
5.ª	300	4:083	»	Mathias Simões.
5.ª	224	4:887	»	Luiz Alves.
5.ª	184	5:405	»	Henrique Rodrigues.
5.ª	270	3:795	»	João Caetano.
5.ª	240	5:243	»	Francisco Martins.

(a) Esta praça foi ferida em combate.

Companhias	Numeros De companhia	Numeros De matricula	Classes	Nomes
5.ª	216	5:171	Primeiro grumete	Manuel Moraes.
5.ª	285	4:705	»	Manuel Antonio Domingos.
5.ª	84	5:085	»	Manuel Cypriano.
6.ª	205	4:957	»	Manuel Aleixo.
6.ª	289	4:163	»	Luiz Joaquim.
6.ª	47	5:059	»	Francisco Barbada.
7.ª	40	5:061	»	Hermano Duarte Pratas.
7.ª	62	5:445	»	Antonio Carmo Condeça.
7.ª	170	2:447	»	Mafaldo dos Santos.
7.ª	96	5:959	»	José Maria de Sousa Mandril.
7.ª	118	6:073	»	Justino Florido.
8.ª	128	1:603	Chegador.............	Antonio Gomes Correia.
8.ª	131	4:857	»	José Bacalhau.
9.ª	163	5:716	Primeiro grumete.....	José Rebello.
9.ª	252	2:628	»	João dos Anjos.
9.ª	108	1:260	»	Marcellino José Alves.
9.ª	81	4:992	»	André de Abreu.
9.ª	68	5:934	»	Antonio Julio de Mattos.
9.ª	140	5:862	»	Manuel Martins.
10.ª	299	3:394	»	Arcolino dos Santos.
10.ª	114	2:694	»	Daniel Ribeiro.
10.ª	144	4:720	»	Libanio Monteiro Carvalho.
10.ª	270	3:684	»	Antonio Manuel Valente.
10.ª	282	5:274	»	Manuel Pedro.
10.ª	126	3:494	»	José Francisco,
10.ª	176	6:006	»	Filippe Manuel.
10.ª	288	4:274	»	Felisberto do Espirito Santo.
10.ª	244	4:238	»	Antonio Ferraz.
10.ª	173	6:000	»	João Ildefonso Machado Barbosa.
13.ª	217	4:644	»	José Faustino.
13.ª	62	5:072	»	Antonio Marques.
13.ª	247	3:014	»	Mathias Alves Quiterio.
14.ª	241	5:752	»	Antonio Germano.
14.ª	243	4:276	»	Simplicio Mendes.
14.ª	86	5:050	»	Adolpho Julio.
14.ª	161	5:238	»	Antonio Augusto Monteiro.
15.ª	158	3:948	»	João Bacalhau.
2.ª	245	1:475	Segundo grumete.....	Henrique Alves de Almeida.
14.ª	307	4:098	»	Cosme Madeira.
3.ª	62	5:[illegible]45	Corneteiro	Joaquim Francisco Vidrado.
9.ª	318	4:298	»	Manuel da Cunha.

Voluntarios

Officiaes

Classes	Nomes
Machinista naval de 2.ª classe...........	Antonio Augusto de Sousa.
Machinista conductor	Carlos Augusto Fernandes Serra.
Machinista conductor	Frederico Augusto Tavares.
Commissario de 2.ª classe...............	Joaquim Marques de Figueiredo.
Aspirante de 2.ª classe, a machinista	Domingos Igreja.

Praças de pret

Companhias	Numero De companhia	Numero De matricula	Classes	Nomes
1.ª	7	45	Mestre	João Pestana.
5.ª	10	5:907	Segundo contramestre..	Adolpho Ayres Melchiades.
5.ª	12	5:789	Segundo contramestre..	Isaac da Fonseca Reis.
Sau.	14	3:527	Enfermeiro de 1.ª classe	Francisco Domingos.
8.ª	73	3:477	Conductor machinista..	Augusto Gil das Neves.
8.ª	77	5:573	Conductor machinista de 2.ª classe.	Antonio Maria Leite.
4.ª	132	5:575	Conductor machinista de 2.ª classe.	Eduardo Augusto Sersarego.
16.ª	11	248	Carpinteiro de 2.ª classe	José Luiz.
16.ª	8 A	300	Calafate de 1.ª classe..	Sebastião José Pereira Ferraz.
8.ª	21 A	291	Serralheiro de 2.ª classe	Eduardo Mattos Cruz.

Bordo da corveta *Duque da Terceira,* em Lourenço Marques, 26 de abril de 1897. = *Alberto Carlos Aprá.*

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral, em Lourenço Marques, ... de maio de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

DOCUMENTO N.º 2

Relatorio do combate da Muchelia, no dia 13 de abril de 1897, por forças do Marave

No dia 13 do corrente mez foi o posto militar da Muchelia atacado por enorme quantidade de pretos, que o envolveram por todos os lados, fazendo um nutridissimo fogo desde as oito horas da manhã até ás dez, hora a que dispersaram depois de haverem perdido o seu chefe de guerra, que com duas enormes mangas avançára para o posto, a fim de se empenhar na lucta com os nossos.

Estas mangas avançaram perfeitamente a descoberto pelo NO., e vinham precedidas de bandeiras brancas e compunham-se de mais de 600 homens cada uma. Ainda a mais de 1:200 metros fiz tres tiros sobre ellas e consegui pôr fóra de combate o chefe, que supponho ser o irmão do Marave; n'esta occasião ouviu-se tocar o *palapata*, e tudo dispersou, o que me prova que as perdas soffridas pelo inimigo foram importantissimas, não só pelo pouco tempo que durou, mas como pelos enormes rastos de sangue que por toda a parte se notavam.

Ainda consegui matar mais 2 macúas, os que primeiro me alvejaram, e que se haviam approximado a menos de 50 metros de distancia.

Dos nossos não houve ferimento, sendo apenas agarrados pelos indigenas 3 dos nossos operarios (sentenciados), por terem saido do posto sem licença, e andarem por fóra na occasião de principiar o combate.

As balas vinham em geral com muita elevação, indo cravar-se nos frechaes da casa de zinco e notando-se muitos tiros de Snyder e Martini Henry.

Calculo em mais de 3:000 os combatentes, que com todo o encarniçamento tomaram parte no combate.

O fogo da nossa parte teve de ser sustentado com toda a energia, devido á enorme quantidade de combatentes e á pequena approximação a que se chegaram do posto. = *José Xavier Teixeira de Barros,* alferes.

Está conforme. — Repartição militar do districto de Moçambique, 26 de abril de 1897. = O encarregado do expediente militar, *Miguel Antonio das Neves,* alferes.

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral em Lourenco Marques, 10 de maio de 1897. = Pelo chefe do estado maior, *Antonio Martins de Andrade Vellez,* primeiro tenente.

DOCUMENTO N.º 3

Governo do districto de Moçambique

Moçambique, 15 de maio de 1897. — Ao sr. chefe do estado maior. — Lourenço Marques. — Do governador do districto. — Para explanar os meus telegrammas já enviados, ácerca das pequenas operações effectuadas no districto, depois da saida de s. ex.ª o governador geral, remetto esta nota, que não é comtudo um relatorio, que embora singelo e insignificante, só o farei depois de concluidos todos os trabalhos que digam respeito a este assumpto.

Antes da partida do ex.^mo^ governador geral, recebi umas instrucções assignadas pelo sr. secretario geral, nas quaes se me determinava no n.º 1.º que fizesse reunir sem perda de tempo a gente de Itoculo, para a lançar sobre os namarraes, fazendo-a acompanhar de um official bravo, ao passo que eu do Ibrahimo, com a gente disponivel e os auxiliares abrisse caminho para o Pão.

Procurei, chegado ao Mossuril, tomar conhecimento da situação, mas já a 17 saía para Itoculo o alferes Vianna de Andrade, da 1.ª companhia de guerra, a quem eu encarregára da missão, por ser official valente, e por não dispor de outro.

Supponho desde logo que levaria tempo antes de que a gente de Marruá-Muno

se pozesse em campo, tratei de dar execução ao disposto no n.º 2.º das referidas instrucções, que me ordenavam expulsar á viva força de Lumbo a gente do Marave.

Isto fez-se a 18, incendiando-se alem do Lumbo tres povoações proximas, e roubando os auxiliares grande quantidade de mantimentos, etc.

Commandava os auxiliares o sr. tenente Baptista Coelho e o pelotão da 1.ª companhia, que os reforçava, o sr. tenente Côrte Real.

O que eu previra deu-se. Marruá-Muno, allegando que já tivera a sua gente reunida (não sei quando), dizia que precisava da nova lua para a poder levar á guerra contra as povoações do Pão, começando desde logo com interminaveis pedidos, que não tenho satisfeito senão pela terça ou quarta parte, mostrando-lhe assim que não é por necessidade que recorremos a elle, ao mesmo tempo que attendo ao inveterado costume em que elles estão, e que é consequencia de habitos anteriores, e da sua indole interesseira e servil.

Como a nova lua a que se referíra Marruá-Muno, começava a 5 ou 6 de maio, entendi não deixar os maraves socegados durante este tempo, mas não julguei conveniente passar a executar o que estava ordenado no n.º 3.º das instrucções (operações em torno de Lunga e Mochelia), visto que isto me poderia fazer perder a occasião de operar de combinação com a gente de Itoculo, combinação que estava categoricamente indicada no mesmo n.º 1.º

Assim, ordenei mais duas razzias, uma que saíu a 25 de abril, commandada pelo capitão Callado, e que pouco achou para destruir, apesar de executar oito horas consecutivas de marcha, o que estafou por completo o quadro europeu da 1.ª companhia. A segunda, em 1 de maio, seguiu até Quissona pelo Lumbo, indo os auxiliares por terra, sob o commando do tenente Alarcão, e um pelotão de landins, commandado pelo tenente Dias, que seguiu embarcado até ao Lumbo, para poupar os brancos; d'esta vez o resto do Lumbo, Quissona, e as searas e povoações proximas, ficaram destruidas, tendo-se posto fóra do combate alguns maraves (sabe-se de 15) e tende nós 2 auxiliares feridos e 1 morto.

Preparava-me, pois, para seguir a 6 para Ibrahimo, encontrando-me assim no campo ao mesmo tempo que a gente de Itoculo, quando o telegramma de 3 do corrente de s. ex.ª o governador geral, dizendo-me que urgia ir destruir Mitiquite e Cayole, me fez dar immediatas contra-ordens, e ordens n'este sentido, e que já não pude alterar, quando o segundo telegramma, recebido a 4, me veiu demonstrar que a s. ex.ª era indifferente a ordem de operações, desejando apenas que ellas se não protelassem, o que, se aconteceu, foi, como agora informo e v. ex.ª fica sciente, por causas estranhas á minha vontade e poder.

Segui a 6 para Lunga no vapor *Neves Ferreira,* levando a reboque a falua do arsenal, destinada a auxiliar os desembarques.

Mitiquite fica na outra margem do Mutomunho e na direita de Mitiquite. O caminho seguido é langua alagada e coberta pelo fluxo das aguas e só póde ser empregado durante a maré baixa, motivo por que apenas no dia seguinte eu pôde ir destruir a povoação, sendo, alem d'esta, arrazadas outras, uma das quaes quasi fronteira a Mitiquite e bastante grande.

Segundo as informações que o alferes José de Barros tinha em tempos alcançado, devia-se chamar a esta Coyale.

Ora esta Coyale ou Coyola differe muito em posição, do que está marcado no esboço dos terrenos do continente que me foi entregue, mas é certo que não pude obter informação ácerca de outra qualquer povoação do mesmo nome, ignorado completamente pelos nossos guias, 3 soldados da 2.ª companhia que tinham palmilhado aquelle terreno em varias direcções.

Foram estas rasões que me levaram a dizer no telegramma que queimára o supposto Coyole, sem renunciar a procurar o outro, partindo de Natule, o que é mais facil e onde posso encontrar guias.

As difficuldades das passagens dos rios e a conveniencia, segundo o meu parecer, de poupar por emquanto as terras do Molid-Volay, cuja gente se vae pouco a pouco chegando, levaram-me a transferir a minha columna para Muchelia no

dia 8, indo já na tarde d'este dia destruir Injaca e outras povoações proximas, (vide carta dos Leottes) com um pequeno destacamento de 30 landins.

Nos outros dois dias, percorri a região baixa do Monápo, destruindo entre outras as seguintes grandes povoações de Mechaucoma, Amorruma, Macombe, Quissirua e Merendire.

No dia 9 regressavamos á Muchelia, depois da razzia, que foi a maior, e durante a passagem do rio, quando fomos atacados pela retaguarda e pelos flancos. A occasião era bem escolhida e de certo haveria bastantes victimas, se eu não tivesse tomado, como era meu stricto dever, as necessarias precauções. A passagem foi suspensa, empregando-se algumas descargas e retornos offensivos em repellir para longe o inimigo, o que se conseguiu; mais desembaraçado assim, continuei a passagem por escalões successivos, que se protegiam mutuamente pelo fogo. Este durou meia hora e sem termos perdas, o que demonstra a insignificancia da escaramuça, sem comtudo querer dizer com isto que ella não désse ensejo a evidenciar-se o bom comportamento dos officiaes e tropas, quer européas quer indigenas, sobretudo das primeiras.

Uma espingarda escangalhada, uma mochila furada, e o sibillar de muitas e boas balas, mostraram-me que nos tinha tambem protegido a Providencia, no incruento resultado alcançado.

O bem concertado do fogo e a sua disciplina, a pouca distancia a que estavam os nossos inimigos, invisiveis como sempre, as informações da gente do posto que víra de longe o combate, levam-me a crer que as perdas dos maraves foram sensiveis, não contando com os 6 ou 7 homens que a exploração, energicamente conduzida pelo alferes Azinhaes, lhe deitou abaixo nos dois ultimos dias.

Logo que tenha aberta a estrada até ao Pão, desejo, servindo-me de base Natule, fazer umas incursões até ao Mouápo, procurando o outro Coyole e uma povoação grande que chamam Miguarangam.

Conhece v. s.ª muito bem a minha opinião ácerca de postos em guerras de Africa, mas como o primeiro de todos os principios é adaptar estes ás circumstancias, entendo que para dominar no paiz Marave e Namarral, coio de salteadores incorregiveis, é preciso dispor de uma rede de postos, não muito larga, que permitta assegurar efficaz protecção aos moradores que se submetterem, estabelecer communicacões regulares por todo o paiz, etc.; occupação temporaria, claro está, mas precisa nos primeiros tempos.

Por isso lembro a conveniencia de estabelecer um novo posto provisorio, proximo da passagem da estrada e do rio, embora, no que não acho inconvenienie, se desguarnecesse Natule.

Como é assumpto que póde prender com resoluções já assentes do ex.mo sr. commissario regio, não tomo solução definitiva antes da resposta, que convinha viesse pelo telegrapho. = *Eduardo Costa.*

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 19 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

COLUMNA DE OPERAÇÕES

12 de outubro de 1896

	Officiaes	Data da apresentação na columna
Quartel general da columna	Commandante da columna, o governador da provincia de Moçambique, o major de cavallaria, Joaquim Mousinho de Albuquerque	12-10-96
	Chefe do estado maior, o tenente, depois capitão do estado maior, Ayres de Ornellas e Vasconcellos	12-10-96
	Sub-chefe do estado maior, o primeiro tenente de artilheria, Antonio Martins de Andrade Vellez	12-10-96
	Ajudante de campo, o alferes, Ernesto Maria Vieira da Rocha	12-10-96
	Ajudante de campo, o tenente graduado de cavallaria, em commissão, Henrique de Almeida Tocha	12-10-96
Força de marinha	Commandante da força de marinha de desembarque, o primeiro tenente da armada, João Coutinho	24-1-97
	O primeiro tenente da armada, Alberto Coriolano Ferreira da Costa	24-1-97
	O segundo tenente da armada, Flavio Moreira da Fonseca	24-1-97
	O segundo tenente da armada, Joaquim de Sousa Birne	24-1-97
	O guarda marinha, João de Faria Machado Pinto Roby	24-1-97
	O guarda marinha, Manuel Ferrão Castello Branco	24-1-97
	O guarda marinha, Fernando de Magalhães e Menezes	24-1-97
	O guarda marinha, Alberto Vaz Guimarães	24-1-97
	O guarda marinha, Sebastião Barbosa Casqueiro	-
4.ª bateria de artilheria de montanha	Commandante da bateria de artilheria, o capitão de artilheria, Arthur Cesar Monteiro Guimarães	14-11-96
	O primeiro tenente de artilheria, Luiz Joaquim Dias Rebello	24-1-97
	O primeiro tenente de artilheria, Luiz Pinto de Almeida	12-10-96
	O primeira tenente, Luiz Guilherme Borges Sequeira	14-11-96
	O primeiro tenente, José Carlos Plantier Martins	14-11-96
Companhia de cavallaria n.º 4	Commandante da companhia de cavallaria n.º 4, o capitão de cavallaria, Leopoldo da Silva Vianna	12-10-96
	O tenente de cavallaria, Antonio Augusto da Rocha e Sá	12-10-96

EM MOÇAMBIQUE

a 6 de abril de 1897

Acções em que entraram	Ferimentos	Observações
Mojenga, 19 e 20-10-96 Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	Ferida por arma de fogo acompanhada de contusão no dorso do pé direito. Escoriação e echimose na coxa esquerda (acção de Mojenga)	Seguiu para Lourenço Marques em 15-12-96, regressando em 18-1-97. Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96 Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	Contusão e echimose externa na coxa direita (acção de Mojenga)	Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96 Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— — —	—
Mojenga Naguema Ibrahimo	Ferida contusa na articulação radio-carpia direita (acção de Mojenga)	Seguiu para Lourenço Marques em 15-12-96, regressando em 18-1-97. Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96	—	Deixou de fazer parte da columna e seguiu para Lourenço Marques em 29-1-97.
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97 Mucuto-Muno, 7-3-97	— — —	Foi ao Itoculo.
Naguema Ibrahimo	— —	— —
-	-	Deixou de fazer parte da columna em 23-2-97, por motivo de doença.
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97 Mucuto-Muno, 7-3-97	— — —	Foi ao Itoculo.
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— —	—
Naguema, 3-3-67 Ibrahimo, 6-3-97 Mucuto-Muno, 7-3-97	— — —	Foi ao Itoculo.
Naguema, 3-9-97 Ibrahimo, 6-3-97	— —	— —
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97 Mucuto-Muno, 7-3-97	— — —	— — —
Noguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— —	— —
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97 Mucuto-Muno, 7-3-97	— — —	Commandou a columna desde 15-12-96 até a 18-1-97.
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97 Mucuto-Muno, 7-3-97	— — —	— — —
Mojenga, 19 e 20-10-96 Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— — —	Foi ao Itoculo.
Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— —	— —
Naguemo, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— —	Foi ajudante interino do commandante da columna desde 18-2-97 a 6-4-97.
Mojenga, 19 e 20-10-96	—	Seguiu para o reino por opinião da junta de saude em 4-12-96.
Mojenga, 3-3-97 Naguema, 3-3-97 Ibrahimo, 6-3-97	— — —	— — —

	Officiaes	Data da apresentação na columna
Companhia de cavallaria n.º 4	O alferes, José Augusto dos Reis	12-10-96
	O veterinario de 2.ª classe, José Alves Simões	12-10-96
1.ª companhia de guerra de caçadores n.º 4	Commandante da companhia de caçadores n.º 4, o capitão de infanteria, José Vicente Cansado	12-10-96
	O tenente, José Gomes Paulo	12-10-96
	O alferes, João dos Santos Pires Viegas	12-10-96
	O alferes, Manuel José Passos Ribeiro	12-10-96
	O alferes, Francisco Faria Tenorio	18-3-97
1.ª companhia de guerra de infanteria n.º 4	Commandante da companhia de infanteria n.º 4, o capitão, Rodolpho Augusto de Passos e Sousa	24-1-97
	O tenente, João Francisco	24-1-97
	O alferes, José da Conceição Costa e Silva	-
	O alferes, Antonio Nunes de Andrade	24-1-97
1.ª companhia de guerra da provincia	Commandante da 1.ª companhia de guerra da provincia, o capitão de infanteria, Francisco dos Santos Callado	12-10-96
	O tenente de infanteria, José Rodrigues Lage	12-10-96
	O tenente de infanteria, Sebastião Pereira Pinto	12-10-96
	O tenente de infanteria, Augusto Cesar Côrte Real	12-10-96
	O alferes de infanteria, Jayme Thesauro de Mendonça	14-10-96
	O tenente de infanteria, Luiz Augusto Pimentel	16-12-96
	O alferes de infanteria, José Carrazedo de Caldas Sousa Vianna Andrade	12-10-96
Auxiliares	Commandante dos auxiliares, o alferes José Teixeira de Barros	12-10-96
	O capitão mór de Mossuril, o capitão de infanteria, Manuel de Oliveira Gomes da Costa	14-10-96
Comboio	Commandante do comboio, o alferes, João de Mendonça Perry da Camara	12-10-96
	Primeiro tenente de artilheria, Alfredo Baptista Coelho	28-1-97
	Adjunto do comboio, o tenente graduado, Salustiano de Sousa Correia	15-1-97
Serviço de saude	Chefe do serviço de saude, o cirurgião ajudante, Manuel Justino Ferraz de Azevedo	12-10-96
	O cirurgião ajudante, João José Marques	12-10-96
	O cirurgião ajudante, Humberto Pinto da Costa Araujo	24-1-97
	O facultativo naval de 2.ª classe, Adolpho Carlos Barroso da Silveira	24-1-97
Serviço administrativo	Chefe dos serviços administrativos, o commissario da armada, Ernesto Ribeiro da Fonseca	24-1-97

Acções em que entraram	Ferimentos	Observações
Mojenga, 19 e 20-10-96...	—	—
Naguema, 3-3-97........	—	—
Ibrahimo, 6-3-97	—	—
Mojenga, 19 e 20-10-96 ..	—	Seguiu para o reino por opinião da junta de saude em 4-12-96.
Mojenga, 19 e 20-10-96...	—	Seguiu para o reino por opinião da junta de saude em 25-12 96.
Mojenga, 19 e 20-10-96...	—	Seguiu para o reino por opinião da junta de saude em 25-12-96.
Mojenga, 19 e 20-10-96...	—	Commandou a base de operações desde 18-2-97 até 27-3-97, data em que seguiu para o reino.
Mojenga, 19 e 20-10-96...	—	Substituiu o capitão mór do Mossuril desde 18-2-97 até 4-4-97 Commandou a base de operações desde 27-3-97 até 6-4-97.
—	—	Foi ao Itoculo.
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97	— —	—
Naguema, 3-6-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— —	Foi ao Itoculo.
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97......... Mucuto-Muno, 7-3-97.....	Ferida por arma de fogo no terço medio da coxa esquerda (acção de Mucuto)..................	—
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 3-3-97	— —	—
Mojenga, 19 e 20-10-96... Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— — —	Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96 ..	—	—
Mojenga, 19 e 20-10-96 ..	—	Seguiu para Inhambane em 16-12-96.
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— —	Commandou a companhia do deposito desde 14-10-96 até 2-11-96. Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96 ..	—	Tomou o commando da companhia do deposito de Moçambique em 2-11-96, data em que deixou de fazer parte da columna.
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97	— —	Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96 .. Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 3-3-97.........	— — —	Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96 ..	—	—
Mojenga, 19 e 20-10-96 .. Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97 .... Mucuto-Muno, 7-3-97.....	— — — —	Foi adjunto ao quartel general do commando. de 17 a 22 de outubro. Commandou os auxiliares desde 18-2-97 a 6-4-97.
Mojenga, 19 e 20-10-96 ..	—	—
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— —	Commandou o comboio desde 18-2-97 até 6-4-97. Foi ao Itoculo
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— —	Foi adjunto desde 18-2-97 até 6-4-97. Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20—0-96... Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— — —	Foi ao Itoculo.
Mojenga, 19 e 20-10-96...	—	Seguiu para o reino por opinião da junta de saude em 25-12-96.
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— —	Foi ao Itoculo.
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97.........	— —	—
Naguema, 3-3-97........ Ibrahimo, 6-3-97	— —	Foi ao Itoculo.

OFFICIAES QUE NÃO FIZERAM PARTE DA COLUMNA

	Officiaes	Data da apresentação na columna
2.ª companhia de guerra................	Commandante da 2.ª companhia, o tenente de infanteria, D. Miguel de Menezes Alarcão (commandante militar de Natule)....................................	25-11-96
	O tenente graduado, João Baptista de Carvalho...........	4-1-97
	O tenente graduado, Antonio Trindade dos Santos.........	12-12-96
	O alferes, Diogo Fortunato de Azinhaes....................	25-11-96

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço

MAS QUE FIZERAM SERVIÇO EM CAMPANHA

Acções em que entraram	Ferimentos	ervações
–	—	—
–	—	Foi tres vezes ao regulo do Itoculo.
Naguema, 3-3-97	—	Foi adjunto do commandante dos auxiliares desde 25-2-97 até 10-3-97.
Ibrahimo, 6-3-97.........	—	
Mucuto-Muno, 7-3-97.....	—	
–	—	—

Marques, 19 de unho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

SECRETARIA MILITAR DO GOVERNO GERAL

Mappa da força da columna de operações

	Officiaes	Officiaes inferiores	Cabos, soldados, clarins ou corneteiros	Gente de guerra	Gente de machado	Maqueiros — Ambulancia	Conductores do comboio	Carregadores	Cavallos	Muares	Burros	Carros
Quartel general......	5	(a) 1	(b) 3	–	–	–	–	–	8	–	2	1
Marinha.............	8	5	128	–	–	–	–	–	1	–	–	–
Artilheria...........	5	3	31	–	–	–	–	–	5	6	(c) 8	–
Cavallaria...........	2	5	61	–	–	–	–	–	52	–	–	–
Infanteria n.º 4......	4	7	170	–	–	–	–	–	1	–	–	–
1.ª companhia de guerra................	4	5	(d) 167	–	–	–	–	–	1	–	–	–
Serviço de saude.....	3	4	6	–	–	–	–	–	1	4	(e) 4	3
Comboio.............	(f) 3	3	33	–	–	–	–	–	2	41	–	19
Auxiliares...........	(g) 2	–	–	186	72	21	62	64	3	–	–	–
Total.......	36	33	599	(h) 186	(h) 72	(h) 21	(h) 62	(h) 64	74	51	14	23

(a) Amanuense.
(b) 2 ordenanças e 1 clarim de ordens.
(c) Atrelavam as peças Gruson.
(d) 155 indigenas e 12 cabos europeus.
(e) Atrelavam o carro da ambulancia.
(f) 1 é o chefe dos serviços administrativos.
(g) A augmentar o engenheiro silvicultor Luiz Galvão.
(h) São todos irregulares indigenas.

Quartel general em Natule, 24 de fevereiro de 1897. = O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

CIRCULAR

S. ex.ª o commissario regio, commandante da columna de operações dissolvida por decreto de 6 do corrente, encarrega-me de pedir a v. s.ª, se sirva apresentar em relatorio, com a urgencia possivel, as indicações que entenda de fazer aos officiaes e praças de pret do seu digno commando, que se distinguissem em campanha e nos combates da Mojenga, Naguema, Ibrahimo e Mucuto-Muno, devendo sempre que mencione nominalmente qualquer official ou praça dizer bem claramente por que feito lhe merece menção especial. V. s.ª enviará para esta secretaria o seu relatorio.

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, 9 de abril de 1897. = *A. Vellez.*

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, ... de ... de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELAÇÃO DOS OFFICIAES DO QUARTEL GENERAL DA COLUMNA COM DESIGNAÇÃO DOS COMBATES EM QUE ENTRARAM

Postos	Nomes	Combates em que entraram			Observações
		Mojenga	Naguema	Ibrahimo	
Major de cavallaria..	Joaquim Mousinho de Albuquerque	1	1	1	Commandante da columna.
Capitão do estado maior............	Ayres de Ornellas e Vasconcellos	1	1	1	Chefe do estado maior.
Primeiro tenente de artilheria	Antonio Martins de Andrade Vellez	1	1	1	Sub-chefe do estado maior.
Alferes de cavallaria	Ernesto Maria Vieira da Rocha	1	1	1	Ajudante de campo.
Tenente graduado de cavallaria........	Henrique de Almeida Tocha....	1	-	-	Ajudante de campo.

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, ... de junho de 1897.=O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELAÇÃO DAS PRAÇAS DO QUARTEL GENERAL DA COLUMNA COM DESIGNAÇÃO DOS COMBATES EM QUE ENTRARAM

Corpos	Companhias	Numeros de companhia	Postos	Nomes	Combates em que entraram		
					Mojenga	Naguema	Ibrahimo
Deposito de Moçambique..........	–	–	Segundo sargento	Pedro Roballo Gamboa...	1	1	1
Policia de Gaza	–	–	Soldado.........	Joaquim Pedro de Sousa..	–	1	1
Companhia de guerra	1.ª	304	Soldado.........	João Francisco Muhougo..	1	1	1
Companhia de guerra	2.ª	–	Soldado.........	Momballa...............	1	1	1

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, ... de junho de 1897. = O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELAÇÃO DOS OFFICIAES E PRAÇAS DA ARMADA

Quelimane, 1 de maio de 1897. — Ao chefe do estado maior do governo geral. — Do primeiro tenente da armada J. Coutinho.

Satisfazendo o que se me determina na circular n.º 362, da secretaria militar, remetto relações de officiaes e praças que me merecem menção, fazendo notar que os que mais se recommendam levam depois do nome o signal (*a*) = *J. Coutinho.*

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, ... de ... de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELAÇÃO DOS OFFICIAES DA FORÇA DE DESEMBARQUE DE MARINHA

QUE FEZ PARTE DA COLUMNA DE OPERAÇÕES CONTRA OS NAMARRAES E QUE SE FAZEM RECOMMENDAR Á ATTENÇÃO DO SENHOR COMMISSARIO REGIO

Nomes	Circumstancias que os tornaram merecedores de se lhes tomar em conta o serviço desempenhado
Primeiro tenente, Alberto Coriolano Ferreita da Costa.	Commandou o 1.º pelotão de marinha nos combates de Noguema e no combate do Ibrahimo (dia 6 de março) mostrou coragem e sobretudo ser um official disciplinador, tendo perfeitamente na sua mão toda a sua gente, que levava ao fogo muito bem. Distinguiu-se nos dois combates.
Segundo tenente, Joaquim de Sousa Birne.	Commandou o 2.º pelotão de marinheiros no combate da Mojenga, na escaramuça do Ibrahimo (5 de março) e no assalto á aringa do Mucuto-Muno, commandou a força de marinha que foi até ao Itoculo. Distinguiu-se e muito especialmente no combate de Mocuto-Muno, segundo julgo, um dos mais vivos da campanha, em que avançou debaixo de fogo vivo, que durou uns cincoenta minutos, varrendo a aringa e fazendo callar o fogo do inimigo.
Guarda marinha, João de Faria Roby.	Entrou com o 1.º pelotão nos combates de Naguema, Ibrahimo, distinguindo-se nos dois pelo modo como conduzia a sua secção ao fogo. Distinguiu-se sobretudo no Ibrahimo, onde a sua secção avançou sob fogo mais vivo em atiradores, dirigindo-os e conduzindo-os muito bem.
Guarda marinha, Manuel Ferrão Castello Branco.	Entrou com o 2.º pelotão nos combates de Naguema, Ibrahimo, e Mucuto-Muno, em que a sua secção, composta de 25 homens, teve 6 feridos e em que sustentou o fogo brilhantemente, avançando em linha debaixo de fogo vivo e indo occupar a saída da aringa. Fez parte da força que foi ao Itoculo.
Guarda marinha, Fernando de Magalhães e Menezes.	Entrou com o 1.º pelotão nos combates de Naguema e Ibrahimo, distinguindo-se nos dois combates, dando o exemplo ás praças que commandava e conseguindo leval-as sempre ao fogo com decisão, energia e o maior sangue frio. Distinguiu-se sobretudo no Ibrahimo.
Guarda marinha, Manuel Barbosa Casqueiro.	Entrou com o 1.º pelotão nos combates de Naguema e Ibrahimo; salientou-se em ambos e especialmente no Ibrahimo.

João Coutinho.

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, ... de ... de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

RELAÇÃO DAS PRAÇAS

QUE FIZERAM PARTE DA COMPANHIA DE MARINHAGEM

Na columna de operações contra os namarraes e que se tornaram dignas de ser recommendadas á attenção do ex.mo sr. commissario regio

Nomes	Circumstancias que os tornaram merecedores de se lhes tomar em conta o serviço desempenhado
4.ª — 3 — 973 — Segundo sargento, Antonio Rodrigues (a).	Tomou parte nas acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto; foi ferido n'esta acção, continuando a commandar a sua esquadra, que foi a que mais soffreu do fogo inimigo. Torna-se muito particularmente recommendavel pela sua coragem. Fez parte da força que foi ao Itoculo.
5.ª — 55 — 1267 — Cabo marinheiro, José Maria Marques Costa.	Tomou parte nas acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto; ferido ligeiramente. Distinguiu-se nas tres acções.
2.ª — 108 — 4493 — Segundo marinheiro, Alberto Luiz (a).	Tomou parte na acção da Naguema aonde teve um braço varado de bala. Alem de ferido, distinguiu-se.
11.ª — 135 — 4534 — Segundo marinheiro, Eduardo Martins Pereira (a).	Tomou parte nas acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Ferido no Mucuto, onde, apesar de ferido, continuou em fogo até terminar a acção.
9.ª — 180 — 6162 — Primeiro grumete, José Augusto Pereira (a).	Tomou parte nos combates de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Ferido, conservou-se sempre em fogo.
9.ª — 154 — 6115 — Primeiro grumete, Manuel (a).	Tomou parte nas tres acções. Ferido, conservou-se em fogo.
9.ª — 187 — 5908 — Primeiro grumete, Ramiro Maria Barbosa (a).	Tomou parte nas tres acções. Ferido, conservou-se em fogo.
9.ª — 99 — 2530 — Primeiro grumete, Ignacio da Mota (a).	Tomou parte nas tres acções. Ferido, conservou-se em fogo.
13.ª — 102 — 5302 — Primeiro grumete, Manuel Mathias.	Tomou parte nas tres acções. Ferido levemente em Mucuto. Distinguiu-se.
14.ª — 29 — 816 — Cabo marinheiro, Virgilio.	Tomou parte nas tres acções. Distinguiu-se.
11.ª — 18 — 6096 — Cabo artilheiro, Jayme Alberto.	Tomou parte nas acções de Naguema e Ibrahimo. Distinguiu-se.
14.ª — 26 — 552 — Cabo marinheiro, Chrysostomo Antonio Maria.	Tomou parte nas acções de Naguema e Ibrahimo. Distinguiu-se.
9.ª — 64 — 1666 — Cabo marinheiro, Miguel Laurido.	Tomou parte nas acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Distinguiu-se sempre.
14.ª — 214 — 2232 — Primeiro marinheiro, Raphael Carlos Pereira.	Tomou parte nas acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Distinguiu-se sempre.
2.ª — 114 — 845 — Primeiro marinheiro, Amadeu Antonio Pires.	Acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Distinguiu-se no Mucutu.

Nomes	Circumstancias que os tornaram merecedores de se lhes tomar em conta o serviço desempenhado
5.ª—81—989—Primeiro marinheiro, André de Sousa.	Acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Distinguiu-se no Mucutu.
14.ª — 83 — 2322 — Primeiro marinheiro, José Luiz de Oliveira.	Acções de Naguema, Ibrahimo e Mucuto. Distinguiu-se no Mucuto.
9.ª — 78 — 1292 — Primeiro marinheiro, José da Cruz.	Acções de Naguema e Ibrahimo. Distinguiu-se no Ibrahimo.
13.ª — 65 — 3362 — Primeiro marinheiro, Antonio Luiz.	Acções de Naguema e Ibrahimo. Distinguiu-se no Ibrahimo.
6.ª — 228 — 3773 — Primeiro marinheiro, José Antonio de Oliveira.	Acções de Naguema e Ibrahimo. Distinguiu-se no Ibrahimo.
11.ª — 109 — 5052 — Segundo marinheiro, Alfredo da Fonseca (*a*).	Ordenança do commandante da companhia. Tomou parte em todas as acções, distinguiu-se em todas e muito especialmente em Mucuto.
2.ª—41—3291—Luiz de Almeida.	Corneta de ordens do commandante da companhia. Tomou parte em todas as acções, distinguindo-se muito particularmente no Ibrahimo.
11.ª — 66 — Segundo sargento, Macedo Brito.	Distinguiu-se em Naguema e no Ibrahimo.

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, ... de ... de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELAÇÃO NOMINAL DAS PRAÇAS DE MARINHA PERTENCEN

Companhias	Numeros — De companhia	Numeros — De matricula	Classes	Nomes
–	–	–	Primeiro tenente	João Antonio de Azevedo Coutinho Fragoso Sequeira
–	–	–	»	Alberto Coriolano Ferreira da Costa
–	–	–	Segundo tenente	Flavio Moreira da Fonseca
–	–	–	»	Joaquim de Sousa Birne
–	–	–	Guarda marinha	João de Faria M. Pinto Roby de Miranda Pereira
–	–	–	»	Manuel Ferrão Castello Branco
–	–	–	»	Fernando Magalhães de Menezes
–	–	–	»	Alberto Vaz Guimarães
–	–	–	»	Manuel Barbosa da Silva Casqueiro
–	–	–	Commissario de 3.ª classe	Ernesto Ribeiro da Fonseca
11.ª	66	836	Segundo sargento	João Francisco de Macedo e Brito
4.ª	3	973	»	Antonio Rodrigues
7.ª	246	3:127	»	João Duarte Gilberto
9.ª	89	1:604	»	Antonio
C. S.	36	–	Enfermeiro de 2.ª classe	Carlos da Cruz Oliveira Calheiros
4.ª	7	273	S. em. 2.ª classe	Manuel Ricardo Leite
11.ª	18	6:096	Cabo	Jayme Alberto
14.ª	26	552	»	Chrysostomo Antonio Maria
14.ª	29	816	»	Virgilio
7.ª	185	2:461	Segundo marinheiro	Manuel Fernandes
5.ª	55	1:267	Cabo	José Maria Marques da Costa
10.ª	266	4:892	Primeiro grumete	Francisco Pinto Correia
15.ª	143	2:408	Segundo marinheiro	Manuel Leocadio
10.ª	110	1:456	»	Luiz Antonio Paes
11.ª	143	4:566	»	Joaquim de Jesus
9.ª	187	5:908	Primeiro grumete	Ramiro Maria Barbosa
9.ª	210	1:368	»	Alvaro Pires
7.ª	144	2:987	Segundo marinheiro	Manuel Rodrigues
6.ª	252	3:173	Primeiro grumete	Antonio de Jesus
9.ª	176	5:894	»	Hilario dos Anjos
9.ª	149	6:080	»	Arthur Alves de Sousa
9.ª	298	3:988	»	Joaquim Rodrigues
6.ª	207	6:227	»	João Móca
6.ª	54	2:159	»	Julio Antonio
10.ª	314	4:180	»	Manuel Marques
11.ª	109	5:052	Segundo marinheiro	Alfredo da Fonseca
9.ª	99	2:530	Primeiro grumete	Ignacio da Mota
14.ª	230	4:604	»	Manuel dos Santos
14.ª	218	3:114	»	Gil
5.ª	217	6:167	»	Alfredo Mendes
9.ª	96	1:246	»	João Soares
6.ª	138	6:093	»	José Martins da Silva
6.ª	192	6:149	»	Roque Soares
9.ª	125	5:830	»	José Lopes
5.ª	207	5:433	»	José
6.ª	133	3:095	»	Manuel de Albuquerque
13.ª	137	5:532	»	João Gomes
11.ª	78	5:508	Segundo marinheiro	Joaquim Pereira de Sousa
10.ª	78	6:178	»	Arthur Pacheco
10.ª	312	5:736	Primeiro grumete	Ayres Guerra
6.ª	126	5:345	»	Francisco Affonso Coelho
10.ª	195	6:226	»	Domingos Guilherme
9.ª	182	6:116	»	João Lopes
9.ª	155	6:086	»	Domingos Antonio Ventura
6.ª	153	6:109	»	Francisco da Silva Zimbarra
11.ª	252	3:762	Segundo marinheiro	Marianno José

TES Á COLUMNA DE OPERAÇÕES CONTRA OS NAMARRAES

Maguema	Ibrahimo	Mueuto	Observações
1	1	1	
1	1	–	
–	–	–	Evacuado em Natule em 23 de fevereiro de 1897.
1	1	1	
1	1	–	
1	1	1	
1	1	–	
1	1	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	–	
1	–	–	
–	–	–	
–	–	–	Ficou em Natule em 26 de fevereiro de 1897.
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
–	–	–	Ficou em Moçambique.
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	1	
1	–	1	
1	1	–	
–	–	–	Ficou em Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	

Companhias	Numeros — De companhia	Numeros — De matricula	Classes	Nomes
5.ª	160	6:105	Primeiro grumete	José Martins Bastos
10.ª	134	6:100	»	Emilio Ayres
13.ª	112	4:666	»	Antonio Feliciano
9.ª	109	3:286	»	Augusto Batalha
6.ª	158	6:113	»	Fernando Maria Pires
14.ª	203	6:044	»	Antonio Alves Fradinho
9.ª	175	6:108	»	Adelino da Fonseca Saraiva
14.ª	83	2:322	Primeiro marinheiro	João Luiz de Oliveira
2.ª	41	3:391	Corneteiro	Luiz de Oliveira
2.ª	114	845	Primeiro marinheiro	Amadeu Antonio Pires
5.ª	126	5:903	Primeiro grumete	David Antão da Cruz
2.ª	295	3:775	Primeiro marinheiro	Antonio Francisco
9.ª	246	4:548	Segundo marinheiro	Francisco Goes
5.ª	81	989	Primeiro marinheiro	André de Sousa
6.ª	69	4:553	Segundo marinheiro	Antonio de Jesus
5.ª	150	5:921	Primeiro grumete	José dos Santos Oliveira
1.ª	266	2:643	Segundo marinheiro	José Maria Barroso
6.ª	73	4:555	»	José Paulo dos Santos
5.ª	181	5:333	Primeiro grumete	Manuel Moraes de Sousa
9.ª	225	2:578	Segundo marinheiro	Francisco Madeira
11.ª	116	6:058	Primeiro grumete	Manuel Teixeira
1.ª	285	3:873	Segundo marinheiro	Basilio José Macedo
15.ª	262	3:966	Primeiro marinheiro	Luiz Correia
2.ª	154	6:115	Primeiro grumete	Manuel
11.ª	227	5:902	»	Arthur Gomes
15.ª	85	5:456	»	Joaquim Teixeira de Barros
11.ª	145	1:762	Primeiro marinheiro	Manuel Joaquim
7.ª	133	4:469	Segundo marinheiro	Manuel Maria
7.ª	210	6:123	Primeiro grumete	Julio da Conceição
5.ª	143	6:095	»	Alberto Abrantes
5.ª	53	6:049	»	José Gonçalves
15.ª	116	2:366	Segundo marinheiro	João Umbelino
2.ª	111	3:641	Primeiro grumete	Alvaro Paulo Nobrega
2.ª	239	5:173	»	Bernardo Antello
2.ª	104	3:841	»	José Filippe
2.ª	108	4:493	»	Alberto Luiz
9.ª	180	6:162	»	José Augusto Pereira
15.ª	113	2:360	Segundo marinheiro	Rufino
14.ª	264	3:626	Primeiro grumete	Antonio Rebello Patricio
14.ª	144	6:138	»	Joaquim João Gonçalves
6.ª	178	5:451	»	Antonio Mendes Canejo
9.ª	264	6:046	»	Pedro Maria Moita
6.ª	151	6:101	»	Pedro Maria
1.ª	170	6:163	»	José Martins da Silva
1.ª	128	6:121	»	Alfredo Henrique de Almeida
9.ª	64	1:666	Cabo	Miguel Lancida
9.ª	274	1:380	Primeiro marinheiro	Alvaro de Almeida e Sousa
9.ª	78	1:292	»	José da Cruz
6.ª	208	2:641	C/m	Francisco Domingos Carqueja
1.ª	60	2:335	Primeiro marinheiro	Joaquim
10.ª	160	4:406	Segundo marinheiro	Antonio dos Santos
3.ª	252	4:051	»	José Fernandes Lopes
1.ª	164	6:155	Primeiro grumete	Manuel Pimentel
1.ª	139	4:371	»	Manuel Simões
2.ª	181	5:909	»	Antonio Carlos Canhão Bastos
1.ª	162	6:125	»	Ricardo Lopes das Neves
3.ª	183	6:107	»	Eduardo da Fonseca
1.ª	171	6:179	»	Antonio Pinto
2.ª	244	2:155	»	José Joaquim
1.ª	93	1:601	»	João Baptista de Abreu
3.ª	257	4:149	»	Francisco Domingos Oliveira
2.ª	71	1:705	»	Julio Marques
11.ª	183	5:960	»	Augusto Soares

Naguema	Ibrahimo	Mucuto	Observações
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
–	–	–	Ficou em Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	

Companhias	Numeros De companhia	De matricula	Classes	Nomes
1.ª	54	747	C/m	João da Cruz
1.ª	192	5:527	Primeiro grumete	Antonio Figueiredo,
1.ª	311	5:783	Corneteiro	José Luiz
1.ª	241	2:597	Primeiro grumete	José Joaquim
1.ª	163	6:139	»	Antonio Maria
2.ª	53	3:725	C/m	José Rodrigues
2.ª	302	5:281	Primeiro grumete	Joaquim da Costa
2.ª	135	6:129	»	Manuel da Luz Mata
2.ª	140	5:489	Segundo marinheiro	Custodio Nunes
3.ª	134	1:849	»	João Maria da Costa
3.ª	123	5:457	»	Arnaldo da Conceição Pereira
3.ª	151	4:979	»	Antonio Joaquim
3.ª	31	5:009	»	Antonio Vicente Canellas
3.ª	126	6:077	Primeiro grumete	Manuel José dos Reis
5.ª	234	3:005	Segundo marinheiro	Fortunato
5.ª	189	3:113	Primeiro marinheiro	José
5.ª	186	2:957	»	Sebastião Gaspar
5.ª	291	4:793	Segundo marinheiro	Francisco Patrocinio
6.ª	87	4:549	»	Eduardo Jayme
6.ª	228	3:773	Primeiro marinheiro	José Antonio de Oliveira
8.ª	135	3:045	Segundo fogueiro	José
10.ª	246	4:386	Primeiro grumete	José Manuel
11.ª	135	4:534	Segundo marinheiro	Eduardo Martins Pereira
13.ª	65	3:362	Primeiro marinheiro	Antonio Luiz
13.ª	102	5:302	Primeiro grumete	Manuel Matheus
14.ª	262	3:202	»	Manuel
14.ª	214	2:232	Primeiro marinheiro	Raphael Carlos Pereira
1.ª	98	4:477	Primeiro grumete	José Bernardo
S.	120	–	Padeiro	Avelino Pereira da Silva
S.	91	–	Segundo cozinheiro	Germano Antonio
1.ª	47	1:163	Segundo sargento	Augusto Timotheo José da Silva
10.ª	49	696	C/m	Francisco de Almeida
5.ª	187	6:007	Primeiro grumete	José Maria Martins
6.ª	291	6:045	»	Alfredo Ferreira Portelinha
2.ª	150	1:941	»	Vicente da Silva Godinho
9.ª	137	5:318	Corneteiro	Antonio Pedro Alves
9.ª	299	4:714	Primeiro grumete	Albino Cesar
5.ª	114	6:087	»	Carlos Augusto Pinto
–	–	–	»	Carlos Barroso da Silveira (medico naval de 2.ª classe)

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique *nellas,* capitão.

Naguema	Ibrahimo	Mucuto	Observações
-	-	-	Ficou em Natule em 26 de fevereiro de 1897.
1	-	1	
1	-	1	
1	-	1	
1	-	1	
1	1	-	
1	-	1	
1	-	1	
1	-	1	
1	1	-	
1	1	-	
1	-	1	
1	1	-	
-	-	-	Ficou em Moçambique.
-	-	-	Ficou em Moçambique.
1	-	1	
-	-	-	Ficou em Moçambique.
1	-	1	
1	1	-	
1	1	-	
1	-	1	
1	-	1	
1	-	1	
1	-	1	
1	-	1	
1	1	-	
1	1	-	
1	-	1	
1	-	-	
-	-	-	
1	1	-	Extraviado em Ibrahimo.
-	-	-	Ficou em Moçambique.
-	-	-	Ficou em Moçambique.
1	-	1	
1	-	-	Morreu em Naguema.
-	-	-	Ficou no hospital de Moçambique antes da marcha.
-	-	-	Ficou no hospital de Moçambique antes da marcha.
-	-	-	Morreu em Moçambique.
-	1	-	

em Lourenço Marques, ... de ... de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Or-*

BRIGADA DE ARTILHERIA DE MONTANHA

4.ª bateria. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Em observancia do determinado pela circular n.º 362 de 9 do corrente, cumpre-me relatar a v. ex.ª o seguinte:

Durante as campanhas do Namarral e Matibane os officiaes e praças da minha bateria executaram todos os serviços, que lhes foram determinados, sempre com boa vontade e promptidão.

Em outubro, da campanha da Mojenga, na qual tomou parte a 1.ª secção da bateria, sob o commando do primeiro tenente o sr. Luiz Pinto de Almeida, consta-me que este official já relatou o que entendeu de justiça. Eu nada poderei agora dizer a esse respeito.

Com respeito ás campanhas de fevereiro e março, apenas mencionarei que ao combate de Mucuto-Muno, no dia 7 de março, foi a primeira peça da bateria sob o commando do primeiro tenente o sr. Luiz Joaquim Dias Rebello. Este official cumpriu com enthusiasmo o seu dever, mas as circumstancias não permittiram que elle se distinguisse por algum acto de heroismo. Durante o combate, eu reparei, conservou o mesmo sangue frio que tinha no bivaque. As praças de pret da guarnição da peça tambem mostraram valor no combate, indo até algumas, depois da peça cessar fogo, tomar logar na linha de atiradores ao lado da infanteria, para o que pediram licença, foram estes o segundo cabo conductor n.º 40/766, José da Silva, o segundo cabo conductor n.º 95/763, Antonio Manuel, e o corneteiro n.º 70/823, Joaquim Maria. Julgo este facto digno de menção, por isso o registo.

Creio que me cumpre aqui distinguir o alferes de infanteria n.º 4 o sr. Costa e Silva, que, apesar de não pertencer á minha unidade, esteve comtudo debaixo do meu commando no ataque de Mucuto-Muno. Durante o combate este official, quando se approximava da orla do bosque á frente de uma esquadra, foi ferido na coxa esquerda, e como v. ex.ª sabe, o ferimento foi grave; não caiu, continuando a commandar a infanteria, até que eu ordenei a retirada; durante este periodo, ainda se conservou no seu posto, e só depois de reformada a columna, é que foi subido para um cavallo e entregou o commando.

Bastaria o que vi, para poder affirmar que o alferes Costa e Silva é um bravo.

As praças de pret de infanteria n.º 4 cumpriram todas perfeitamente o seu dever, não podendo porém especialisar nenhuma, de certo porque as circumstancias não se offereceram.

Isto que fica relatado apenas se refere ao serviço de combate propriamente dito, porquanto no restante serviço da campanha devo distinguir algumas praças da minha bateria, pela boa vontade e diligencia com que trabalharam.

Mencionarei as seguintes: segundo cabo servente n.º 10/704, Antonio dos Santos Moncão; segundo cabo conductor n.º 40/766, José da Silva, segundo cabo conductor n.º 95/763, Antonio Manuel, soldado conductor n.º 128/868, Antonio da Silva, soldado conductor n.º 132/801, Gregorio dos Santos. Ha ainda um segundo sargento, um primeiro cabo e um soldado que fizeram serviço no comboio e administração, e dos quaes tenho ouvido louvar o serviço; nada, porém, posso dizer officialmente a esse respeito; o respectivo chefe de serviço fará o que for de justiça.

Quartel na Ponta Vermelha, 26 de abril de 1897. = *Arthur Cesar Monteiro Guimarães*, capitão.

Está conforme. — Secretaria militar do governo geral em Lourenço Marques, ... de maio de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

BRIGADA DE ARTILHERIA DE

Relação dos officiaes e praças que compõem a bateria, com designação dos comba

Numeros de Bateria	Numeros de Matricula	Postos	Nomes
–	–	Capitão	Arthur Cesar Monteiro Guimarães
–	–	Primeiro tenente	Luiz Joaquim Dias Rebello
–	–	»	Luiz Pinto de Almeida
–	–	»	Luiz Guilherme Borgues Sequeira
–	–	»	José Carlos Plantier Martins
7	865	Primeiro sargento	Joaquim Duarte Carrilho
5	875	Segundo sargento	Humberto Antonio Caldas
12	857	»	Luiz Antonio
84	852	»	Seraphim Matheus
86	854	»	José Joaquim
–	–	Correeiro e selleiro	Joaquim Antonio Pastor
6	696	Primeiro cabo servente	José Pires
36	758	»	José Victorino
32	762	»	José Maria Carrasqueiro
65	691	»	João Raymundo Mouzão
71	695	»	Adriano Gomes Novo
1	686	Primeiro cabo conductor	Francisco Gomes
2	688	»	Antonio Gonçalves
3	690	»	José Ferreira
4	692	»	José Gomes
83	757	»	Francisco da Silva
90	761	»	Pedro Arthur Palma da Costa
8	869	Segundo cabo servente	Luciano Augusto
10	704	»	Antonio dos Santos Monção
39	764	»	Luiz Lourenço
91	699	»	Antonio Miguel
92	769	»	José Sardinha
93	433	»	José Martins
9	702	Segundo cabo conductor	José das Neves
11	706	»	José Verissimo
40	766	»	José da Silva
94	767	»	José Francisco
95	763	»	Antonio Manol
96	705	»	Manuel Ferreira
125	712	Ferrador	José Ferreira
122	714	Aprendiz de ferrador	Francisco Xavier Madeira
70	823	Corneteiro	Joaquim Maria
133	821	»	João Baptista
15	716	Soldado servente	Manuel José da Venda
18	722	»	Joaquim de Pina Conceição
20	726	»	Manuel de Almeida
22	730	»	Antonio Martins
28	742	»	Antonio Maria
44	7[illegible]4	»	Fernando
45	776	»	Joaquim Antonio
48	782	»	Bernardino de Almeida Lemos
59	804	»	José Rodrigues Vouga
78	837	»	José Maria Gonçalves Viães
79	839	»	Filippe dos Santos
98	665	»	José Soares
100	678	»	Antonio de Carvalho
101	684	»	Joaquim Pires
102	717	»	Antonio Saraiva
105	723	»	José Luiz Ferreira

MONTANHA — QUARTA BATERIA

tes em que entraram durante a campanha de 1896 a 1897, contra os namarraes

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
-	1	1	1	
-	1	1	1	
1	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	Ajudante de s. ex.ª o commandante da columna, e commissario regio.
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	-	-	-	
-	1	1	-	
-	1	1	1	
1	1	1	-	
-	-	-	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	-	-	-	
-	1	1	1	
-	1	1	-	
-	-	-	-	Falleceu.
-	-	-	-	Ficou em Lourenço Marques e passou á policia de Gaza.
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	1	1	-	
-	-	-	-	Ficou em Lourenço Marques.
1	1	1	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	1	1	-	
1	-	-	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	1	
-	-	-	-	
-	1	1	1	
-	1	1	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	1	1	1	Foi ferido no Ibrahimo.
1	-	-	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	
1	1	1	1	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	-	-	-	
-	-	-	-	Falleceu.
-	1	1	1	
-	-	-	-	
-	-	-	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	1	1	-	
-	1	1	-	
-	-	-	-	Ficou em Lourenço Marques.
1	1	1	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	1	1	-	Foi ferido no posto de Ibrahimo.
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	-	-	-	
-	1	1	-	
-	-	-	-	Ficou em Lourenço Marques.

Numeros de Bateria	Numeros de Matricula	Portos	Nomes
106	727	Soldado servente	José Augusto Brites
109	745	»	Bernardino de Almeida Gouveia
110	772	»	José Marques
111	781	»	José Custodio
112	783	»	Manuel Joaquim
113	785	»	Antonio da Silva
114	787	»	Custodio Mendes
115	803	»	Joaquim Secco
116	807	»	Dionysio Ferreira
117	814	»	José Coutinho Junior
118	836	»	Jacinto Antonio
119	838	»	José de Pinho Augusto
121	842	»	Luiz Francisco
43	736	»	Manuel Gameiro
47	841	»	José Lopes
17	720	Soldado conductor	José Duarte
19	724	»	Guilherme Lopes
46	778	»	Deodato José
49	784	»	José Simões Pião
50	786	»	José Fernandes
60	806	»	José dos Santos
64	813	»	João José
103	519	»	Francisco Ribeiro
124	639	»	Domingos Simões
126	725	»	João Izidoro
127	743	»	Francisco Cardoso
128	868	»	Antonio da Silva
129	753	»	Luiz Felix
130	773	»	Manuel dos Santos Gonçalves
131	775	»	Manuel Nunes
132	801	»	Gregorio dos Santos
14	907	»	Antonio Luiz Gouveia
24	963	»	Izidro Dias Silvestre
29	966	Soldado servente	José de Brito

Quartel na Ponta Vermelha, 16 de maio de 1897. = O commandante da bateria,

Está conforme. Secretaria militar do governo geral em Lourenço Marques ...

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	-	-	-	
-	-	-	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	1	1	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	
-	-	-	-	Ficou em Lourenço Marques.
-	-	-	-	
1	-	-	-	
-	-	-	-	
1	1	1	-	
1	-	-	-	
-	1	1	-	
-	-	-	-	
1	-	-	-	
-	-	-	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
1	-	-	-	Passou ao corpo de policia de Lourenço Marques.
1	-	-	-	
-	1	1	-	
1	-	-	-	
-	-	-	-	
-	-	-	-	Regressou ao reino.
-	1	1	1	
-	1	1	1	
-	1	1	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	
-	1	1	1	
-	1	1	-	
-	-	-	-	

Arthur Cesar Monteiro Guimarães, capitão.

de maio de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

REGIMENTO N.º 4 DE CAVALLARIA DO IMPERADOR DA ALLEMANHA GUILHERME II

Relatorio

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. chefe do estado maior da provincia de Moçambique. — Em cumprimento das ordens recebidas em circular n.º 362 de 9 do corrente, da secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, apresentarei a v. ex.ª os nomes que considero dignos da illustre attenção de s. ex.ª o commissario regio, commandante da columna de operações, dissolvida por decreto de 6 do corrente mez, não só com o acatamento devido ás ordens superiores, mas com justificado jubilo por poder referir-me vantajosamente ás praças sob meu commando em geral, e em especial a numero relativamente elevado.

A circular refere-se não só a Naguema, Ibrahimo e Mucuto-Muno, mas tambem ao memoravel combate de Mojenga, onde não tinha, é certo, a honra de commandar unidade, mas ao qual julgo poder referir-me porque informações posteriores me habilitaram a mencionar homens cujos actos praticados durante a marcha e combate é de justiça apontar.

Seguirei na apresentação e justificação a escala hierarchica, pelas rasões seguintes: 1.º, porque terei de mencionar praças que se distinguiram na primeira e segunda partes da campanha; 2.º, porque os dois pelotões em que tacticamente se dividia a companhia, apesar de desempenharem papeis differentes, como a exploração proxima da columna e a defeza do comboio, occasiões houve em que os dois pelotões se encontraram no mesmo serviço e para conseguirem o mesmo fim, como, por exemplo, se deu durante a marcha do comboio de Natule para Mojenga, quando o 1.º pelotão, deixando o quadrado, foi prestar auxilio ao 2.º, que defendia o comboio rudemente atacado.

Feitas estas considerações, passo a indicar a v. ex.ª o official e praças de pret que me merecem especial menção e as rasões em que me fundo para o fazer:

Alferes, sr. José Augusto dos Reis — Pelo acerto e placidez com que organisou a difficil defeza do comboio durante a marcha de Natule para Mojenga, comboio que occupou por vezes extensão consideravel, devido á má qualidade dos carros, gado e conductores. Com valor e a maior solicitude acudiu sempre aos pontos mais atacados. Em todo o resto da campanha mostrou ser official de valor e zeloso cumpridor dos seus deveres.

Primeiro sargento n.º $^{18}/_{2688}$, Antonio Mendes Serra — Porque indo auxiliar o sr. alferes Perry da Camara, que havia sido atacado na occasião de querer safar um carro que se achava muito á retaguarda retido pelos troncos contra que foi bater, carregou com a pequena força os grupos de negros cujo fogo era mais nutrido, sustentou a posição e protegeu mais tarde a marcha do mesmo carro. N'uma das cargas em frente da face esquerda do quadrado de Mojenga investiu valentemente com o inimigo, conseguindo matar um d'elles com a lança, trazendo como trophéu a arma e cartucheiras.

Segundo sargento n.º $^{2}/_{1193}$, Julio Baptista Gonçalves Macieira — Tornou-se notavel pela sua coragem na defeza do comboio e completou a boa opinião que d'elle se formára, quando, tendo perdido o cavallo em que montava na occasião em que o 2.º pelotão deu a ultima carga ao levantar o bivaque de Mojenga, acompanhou a pé e fazendo fogo a guarda da retaguarda da columna sob o commando do alferes sr. Viegas de caçadores n.º 4. Na marcha da Naguema para Mutumundo carregou com os soldados n.^{os} 36 e 141, que atacavam o comboio, e tão bem se houve que conseguiu repellil-os. No Ibrahimo, e com os sargentos Bunheirão e Almeida, correu em soccorro dos primeiros cabos n.^{os} 60 e 89, que foram atacados, estando de vedeta e sustentaram a posição até que a força encarregada especialmente d'essa missão entrou em fogo.

Segundo sargento n.º $^{3}/_{2685}$, José Augusto da Silva Bunheirão — Na marcha de Natule para Mojenga fazia parte da extrema avançada e n'um recontro com os negros conseguiu ferir gravemente um d'elles, que foi morto mais longe com um tiro feito pelo soldado n.º 84. Na marcha do dia 20 de outubro foi contuso sem gravidade no ante-braço direito, sustentando sempre a sua posição de flanqueador na direita da columna, a despeito do fogo violento no ponto onde se achava. No Ibrahimo e com os sargentos Macieira e Almeida foi em auxilio dos primeiros cabos n.ºs 60 e 89, nas mesmas condições do sargento Macieira e na occasião em que vinha de collocar, debaixo de fogo, uma vedeta na frente da face da frente.

Segundo sargento n.º $^{72}/_{2050}$, Manuel de Almeida — Apesar de estar junto do quartel general como porta-bandeira, pediu sempre licença para acompanhar as forças da companhia que saíam para qualquer missão, desempenhando-se dos serviços que lhe eram confiados com a maior coragem. No Ibrahimo e com os sargentos Macieira e Bunheirão soccorreu os primeiros cabos n.ºs 60 e 89, e nas condições apontadas para aquelles officiaes inferiores.

Selleiro-correeiro, com graduação de segundo sargento, n.º $^{22}/_{2546}$, Antonio Gonçalves da Silva — Pelo valor com que sósinho com o soldado n.º 12, e na marcha para Mojenga, defendeu um carro junto do qual estavam, quando foi atacado por numeroso bando inimigo, continuando a fazer fogo logo que passou momentaneo desfallecimento, naturalmente causado pelo ferimento por arma de fogo na parte superior da parte lateral da região frontal, até que pôde ser soccorrido. Esta praça, apesar de não combatente, está sempre na primeira fileira e pede o logar de simples soldado, prestando serviço como tal com a maior coragem.

Primeiro cabo n.º $^{60}/_{2752}$, Epiphanio Lopes da Matta — Estava de vedeta em frente da face esquerda do quadrado do Ibrahimo quando foi atacado mais de uma vez por fogo partindo do mato. Respondeu com fogo auxiliado pelo primeiro cabo n.º 89, não desanimou, apesar do cavallo em que montava caír ferido por duas balas, continuando a bater-se a pé até que os segundos sargentos Macieira, Bunheirão e Almeida o soccorreram, retirando para o quadrado com o cavallo á mão, quando entrou em fogo a força ali mandada.

Primeiro cabo n.º $^{89}/_{2755}$, José das Neves Silva Carneiro — Havia sido atacado ao ser collocado como vedeta na frente da face da frente, pelo sargento Bunheirão, mas ao ver atacado o primeiro cabo 60 veiu em seu auxilio, portando-se como um valente e leal camarada de combate, retirando depois de entrar em fogo a força mandada áquelle local.

Segundo cabo n.º $^{67}/_{2501}$, José Manuel — Avançou denodadamente para o inimigo não só durante a marcha, como na occasião em que carregou o seu pelotão em Mojenga, sendo ferido com bala que produziu escoriação na região occipital, mas sem gravidade. Em Naguema, e debaixo de fogo, sustentou a sua posição de vedeta no angulo formado pelas faces da frente e esquerda do quadrado, desde que se pronunciou o ataque, de que deu aviso, até que as forças que combateram retiraram ao quadrado.

Clarim n.º $^{56}/_{2514}$, Francisco Joaquim — Esta praça foi directamente notada pelo sr. chefe do estado maior no combate da Mojenga. Conheço-o como um valente e apenas informo, attenta a circumstancia apontada, que teve uma escoriação produzida por bala na mão esquerda, sem gravidade, e prestou bons serviços até que adoeceu na confecção do rancho, na segunda parte da campanha.

Soldado n.º $^{12}/_{2728}$, Manuel Trindade — Portou-se valentemente, quando, sósinho, com o selleiro-correeiro, Gonçalves, defendeu o carro nas condições indicadas para esta praça, soccorrendo-o quando foi ferido.

Soldado n.º $^{19}/_{2522}$, Abilio de Jesus — Por occasião de serem queimadas palhotas no flanco direito da columna em marcha para Mojenga, carregou sósinho sobre um grupo de negros, sendo-lhe atirada uma faca que o feriu no sobreolho esquerdo, sem gravidade, mas que evitou o ter atravessado com a lança um namarral que derrubou e que conseguiu agarrar-se á ponta da lança, prendendo-lhe

os movimentos. Auxiliado pelas outras praças que mataram o preto, desembaraçou-se d'aquella critica situação. No combate de Mucuto-Muno, onde ficou a força de artilheria em que fazia serviço, foi occupar a linha de atiradores, para o que pediu a competente licença. Esta praça é conhecida pelo seu valor.

Soldado n.º $^{36}/_{2675}$, Adriano da Cruz Nordeste — Pela maneira como carregou sobre os negros que atacaram o comboio na marcha de Naguema para Mutumundo, acompanhando o segundo sargento Macieira e o soldado n.º 141. Em Ibrahimo e no serviço de flecha, carregou valentemente sobre os negros ao avistal os, quando a força de cavallaria queimou duas povoações.

Soldado n.º $^{50}/_{2195}$, Antonio de Oliveira — Na Naguema carregou denodadamente e conseguiu matar com a lança 2 namarraes, trazendo uma arma. Esta praça viu-se rodeada de negros e afastada dos seus camaradas, porque o cavallo não obedecia ao governo, por se ter quebrado a barbella. Este soldado é conhecido pelos seus actos de provada coragem por quasi todos os officiaes da columna, e ultimamente, ainda que no desempenho de funcções mais compativeis com o seu precario estado de saude, acompanhava sempre a força até que em Nacucha foi levado em braços para a ambulancia e d'ali evacuado para Matibane.

Soldado n.º $^{54}/_{2081}$, José Lino — D'esta praça pouco direi, porque foi directamente notada pelo sr. chefe do estado maior na Mojenga. Como trophéu existe uma arma tomada por elle ao inimigo. Em Mutumundo ajudou a repellir um ataque por occasião da data de agua, apesar de levar dois cavallos á mão.

Soldado n.º $^{141}/_{2417}$, José Alexandre — Pela maneira como carregou os atacantes do comboio durante a marcha de Naguema para Mutumundo, acompanhando o segundo sargento Macieira e soldado n.º 36. Merece a mesma attenção que esta praça, não lhe sendo em nada inferior em valor militar.

Do primeiro cabo n.º $^{66}/_{2387}$, José Nunes; soldados n.^{os} $^{59}/_{2073}$, José Romão, $^{115}/_{2702}$, João Baptista Garrett, e aprendiz de clarim n.º $^{94}/_{2765}$, Antonio da Silva, nada direi, porque estavam ao serviço de ordens no quartel general, e em v. ex.ª terão um bom julgador dos seus actos.

Alem das praças, cuja indicação especial acabo de fazer, seria injustiça se não deixasse aqui consignado que o serviço das restantes praças de pret que entraram em campanha foi bom, como tive a ventura de ver classificado em ordem geral da columna de operações, ouvindo sempre as melhores referencias ás praças que estiveram accidentalmente sob as ordens dos srs. commandantes de unidade e chefes de serviço.

Quartel em S. José do Mossuril, 12 de abril de 1897. = O commandante da companhia, *Antonio Augusto da Rocha de Sá*, tenente.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 5 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

REGIMENTO N.º 4 DE CAVALLARIA DO IMPE

Relação numerica e nominal das praças da 1.ª com

Numeros de Companhia	Numeros de Matricula	Postos	Nomes
–	235	Capitão	Leopoldo Francisco da Silva Vianna
–	255	Tenente	Antonio Augusto da Rocha de Sá
–	231	Alferes	José Augusto dos Reis
–	220	Veterinario de 2.ª classe	José Alves Simões
18	2:688	Primeiro sargento	Antonio Mendes Serra
2	1:193	Segundo sargento	Julio Baptista Gonçalves Macieira
3	2:685	»	José Augusto da Silva Bunheirão
72	2:050	»	Manuel de Almeida
22	2:546	Selleiro-correeiro	Antonio Gonçalves da Silva
60	2:752	Primeiro cabo	Epifanio Lopes da Mata
66	2:387	»	José Nunes
70	2:355	»	Francisco Gonçalves Varella
74	2:466	»	Manuel José Marques
89	2:755	»	José das Neves Silva Carneiro
34	2:066	Segundo cabo	João Pedroso
57	2:378	»	Manuel Martins dos Santos
67	2:501	»	José Manuel
103	2:665	»	Joaquim Pereira
134	2:788	»	Manuel da Rosa
56	2:514	Clarim	Francisco Joaquim
94	2:765	Aprendiz de clarim	Antonio da Silva
14	1:543	Ferrador	Carlos Augusto
6	2:726	Soldado	Joaquim Luiz Jorge
7	2:371	»	João Luiz
10	2:481	»	Manuel Fernandes
11	2:760	»	Domingos Gomes
12	2:728	»	Manuel Trindade
13	1:508	»	Francisco dos Santos
15	2:648	»	José Milho
19	2:522	»	Abilio de Jesus
24	2:136	»	Anastacio da Guia
28	2:574	»	Antonio de Jesus
33	2:575	»	José Duarte Montes
35	2:273	»	José Henriques
36	2:675	»	Adriano da Cruz Nordeste
37	2:741	»	Antonio Luiz Rosa
38	2:477	»	Manuel Carvalho
39	2:605	»	Fabião
40	2:213	»	Sebastião Maria da Costa Pinto
41	2:577	»	José Maria
42	2:246	»	Manuel Redondo
43	2:748	»	Antonio Rodrigues
49	2:106	»	Luiz Antonio
50	2:196	»	Antonio de Oliveira
51	2:081	»	José Lino
53	2:227	»	Antonio João
59	2:073	»	José Romão
62	2:352	»	Thomás dos Santos
64	2:362	»	José Gaudencio
65	2:386	»	José Duarte
69	2:579	»	Manuel Guilherme
71	2:390	»	Antonio Ferreira
75	2:581	»	José Ignacio
76	2:550	»	Joaquim Esteves
77	2;067	»	José Ferreira

RADOR DA ALLEMANHA, GUILHERME II

panhia e nota das campanhas em que entraram

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 4 de dezembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 4 de dezembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Esperando transporte para o reino.
1	–	–	–	
1	–	–	–	Falleceu em 13 de dezembro de 1896.
–	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
–	–	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
1	1	1	–	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
1	–	–	–	
–	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 6 de janeiro de 1897.
–	1	1	–	Esperando transporte para o reino.
1	1	1	1	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Falleceu em 24 de fevereiro de 1897.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 27 de janeiro de 1897.
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	Esperando transporte para o reino.
1	–	–	–	Regressou ao reino em 15 de março de 1897.
1	–	–	–	Regressou ao reino em 27 de janeiro de 1897.
1	1	1	–	Esperando transporte para o reino.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
1	1	1	–	Esperando transporte para o reino.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 27 de janeiro de 1897.
–	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
1	–	–	–	
1	–	–	–	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.

Numeros de Companhia	Numeros de Matricula	Postos	Nomes
78	2:393	Soldado	Augusto Nunes das Neves
79	2:791	»	Manuel Sarilheiro
80	2:608	»	José Francisco
81	2:535	»	João Victor dos Santos Liz
82	2:085	»	Joaquim Francisco Batalha
83	2:396	»	José Saloio
84	2:398	»	Antonio Pedro de Oliveira Carmo
85	2:069	»	Joaquim Correia
86	2:070	»	José Bernardes
87	2:584	»	Manuel Lopes
88	2:634	»	Alfredo de Campos
90	2:746	»	Carlos de Jesus
91	2:587	»	Antonio dos Santos
92	2:588	»	Francisco Vicente Ribeiro
96	2:590	»	Fernando da Silva
97	2:757	»	Francisco Antonio Teixeira
98	2:591	»	José Lopes Baixinho
99	2:528	»	Maximino Pereira
101	2:762	»	Manuel Lopes
104	2:666	»	Arthur Augusto de Almeida
105	2:763	»	Joaquim Ribeiro
106	2:677	»	Mathias José
107	2:684	»	Ezequiel Rodrigo
108	2:764	»	Guilherme de Matos
110	2:766	»	Manuel Francisco
111	2:767	»	Manuel Caeiro
113	2:641	»	Joaquim Paulino
115	2:702	»	João Baptista Garrett
116	2:710	»	Antonio Francisco Felicio
117	2:540	»	Antonio Claudino
118	2:771	»	Miguel Martins
119	2:772	»	Domingos de Almeida
120	2:513	»	José Maria Pereira
121	2:774	»	Alberto Pereira de Albuquerque
122	2:775	»	José Mendes
123	2:776	»	Manuel Raymundo
124	2:777	»	Antonio Manuel
125	2:778	»	Manuel de Oliveira
131	2:785	»	José de Almeida
133	2:787	»	José Pacheco
136	2:531	»	Antonio dos Santos
137	2:803	»	Manuel Sarapio
141	2:417	»	José Alexandre
166	2:646	»	Manuel Frade Ribeiro

Quartel em S. José de Mossuril, 15 de maio de 1897.=O commandante da compa
Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique
nellas, capitão.

Combates				
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	Observações
1	-	-	-	Regressou ao reino em 28 de fevereiro de 1897.
1	-	-	-	Regressou ao reino em 27 de janeiro de 1897.
-	1	1	-	
1	-	-	-	
1	1	1	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	Regressou ao reino em 27 de janeiro de 1897.
1	1	1	-	Falleceu em 14 de abril de 1897.
1	-	-	-	Regressou ao reino em 16 de janeiro de 1897.
1	1	1	-	
-	1	1	-	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
-	1	1	-	Esperando transporte para o reino.
1	-	-	-	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
1	-	-	-	
1	-	-	-	
-	1	1	-	
1	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	
1	1	1	-	
-	1	1	-	
1	1	1	-	
1	-	-	-	Regressou ao reino em 27 de janeiro de 1897.
-	1	1	-	
-	1	1	-	Esperando transporte para o reino.
-	1	1	-	
-	1	1	-	
1	1	1	-	
1	-	-	-	Regressou ao reino em 28 de fevereiro de 1897.
-	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	Regressou ao reino em 25 de abril de 1897.
-	1	1	-	
-	1	1	1	
-	1	1	-	
-	1	1	-	Esperando transporte para o reino.
-	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	-	-	
-	1	1	-	Falleceu em 21 de abril de 1897.
-	1	1	-	
-	1	1	-	
--	1	1	-	

nhia, *Antonio Augusto da Rocha de Sá,* tenente.
em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Or-*

SECÇÃO DE POLICIA E FISCALISAÇÃO DE LOURENÇO MARQUES

Relação da praça abaixo designada da secção de policia e fiscalisação de Lourenço Marques e combates em que entrou

Numeros de		Posto	Nome	Combates em que entrou			
Companhia	Matricula			Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-muno
10	453	Clarim............	Alfredo de Almeida................	1	-	-	-

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

CAÇADORES N.º 4

A relação respeitante a caçadores n.º 4 não deu ainda entrada n'esta secretaria.

Ponta Vermelha, 19 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

INFANTERIA N.º 4

Em resposta á circular n.º 362, emanada d'esse commissariado regio, cumpre-me informar que no combate de Naguema, occorrido a 3 de março, e que tive a honra de commandar as forças de infanteria n.º 4 e marinheiros da armada real, presenciei que todos cumpriram com o seu dever, sendo sobretudo admiravel o sangue frio dos officiaes que ordenavam as descargas sob as minhas indicações.

O inimigo foi repellido, missão de que fomos encarregado.

Os officiaes que tomaram parte n'este combate foram os srs.:

Primeiro tenente da armada Alberto Costa e guardas marinhas Roby, Fernando de Magalhães e Casqueiro.

Officiaes de infanteria n.º 4: tenente João Francisco e alferes Antonio Nunes de Andrade.

Em 6 do referido mez, pelas quatro horas da tarde, no Ibrahimo, foi o 1.º pelotão sob o commando do tenente João Francisco e alferes Antonio Nunes de Andrade, encarregado de queimar as palhotas, e, quando procedia a este serviço, foi aggredido pelo inimigo, travando-se então combate fortuito.

O pelotão sustentou a posição, repellindo o inimigo, e cumpriu o serviço de que fôra encarregado.

Salientou-se n'este combate de recontro o soldado da companhia do meu commando n.º 88/1839 do 2.º batalhão, Manuel de Albuquerque, pois que sendo-lhe o braço atravessado por um projectil inimigo, e sabendo-o, ainda disparou dois tiros.

Tambem devo mencionar o primeiro cabo n.º 42/1962 do 2.º batalhão, José Roballo, porque na occasião do pelotão saír do campo do bivaque, e achando-se doente, pediu para acompanhar o seu pelotão, e só no fim do serviço terminado e já exhausto de forças caíu para o chão, sendo transportado para o campo por 2 soldados.

Quartel na Ponta Vermelha, 23 de abril de 1897. = *Rodolpho Augusto de Passos e Sousa*, capitão de infanteria n.º 4.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 4 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*.

COMPANHIA DE GUERRA DO RE

Relação dos officiaes e praças de pret que faziam par

Numeros de Companhia	Numeros de Matricula	Postos	Nomes
–	–	Capitão	Rodolpho Augusto de Passos e Sousa
–	–	Tenente	João Francisco
–	–	Alferes	José da Conceição Costa e Silva
–	–	»	Antonio Nunes de Andrade
–	–	Cirurgião ajudante	Humberto Pinto da Costa Araujo
1	2:045	Tambor	João da Costa Raymundo
2	1:720	Segundo sargento	Francisco da Encarnação Severo
3	1:640	Soldado	Joaquim Fernando de Brito Ramalho
4	1:681	Segundo sargento	Francisco Dias Cabeça
5	1:644	Contramestre de corneteiros	Antonio Salvador
6	1:964	Segundo cabo	José Manuel
7	1:561	Primeiro sargento	João Nunes Balbino Dias
8	1:078	Segundo sargento	José Luciano Faisca Caimotto
9	1:814	Soldado	Domingos da Costa
10	1:675	»	David da Conceição
11	1:661	Segundo sargento	Francisco Rasquilho da Fonseca
12	1:815	Soldado	Cesar Augusto
13	1:780	Segundo sargento	Manuel Ramos Preto
14	1:687	Soldado	Diogo do Carmo
16	289	Segundo sargento	Manuel Antonio da Cruz Vaz
17	1:816	Soldado	Antonio Marques da Silva
18	1:403	Segundo sargento	José Pedro Balbino Dias
19	1:817	Soldado	Fernando Almendro da Silva Novaes
20	1:689	»	Joaquim Antonio
21	1:818	»	Fernando de Oliveira
22	1:691	»	José Thereso
23	1:819	»	Antonio Lopes
24	1:413	Segundo sargento	Antonio Braz
25	1:628	Soldado	Antonio Miguel Carrasco
26	1:728	»	Francisco Gonçalves
27	1:486	Segundo cabo	José Lopes
28	1:979	Soldado	Antonio Cardoso
29	1:820	»	Belarmino de Oliveira
30	1:698	Segundo cabo	José Correia
31	1:961	Segundo sargento	Rufino José de Almeida Santos
32	1:975	Primeiro cabo	Antonio de Matos Barata Junior
33	1:569	»	Adriano José de Carvalho
34	1:303	»	João Alves Leitão
35	1:894	»	Antonio Maria Garção
36	1:388	»	Francisco da Conceição Correia
37	1:292	»	Euzebio Marques
38	1:870	Soldado	Antonio Bento
39	1:548	Primeiro cabo	Antonio Modesto
40	1:684	»	Domingos Francisco
41	1:930	»	José Antonio
42	1:962	»	José Roballo
43	1:694	»	Antonio João dos Santos
44	1:724	»	João Augusto Rollo
45	1:686	»	Arnaldo Augusto de Andrade
46	1:747	Segundo cabo	Manuel de Assumpção Favita
47	1:748	»	José Comboias Rigo
48	1:749	»	Miguel Barona
49	175	Corneteiro	Zeferino dos Reis
50	1:712	»	Julio Cesar Massacoto

GIMENTO DE INFANTERIA N.º 4

te da referida companhia na campanha dos Namarraes

Combates			Observações
Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	1	
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Ficou no hospital de Moçambique.
1	1	–	
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
–	–	–	Sem effeito.
1	–	1	
1	–	1	
–	1	–	Commandou a secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
–	–	–	No hospital de Lourenço Marques desde 19 de janeiro.
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 24 de fevereiro.
–	–	–	Idem.
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
1	1	–	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 24 de fevereiro.
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
–	–	–	Idem.
1	1	–	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 23 de fevereiro.
1	–	–	Ficou doente na enfermaria de Ibrahimo.
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
1	1	–	
1	–	1	
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
1	–	1	
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
1	1	–	
1	1	–	Impedido no rancho durante a campanha.
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
–	–	–	Ficou doente em Natule.
1	1	–	
–	–	–	Falleceu em 21 de fevereiro.
1	–	1	
–	–	1	Doente na enfermaria em Naguema.
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Fez parte da secção da guarda do comboio até Naguema e esteve doente no Ibrahimo.
1	–	1	
1	1	–	Impedido na ambulancia durante a campanha.
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente em Natule.
–	–	–	Ficou doente no hospital de Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	

Numeros de Companhia	Matricula	Postos	Nomes
51	1:705	Tambor	José Maria
52	2:046	Soldado	Manuel Affonso
53	1:823	»	Custodio de Almeida Valente
54	1:573	»	Sebastião José Azevedo
55	1:753	»	Joaquim Canhão
56	1:824	»	Pedro de Figueiredo
57	1:825	»	José Martins
58	1:826	»	José Marques
59	1:965	»	Antonio do Carmo
60	1:827	»	Joaquim de Abrantes
61	1:757	»	Joaquim dos Santos Valente
62	1:828	»	José Antonio Lopes
63	1:540	»	Manuel José
64	1:829	»	Manuel de Matos
65	1:510	»	Manuel Dias
66	1:529	»	Thobias Barbas de Lobo
67	1:830	»	Delphino Pereira
68	1:831	»	Antonio Paes Roque
69	1:532	Primeiro cabo	Pedro Bernardino
70	1:761	Soldado	Manuel Joaquim
71	1:762	»	José Faustino
72	2:008	Primeiro cabo	Antonio Augusto Marques
73	1:763	Soldado	Joaquim Antonio Caldeira
74	1:832	»	Manuel de Almeida Braguez
75	1:764	»	Cazimiro dos Santos
76	1:967	»	Antonio Manuel
77	1:766	»	Filippe Monica
78	1:542	»	Joaquim Marianno
79	1:767	»	José Pereira
80	1:833	»	Lourenço Rodrigues
81	1:768	»	Antonio Panasco Souto
82	1:834	»	José Maria
83	1:835	»	Miguel de Figueiredo
84	1:550	»	Antonio Quinta
85	1:697	Segundo cabo	José Amaro
86	1:836	Soldado	Antonio de Lomeiro
87	1:837	»	Antonio Rodrigues
88	1:839	»	Manuel de Albuquerque
89	1:840	»	Pedro Ferreira
90	1:589	»	Constantino José da Rocha
91	1:841	»	Antonio Rodrigues de Almeida
92	1:771	»	Antonio Diogo
93	1:842	»	Antonio Soares de Albuquerque
94	1:773	»	Custodio Luiz
95	1:774	»	João Sanches Renioso
96	1:843	»	Francisco Rodrigues
97	1:844	»	Manuel de Abrantes
98	1:845	»	João dos Santos
99	1:846	»	Joaquim de Carvalho
100	1:847	»	João dos Reis
101	1:848	»	Agostinho Rodrigues
102	1:781	»	Antonio Gomes
103	1:849	»	Antonio Lopes Ferreira
104	1:783	»	José Pina
105	1:850	»	Joaquim Gonçalves
106	1:785	»	João Francisco Hespanha
107	1:851	»	Augusto Ferreira
108	1:852	»	Manuel Dias de Almeida
109	1:788	»	Firmino dos Santos
110	1:789	»	Manuel Joaquim Maria
111	1:790	»	José Joaquim Oleiro
112	1:791	»	Antonio Maria

Combates			Observações
Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	–	1	
1	1	–	
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
1	–	1	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 23 de janeiro.
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	Ferido ligeiramente em Mucuto-Muno e Naguema.
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	–	Ficou doente no quartel de Moçambique.
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 23 de janeiro.
1	1	–	Falleceu em 23 de março.
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
–	–	–	Falleceu em 22 de janeiro.
1	1	–	Teve sabre partido bala Ibrahimo.
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	–	1	
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	–	1	
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
1	–	1	
–	–	–	Ficou no hospital de Moçambique em fevereiro, falleceu em 1 de abril.
1	–	1	
1	–	1	
–	–	1	Fez parte da secção da guarda de bagagem até Naguema, ferido em Mucuto-Muno.
–	–	–	Ficou doente em Moçambique.
1	1	–	
–	–	–	Ficou doente em Moçambique.
1	–	1	
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique, falleceu em 8 de abril.
1	–	1	
1	–	1	
1	1	–	
1	–	1	
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 22 de janeiro.
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Ficou no hospital de Loanda em 3 de janeiro.

Numeros de Companhia	Numeros de Matricula	Postos	Nomes
113	1:792	Soldado	Gregorio José
114	1:524	»	Custodio Pedro
115	1:794	»	Ignacio Collaço
116	1:853	»	Francisco Mathias
117	1:854	»	Manuel de Oliveira Albuquerque
118	1:855	»	Francisco Diogo Thiago
119	1:972	»	Manuel Mestre
120	1:856	»	Joaquim Fernandes
121	1:799	»	Antonio Felix
122	1:800	»	Antonio Barão
123	1:857	»	Antonio Maria de Carvalho
124	1:858	»	José do Nascimento
125	1:859	»	Antonio da Rocha
126	1:655	»	Manuel Joaquim Carula
127	1:860	»	Francisco Correia
128	1:804	»	Manuel Saturnino
129	1:805	»	Joaquim Aragão
130	1:861	»	João Flores
131	1:862	»	Antonio Vinagre
132	1:863	»	Francisco Cordeiro
133	1:864	»	Joaquim Rodrigues
134	1:865	»	Domingos Leitão
135	1:866	»	Manuel Rodrigues
136	1:867	»	Manuel Ignacio
137	1:868	»	José Joaquim
138	1:664	»	Domingos Manuel Pires
139	1:669	»	Manuel José Pires Diz
140	1:871	»	Domingos Cunha
141	1:873	»	Joaquim Amaral
142	1:874	»	Joaquim Augusto
143	1:875	»	João Antonio
144	1:876	»	Luiz Abrantes Leitão
145	1:877	»	José Branco
146	1:878	»	João Saraiva Guedelha
147	1:879	»	José Bizarro
148	1:880	»	Domingos dos Santos
149	1:881	»	Thomaz Nunes Delgado
150	1:882	»	José Ferreira
151	1:883	»	Manuel Antonio
152	1:884	»	Thomaz Gevandes
153	1:885	»	José Tavares
154	1:886	»	José da Silva Aguizo
155	1:887	»	Francisco Rodrigues
156	1:888	»	João Canceira
157	1:963	Primeiro cabo	José de Andrade Cabral
158	1:890	Soldado	Manuel da Nave Serrão
159	1:891	»	José Antunes Villa
160	1:892	»	Francisco Pereira
161	1:893	»	Sebastião de Lemos
162	1:894	»	José Rodrigues Catallão
163	1:895	»	Antonio Fernandes
164	1:896	»	Pedro Pinheiro
165	1:897	»	João Ricardo Mendes
166	1:898	»	Francisco Mendes Rodrigues
167	1:899	»	José Matheus
168	1:980	»	José Cardoso
169	1:966	»	Manuel Guilherme
170	1:902	»	Manuel Pinto
171	1:903	»	José Paulo Affonso
172	1:904	»	Manuel Pinto
173	1:905	»	Manuel Amandio
174	1:906	»	João Fevereiro

Combates			Observações
Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
–	–	1	Doente na enfermaria em Naguema.
–	–	–	Ficou doente em Mossuril.
1	1	–	
1	1	–	
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	1	–	Teve o sabre partido por bala Naguema.
–	–	–	Falleceu em 20 de fevereiro.
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	1	Idem.
1	1	–	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 28 de fevereiro.
1	–	1	
–	–	1	Doente na enfermaria de Naguema.
1	–	1	
1	–	–	Doente na enfermaria do Ibrahimo.
–	–	–	Ficou doente em Moçambique.
–	–	–	Idem.
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 23 de fevereiro.
–	–	–	Ficou em Moçambique doente no quartel.
–	–	1	Fez parte da guarda do comboio até Naguema.
–	–	–	Ficou doente em Moçambique.
–	–	–	Idem.
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	1	Idem.
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 22 de fevereiro.
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 23 de fevereiro.
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	1	Idem.
–	1	–	Doente na enfermaria em Naguema.
–	–	1	Idem.
–	–	1	Idem.
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
–	–	–	Idem.
1	1	–	
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema. Ferido em Mucuto-Muno.
1	–	1	
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	–	Ficou doente no qnartel em Moçambique.
1	1	–	
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	1	Idem.
–	–	1	Idem.
1	1	–	Falleceu em 6 de maio.
1	1	–	Ferido em Ibrahimo.
1	1	–	

Numeros de Companhia	Numeros de Matricula	Postos	Nomes
175	1:907	Soldado	Joaquim de Sousa
176	1:908	»	João da Silva
177	1:909	»	Luiz Themetes
178	1:910	»	Antonio Francisco Rato
179	1:911	»	Francisco dos Santos
180	1:912	»	Antonio José
181	1:914	»	José de Abreu
182	1:915	»	José Ferreira
183	1:916	»	José Antonio
184	1:917	»	José Antonio
185	1:918	»	Manuel de Almeida
186	1:919	»	Gregorio Roque
187	1:920	»	José Izidro
188	1:921	»	José Fernandes
189	1:922	»	Antonio Maria da Costa
190	1:923	»	Emygdio Gonçalves
191	1:924	»	Boaventura de Oliveira
192	1:925	»	José de Oliveira
193	1:926	»	Antonio Joaquim de Jesus
194	1:927	»	José Marcos
195	1:928	»	Joaquim Torres
196	1:929	»	José Caetano
197	1:960	»	Manuel Affonso
198	1:931	Segundo cabo	Antonio Lucindo da Silva
199	1:932	Soldado	Adriano Francisco
200	1:933	»	Alberto Cardoso Pinto
201	1:934	»	José Barradas
202	1:935	»	João Magalhães
203	1:936	»	Antonio Albino
204	1:937	»	Manuel Martinho
205	1:938	»	Miguel da Costa
206	1:939	»	Joaquim da Costa
207	1:940	»	Joaquim de Mello
208	1:941	»	João da Motta
209	2:047	»	Manuel Miranda
210	1:943	»	Antonio Correia
211	1:944	»	João Maria Simões
212	1:945	»	Hygino Cravo
213	1:946	»	Joaquim Cardoso
214	1:948	»	José Francisco Trindade
215	1:950	»	Bernardo Ribeiro
216	2:048	»	José da Costa
217	1:952	»	José Dias
218	1:953	»	Antonio Pereira
219	1:954	»	João Antonio
220	1:955	»	Ricardo Martins
221	1:956	»	Anthero da Luz
222	1:957	»	Antonio Mendes
223	1:958	»	José de Almeida
224	1:959	»	Antonio Feliciano Dias

Quartel na Ponta Vermelha, 15 de maio de 1897. = O commandante da companhia,

Está conforme. Secretaria militar do governo geral em Lourenço Marques, 4 de

Combates			Observações
Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	1	–	
1	–	–	Doente na enfermaria do Ibrahimo.
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 23 de fevereiro.
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	1	Idem.
1	1	–	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
–	–	1	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	1	–	Teve o sabre partido por bala Naguema.
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique, falleceu em 16 de abril.
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	1	–	
–	1	–	Fez parte da secção de guarda ao comboio até Naguema.
1	1	–	
–	–	-	Ficou em Moçambique doente no quartel.
–	–	–	Idem.
–	–	–	Idem.
1	–	–	Doente na enfermaria do Ibrahimo.
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
1	–	1	
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
–	–	–	Idem.
1	1	–	Impedido no rancho durante a campanha.
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique e falleceu a 23 de março.
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	
1	1	–	
–	–	–	Baixa ao hospital de Moçambique em 22 de fevereiro.
–	–	–	Ficou doente no quartel de Moçambique.
–	–	–	Impedido no rancho durante a campanha.
–	–	–	Ficou doente no quartel em Moçambique.
1	1	–	
1	1	–	

Rodolpho Augusto de Passos e Sousa, capitão de infanteria n.º 4.

junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

1.ª COMPANHIA DE GUERRA

Em cumprimento da ordem de s. ex.ª o commissario regio, exarada na nota circular da secretaria militar do governo geral d'esta provincia, n.º 362, de 9 do corrente mez, tenho a dizer que, nem entre os officiaes, nem entre as praças de pret da companhia do meu commando e que fizeram parte da columna que entrou em operações no continente fronteiro em 26 de fevereiro, posso fazer distincções, por isso que tanto uns como outros cumpriram sempre com o seu dever e todos porfiavam em cumpril-o o melhor possivel.

Quartel no Mossuril, 13 de abril de 1897. = O commandante da companhia, *Francisco S. Callado,* capitão.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 4 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

PRIMEIRA COMPA

Relação dos officiaes e praças d'esta companhia e das praças do quadro auxiliar do regimento

Numeros	Postos	Nomes
–	Capitão	Francisco dos Santos Callado
–	Tenente	Augusto Cesar Côrte Real
–	»	Sebastião Pereira Pinto
–	»	José Rodrigues Lage
–	»	Luiz Augusto Pimentel
–	Alferes	Jayme Thesauro de Mendonça
–	»	José Canaseda de Sousa Caldas
–	»	Vianna e Andrade
1	Sargento ajudante	José Maria da Costa Campos
15	Primeiro sargento	Julio Evangelino Pinto Ramos
16	»	José Abilio Pinto Nogueira
6	Segundo sargento	Francisco Affonso
17	»	Caetano Eduardo dos Santos
19	»	Antonio Alfredo Baptista
24	»	João Antonio da Silva
25	»	José Maria Ramos Caeiro
26	»	Manuel Pereira
27	»	Simão Alves da Costa Pereira
35	»	Luiz Teixeira Marques Henriques
36	»	Albertino da Silva Loureiro
38	»	João Eusebio Menezes Chrispiano Correia
39	»	Duarte Manuel Victoria Pereira
20	Primeiro cabo	Aniceto José Barreiras
28	»	Antonio Augusto da Fonseca Serra
42	»	Manuel Joaquim Figueiredo Balleira
44	»	José Maria Collaço
46	»	Theophilo Augusto Ferreira
48	»	José Martins Carrasco
51	»	Antonio Mauricio dos Santos
55	»	Manuel Mendes
58	»	Manuel Gonçalves de Sousa
62	»	Antonio Correia
197	»	Caetano Maria de Sousa
13	Segundo cabo	Bappio Vittú
54	Contramestre de corneteiros	João
102	Corneteiro	Macumella
94	Aprendiz de corneteiro	Francisco
134	»	Matafissa de Guironha
2	Soldado	Chama
8	»	Tungane
14	»	Laisser
30	»	Sato
34	»	Tembo
34	»	Movene
43	»	Pény
45	»	Anade 5.º
52	»	Charanhissa
56	»	Penny
57	»	Caulésa
58	»	João Domingos Antonio
59	»	Chuquella
62	»	Galase
64	»	Domingos
65	»	Jeque

NHIA DE GUERRA

de infanteria n.º 4, que entraram nas campanhas de 1896 e 1897, no districto de Moçambique

Combates				
Mojenga	Nagnema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	Observações
1	1	1	-	
-	1	1	-	
1	-	-	-	Passou á 8.ª companhia em 16 de dezembro de 1896.
1	-	-	-	Embarcou para o reino em 28 de fevereiro de 1897.
-	1	1	-	
1	-	-	-	Está commandando a companhia do deposito de Moçambique.
1	1	1	-	
-	-	-	-	
1	1	1	-	
1	-	-	-	Passou á 8.ª companhia em 6 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	
1	-	-	-	Passou á companhia do deposito de Moçambique em 6 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	Passou á 9.ª companhia em 6 de janeiro de 1897.
-	-	-	-	
1	-	-	-	Passou á 9.ª companhia em 26 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	Licença da junta no reino.
1	-	-	-	Passou á companhia do deposito de Moçambique em 6 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	Licença da junta no reino.
1	-	-	-	Licença da junta no reino.
1	-	-	-	Passou á 2.ª companhia em 21 de dezembro de 1896.
1	-	-	-	Passou á companhia do deposito de Moçambique em 6 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	Passou á 9.ª companhia de guerra em 26 de janeiro de 1897.
-	-	-	-	
-	-	-	-	
1	-	-	-	
1	-	-	-	Passou á 2.ª companhia em 6 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	Passou á 2.ª companhia em 6 de janeiro de 1897.
1	-	-	-	
1	-	-	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	
1	1	1	-	
1	-	-	-	
1	1	1	-	
1	1	1	-	
1	1	1	-	
1	1	1	-	
-	1	1	-	
1	-	-	-	Desertou.
1	-	-	-	
-	1	1	-	
1	-	-	-	Desertou.
-	1	1	-	
1	1	1	-	
-	1	1	-	
1	1	1	-	
-	1	1	-	
-	1	1	-	
1	-	-	-	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
-	1	1	-	
1	-	-	-	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	-	-	-	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	-	-	-	

Numeros	Postos	Nomes
68	Soldado	Chibante
68	»	Mamyr
69	»	Maaia
69	»	Musilla
72	»	Bande
73	»	Mussoli
74	»	Fabula
75	»	Chausse
76	»	Mutara
76	»	Samo
78	»	Sussa
78	»	Laisser
79	»	Boi
80	»	Piquenini
81	»	Victorino
82	»	Antonio 4.º
82	»	Chacusana
84	»	João
86	»	Torresão
87	»	Capitine
88	»	Mutanha
89	»	Chamissa
90	»	Chalí
91	»	Jeque 1.º
92	»	Assandre
92	»	Nhamaiane
93	»	Cinco réis
95	»	Scafá
96	»	Caleche
101	»	Paulino
103	»	Jaci
106	»	Mapulango
107	»	Chilése
108	»	Guaimane
109	»	Camige
110	»	Maçunguine
111	»	Francisco
112	»	José
113	»	Liq
114	»	Bomande
115	»	Chicougue
117	»	Soberano
118	»	Mavelongo
120	»	Bobiane
121	»	Babéra
122	»	Pulango
124	»	Marangue
125	»	Majanguissa
129	»	Sante
130	»	Damasio do Rego
132	»	Major
133	»	Matacale
136	»	Jonaci
137	»	Macassane
138	»	Maciane
139	»	Capiango
141	»	Joane
142	»	Antonio
143	»	Antonio 3.º
144	»	Chibante 2.º
145	»	Nansinda
147	»	Pequino 2.º

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª compachia em 30 de novembro de 1896.
–	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou ao contingente de Angola em 20 de janeiro de 1897.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 20 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Desertou.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.

Numeros	Postos	Nomes
148	Soldado	Guilase
151	»	Languana
153	»	Matulano ou Mafuto
154	»	Cantina
156	»	Tereado
158	»	Querimane
159	»	João Sanches
160	»	Lisboa 1.º
160	»	Janaci
161	»	Tomo
163	»	Chaly 1.º
164	»	Chuguella
165	»	Chaly 2.º
166	»	Antonio 1.º
167	»	Guilasa
168	»	Miacusane
169	»	Abdul
170	»	Luiz
171	»	Fandissa
172	»	Bacase
172	»	Etissane
173	»	Mussa
176	»	Mugaline
177	»	Aleixo
178	»	Nascimila
178	»	Mazaze
179	»	Prato
181	»	Narciso
181	»	Manguese
182	»	Mahache
183	»	Pedro
185	»	Pande
186	»	Baço
187	»	Joaquim Francisco
187	»	Sanguissa
188	»	Talher
189	»	João Manuel Lobato
190	»	Malcicado
192	»	Alacar
193	»	Roque
194	»	Chave
194	»	Macassem
195	»	Chigano
196	»	Ramo-Camo
198	»	Capitine Mujace
199	»	Mussenguir Damby
200	»	Muriane Nhacussane
201	»	Chipuma Mafurmine
202	»	José Guiguar
203	»	Affonso
205	»	Manuel Tapió
206	»	Officano
208	»	Hembue
210	»	Sengo
215	»	Ollegario Martins dos Santos
219	»	Mudepana Gunhula
220	»	Lisboa
221	»	José de Guitarra
222	»	Maniquesa Nacujana
223	»	João da Lapa
225	»	Matenga de Mudecanho
227	»	Mabaunel Belerane

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Desertou.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou ao contingente de Angola em 19 de janeiro de 1897.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou ao contingente de Angola em 20 de janeiro de 1897.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Baixa do serviço.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Morreu no combate de Mojenga.
–	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
1	–	–	–	Desertou.
1	–	–	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–	–	–	Desertou.
–	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Falleceu em 23 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
–	1	1	–	
–	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	

Numeros	Postos	Nomes
230	Soldado	Zanhana
232	»	Mahajc Fungate
235	»	Dane Maléne
236	»	Pequenini de Gamanza
237	»	Bande de Gamanza
238	»	Chibuia
241	»	Zaraila Cachambo
243	»	Muriane Chiluela
244	»	Dindane Mucambi
245	»	Chefe de Guipanda
246	»	Ganzan de Machaguane
247	»	Mabunque
248	»	Fabula
249	»	Machunguana Cachane
254	»	Musella Cafane
255	»	Garini de Singamano
256	»	Felue
258	»	Pequenini Canhagane
265	»	Pequenini Levanha
267	»	Bacequete Machecane
270	»	Fafetine
273	»	Capitaneza
297	»	Fucunhana Sassiquella
299	»	Lepho Mussuri
301	»	Masanalla
302	»	Diniz Sumana
303	»	Maquichana Palacoche
304	»	João Francisco Muhongo
305	»	Prato Guivesella
306	»	Chibou Menede
307	»	Mascanata Bengarra
308	»	Larcichesue
309	»	Chicuselavo
310	»	Faduque Suate
311	»	Paindane Mangune
312	»	Massuganisse Cumbéne
315	»	Carrasa Magalha
316	»	Fafetine Patimaiza
317	»	Luiz Madeira
318	»	Lampeão
319	»	Ajete
321	»	Guichama-Chama
322	»	Salade
323	»	Jeque 2.º
324	»	Alfaval
326	»	Pataguane
327	»	Chacate
328	»	Matheus
329	»	Muhaive
330	»	Cassona
334	»	Mazaze
335	»	Cypriano
336	»	Paivane
338	»	Office
343	»	Manhucane
344	»	Manuel
345	»	Bacequete
346	»	Masicuane
348	»	Antonio Manuel da Silva Pontes
349	»	Sefane
350	»	Chitata
351	»	Manuel Nabusso

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	–		–	Desertou.
1		–	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á companhia do deposito em 6 de janeiro de 1897.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	Está em Lourenço Marques como impedido do sr. tenente Vellez
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Baixou de serviço em 6 de dezembro de 1896.
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.

Numeros	Postos	Nomes
352	Soldado	Mamicuane
353	»	Magindane
354	»	Guiduano
355	»	Liqueleto
356	»	Chipá
357	»	Miguel Domingos
358	»	Punda
359	»	Lunaso
360	»	Masase
361	»	Macue
362	»	Magandane
363	»	Matibuaux
364	»	Ameli
365	»	Jony
366	»	Manguesa
368	»	Banda
369	»	Sesinhane
370	»	Sujuane
371	»	Maguisabete
372	»	Senda
373	»	Malrange
374	»	Domingos Luiz
375	»	Boi-Boi
376	»	Machicane
377	»	Massasse
378	»	Macerete
380	»	Macasse
381	»	Chapáu
382	»	Jetimane
383	»	Bassópa
384	»	Mailéne
385	»	Semente
386	»	Maguenho
387	»	Saloane
388	»	Dangane
389	»	Maniane
391	»	Fungate
392	»	General
393	»	Jarramo
394	»	Guacuate
395	»	Dini
396	»	Pande
397	»	Fumone
398	»	Clavina 1.º
399	»	Bacóssa
401	»	Tando Vato
402	»	Stinella
403	»	Sarte
404	»	Changane
405	»	Bambalia
406	»	Quinino
407	»	Dique

Combates				Observações
Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Passou á 2.ª companhia em 30 de novembro de 1896.
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	Desertou.
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
–	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	1	1	–	
1	–	–	–	
1	–	–	–	

Quadro auxiliar do regi

Batalhão	Companhias	Numeros De companhia	Numeros De matricula	Postos	Nomes
1.º	4.ª	22	1:473	Segundo sargento	Francisco da Conceição dos Reis Severo
1.º	4.ª	3	1:916	»	Frederico Augusto Vidigal Nunes
1.º	2.ª	2	1:894	»	Joaquim Antonio Pereira
2.º	2.ª	3	1:981	»	Jacinto José de Moura
2.º	2.ª	8	1:680	»	Antonio Manuel Mauricio
2.º	4.ª	39	1:651	»	Arthur Maria de Jesus
1.º	3.ª	5	2:049	»	Leonel da Silva
1.º	4.ª	34	2:051	»	Manuel Joaquim de Magalhães
1.º	2.ª	39	2:023	Primeiro cabo	Gentil da Conceição
1.º	3.ª	43	2:026	»	Manuel Antonio Lucio
1.º	4.ª	30	1:785	»	Joaquim José Fernandes
1.º	4.ª	55	1:847	»	Francisco Antonio Barradas
–	–	–	–	»	Manuel da Cruz Ferreira Junior
1.º	4.ª	31	2:063	»	Bruno dos Santos
–	–	–	–	»	Francisco José Teixeira
1.º	3.ª	44	2:062	»	Luiz dos Reis Aleixo
1.º	4.ª	37	2:065	»	Arnaldo Aurelio Lagoa

Quartel em S. José de Mossuril, 15 de maio de 1897. = O commandante da com

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique *las*, capitão.

mento de infanteria n.º 4

Combates			Observações
Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno	
1	1	-	
1	-	-	
1	1	-	
1	1	-	Já regressou ao reino.
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	
1	1	-	Ignora-se o numero e companhia a que pertence.
1	1	-	
1	1	-	Ignora-se o numero e companhia a que pertence.
1	1	-	
1	1	-	Regressou ao reino.

panhia, *Francisco S. Callado*, capitão.

em Lourenço Marques, 4 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres Ornel-*

RELATORIO SOBRE O SERVIÇO DESEMPENHADO PELOS AUXILIARES NA CAMPANHA DE 1897, CONTRA OS NAMARRAES

Pela portaria n.º 77, de 18 de fevereiro ultimo, que alterou a composição da columna de operações creada por portaria n.º 409, de 12 de outubro de 1896, fui nomeado commandante de auxiliares.

Reuni logo todos os indigenas que me pareciam mais aptos para o serviço, e que eu já conhecia das razzias e varios serviços que com elles fiz entre o combate da Mojenga e a reorganisação da columna.

Organisei immediatamente os indigenas, dividindo-os em cinco grupos: gente para o comboio; gente de guerra; gente de machado; da ambulancia e carregadores.

Cada um dos grupos foi dividido em secções, a que os indigenas chamavam batalhões. Cada secção foi dividida em esquadras, compostas por um chefe (cabo) e quatro homens.

A todos os homens foram distribuidas camisolas encarnadas e bem assim barretes de côr verde para os de machado, azul para os do comboio, amarellos para os da ambulancia, carmesim para os carregadores, e vermelhos para a gente de guerra.

Nos barretes pintaram-se a tinta branca de oleo os numeros das secções e no peito o numero de matricula de cada homem.

Os sargentos (commandantes das secções) tinham como distinctivo dois traços brancos no peito e os cabos um só.

Para sargentos nomeei os que me pareceram ter mais alguma influencia nos homens (em geral os cabos das terras), e para cabos os homens mais desembaraçados e atrevidos.

Aos homens de mais confiança distribui Snyders, outros levavam espingardas de silex e um grande numero zagaias.

Como dispunha da força de policia da capitania, que já se achava um pouco disciplinada e instruida, colloquei cada duas secções da gente de guerra sob o commando de um cabo da policia.

As differentes côres dos barretes tinham por fim permittir conhecer facilmente em qualquer occasião a que serviço pertenciam os homens; os numeros das secções, o formal-os rapidamente, e os numeros de matricula, o captural-os no caso de fuga, visto estarem relacionados por nomes e residencias.

No dia 23 apresentou-se-me o tenente Baptista de Carvalho para me auxiliar (mas foi logo para Natule, onde ficou em serviço) e o silvicultor Luiz de Mascarenhas Gaivão, encarregado de abertura de caminhos.

A força dos auxiliares ficou, pois, assim constituida:

Commandante, 1 tenente, 1 silvicultor.

	Sargentos	Cabos	Soldados	Corneteiros	Todos
Policia	–	7	18	1	26
Gente de guerra	6	36	144	–	186
Gente de machado	2	14	56	–	72
Gente da ambulancia	1	4	16	–	21
Gente do comboio	3	10	60	–	73
Carregadores	1	9	52	–	62
Somma	13	80	346	1	440

Pelas quatro horas da noite de 24 para 25, saí do Mossuril com a minha gente e cheguei pelas seis horas e meia a Natule. Entregue a gente do comboio, ambulancia e carregadores, segui logo com a gente de guerra e de machado para

a estrada da Naguema, que tinha sido começada havia tempo, mas fôra interrompida desde 26 de janeiro pelos ataques dos namarraes á gente que n'ella trabalhava, e a povoação de Ampapa incendiada a 1.

Na parte já aberta da estrada fizeram-se então uns concertos para permittir a passagem do comboio que devia seguir a columna.

No dia seguinte (26) saí com os auxiliares (e quando digo auxiliares, entende-se tambem o tenente Trindade dos Santos, que viera substituir o Baptista de Carvalho, e o silvicultor Gaivão) para a estrada. Ás oito horas começou o córte do matto no ponto onde tinha ficado anteriormente. O matto apresentava-se cerradissimo, formado por arbustos grossos, muito duros, entrelaçados e algumas arvores, as mais d'ellas espinhosas. O trabalho era feito (e sempre o foi durante toda a campanha) pela seguinte fórma: Para a frente e flancos lançava fortes patrulhas da gente de guerra (umas quatro secções). A gente de machado começava então o córte e na retaguarda íam como reserva duas secções de guerra.

Pelas dez horas da manhã alguns namarraes embuscados no matto fizeram fogo sobre nós e feriram-me um homem gravemente; respondeu-se de prompto ao fogo, e o inimigo não tornou a apparecer n'este dia. Á uma hora e trinta minutos p. m., regressei ao bivaque da columna, então estabelecido na estrada em Namancava. Recebi ordem para formar os postos avançados, que estabeleci á cossaca, sendo cada um de duas esquadras.

No dia seguinte (27) saí ás seis horas e trinta minutos a. m., apoiado por um pelotão de marinha. Abriu-se a estrada até Motumundo. Ahi havia um ribeiro, o Miquete, que alastrando formava pantanos. Foi preciso estabelecer uma passagem com troncos de arvores e ramos. Recolhi ao bivaque ás quatro horas p. m. No caminho o inimigo fez fogo sobre nós, ferindo-me gravemente um homem e ligeiramente outro.

No dia immediato continuei os trabalhos de passagem sobre o Miquete, apoiado por um pelotão de landins e outro de infanteria n.º 4. O inimigo fez fogo sobre um soldado de cavallaria que mandei com um officio ao quartel general.

No dia 1 de março saí de Namancava ás seis horas e trinta minutos, apoiado por um pelotão de marinha; abriu-se o matto para alem do Miquete; a 600 metros de Naguema, os guias mostravam-se desorientados, não se acertava com o caminho e o matto era cerradissimo; a columna alcançou-nos n'esta situação. Por fim o chefe do estado maior com o tenente Coelho e eu conseguimos alcançar a orla da povoação. Voltámos atrás; abri caminho na direcção encontrada e entrámos na povoação pelo lado sul, quando já o commandante da columna entrava pelo norte. Formei os postos avançados com a minha gente, o que succedeu durante toda a campanha e que fica dito para evitar repetições.

No dia 2 sigo a abrir caminho na direcção do Ibrahimo; este dia gasta-se em construir um pontão no Micuto; no dia 3 continúo a abrir caminho; construem-se dois pontões sobre outras tantas linhas de agua; regresso ás quatro horas p. m. A esta hora o inimigo faz fogo sobre uma vedeta de cavallaria. Por ordem do commandante da columna sáio em exploração com os auxiliares; o inimigo faz fogo sobre elles ferindo-me dois homens; um pelotão de marinha com um de infanteria n.º 4, entraram na linha de fogo e repellem o inimigo rapidamente.

No dia 4 marchámos na direcção do Ibrahimo. A columna bivaca em Motumundo.

No dia seguinte continúa a abertura da estrada; constroem-se dois pontões. D'esta data até 19 de março não posso precisar miudamente os acontecimentos, porque se me extraviaram as folhas da carteira onde tinha os meus apontamentos; posso, porém, citar de cór que n'esse mesmo dia, ou no immediato, pelas quatro horas da tarde, os auxiliares entravam no Ibrahimo; o inimigo rompeu fogo de um valle onde estava embuscado. O pelotão de marinha que nos apoiou, entrou logo em linha, e após algumas descargas o inimigo desappareceu. Voltámos ao bivaque de Motumundo e no dia immediato, pela manhã, seguimos novamente para o Ibrahimo, precedendo a columna de duas horas para melhor arranjarmos o caminho. Quando chegámos, a columna seguia-nos a poucos passos. Avancei com

os auxiliares até ao valle onde ficava a parte principal da povoação; o inimigo fez fogo, que os auxiliares sustentaram com vigor. Vieram logo forças da columna e o commandante assumiu a direcção do combate. Tive tres homens feridos, um gravemente.

No dia immediato fui, apoiado por um pelotão de marinha, procurar o caminho do Mucuto-Muno. Ao chegarmos perto da povoação, o inimigo fez fogo. A marinha entrou em linha, e com os auxiliares nos flancos avançámos para a aringa do chefe. Após algum tempo de fogo, o inimigo fugiu e desappareceu no matto cerradissimo. Tive quatro homens feridos.

No dia immediato fui abrir o caminho na direcção do Pão. Encontrei muitas palhotas, mas todas abandonadas. O caminho aqui era difficilimo de abrir. O matto já não era formado por arbustos, eram arvores rijissimas, na maioria ebano, ligadas por liame grosso como um braço; cortava-se o tronco de uma arvore e quando se imaginava tudo feito era preciso cortar mais quatro ou cinco por seu turno ligadas a outras e cortar em seguida ramo a ramo para os desembaraçar do liame. Para abrir 100 metros de caminho gastei sete horas! Houve arvore que levou duas horas a desembaraçar. Considero impossivel a abertura do caminho para o Pão, a não se dispor de immenso tempo. Estou mesmo convencido de que a ida da columna ao Pão não adiantava nada, visto que: 1.º, o inimigo não estava disposto a resistir seriamente, mas sim a fugir, limitando-se a fazer uma insignificante guerra de guerrilhas; 2.º, o caminho póde ser aberto pela gente dos regulos que rodeiam os namarraes, anciosos de se apoderarem das terras d'elles; 3.º, o posto não se poderia estabelecer no Pão, como se não pôde estabelecer na Meza.

No dia immediato a esta tentativa, recebi ordem para construir um reducto no Ibrahimo, para n'elle se estabelecer um posto. O reducto foi levantado em trinta e duas horas de trabalho, empregando 120 trabalhadores. Depois regressei com a columna a Natule e d'ahi ao Mossuril.

No dia 19 de março passei para a Matibane, onde se achavam já os auxiliares á minha espera. Já me não acompanhava o tenente Trindade dos Santos, que ficára no Ibrahimo como commandante do posto.

No dia 21 marchei para o Mino, precedendo a columna. Ahi bivacou a columna e fui abrir a estrada para Nacucha, visto não se poder ir do Mino directamente á Meza, por ter que se atravessar uma ravina fundissima.

No dia seguinte a columna passou para Nacucha e eu abri o caminho até Namiapa e d'ahi á Cavaca, onde a columna bivacou em 23. N'esse dia reconheci o caminho até á Meza, e no immediato acompanhei o chefe do estado maior no reconhecimento que fez áquella montanha. Reconheci como impossivel o estabelecimento de um posto na Meza; recebi ordem para abrir o caminho na direcção do Ituculo.

No dia 25 abri até Namiope, a 26 até Monoco, a 27 até ao Sanhute.

No dia 28 saí do bivaque do Monoco ás sete horas e trinta minutos a. m. e reconheci todo o caminho até Xiunda, onde cheguei ás quatro horas p. m.

No dia immediato saí da Xiunda ás seis horas a. m. e cheguei ao Ituculo ás doze horas e trinta minutos p. m. Fallei com o regulo e regressei a 30 ao bivaque.

A 31 abri o caminho até ao grande Sanhute ou Mucate e fui ao Ituculo com o chefe do estado maior.

No dia 2 comecei a construcção do reducto sobre o Mucato, destinado ao posto, e completei-o a 3.

No dia 4 regresso com os auxiliares para abrir o caminho de Namiope á Conducia; bivaco no pequeno Sanhute, e no dia 5 prosigo na marcha, abrindo todo o caminho até á Conducia. O caminho d'ahi até Mossuril, onde cheguei no mesmo dia, já tinha sido aberto anteriormente por mim.

O *croquis* do terreno percorrido, que elaborei com o chefe do estado maior, indica as distancias percorridas durante toda a campanha.

Os auxiliares prestaram muito bom serviço, embora fossem um tanto indolen-

tes e um pouco difficeis de aturar, e no serviço propriamente de guerra não se mostraram cobardes, batendo-se até muito bem no Ibrahimo e Mucuto-Muno. Os auxiliares entraram em todos os combates da campanha.

Julgo que não poderia ter dado conta da missão que me foi incumbida se não fosse o valioso auxilio que me prestou o silvicultor Luiz de Mascarenhas Gaivão, que dirigia mais particularmente o serviço do córte do matto. A elle, mais do que a mim, se deve o bom exito dos trabalhos executados, e por isso o julgo digno de menção.

É quanto me cabe expor ácerca do serviço dos auxiliares.

Chibuto, 20 de maio de 1897. = *Gomes da Costa*, capitão de Gaza.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 4 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Relação dos officiaes que fizeram serviço com os auxiliares da columna com designação dos combates em que entraram

Postos	Nomes	Combates em que entraram			
		Mojenga	Naguema	Ibrahimo	Mucuto-Muno
Capitão de infanteria........	Manuel de Oliveira Gomes da Costa....	1	1	1	1
Tenente graduado de infanteria	Antonio Trindade dos Santos...........	–	1	1	1

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELATORIO DO CHEFE DE SERVIÇO DE SAUDE RELATIVO ÁS OPERAÇÕES EXECUTADAS DESDE 24 DE FEVEREIRO ATÉ 11 DE MARÇO DE 1897

N'esta parte do meu relatorio limitar-me-hei a dizer o que de mais importante se me offerece e que reputo de execução facil e rapida, podendo aproveitar na segunda parte das operações.

Na segunda parte do relatorio occupar-me-hei de considerações mais especiaes, proveitosas a futuras expedições e que mais dependem da metropole que de intervenção immediata: taes são, questões de alimentares, hygiene de vestuario e, mais particularmente, escolha dos individuos que devem compor as futuras expedições.

Concentradas as forças em Natule em 24 de fevereiro passado, marchei com a columna para os territorios namarraes a 26, levando debaixo das minhas ordens: 1 cirurgião ajudante, 1 facultativo naval de 2.ª classe, 4 enfermeiros, 6 ajudantes de enfermeiros e 21 auxiliares indigenas que desempenhavam o papel de maqueiros.

O material que me acompanhava constava de 1 carro de ambulancia, 2 carros para transporte de feridos e doentes, 7 macas de hombros e 5 mochilas de ambulancia ou primeiros pensos.

Bivacámos em Namancava, sendo bom o estado sanitario nos tres dias em que ahi permanecemos.

Em 1 de março marchámos sobre Naguema, onde bivacámos e estacionámos durante tres dias, sendo sempre bom o estado sanitario.

Em 3 fomos atacados pelo inimigo, soffrendo 2 baixas, sendo 1 ferido sem gravidade e 1 morto.

Em 4 encetámos de novo a marcha, indo bivacar em Mucuto-Muno, onde estacionámos dois dias, sendo sempre bom o estado sanitario e não havendo nada digno de menção.

Em 6 marchámos sobre a povoação do Ibrahimo; no ataque feito a esta povoação tivemos 4 baixas, sendo 3 europeus e 1 soldado indigena da 1.ª companhia de guerra da provincia; todos os ferimentos foram sem gravidade.

Em 7 o inimigo atacou o bivaque, sendo ferido por arma de fogo o segundo cabo n.° 95 da brigada de artilheria de montanha.

Em 8 atacámos a povoação de Mucuto-Muno, soffrendo 10 baixas, sendo 8 europeus e 2 soldados indigenas da 1.ª companhia de guerra.

Estacionámos n'este bivaque cinco dias, e podemos dividir em dois periodos o estado sanitario da columna: o primeiro bom durante os dois primeiros dias, e o segundo regular durante os tres ultimos, com tendencias mesmo a passar a mau.

As doenças predominantes não eram, como se devia esperar, as febres proprias da região, mas sim doenças gastro-intestinaes, por vezes rebeldes ao tratamento.

Vejamos agora quaes as suas causas, que são varias.

Em primeiro logar os resfriamentos nocturnos, devidos á reluctancia enorme das praças em se abrigarem com os seus capotes e mantas, expondo-se assim aos abaixamentos bruscos de temperatura, tão frequentes n'estes climas e que ahi se observavam diariamente, chegando a notar-se differenças thermometricas superiores a 13 graus centigrados.

Em segundo logar a agua ingerida, a qual, posto se podesse considerar mais que regular para estas regiões, continha, comtudo, em suspensão grande quantidade de materias inorganicas, as quaes actuavam, se não como causa determinante, pelo menos como causa predisponente muito importante.

Em terceiro logar a distribuição do rancho frio no dia anterior áquelle em que devia ser usado pelas praças; com effeito, pouco cuidadosas na conservação

do seu rancho, as praças guardavam a carne que o constituia na marmita, mal lavada e sempre humida, d'aqui a fermentação acida, tendo como consequencia immediata irritação gastro-intestinal, que actuava, não só como causa predisponente, mas tambem como causa determinante.

Não era, porém, só este o inconveniente da distribuição antecipada do rancho frio; com effeito, as praças, conhecendo a alteração do rancho (carne fria), limitavam-se a comer a bolacha e beber a ração de vinho, lançando fóra e em volta do bivaque a carne; d'aqui duas causas morbidas: uma actuando como predisponente, enfraquecimento geral da praça por alimentação insufficiente, outra actuando como determinante, putrefacção da carne, dando origem a grande quantidade de miasmas.

Para obviar a estes inconvenientes proponho os seguintes meios, que me parecem de execução facil e rapida: para o primeiro grupo, a maior vigilancia dos srs. commandantes das unidades e officiaes de serviço em que as praças se mantenham cobertas durante a noite; quanto ao segundo grupo, desde que se reconheça que a agua contém em suspensão grande quantidade de materias inorganicas, mandal-a colher e não permittir ás praças o seu uso antes que pelo repouso essas materias se depositem; para o terceiro grupo, não distribuir o rancho senão na occasião propria, tendo-o conservado nas melhores condições possiveis, a fim de evitar o mais possivel a fermentação acida.

Para conseguir este fim, basta que a carne, logo depois de cozida, seja guardada n'um recipiente bem limpo e secco e o mais possivel abrigado da acção directa do ar.

Como acima digo, torna-se sensivel o diminuto numero de febres palustres e a ausencia absoluta de casos graves, apesar do excessivo trabalho das forças e da vizinhança, por vezes, de pantanos.

Não posso attribuir este facto senão ao uso constante do quinino, dado como preventivo, devendo registar se este facto para que em futuras expedições se lance mão d'esta propriedade dos saes de quinino.

Durante este periodo consumiram-se, em dietas, 40 latas de leite condensado, 20 latas de marmelada e 19 garrafas de vinho do Porto.

Em tratamentos medico-cirurgicos consumiram-se 20 maços de algodão hydrophilo, 6 pacotes de gaze, 6 suspensorios testiculares, 30 ligaduras, salol, iodol, acido phenico e borico, sulphato de magnesia e soda, 15 garrafas de elixir de vinho de quina, 4 kilogrammas de chlorhydrato de quinino e 2:000 hostias Limousin.

Consumiu-se igualmente ipecacuanha em pó, benzo naphtol, salycilatos de bismutho e soda, granulos de espotina, digitalina, brometos de sodio e potassio.

Quanto ao pessoal sanitario cumpriu todo com o seu dever, tornando-se, comtudo, dignos de menção especial, não só pelos seus conhecimentos, mas ainda pelo zêlo e pontualidade com que desempenhavam os serviços de que eram encarregados, o sr. Adolpho Carlos Barroso da Silveira, medico naval de 2.ª classe, e o enfermeiro, Francisco Carlos de Oliveira, do quadro de saude da provincia.

S. José do Mossuril, 17 de março de 1897. = O chefe do serviço de saude, *Manuel Justino Ferraz de Azevedo*, cirurgião ajudante.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe de estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

RELAÇÃO DOS FERIDOS E MORTOS NOS COMBATES DE NAGUEMA, IBRAHIMO E MUCUTO-MUNO

Primeiro combate de Naguema, 3 de março de 1897:

Primeiro grumete n.^{os} 108 e 4:493 da 1.ª companhia de marinheiros, Alberto Luiz: ferido por arma de fogo no terço medio do braço; o projectil atravessou o braço, passando por baixo do biceps e não offendendo orgão importante, ferida de prognostico favoravel.

Primeiro grumete n.^{os} 150 e 1:941 da 1.ª companhia de marinheiros, Vicente da Silva Godinho: morto por arma de fogo; o projectil penetrou no lado esquerdo entre o musculo sterno-cleido-mastoideu e a carotida, perfurou a base do craneo, atravessou o cerebro da esquerda para a direita, saíndo pela cavidade orbitaria direita: a morte foi instantanea.

Segundo combate de Ibrahimo, 6 de março de 1897:

1.° Soldado n.° 88 da 1.ª companhia de infanteria n.° 4: ferida por arma de fogo de 3 centimetros no membro inferior direito; o ferimento curou sem deixar cicatriz apreciavel nem deformidade.

2.° Soldado n.° 59 de infanteria n.° 4: ferida por arma de fogo na perna esquerda; o ferimento foi sem gravidade, não deixando lesão nem cicatriz viciosa.

3.° O soldado n.° 173 da 1.ª companhia de infanteria n.° 4: ferida contusa por arma de fogo, de prognostico muito benigno e que cicatrizou sem deixar deformidade.

4.° O soldado indigena da 1.ª companhia de guerra da provincia n.° 369: escoriação por projectil de arma de fogo junto da articulação do joelho direito, a cicatrização fez-se em tres dias sem deformidade.

Combate de Mucuto-Muno, 8 de março de 1897:

1.° O sr. alferes José da Conceição Costa e Silva, da 1.ª companhia de infanteria n.° 4: ferida por arma de fogo no terço medio da coxa esquerda; o projectil determinou ferida contusa pouco profunda, mas de prognostico reservado, attendendo não só aos symptomas da contusão do nervo crural, mas ainda ao estado anemico em que se encontrava. A ferida cicatrizou sem deixar deformidade nem cicatriz viciosa.

2.° O segundo sargento da 4.ª companhia de marinheiros n.° 3, Antonio Rodrigues: escoriação ligeira na coxa direita, feita por projectil de arma de fogo.

3.° O primeiro grumete, 2.ª companhia, n.° 154, Manuel de Sousa: ferida por arma de fogo no braço direito, pouco profunda e de prognostico favoravel.

4.° O primeiro grumete, 9.ª companhia, n.° 180, José Augusto Pereira: ferida ligeira por arma de fogo na perna esquerda; a cicatrização fez-se em cinco dias sem deixar deformação.

5.° O primeiro grumete, 9.ª companhia, n.° 93, Ignacio da Mata: ferida por arma de fogo na mão esquerda; a ferida era pouco profunda e de prognostico favoravel.

6.° O segundo marinheiro, 12.ª companhia, n.° 135, Duarte Martins: escoriação por arma de fogo na perna direita.

7.° O primeiro grumete, 9.ª companhia, n.° 187, Ramiro Barbosa: escoriação e contusão no dedo indicador da mão direita, feita por projectil de arma de fogo.

8.° O soldado da 1.ª companhia de infanteria n.° 4, n.° 164, Pedro Pinheiro: escoriação por projectil de arma de fogo na metade lateral esquerda da cabeça.

9.° O soldado n.° 58 da 1.ª companhia de infanteria n.° 4, José Marques: ferida por arma de fogo no braço esquerdo e de prognostico favoravel.

10.° O soldado da 1.ª companhia de guerra, n.° 355: ferida por arma de fogo no pé esquerdo, de prognostico favoravel.

11.° O soldado n.° 103 da 1.ª companhia de guerra: ferida por arma de fogo

no pé esquerdo, de prognostico favoravel. = O chefe do serviço de saude, *Manuel Justino Ferraz de Azevedo*, cirurgião ajudante.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

SERVIÇO DE SAUDE

Relação dos facultativos do exercito e da armada que fizeram parte da columna de operações e nota dos combates em que entraram

Postos	Nomes	Combates			Observações
		Mojenga	Naguema	Ibrahimo	
Cirurgião ajudante......	Manuel Justino Ferraz de Azevedo	1	1	1	Chefe do serviço de saude.
Idem..................	Manuel Mendes Marques.........	1	-	-	
Idem..................	Humberto Pinto da Costa Araujo..	-	1	1	
Medico naval de 2.ª classe	Adolpho Carlos Barrosa da Silveira	-	1	1	

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

SERVIÇO DE SAUDE

Relação nominal das praças da 1.ª companhia da administração militar e da companhia de saude da provincia, com designação dos combates em que tomaram parte

Numeros de		Postos	Nomes	Combates		
Companhia	Matricula			Mojenga	Naguema	Ibrahimo
87	108	Segundo sargento	Athanasio Bernardino de Azevedo	-	1	1
8	9	Enfermeiro de 2.ª classe	João Lucio das Dores do Rego	1	-	-
22	10	Idem	Francisco Carlos de Oliveira	1	1	1
42	61	Idem	Adão Theodoro	-	1	1
32	352	Soldado	Eugenio Marques	-	1	1
33	310	Idem	Anacleto dos Santos	-	1	1
39	259	Idem	Antonio Gonçalves Jardim	-	1	1
57	304	Idem	Joaquim Pereira	-	1	1
121	313	Idem	Manuel dos Santos	-	1	1
122	314	Idem	Antonio Francisco	-	1	1
142	329	Idem	José dos Santos Maria	-	1	1

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

RELATORIO DO COMMANDANTE DO COMBOIO

N.º 18.—Mossuril, 15 de abril de 1897.—Ao sr. chefe do estado maior.—Do commandante do comboio.—Respondendo á nota-circular de v. ex.ª n.º 362, de 9 do corrente mez, gostosamente tenho a informar que os officiaes em serviço no comboio da columna de operações, conhecedores da importancia dos serviços a seu cargo, e interpretando com intelligencia as instrucções recebidas, concorreram poderosamente para o bom desempenho do serviço que dirigi.

E assim, julgo de justiça mencionar os nomes de Ernesto Ribeiro da Fonseca, commissario da armada, chefe dos serviços administrativos da columna, e de Salustiano de Sousa Correia, tenente graduado em commissão, adjunto do comboio, posto que não possa pela natureza especial dos serviços prestados, citar feitos praticados pelos referidos officiaes.

Junto envio a v. ex.ª uma relação das praças que pela sua dedicação e zêlo pelos serviços mais se fizeram notar e melhor auxilio me prestaram, devendo ainda de entre ellas especialisar o primeiro sargento da provincia, Antonio José Camacho, chefe da secção de viveres, e o segundo sargento, José Joaquim, n.º 86/854, da 4.ª companhia da brigada de artilheria de montanha, chefe da secção de munições, infatigaveis e exemplares no cumprimento dos seus deveres.= *Alfredo Coelho,* primeiro tenente de artilheria.

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Relação das praças a que se refere a nota n.º 18 de 15 de abril

Corpos	Companhias ou baterias	Numeros de — Companhia	Numeros de — Matricula	Postos	Nomes
Provincia de Moçambique	–	–	–	Primeiro sargento.	Antonio José Camacho.
Brigada de artilheria de montanha	4.ª	86	854	Segundo sargento.	José Joaquim.
	–	65	691	Primeiro cabo	João Raymundo Mourão.
	–	112	783	Soldado	Manuel Joaquim.
Regimento de artilheria n.º 1	5.ª	32	2:213	Primeiro cabo c.	Manuel Ferreira.
	9.ª	40	2:205	Primeiro cabo c.	Joaquim Pereira.
	3.ª	36	2:938	Soldado c.	José de Oliveira.
Companhia de guerra	3.ª	50	2:412	Soldado	José de Oliveira.
	9.ª	21	21	Primeiro cabo	Antonio Cesar Saque Junior.

Mossuril, 15 de abril de 1897.=*Alfredo Coelho,* primeiro tenente de artilheria.

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

Relação da praça abaixo designada em commissão n'esta provincia, que acompanhou o comboio, com designação dos combates em que entrou

Numero na companhia do deposito de Moçambique	Posto	Nome	Combates	
			Naguema	Ibrahimo
7	Primeiro sargento......	Antonio José Camacho..................	1	1

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

Relação nominal das praças da 2.ª companhia da administração militar, que acompanharam o comboio, com designação dos combates em que entraram

Numeros de		Postos	Nomes	Combates		
Companhia	Matricula			Mojenga	Naguema	Ibrahimo
–	–	Segundo sargento.....	José Maria Rascão......................	1	–	–
129	540-A	Segundo sargento.....	Antonio Salgueiro Valente................	–	1	1
262	1:060	Soldado.............	Maximiano Bernardes.....................	1	1	1

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

BRIGADA DE ARTILHERIA DE MONTANHA—4.ª BATERIA

Relação nominal das praças addidas do regimento de artilheria n.º 1, com a designação dos combates em que entraram durante a campanha de 1897 contra os namarraes

Baterias	Numeros de		Postos	Nomes	Combates		Observações
	Bateria	Matricula			Naguema	Ibrahimo	
3.ª	2	2:314	Primeiro cabo c.	Joaquim Mendes da Costa....	1	1	
»	27	2:937	Soldado c.......	Liborio Narciso.............	1	1	
»	36	2:938	»	José de Oliveira............	1	1	
»	39	2:939	»	José Ferreira Alves....	1	1	
4.ª	44	2:012	Primeiro cabo c.	Sebastião Rodrigues Borja...	1	1	
»	21	2:518	Soldado c.......	Manuel Ferreira............	–	–	Ficou no hospital.
»	22	2:791	»	Luiz Filippe Andrade Barroso	–	–	Ficou no hospital.
»	28	2:519	»	João Ernesto...............	–	–	
»	36	2:941	»	Francisco Moraes	1	1	
»	41	2:942	»	José da Silveira...........	1	1	
5.ª	32	2:213	Primeiro cabo c.	Manuel Ferreira............	1	1	
»	57	2:444	»	João Egydio Ramos.........	–	–	
6.ª	30	2:797	»	Carlos Augusto Jesus Gomes	1	1	
»	37	2:501	Soldado c.......	José Augusto	1	1	
»	45	2:502	»	Estevão José João..........	–	–	
»	54	1:954	»	Martinho de Sousa Palmeira.	–	–	
7.ª	15	2:276	Primeiro cabo c.	Francisco Cabrita	1	1	
»	57	2:571	Soldado c.......	José Rodrigues da Silva Jorge	–	–	
8.ª	7	2:674	»	João Costa	1	1	
»	33	2:705	»	Antonio Abrantes de Almeida	–	–	Ficou no hospital.
»	34	2:396	»	Manuel Antonio............	1	1	
»	48	2:736	»	Alfredo Correia	–	–	
»	65	2:755	»	Manuel Gomes	–	–	Ficou no hospital.
9.ª	40	2:205	Primeiro cabo c.	Joaquim Pereira............	1	1	
»	35	2:621	Soldado c.......	Luiz Antonio............ ...	1	1	
»	48	2:622	»	Luiz de Mattos.............	–	–	
»	4	2:287	Ferrador.......	Manuel Claudino de Moura..	1	1	
10.ª	30	2:531	Soldado c.......	José Faria.................	1	1	
»	9	2:935	»	Thomás dos Santos Inoc.....	1	1	
»	11	2:936	»	Miguel da Conceição........	1	1	Falleceu em Moçambique.
»	24	2:934	»	Antonio Pereira............	1	1	

Quartel na Ponta Vermelha, 16 de maio de 1897. = O commandante da bateria, *Arthur Cesar Monteiro Guimarães.*

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

COMPANHIA DO DEPOSITO DE MOÇAMBIQUE

Relação nominal das praças do dito deposito, que fizeram parte da policia do comboio, na columna de operações, com designação dos combates em que entraram

Corpos	Companhia	Numeros de		Postos	Nomes	Combates em que entraram	
		Companhia	Matricula			Naguema	Ibrahimo
Deposito	–	–	–	Segundo sargento	Gregorio de Mascarenhas	1	1
9.ª companhia de guerra	–	21	21	Primeiro cabo	Antonio Cesar Saque Junior	1	1
Policia de Gaza	3.ª	2	9	»	Manuel de Almeida	1	1
Idem	3.ª	5	15	Segundo cabo	Miguel Joaquim	1	1
Idem	3.ª	6	19	»	Manuel de Almeida	1	1
Idem	3.ª	10	37	Soldado	Luiz Raphael	1	1
Idem	3.ª	11	42	»	José Maria	1	1
Idem	3.ª	27	–	»	Francisco Antonio Lourenço	1	1
3.ª companhia de guerra	–	50	2:412	»	José de Oliveira	1	1
9.ª companhia de guerra	–	51	51	»	José Maria das Dores	1	1
8.ª companhia de guerra	–	68	68	»	José da Silva	1	1
Policia de Lourenço Marques	2.ª	49	–	»	Domingos Alves	1	1

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 12 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

Infª 4 menos uma secção

Palhota maticadada
Rainha

Rio Muecati

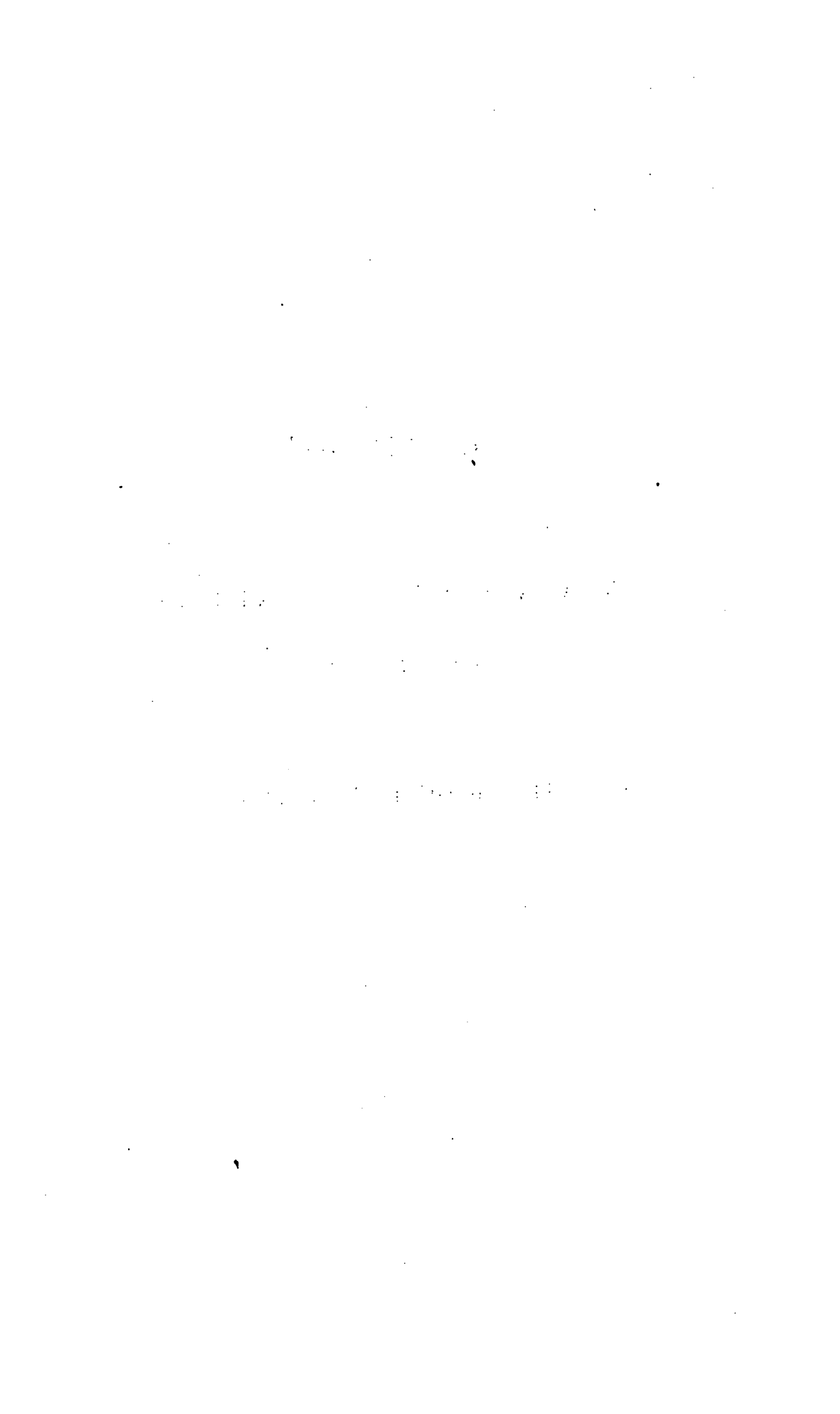
RELATORIOS

ÁCERCA DA

ACÇÃO DE CALAPUTI,

ESCARAMUÇA DE MUNAPO

E

SUBMISSÃO DOS CHEFES NAMARRAES

RELATORIO ÁCERCA DA ACÇÃO DE CALAPUTI E ESCARAMUÇA DE MUNAPO

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Passo ás mãos de v. ex.ª a copia junta, e devo dizer a v. ex.ª que as observações que me suggere o relatorio presente são as seguintes:

1.ª Que o governador de Moçambique se demorou de mais em tomar a resolução de retirar para o Ibrahimo. O motivo d'esta demora é evidente, e sómente o attribuo ao desejo de que entre as praças não podesse ficar a fama de que elle retirava ás primeiras baixas. Entretanto, com a pequena força que tinha sob o seu commando, e sem cavallaria, devia tel-o feito, logo que viu que o inimigo se dispunha a resistir tenazmente. No proprio relatorio se revela o que lhe custou dar a ordem para a retirada, o que não admira, porque o mesmo me succedeu na noite de 19 para 20 de outubro de 1896, na Mujenga.

2.ª Que o que o relatorio expõe ácerca do caminho que seguiu para o Pão contradiz completamente o que exponho a fl. 45 do meu relatorio, datado de 12 de junho, ácerca dos motivos que me fizeram retirar do Ibrahimo (densidade do matto). Lamento profundamente que a falta de uma exploração mais cuidadosa do terreno me tivesse levado a dar essa ordem, o que hoje vejo ter sido um erro, no que só a mim se póde tornar a responsabilidade, por não ter feito eu mesmo o reconhecimento do terreno.

3.ª Que em vista das informações do governador de Moçambique, mando louvar em ordem á força armada, e peço que seja transcripto esse louvor no *Boletim militar do ultramar,* e em ordem do exercito, o governador de Moçambique, pela maneira como procurou manter a ordem na retirada de Calaputi até ao Ibrahimo, dando assim um exemplo salutar aos seus subordinados.

Os officiaes, officiaes inferiores e mais praças que compunham a columna do commando do mesmo governador, pela fórma como se comportaram no dia 20 no combate de Calaputi.

Em vista das mesmas informações proponho para que sejam condecorados com a medalha de prata de bons serviços, por se acharem no caso previsto na ultima parte do artigo 4.º do regulamento approvado por decreto de 21 de dezembro de 1886, os officiaes seguintes:

Primeiro tenente de artilheria, Luiz Augusto Ferreira.

Alferes de caçadores n.º 4, Francisco Feria Tenorio.

Em vista das mesmas informações proponho que sejam condecorados com a medalha de prata de valor militar as praças seguintes:

Primeiro cabo $^{237}/_{1566}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, I. D.

Soldado $^{104}/_{1941}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Antonio Salgueiro.

Soldado $^{256}/_{1921}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de cacadores n.º 4, Joaquim Ignacio.

Soldado $^{79}/_{1807}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Izidro Domingues.

Soldado $^{147}/_{2039}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Francisco Rodrigues.

Soldado $^{154}/_{1465}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, João Evangelista.

Soldado $^{187}/_{1737}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Candido dos Santos.

Soldado $/_{1945}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, João Evangelista.

Soldado $^{230}/_{2002}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, José Miguel.

Soldado $^{225}/_{2057}$ da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, José.

O segundo sargento do quadro auxiliar da 1.ª companhia de guerra, n.º $^{34}/_{2051}$ da 4.ª companhia do 2.º batalhão de infanteria n.º 4, Manuel I. de Magalhães.

Com a medalha de prata de bons serviços o segundo sargento da 1.ª companhia da administração militar n.º $^{8}/_{108}$, Azevedo.

4.ª Que na minha opinião, opinião que transmitto ao governador de Moçambique, o relatorio, unicamente quanto á redacção, deixa a desejar, porque não expõe os factos occorridos com a sobriedade e simplicidade que devem sempre observar-se n'este genero de trabalhos. Todas as considerações que faz a respeito de honra e gloria são perfeitamente escusadas.

5.ª Que o resultado final d'este combate foi vantajoso. A submissão dos namarraes sómente se póde attribuir a haverem perdido a esperança de que em vista da retirada do grosso das forças para o sul, poderiam voltar á primitiva independencia e bandoleirismo, ao menos entre o Ibrahimo e o Pão.

Que só aquella região precisa por agora de mais dois ou tres postos fortificados e guarnecidos.

Sem quadros é escusado pensar em ter completas as duas companhias de guerra do districto (1.ª e 2.ª) e a policia do Mossuril, e sem essas unidades completas não se póde garantir ali a ordem e o socego. Em Angoche urge organisar outra (a 10.ª) companhia de guerra.

Repito portanto a v. ex.ª o que já muitas vezes tenho dito: sem quadros bons, nunca teremos força capaz de garantir a ordem publica e o nosso dominio, e não vejo outra maneira de ter aqui quadros bons, senão a approvação das bases de organisação militar da provincia remettidas com o meu officio n.º 108, de 18 de setembro de 1896.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria militar do governo geral em Lourenço Marques, 19 de junho de 1897. — Ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. = O commissario regio, *J. Mousinho de Albuquerque.*

RELATORIO DO GOVERNADOR DO DISTRICTO DE MOÇAMBIQUE

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. governador geral. — Vou dar conta, perante v. ex.ª, da maneira como procurei executar o que me foi determinado pelo n.º 1 das *Instrucções* de 7 de abril de 1897, assignadas pelo sr. secretario geral, o qual em resumo dizia o seguinte: que abrisse caminho até ao Pão, a fim de destruir a povoação do chefe Matua (Matula-Muno), com uma columna composta de toda a gente disponivel, ao passo que fizesse cooperar n'este ataque a gente de Marrua-Muno e dos seus alliados da Macuana.

Não repetirei os motivos já expostos na minha nota n.º 129 de 15 do corrente, que demoraram o emprehendimento de operações subordinadas á reunião de gente de Itoculo. A 16 do corrente, finalmente, saía do Mossuril a pequena columna do meu commando, que a 17 dava entrada no porto de Ibrahimo, com a seguinte composição em numeros exactos: commando, 3 officiaes; caçadores n.º 4, 44 praças e 2 officiaes; 1.ª companhia de guerra, 87 praças, sendo 10 do quadro europeu e 2 officiaes; auxiliares, 150 a 200 homens armados de espingarda e 1 official; uma reserva de 4:000 cartuchos Martini e 3:000 Kropatechek, indo todas as praças municiados com 120 cartuchos; uma pequena ambulancia com 6 macas (unicas que possuiam), 1 enfermeiro e 16 carregadores maqueiros. Finalmente, uma reserva de viveres de seis a oito dias.

Como guias tinha o chefe de Ampapa, Nzamedine, o cabo de policia do Mossuril, Costa, e 2 indigenas de Itoculo. Tendo recebido noticia do alferes Andrade pela sua nota n.º 8 de 4 do corrente, que se achava reunida a gente de Itoculo e alliados, ordenei-lhe a 17 que começasse as operações, calculando que elle estaria em Mecupé (povoação de Matula) ao mesmo tempo do que eu; isto é, a 19 ou 20 do mez.

Diziam-me os guias que o Mecupé estava a seis horas de caminho de Ibrahimo (marcha de preto), e que da Mandurìa de Marua-Muno se punham na mesma povoação em menos de doze horas de marcha.

Assim, calculei que em dois dias attingiria Matula, ao passo que a minha ordem, chegada a 18 ao alferes Andrade, lhe permittiria vir ao encontro da columna com os auxiliares que conduzia.

Era impossivel, parece-me, levar mais longe a prevenção para reunir as duas columnas.

A 18 saía eu de Ibrahimo para começar a abrir caminho levando apenas um rancho frio, visto que a falta de effectivos e de outros recursos da minha columna me fez adoptar como principio, o de vir todas as noites procurar o abrigo do posto fortificado.

Saímos ás sete horas a. m. demorados pelos auxiliares, que só á ultima hora accusavam uma falta de polvora, que se poderia ter distribuido de vespera, se elles tivessem sido mais cuidadosos.

Ás onze horas e meia a. m. estavamos no extremo do caminho já percorrido por forças da columna do commando de v. ex.ª, mas que fôra preciso abrir de novo porque evidentemente não dava passagem a um carro. A seguir começava estreito carreiro indigena; por isso receiando grande mato a desbastar, e sabendo que Mecupé ficava longe, retirei para o posto onde entrava á uma hora e meia p. m.

A 19 dei descanso á columna, que tinha tres dias de marcha. Mas como julgasse agora haver impossibilidade de chegar n'um dia á povoação de Matula-Muno, decidi levar a 20, dois dias de rancho, municiando todos os brancos a 160 cartuchos e os landins a 165.

Julguei, fundado na experiencia de todas as guerras passadas, que este municiamento era sufficiente para dois dias de lucta.

Na Mojenga, em vinte e duas horas de combate, o consumo medio de cartuchos regulou por 113.

Effectivamente, com tropas praticando e sabendo o que é a disciplina de fogo assim ha de succeder.

E comtudo, em onze horas e meia de fogo, das quaes só quatro violento, os meus homens quasi esgotaram as suas munições, dando-me serios cuidados. Não posso ser taxado de imprevidente, mas o caso serviu-me para exigir como principio a seguir o que já era minha crença particular: nunca póde haver cartuchos demasiados. O seguimento da narração mostrará a v. ex.ª a rasão d'este largo parenthesis.

Ás seis horas a. m. punha-se em marcha a pequena columna e ás sete horas e um quarto começava-se a abrir caminho em matto ainda não atravessado por nossas tropas. Começou então a abertura do caminho dirigida pelo primeiro tenente de artilheria, Ferreira; na frente os auxiliares de Nezamedine protegiam os trabalhadores.

Ás nove horas e meia a. m. a columna chegava ás margens do rio Metavine, depois de percorrer um extenso e apertado desfiladeiro (600 a 800 metros) formado por uma ravina afluente do rio. Ahi descansei, antes de atravessar a agua, em alto guardado. Rompeu então o primeiro fogo inimigo, dirigido sobretudo do lado E. onde o curso do rio formava uma vasta clareira, terreno tão querido e tão proprio á tactica d'estes indigenas.

Em poucas descargas consegui fazer calar este fogo, e ás onze horas a. m. punha-me de novo em marcha atravessando o rio.

Segundo as informações dos guias, em duas horas de caminho, abrindo matto, estariamos em Calaputi, residencia de Mucuto-Muno, sendo bastante perto Mecupé. Ali, segundo elles diziam, havia agua bastante e bom campo para bivaque.

Desde que passamos o rio tornou-se constante o tiroteio entre os namarraes estabelecidos em todas as povoações e os nossos auxiliares que avançavam a muito custo, cheios de pavor, não se afastando nunca da columna, e difficultando, portanto, a abertura do caminho que custava tantos esforços ao primeiro tenente Ferreira, como a conducção dos auxiliares ao alferes Teixeira de Barros.

Por duas ou tres vezes tive de os animar reforçando o seu fogo com o de uma esquadra de caçadores n.º 4 (20 homens).

Só alcançámos Calaputi pelas duas horas e meia p. m., tendo encontrado e queimado Chaballa, residencia de Ibrahimo, extensa, mas pouco concentrada povoação, Pataquoé e Muipiti.

Foi grande o meu desapontamento chegando a Calaputi, povoação alegre e limpa, mas construida n'uma pequena clareira, rodeada de cearas de altissimo milho e de moitas de espesso mato. Era já tarde e o calor ardente, tendo tornado muito fatigante a longa e fastidiosa marcha de 8 horas que a columna tinha executado, obrigavam-me o procurar servir-me d'este mau terreno. A agua estava ainda a meia hora de caminho.

Dispondo a columna em quadrado, e protegendo esta com vedetas, ordenei o desbaste immediato de uma larga porção de machamba, e a queima da povoação pelos auxiliares. Estes, se até ahi tinham mostrado a costumada fraqueza, começavam a patentear uma mais forte e insolita cobardia.

De mais, tendo gasto em infructifero tiroteio quasi toda a polvora trazida e que fôra a requisitada pelo chefe Nezamedine; nem a tiro queriam trabalhar, embora bem perto da columna em armas.

Comtudo empregando a força, consegui que começassem com o trabalho que corria rapido, quando do lado inimigo rompeu fogo tão violento e rapido que em menos de cinco minutos tinha 5 feridos, sendo 2 praças brancas.

Para *dar ar* ao quadrado fazia repetidas cargas á bayoneta com esquadras de caçadores.

Este processo aliviava-nos, mas sem comtudo fazer cessar o fogo inimigo, ajudado pelo terreno, e certamente animado pelo pequeno numero de adversarios, que naturalmente estavam contando.

A similitude de situações arrancava aos soldados de caçadores n.º 4 esta

phrase, *é outra Mojenga,* isto é, uma lucta encarniçada e tenaz da qual estes bravos soldados, não mostravam temor ou receio.

Porém eu via a impossibilidade de me sustentar n'aquelle logar, mas desejando cumprir á letra a ordem de v. ex.ª, isto é, abrir caminho até Matula, pensei em escolher outro sitio que os guias de Itoculo diziam agora existir um pouco mais longe e mais perto da agua.

Era forçoso porém fazer o tratamento aos feridos já em numero de 7 e este facto que me demorou até ás tres horas p. m. veiu mais uma vez modificar os meus planos.

Os soldados de caçadores n.º 4 já tinham consumido 60 a 70 cartuchos, e era evidente que permanecendo ali a lucta se continuaria, não talvez muito sangrenta, mas dando origem a um exagerado consumo de munições.

Os esforços dos officiaes, a propria bravura e coragem dos soldados nada podem contra o seu instinctivo geito de queimar cartuchos, respondendo sempre com 2 ou 3 descargas por cada tiro feito por um adversario invisivel, mas muito proximo.

Era para recear, demorando-me, que se esgotassem os cartuchos arriscando-se assim a columna a um desastre.

Além d'isto via-me embaraçado com o modo de transportar os feridos que, ao tempo, já excediam o numero de macas.

O regresso impunha-se portanto e por isso, tendo já aberto caminho até ás faldas do Pão; tendo queimado as povoações dos principaes chefes namarraes e arrazado bastantes das suas sementeiras, deixava-me tranquillo de espirito e conscio de que, não só me desempenhára até aos limites do possivel da missão que me fôra imposta, mas até que esta estava quasi inteiramente cumprida.

Ás tres horas e vinte minutos p. m. dava pois a ordem de recolher ao posto do Ibrahimo, de onde estavamos afastados 15 a 18 kilometros, formando a força de caçadores n.º 4 a guarda da retaguarda; eu seguia na sua frente.

Dispensando o serviço dos auxiliares *estorvo sem compensação,* dei-lhes liberdade para marcharem como quizessem, *mas longe da columna,* cousa que não consegui, apesar de todos os meus esforços e dos officiaes que me acompanhavam.

Grande grupo d'elles accumulou-se, como um rebanho, atrás de caçadores n.º 4, prejudicando sobretudo a si proprios pelo magnifico alvo que offereciam aos seus inimigos.

Desde a partida que a lucta assumiu um caracter renhido. Em todas as clareiras os namarraes, estavam á espera, cortando de frente o caminho e abrindo fogo violento sobre os flancos da pequena columna e perseguindo de perto a sua guarda da retaguarda.

Sem serviço de exploração e impossibilitado até de empregar pequenas patrulhas de landins, de que sempre me servíra, pelo receio de que ellas fossem victimas dos auxiliares, ou mesmo dos tiros dos nossos proprios soldados, passei a *explorar e a bater* todas as aberturas por meio de descargas repetidas, de todas as fracções da columna.

Augmentava-se é certo, o consumo de munições, mas eu não tinha por onde escolher, a fim de livrar a minha gente das terriveis descargas á queima-roupa que nos esperavam em todas ellas.

Até ás cinco horas e tres quartos p. m., depois de atravessar o Metavina, e o desfiladeiro que o seguia, não houve incidente digno de nota.

Todas as fracções da columna respondiam, parando, com a maxima regularidade e energia do fogo do inimigo, e este de certo pagou bem caro as baixas que nos ia fazendo.

Á hora referida porém, o alferes Passos Ribeiro veiu-me avisar que as munições da sua gente estavam quasi esgotadas; para melhor distribuir o cunhete que ainda me restava, ordenei-lhe que passasse adiante da força da 1.ª companhia de guerra (40 praças), que sob o commando do tenente Dias tinha até ahi constituido o corpo principal da columna.

A manobra executou-se com regularidade e julgava já o caso liquidado, quando ao entrarmos n'uma clareira, os landins cedendo terreno, e indicando um receio de que até então não tinham dado mostras, recuaram tumultuariamente apesar dos esforços do tenente Dias, mal secundados é certo pelas praças do quadro branco que o acompanhavam.

Envolvendo-se com os auxiliares, inertes de terror, levavam estes de encontro a caçadores n.º 4, desmanchando-lhe a formatura.

N'um instante vi tudo perdido: um monte informe de homens offerecia-se como uma presa facil a um inimigo ousado, mas juntando os meus esforços, e do tenente Ferreira e alferes Raul Costa aos dos bravos alferes de caçadores n.º 4, facilmente nos fizemos obedecer d'estes valentes soldados que repellindo auxiliares e landins, retomaram rapidamente o seu perigoso e fatigante papel de guarda da retaguarda.

N'essa occasião fui ferido e, sem vaidade, e apenas com a consciencia de ter cumprido com o meu dever, posso affirmar a v. ex.ª que fui ferido no meu logar, isto é, a cavallo, no momento mais critico da lucta e junto das ultimas filas da guarda da retaguarda.

Em menos de cinco minutos tudo entrava de novo na ordem e quando recomecei a marcha, a pé nos braços de 2 sargentos e no mesmo logar, já atrás de mim os heroicos soldados de caçadores resistiam com verdadeira intrepidez a todos os ataques bem apertados e proximos que então lhe eram feitos. O meu ferimento exasperou-os, e digo-o com verdadeiro orgulho bastante contribuiu para tornar a sua attitude ainda mais admiravel do que até ahi tinha sido. Dez valentes, cujos nomes v. ex.ª aqui encontrará, e que formavam a extrema guarda da retaguarda recusavam todos os offerecimentos que lhes foram feitos para sua rendição.

A força do tenente Dias facilmente recompunha e ás sete horas p. m., a minha columna entrava no posto de Ibrahimo, em completa ordem, todas as fracções no seu logar, não tendo deixado atrás de si uma só arma (excepto de auxiliares) e trazendo todas as suas bagagens.

Tres cadaveres de landins e 2 de muares eram os unicos destroços abandonados, mas a columna trazia feridos, além de mim, 14 praças brancas sendo 1 do quadro, da 1.ª companhia de guerra e 11 negros landins.

Os auxiliares accusavam 9 mortos e 25 feridos.

Das praças brancas, uma o soldado n.º $^{262}/_{2:003}$ Joaquim Viegas, da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, que tivera ambos os pulmões atravessados por uma bala, falleceu na noite immediata.

O consumo de munições foi o seguinte:

Cartuchos Kropatschek, 7:220...........	Media, 1:333 $^1/_2$.
Cartuchos Martini, 7:660..............	Idem, 99 $^1/_2$.

A 21 fazia seguir para Natule, escoltados por uma força de 40 homens, quasi todos os feridos, só deixando os que podiam acompanhar a columna a pé. N'este mesmo dia decidi fazer regressar a columna a quarteis pelos seguintes motivos, que v. ex.ª apreciará: eu estava ferido, com uma certa gravidade, e não podia infelizmente continuar a commandar a columna.

Prompto a cumprir eu proprio, e sem reflexão, todas as ordens de v. ex.ª, não me achava auctorisado a fazer continuar operações sob o commando de um outro.

O combate de 20, do qual a columna do meu commando se saiu com honra, gloria e proveito, mostrava-me comtudo que era fraca de recursos para se embrenhar mais longe, novamente no coração do territorio namarral.

Finalmente, e rasão mais forte de todas, se não alcançavam Matua (**Matula**), muito proximo d'ella tinha chegado e a destruição das residencias de Ibrahimo e Mucutu-Muno, dois chefes mais importantes do que Matula, compensará, julgo eu, aos olhos de v. ex.ª o ter deixado de pé a d'este.

Por isso a 22 regressavamos ao Mossuril, de onde na vespera já tinham sido evacuados todos os feridos.

O caminho aberto até Calaputi dá passagem a um carro de frente, desde que se façam dois ligeiros pontões sobre o Metavine, a 7 ou 8 kilometros do posto, e outra linha de agua mais proxima do Ibrahimo.

E a proposito devo ainda fazer notar a v. ex.ª que felizmente não encontrei as florestas impenetraveis que da outra vez impediram a continuação da abertura da estrada, o que indica que seguimos outro e melhor caminho.

Como ultima indicação de algum proveito, direi a v. ex.ª que a direcção geral do caminho entre o posto de Ibrahimo e Calaputi é de SE. para NO. inflectindo-se ligeiramente para NNE. depois da passagem Metavine.

Permittir-me-ha agora v. ex.ª que eu apresente a lista dos officiaes e praças que mais especialmente recommendo como distinctos.

Dos 7 officiaes que me acompanhavam, 4 são conhecidos de v. ex.ª e são elles: o capitão Callado, os alferes Passos Ribeiro, Teixeira de Barros e Raul Costa: todos mantiveram a reputação do seu bom nome, distinguindo-se mais especialmente os alferes Ribeiro no difficil papel de commandante da guarda da retaguarda, e Raul Costa, ácerca do qual a minha informação é todavia suspeita, que mostrou o sangue frio e extraordinario desembaraço de que tem dado tantas provas, auxiliando-me sempre muito efficazmente.

Os outros 3 são: primeiro tenente de artilheria Luiz Augusto Ferreira, tenente da guarnição Luiz Dias, e alferes de caçadores n.º 4, Francisco Tenorio. O tenente Dias é um velho mas rijo official. Não é muito instruido mas sincero e valente: o seu comportamento foi dignissimo.

Distinguiram-se, comtudo, mais o tenente Ferreira, que dirigiu com grande trabalho a abertura do caminho e que durante a marcha de regresso acompanhou sempre a guarda da retaguarda, dando exemplo de valor e sangue frio, e o alferes Francisco Tenorio, um bravo e heroico official, digno emulo dos seus companheiros de armas Viegas e Ribeiro, e cujo comportamento me encheu de admiração, sendo o official que mais distingui n'estas curtas mas violentas operações de guerra.

Peço a protecção e o louvor de v. ex.ª para as seguintes praças:

1.º Os 10 soldados de caçadores n.º 4 a que já alludi, e que são:

Primeiro cabo n.º $^{237}/_{1:566}$, da 1.ª do 2.º de caçadores n.º 4, J. D.

Soldado n.º $^{104}/_{1:941}$, idem, Antonio Salgueiro.

Soldado n.º $^{236}/_{1:931}$, idem, Joaquim Ignacio.

Soldado n.º $^{79}/_{1:807}$, idem, Izidro Domingues.

Soldado n.º $^{147}/_{2:039}$, idem, Francisco Rodrigues.

Soldado n.º $^{154}/_{1:465}$, idem, João Evangelista.

Soldado n.º $^{187}/_{1:737}$, idem, Candido dos Santos.

Soldado n.º $/_{1:945}$, idem, João Evangelista.

Soldado n.º $^{231}/_{2:002}$, idem, José Miguel.

Soldado n.º $^{225}/_{2:057}$, idem, José.

2.º O segundo sargento do quadro auxiliar da 1.ª companhia de guerra, n.º $^{34}/_{2:051}$ da 4.ª companhia do 1.º batalhão de infanteria n.º 4, Manuel J. de Magalhães

Primeiro cabo $^{34}/$, da 1.ª companhia de infanteria n.º 4, Manuel. Esta praça distinguiu-se especialmente no arduo serviço de flanqueadores, no qual mostrou muita coragem, energia e habilidade.

Deixei para o ultimo logar a praça que mais se distinguiu e que mais merece dos poderes publicos.

Vi a caridade, sangue frio e coragem com que procederam os medicos militares em Marracuene e Coolella.

Pois bem, garanto a v. ex.ª que, se elles tinham mais sciencia do que o segundo sargento da 1.ª companhia da administração militar, n.º $^{8}/_{108}$, Azevedo, não mostraram mais sangue frio, desembaraço e carinho.

Tratou de todos os feridos da columna, e de quasi todos os auxiliares, isto é, quasi 50 homens. Este numero dispensa mais commentarios.

Aproveito a occasião para recommendar tambem o alferes Diogo T. Azinhaes

e o segundo sargento n.º 22 da 4.ª companhia do 1.º batalhão de infanteria n.º 4, que no serviço de exploração durante os dias que operei em torno da Mochelia, se distinguiram, muito especialmente pela audacia e energia physica de que deram provas.

Em vista do exposto na minha nota n.º 129, de 15 do corrente, e n'este curto relatorio, julgo poder pedir a v. ex.ª a necessaria auctorisação para mandar averbar ás praças a escaramuça de Munapo e acção de Calaputi.

Pelo mesmo motivo indico aqui a relação dos officiaes que assistiram a qualquer das luctas: capitão do corpo do estado maior, commandante da columna, Eduardo A. S. da Costa, Munapo, Calaputi; capitão commandante da 1.ª companhia de guerra, Francisco Callado, Munapo, Calaputi; primeiro tenente de artilheria do exercito do reino, Luiz Augusto Ferreira, Calaputi; tenente da guarnição da provincia, Luiz Dias, Munapo, Calaputi; alferes de caçadores n.º 4, Manuel Passos Ribeiro, Munapo, Calaputi; alferes de caçadores n.º 4, Francisco Tenorio, Munapo, Calaputi; alferes de infanteria do exercito do reino, José X. Teixeira de Barros, Munapo, Calaputi; alferes de cavallaria do exercito do reino, Raul C. Ferreira da Costa, Munapo, Calaputi; alferes da guarnição da provincia, Diogo F. de Azinhaes, Munapo.

Como v. ex.ª terá visto, da gente de Itoculo nem noticia tive. Depois de chegar a Moçambique, tive nota de um alferes Andrade, em que este official me contava minuciosamente todos os embustes e dilações com que o regulo disfarça a sua má vontade em entrar na guerra.

E para terminar, devo mais uma vez dizer, que do combate de Calaputi saíu a columna do meu commando com honra, proveito e gloria. A honra e gloria são patentes: 140 combatentes, dos quaes só 64 são brancos, luctando sem descanso durante onze horas, sem se deixarem vencer e até sem perda do material, contra um inimigo vinte vezes superior em numero. Uma tropa que perde um quinto do seu effectivo, sem desanimar nem affrouxar da sua resistencia, merece bem da patria e, honrando-se, honra o official que teve a fortuna de commandar tão bravos soldados.

O proveito appareceu immediato; dois dias depois do combate, os chefes namarraes, abalados e vencidos nos combates anteriores, mas ainda não convencidos, decidiram-se finalmente a pedir paz e perdão, e promettem sujeitar-se a todas as condições que lhes são impostas.

Nem mais brilhante, nem mais incontestavel, para o triumpho, era possivel alcançar. = *Eduardo Costa.*

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 18 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas*, capitão.

Relação dos officiaes que entraram em combate depois de dissolvida a columna de operações

Officiaes	Escaramuça em Munapo	Acção em Calaputi	Ferimentos
Commando			
Commandante da columna, o governador do districto de Moçambique, o capitão do corpo do estado maior, Eduardo A. Ferreira da Costa........................	9-5-97	20-5-97	Foi ferido na acção de Calaputi.
O primeiro tenente de artilheria, Luiz Augusto Ferreira.......	-	20-5-97	
Ajudante de campo, o alferes de cavallaria em commissão, Raul C. Ferreira da Costa	9-5-97	20 5-97	
Caçadores n.º 4			
O alferes, Manuel de Passos Ribeiro......	9-5-97	20-5-97	
O alferes, Francisco Feria Tenorio.......	9-5-97	20-5-97	
1.ª companhia de guerra			
O commandante da 1.ª companhia de guerra, o capitão de infanteria, Francisco dos Santos Callado	9-5-97	20-5-97	
O tenente da guarnição da provincia, Luiz Dias.........	9-5-97	20-5-97	
Auxiliares			
Commandante dos auxiliares, o capitão mór de Mossuril, o alferes de infanteria, José H. Teixeira de Barros.	9-5-97	20-5-97	
O commandante militar de Lunga, o alferes da guarnição da provincia, Diogo Fortunato de Azinhaes....................	9-5-97		

Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 19 de junho de 1897. = O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.

SUBMISSÃO DOS CHEFES NAMARRAES

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—Remetto a v. ex.ª a copia junta, e devo dizer a v. ex.ª que em vista d'isto, creio se convencerão em Portugal de que a guerra aos namarraes não foi uma aventura, como muitos pretendem, mas sim uma serie de operações executadas com um fim proveitoso, não só para o desforço do decoro nacional que tão enxovalhado ali tinha sido, mas para o commercio e administração geral e economia da provincia.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria militar do governo geral, 19 de junho de 1897.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar.=O commissario regio, *J. Mousinho de Albuquerque.*

Governo do districto de Moçambique.—Moçambique, 5 de junho de 1897.—Ao sr. chefe do estado maior.—N.º 146.—Do governador do districto.—Desenvolvendo os meus telegrammas a respeito da submissão dos chefes namarraes, levo ao conhecimento de s. ex.ª o governador geral o seguinte:

A 25 do mez passado apresentaram-se no posto de Ibrahimo dois enviados de Mucuto-Muno, pedindo *pega pé.* O tenente Trindade disse-lhe que não podia, sem ordem superior, acceitar-lh'o, e dizer as condições, mas que desde já o prevenia de que o governo pouco se importava com palavras, estando disposto a continuar a guerra até os exterminar, se elles não se submetterem completamente.

Disse-lhe mais, que voltassem a 1 de junho, com todos os chefes, sobre tudo Mucuto-Muno, a fim de saberem as condições impostas pelo governo.

A 27 voltaram outra vez os mesmos enviados, acompanhados de varios chefes, como o marido da Naguema, dois irmãos de Mucuto, etc., mas como o Trindade ainda não tinha a minha resposta, não lhe poude dizer as condições, mas foi-os logo prevenindo com acerto de que tinham a pagar o imposto de palhota.

A 1 de junho, finalmente, Mucuto-Muno, de machila por ser velho e doente, acompanhado de varios chefes e escoltado por mais de 800 homens armados, compareceu no posto de Ibrahimo, onde lhe foi dito pelo commandante do posto, e na presença do capitão mór José Barros e do tenente de artilheria Ferreira, figurando como meu ajudante, as condições impostas para se acabar a guerra.

Estas condições, assignadas por mim, e auctorisadas por s. ex.ª o governador geral, são as seguintes:

1.ª Pagamento da multa de 300 espingardas e 2:000 rupias em moeda ou genero.

2.ª Abertura immediata de uma estrada de Natule á povoação de Matula-Muno, e continuação da que vae do posto a Calapute, até á fronteira, com as serras de Itoculo, passando tambem por Matula.

3.ª Pagamento do imposto de palhota.

4.ª Entrega de refens.

5.ª Cortar todas as relações com o Marave.

6.ª Sujeitar-se, finalmente, a todas as ordens do governo.

Mucuto-Muno, por quem os seus homens mostram extraordinario respeito, acceitou de boa cara todas as condições, replicando apenas que seria difficil pagarem o imposto de palhota, por falta de dinheiro, mas tendo-se-lhe dito que isto era condição essencial para o perdão e paz, prometteu acceital-a.

Dentro de quinze dias deve a multa ser paga, e caso o seja, como espero, e parece inferir-se da attitude submissa e contrita de regulos e chefes, e tendo os refens na minha mão, mandarei explorar o territorio namarral, indo eu proprio, e logo que possa, ver pessoalmente a melhor maneira de o occupar.

Caso s. ex.ª approve, darei ainda tres mezes aos namarraes para se prepararem ao pagamento do imposto, visto que é effectivamente muito crivel que elles hoje tenham difficuldade em arranjar de prompto o dinheiro ou generos necessarios para o pagar.=*Eduardo Costa.*

Está conforme. Secretaria militar do governo geral da provincia de Moçambique, em Lourenço Marques, 19 de junho de 1897.=O chefe do estado maior, *Ayres de Ornellas,* capitão.